

intrínseca

LAUREN OLIVER

RÉQUIEM

Tradução de Regiane Winarski



Copyright © 2013 by Laura Schechter
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Requiem

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Janaina Senna

REVISÃO DE EPUB
Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-518-7

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Ilustrarte Design e Produção Editorial

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

» » »



»

Para Michael, que derrubou os muros.

Lena

Voltei a sonhar com Portland.

Desde que Alex reapareceu — ressuscitado, mas também mudado, deformado, como um monstro de uma das histórias de terror que contávamos na infância —, o passado começou a voltar, irrompendo pelas fissuras quando não estou prestando atenção e me puxando com dedos ávidos.

Foi sobre isso que me alertaram durante todos aqueles anos: o peso no peito, os fragmentos de pesadelo que me acompanham até quando estou acordada.

Eu não disse?, fala tia Carol em minha mente.

Nós lhe avisamos, diz Rachel.

Você devia ter ficado. Essa é Hana, me alcançando através do tempo, cruzando as camadas densas e enevoadas de minha memória, estendendo a mão imponderável enquanto afundo.

* * *

Pouco mais de vinte de nós viemos de Nova York: Graúna, Prego, Julian e eu, e também Dani, Gordo e Pique, além de uns quinze que se dão por satisfeitos em ficar quietos e seguir ordens.

E Alex. Mas não o meu Alex: um estranho que nunca sorri, não dá uma gargalhada e mal fala.

Os outros, os que estavam usando o armazém ao sul de White Plains como lar, espalharam-se pelo sul ou pelo oeste. A esta altura, sem dúvida o lugar já foi completamente esvaziado e abandonado. Não é seguro, não depois do resgate de Julian. Julian Fineman é um símbolo, um bem importante. Os zumbis vão caçá-lo. Vão querer exibir o símbolo sujo de sangue para que outros aprendam a lição.

Temos que tomar cuidado redobrado.

Alistar, Lupi, Fê e alguns outros moradores do velho lar de Rochester estão à nossa espera ao sul de Poughkeepsie. Demoramos quase três dias para percorrer a distância; somos forçados a circundar meia dúzia de cidades válidas.

Até que, de repente, chegamos: a floresta simplesmente acaba e dá lugar a uma área enorme de concreto, tomada de rachaduras largas e ainda com a marca fraca das linhas fantasmagóricas das vagas do estacionamento. Carros enferrujados e depenados — faltando os pneus e partes da carroceria — ainda ocupam o local. Parecem pequenos e meio ridículos, como brinquedos velhos esquecidos por uma criança.

O estacionamento segue como água cinzenta em todas as direções e termina enfim em uma estrutura enorme de aço e vidro: um antigo shopping. Uma placa salpicada de branco com cocô de passarinho diz, em letra cursiva: EMPIRE STATE PLAZA MALL.

O reencontro é alegre. Prego, Graúna e eu saímos em disparada. Lupi e Alistar também vêm correndo, e nos encontramos no meio do estacionamento. Pulo em Alistar às gargalhadas; ele me enlaça e me levanta no ar. Todo mundo grita e fala ao mesmo tempo.

Alistar por fim me coloca no chão, mas não o solto, como se ele fosse desaparecer. Estico o braço para também abraçar Lupi, que está apertando a mão de Prego, e acabamos todos amontoados, pulando e gritando, corpos entrelaçados sob os raios de sol intensos.

— Ora, ora. — Enfim nos separamos. Nos viramos e vemos Fê vindo em nossa direção, as sobrancelhas erguidas. Ela deixou o cabelo crescer e o penteou para a frente, deixando-o caído nos ombros. — Olhem só quem deu o ar da graça.

Fazia dias que eu não me sentia feliz de verdade.

Nos poucos meses que passamos separados tanto Alistar quanto Lupi mudaram. Lupi conseguiu, de alguma forma, engordar. Alistar tem rugas novas ao redor dos olhos, apesar de conservar o mesmo sorriso de garoto.

— Como está Sarah? — pergunto. — Ela veio?

— Sarah ficou em Maryland — responde Alistar. — O lar tem umas trinta pessoas, e ela não vai precisar migrar. A resistência está tentando fazer contato com a irmã dela.

— E quanto a Vovô e os outros?

Estou sem fôlego e sinto o peito apertado, como se eu ainda estivesse sendo espremida entre eles.

Lupi e Alistar trocam um rápido olhar.

— Vovô não resistiu — diz Alistar, sucinto. — Nós o enterramos perto de Baltimore.

Graúna desvia o olhar e cospe no chão.

— O resto do pessoal está ótimo — se apressa em acrescentar Lupi. Ele toca a cicatriz da minha intervenção, a cicatriz falsa que ele me ajudou a fazer para eu entrar na resistência. — Ficou muito boa — diz ele, e dá uma piscadela.

Decidimos acampar esta noite. Tem água limpa perto do antigo shopping, e ruínas de casas e de prédios comerciais nos forneceram uns poucos suprimentos aproveitáveis: algumas latas de comida ainda enterradas nos escombros, ferramentas enferrujadas, até mesmo um rifle, que Alistar encontrou apoiado em um par de chifres de cervo virado, debaixo de um monte de gesso desmoronado. E uma integrante do grupo, Henley, uma mulher baixa e calada com cabelo grisalho bem comprido, está com febre. Assim ela terá tempo de descansar.

No final do dia surge a discussão: para onde ir?

— Podemos nos dividir — propõe Graúna.

Ela está agachada ao lado do espaço que cavou para a fogueira, atiçando as primeiras fagulhas com a ponta queimada de uma vareta.

— Quanto maior o grupo, mais seguro — argumenta Prego.

Ele tirou o casaco e agora está só de camiseta, de forma que seus braços musculosos estão visíveis. Os dias têm esquentado aos poucos e a floresta ganha vida. Sentimos a primavera chegando como um animal acordando lentamente, expirando um hálito quente.

Mas agora faz frio, pois o sol está baixo e a Selva é tomada de sombras roxas e compridas quando paramos.

— Lena — chama Graúna. Levo um susto. Eu estava olhando para a fogueira, vendo o fogo envolver as agulhas de pinheiro, os galhos e as folhas quebradiças. — Dê uma olhada nas barracas, por favor. Já vai escurecer.

Graúna havia feito a fogueira em uma vala rasa que devia ter sido um riacho; é para proteger o fogo do vento. Ela evitou montar o acampamento perto demais do shopping e de seu espaço mal-assombrado, mas o vemos atrás das árvores: uma construção de metal preto retorcido e olhos vazios, como uma espaçonave alienígena encalhada.

Em uma área aterrada com uns dez metros de altura, Julian ajuda a montar as barracas. Está de costas para mim. Ele também está usando uma camiseta. Só três dias na Selva já o modificaram. O cabelo está emaranhado e tem uma folha presa atrás da orelha esquerda. Ele parece mais magro, embora não tenha dado tempo de perder peso. É só o efeito de estar aqui, a céu aberto, com roupas maltrapilhas e grandes demais, cercado de natureza selvagem, um lembrete perpétuo da fragilidade de nossa sobrevivência.

Ele está prendendo uma corda a uma árvore, puxando-a até ficar tensionada. Nossas barracas são velhas, já rasgaram e foram remendadas várias vezes. Não ficam de pé sozinhas. Precisam ser apoiadas e presas entre árvores e forçadas à vida, como velas ao vento.

Gordo está ao lado de Julian, observando-o com ar de aprovação.

— Precisam de ajuda? — pergunto, e paro a poucos metros dos dois.

Julian e Gordo se viram.

— Lena! — O rosto de Julian se ilumina, mas murcha de imediato quando ele se dá conta de que não pretendo chegar mais perto. Eu o trouxe até aqui comigo, para este lugar estranho e novo, e agora não tenho nada para dar a ele.

— Está tudo bem — diz Gordo. O cabelo dele é de um ruivo intenso, e, apesar de ele não ser mais velho do que Prego, tem uma barba que vai até o meio do peito. — Estamos quase acabando.

Julian se endireita e limpa a palma das mãos na calça jeans. Ele hesita, mas desce até mim enquanto prende uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Está frio — diz ele quando chega a poucos metros. — Você devia ir para perto do fogo.

— Estou bem — digo, mas puxo as mangas do casaco para cobrir as mãos. O frio está em mim. Sentar ao lado do fogo não vai ajudar. — As barracas parecem ótimas.

— Obrigado. Acho que estou pegando o jeito.

O sorriso dele não chega aos olhos.

Três dias. Três dias de conversas forçadas e silêncio. Sei que ele está se perguntando o que mudou e se há volta. Sei que o estou magoando. Há perguntas que ele está se forçando a não fazer e coisas que está lutando para não dizer.

Está me dando tempo. É paciente e gentil.

— Você fica linda nesta luz — diz ele.

— Você deve estar ficando cego. — Minha intenção era só fazer uma brincadeira, mas minha voz soa rude no ar frio.

Julian balança a cabeça, franze a testa e olha para o outro lado. A folha, de um tom de amarelo vívido, ainda está presa atrás da orelha. Neste momento tenho uma vontade desesperada de esticar a mão e tirá-la, passar os dedos pelo seu cabelo e rir da situação com ele. *Aqui é a Selva*, eu diria. *Quem poderia imaginar?* E ele entrelaçaria os dedos nos meus e apertaria minha mão. Ele responderia: *O que eu faria sem você?*

Mas não consigo me mexer.

— Tem uma folha no seu cabelo.

— Uma o quê?

Julian leva um susto, como se eu o tivesse tirado de um sonho.

— Uma folha. No cabelo.

Ele passa a mão na cabeça com impaciência.

— Lena, eu…

Bang.

O som de um tiro de rifle nos faz dar um pulo. Pássaros saem voando das árvores atrás de Julian, escurecendo o céu por um tempo, até se dispersarem em formas individuais.

— Droga — diz alguém.

Dani e Alex saem de trás das árvores mais além das barracas. Os dois trazem rifles pendurados nos ombros.

Gordo se levanta.

— Um cervo? — pergunta ele.

A luz já foi quase toda embora. O cabelo de Alex parece quase preto.

— Grande demais para ser um cervo — diz Dani.

Dani é uma mulher robusta, com ombros largos, testa grande e olhos amendoados. Me lembra Miyako, que morreu antes de irmos para o sul no inverno passado. Nós a queimamos em um dia gelado, logo antes de a primeira neve cair.

— Urso? — pergunta Gordo.

— Talvez — responde Dani, lacônica.

Dani é mais durona do que Miyako. Ela deixou que a Selva a esculpisse, a entalhasse em aço.

— Vocês o acertaram? — pergunto, ansiosa demais, embora já saiba a resposta. Mas estou querendo fazer com que Alex olhe para mim, fale comigo.

— Talvez de raspão — responde Dani. — Difícil saber. Mas não o bastante para detê-lo.

Alex não diz nada, sequer parece notar minha presença. Continua a andar por entre as barracas e passando por mim e por Julian, perto o bastante para eu imaginar o cheiro dele, o velho cheiro de grama e madeira queimada pelo sol, um cheiro de Portland que me faz querer gritar, afundar o rosto no seu peito e inspirar.

Ele está descendo para a fogueira quando a voz de Graúna chega até nós:

— O jantar está pronto. Comam ou fiquem com fome.

— Vamos — diz Julian, e toca meu cotovelo com as pontas dos dedos. De leve, com paciência.

Meus pés me viram e me levam para baixo, na direção do fogo, que agora está quente e forte; na direção do garoto que se torna uma sombra ao lado da fogueira, toldado pela fumaça. É isso que Alex é agora: um garoto-sombra, uma ilusão.

Nestes três dias ele não falou comigo, nem sequer olhou para mim.

Hana

Quer saber meu segredo mais profundo e sombrio? Na escola dominical, eu colava nas provas.

Nunca gostei da *Shhh*, nem mesmo quando era criança. A única seção do livro que me interessava era "Lendas e Sofrimentos", que é repleta de lendas sobre o mundo antes da cura. Minha parte favorita, a História de Salomão, é assim:

Era uma vez, durante os dias de doença, duas mulheres e uma criança pequena que foram ver o rei. Cada mulher alegava que o filho era seu. Uma se recusava a dar a criança para a outra e ambas defendiam seus casos com paixão, alegando que morreriam de dor se o bebê não fosse devolvido diretamente para suas mãos.

O rei, cujo nome era Salomão, ouviu os discursos das duas e acabou anunciando ter uma solução justa:

— Vamos cortar o bebê em dois, e assim cada uma de vocês ficará com uma parte.

As mulheres concordaram que era justo, e o carrasco foi chamado ali e, com seu machado, partiu o bebê no meio.

E o bebê nunca chorou, nem fez barulho, e as mães observavam, e depois, mesmo mil anos depois, ainda havia uma mancha de sangue no chão do palácio que jamais pôde ser limpa nem diluída por nenhuma substância na Terra…

Eu devia ter só uns oito ou nove anos quando li essa passagem pela primeira vez, mas senti que me marcou. Durante dias não consegui tirar da cabeça a imagem do pobre bebê. Ficava imaginando-o partido no chão de cerâmica, como uma borboleta fixada atrás de um vidro.

É por isso que a história é tão boa. Porque é real. O significado é que, mesmo que não tenha *de fato* acontecido (e há um debate sobre se a seção "Lendas e Sofrimentos" é historicamente precisa), ela mostra o mundo de forma verdadeira. Eu me lembro de me sentir como aquele bebê: dividida pelo sentimento, partida em duas, entre lealdades e desejos.

O mundo doente é assim.

Era assim para mim antes de eu ser curada.

* * *

Em exatos vinte e um dias vou me casar.

Parece que minha mãe vai chorar, e quase espero que chore. Só a vi chorando duas vezes: uma quando quebrou o tornozelo e a outra ano passado, quando saiu de casa e descobriu que os manifestantes tinham pulado o portão, destruído nosso gramado e destruído seu belo carro. Mas ela só diz:

— Você está linda, Hana. — E depois: — Mas ficou um pouco largo na cintura.

A Sra. Killegan (*Me chame de Anne*, disse ela na primeira prova do vestido) me contorna em silêncio, prendendo alguns pontos com alfinetes e fazendo ajustes. Ela é alta, tem cabelo louro desbotado e uma

expressão tensa, como se ao longo dos anos tivesse engolido acidentalmente vários alfinetes e agulhas de costura.

— Tem certeza de que quer mangas japonesas?

— Tenho — respondo, na mesma hora em que minha mãe diz:

— A senhora acha que fica jovial demais?

A Sra. Killegan, ou Anne, faz um gesto expressivo com a mão longa e ossuda.

— A cidade toda vai estar vendo — diz ela.

— O país todo — corrige minha mãe.

— Gosto das mangas — digo.

Quase acrescento *O casamento é meu*. Porém isso não é mais verdade, não desde os Incidentes de janeiro e a morte do prefeito Hargrove. Meu casamento agora pertence ao povo. É o que todo mundo me diz há semanas. Ontem recebemos uma ligação da Rede Nacional de Notícias perguntando se eles podiam usar nossa filmagem ou se deveriam mandar uma equipe de televisão para registrar a cerimônia.

Agora, mais do que nunca, o país precisa de símbolos.

Estamos de pé em frente a um espelho triplo; a testa franzida de minha mãe aparece refletida em três ângulos diferentes.

— A Sra. Killegan tem razão — diz ela, tocando meu cotovelo. — Vamos ver como fica com manga três quartos, certo?

É melhor não discutir. Três reflexos assentem simultaneamente, três garotas idênticas com tranças louras idênticas em três vestidos brancos e longos idênticos. Já quase não me reconheço. Fui modificada pelo vestido, pelas luzes intensas do aposento. Por toda a minha vida fui Hana Tate.

Mas a garota no espelho não é Hana Tate. Ela é Hana Hargrove, futura esposa do futuro prefeito e símbolo de tudo o que é certo no mundo curado.

Um caminho e uma estrada para todo mundo.

— Vamos ver o que tenho lá atrás — diz a Sra. Killegan. — Podemos pegar um estilo diferente para você vestir e comparar.

Ela desliza pelo tapete cinza gasto e desaparece no estoque. Pela porta aberta vejo dezenas de vestidos cobertos de plástico, pendurados em araras.

Minha mãe suspira. Já ficamos aqui duas horas e estou começando a me sentir um espantalho: entulhada e cutucada e costurada. Minha mãe está sentada em um banquinho velho perto dos espelhos, segurando a bolsa com cuidado no colo para que não toque no tapete.

A Sra. Killegan sempre foi a dona da melhor loja de roupas de casamento de Portland, mas está claro que também sentiu os efeitos prolongados dos Incidentes e das medidas de segurança que o governo implementou em seguida. O dinheiro está curto para praticamente todo mundo, e dá para perceber. Uma das lâmpadas do teto está queimada e a loja cheira a bolor, como se não fosse limpa faz um tempo. Em uma das paredes, uma mancha de umidade começou a provocar bolhas no papel que a recobre, e reparei mais cedo em uma grande mancha marrom em uma das poltronas listradas. A Sra. Killegan me viu olhando e jogou casualmente um xale ali em cima, para esconder.

— Você está mesmo encantadora, Hana — diz minha mãe.

— Obrigada.

Sei que estou linda. Pode parecer arrogante, mas é a verdade.

Isso também mudou desde a minha cura. Antes da intervenção, apesar de as pessoas sempre me dizerem que eu era bonita, eu nunca *sentia* isso. Mas, depois da cura, um muro dentro de mim caiu. Agora vejo que sim, sou simples e indiscutivelmente bonita.

Também não me importo mais.

— Prontinho.

A Sra. Killegan reaparece da sala dos fundos trazendo no braço vários vestidos cobertos de plástico. Engulo um suspiro, mas não rápido o bastante. A Sra. Killegan coloca a mão no meu braço.

— Não se preocupe, querida — diz ela. — Vamos encontrar o vestido perfeito. É para isso que estamos aqui, não é?

Estampo um sorriso no rosto, e a bela garota no espelho faz o mesmo.

— É claro — digo.

O vestido perfeito. O par perfeito. Uma vida perfeita de felicidade.

A perfeição é uma promessa e uma garantia de que não estamos errados.

* * *

A loja da Sra. Killegan fica em Old Port; quando saímos para a rua, inspiro o aroma familiar de algas secas e madeira velha. O dia está claro, mas o vento que vem da baía é frio. Poucos barcos se balançam na água, a maioria deles de pesca ou de carga. De longe, a madeira suja das colunas parece junco crescendo acima da água.

A rua está vazia exceto por dois reguladores e Tony, nosso guarda-costas. Meus pais decidiram contratar um serviço de segurança depois dos Incidentes, quando o pai de Fred Hargrove, o prefeito, foi morto, e ficou decidido que eu deveria deixar a faculdade e me casar o mais rápido possível.

Agora, Tony vai a todos os lugares conosco. Nos dias de folga ele manda o irmão, Rick, como substituto. Demorei um mês para conseguir diferenciá-los. Ambos têm pescoço curto e grosso e uma careca reluzente. Nenhum dos dois fala muito, e, quando falam, nunca têm nada de interessante para dizer.

Esse foi um dos meus maiores medos em relação à cura: que a intervenção fosse de alguma forma me desligar e inibir minha capacidade de pensar. Mas é o oposto. Penso com *maior* clareza agora. De algumas formas, até sinto com maior clareza. Eu costumava sentir as coisas com uma espécie de exaltação; vivia tomada de pânico e ansiedade e desejos contraditórios. Havia noites em que mal conseguia dormir, dias em que sentia que minhas entranhas estavam tentando rastejar pela garganta e sair.

Eu estava contaminada. Agora, a contaminação acabou.

Encontramos Tony recostado no carro. Será que ele está nessa mesma posição há três horas, desde que entramos na loja da Sra. Killegan? Ele se desencosta e se empertiga quando nos aproximamos, e abre a porta para minha mãe.

— Obrigada, Tony — diz ela. — Houve algum problema?

— Não, senhora.

— Que bom.

Ela se instala no banco de trás, e eu entro depois dela. Temos este carro há apenas dois meses, em substituição ao que foi vandalizado. Poucos dias depois que o recebemos, minha mãe, ao sair do mercado, viu que alguém tinha usado uma chave para riscar a palavra PORCO na lataria. Secretamente, penso que a verdadeira motivação para minha mãe contratar Tony foi proteger o carro novo.

Depois que Tony fecha a porta, o mundo fora das janelas escuras fica azul-marinho. Ele liga o rádio na RNN. As vozes dos comentaristas são familiares e tranquilizadoras.

Recosto a cabeça para trás e vejo o mundo começar a se mover. Sempre morei em Portland, portanto tenho lembranças de quase todas as ruas e esquinas. Mas elas também parecem distantes agora, submersas no passado em toda segurança. Uma vida atrás, eu me sentava naqueles bancos de piquenique com Lena, atraindo gaivotas com migalhas de pão. Conversávamos sobre voar. Conversávamos sobre fugir. Era coisa de criança, como acreditar em unicórnios e em magia.

Jamais achei que ela fosse mesmo fazer aquilo.

Meu estômago se contrai. Percebo que não como desde o café da manhã. Devo estar com fome.

— Semana agitada — diz minha mãe.

— É.

— E não esqueça, o *Post* quer entrevistar você hoje à tarde.

— Não esqueci.

— Agora só precisamos encontrar um vestido para a posse de Fred. Ou você decidiu ir com o amarelo que vimos semana passada na Lava?

— Ainda não sei — digo.

— Como assim não sabe? A posse é daqui a *cinco dias*, Hana. Todos os olhos vão estar em você.

— O amarelo, então.

— É claro que nem faço ideia do que *eu* vou vestir…

Entramos em West End, nosso antigo bairro. Esta área foi o berço de muitas pessoas do alto escalão na Igreja e no campo da medicina: padres da Igreja da Nova Ordem, oficiais do governo, médicos e pesquisadores dos laboratórios. Não há dúvida quanto ao motivo de ter sido um alvo tão visado durante as revoltas que se seguiram aos Incidentes.

As revoltas foram reprimidas depressa; ainda se debate muito se representaram um movimento verdadeiro ou se foram resultado de uma raiva maldirecionada e das paixões que estamos nos dedicando tanto a erradicar. Ainda assim, muitas pessoas concluíram que o West End era perto demais do centro da cidade, perto demais de alguns bairros mais agitados, onde há simpatizantes e rebeldes escondidos. Muitas famílias como a nossa deixaram a península.

— Não esqueça, Hana, temos que falar com o pessoal do bufê na segunda.

— Eu sei, eu sei.

Pegamos a Danforth até a Vaughan, nossa antiga rua. Eu me inclino um pouco para a frente e tento dar uma espiada em nossa antiga casa, mas as plantas dos Anderson a escondem quase completamente, permitindo-me apenas um vislumbre do telhado verde e triangular.

Nossa casa, assim como a dos Anderson, ao lado, e a dos Richards, em frente, está vazia, e deve permanecer assim. Mas não vemos uma única placa VENDE-SE. Ninguém tem dinheiro para comprar

imóveis. Fred diz que a estagnação econômica vai perdurar por pelo menos alguns anos, até o cenário político começar a se estabilizar. Por enquanto, o governo precisa recuperar o controle. As pessoas precisam ser lembradas de seus lugares.

Será que os ratos já chegaram ao meu antigo quarto e defecaram no piso de madeira encerada? Será que as aranhas já começaram a fazer teias nos cantos? Em pouco tempo a casa vai parecer a número 37 da Brooks: estéril, parecendo meio *mastigada*, desmoronando pouco a pouco por causa da praga de cupins.

Outra mudança: consigo pensar no número 37 da rua Brooks agora, e em Lena, e em Alex, sem a antiga sensação de sufocamento.

— E aposto que você não releu a lista de convidados que deixei no seu quarto.

— Não tive tempo — digo com ar ausente, sem desviar os olhos da paisagem que passa pela janela.

Quando entramos na rua Congress, o bairro muda depressa. Em pouco tempo passamos por um dos dois postos de gasolina de Portland, ao redor do qual um grupo de reguladores monta guarda, com armas apontadas para o céu; depois, por lojas de 1,99, uma lavanderia com toldo laranja desbotado e uma lanchonete com aparência suja.

De repente minha mãe se inclina para a frente e coloca a mão nas costas do banco do motorista.

— Aumente o volume — ordena ela, com ênfase.

Ele gira um botão no painel. A voz que vem do rádio fica mais alta.

"*Depois da epidemia recente em Waterbury, Connecticut…*"

— Meu Deus — diz minha mãe. — *De novo* não.

"*… recomenda-se seriamente a todos os cidadãos, em especial dos quadrantes sudeste, que evacuem a área e se instalem em alojamentos temporários no bairro vizinho de Bethlehem. Bill Ardury, chefe das Forças Especiais, tranquiliza os cidadãos preocupados: 'A situação está sob controle', disse ele durante discurso de sete minutos. 'Agentes militares do estado e do município estão trabalhando juntos para conter a doença e garantir que a área seja isolada, limpa e esterilizada o mais rápido possível. Não há motivo algum para se temer mais contaminação…*"

— Já chega — diz minha mãe abruptamente, voltando a se recostar no banco. — Não consigo ouvir mais.

Tony mexe de novo no rádio. A maioria das estações só transmite estática. No mês passado, a grande notícia foi que o governo descobriu os comprimentos de onda usados pelos Inválidos. Conseguimos identificar e decodificar várias mensagens críticas, o que levou a uma batida vitoriosa em Chicago e à prisão de seis Inválidos importantes. Um deles foi responsável pelo planejamento da explosão em Washington, DC, no outono passado, atentado que matou vinte e sete pessoas, inclusive uma mulher com o filho pequeno.

Fiquei feliz com a execução dos Inválidos. Algumas pessoas reclamaram que a injeção letal era um método humano demais para terroristas condenados, mas achei que passava uma mensagem poderosa: não somos nós os maus. Somos moderados e temos compaixão. Defendemos a justiça, a estrutura e a organização.

É o outro lado, os não curados, que traz o caos.

— É repugnante — diz minha mãe. — Se tivéssemos começado a soltar bombas quando os problemas… Tony, cuidado!

Tony freia com violência. Os pneus chiam. Sou jogada para a frente e quase bato com a cabeça no apoio do banco dianteiro, mas o cinto de segurança me puxa para trás. Há um baque alto. O ar cheira a borracha queimada.

— Merda — exclama minha mãe. — Merda. Mas o quê, em nome de *Deus*…?

— Perdão, senhora, eu não a vi. Ela saiu do meio dos Lixões…

Uma garota permanece de pé em frente ao carro, com as mãos abertas no capô. O cabelo está caído sobre o rosto fino e estreito e os olhos, arregalados e cheios de pavor. Ela me é vagamente familiar.

Tony abre a janela. O cheiro dos Lixões (há vários deles enfileirados) invade o carro, um cheiro adocicado de podridão. Minha mãe tosse e tapa o nariz.

— Você está bem? — grita Tony, colocando a cabeça para fora da janela.

A garota não responde. Está ofegante. Os olhos vão de Tony para minha mãe, no banco de trás, e depois para mim. Um enorme choque toma conta do meu corpo.

Jenny. Prima de Lena. Não a vejo desde o verão, e ela está bem mais magra. Também parece mais velha. Mas é ela, sem dúvida. Reconheço o dilatamento das narinas, o queixo orgulhoso e pontudo e os olhos.

Ela também me reconhece. Dá para perceber. Antes que eu possa dizer qualquer palavra, ela tira as mãos do capô do carro e corre para o outro lado da rua. Está usando uma mochila velha, manchada com tinta, e reconheço que é um dos objetos de segunda mão de Lena. Em um dos bolsos há dois nomes pintados com letras pretas gordinhas e desenhadas: o de Lena e o meu. Fizemos na mochila dela no sétimo ano, quando estávamos entediadas na aula. Foi o dia em que criamos nossa palavra secreta, nosso grito de guerra, que mais tarde passamos a gritar uma para a outra nos encontros de corrida *cross-country*. *Halena*. A combinação de nossos nomes.

— Pelo amor de Deus. A garota parecia já ter idade para saber que não deve sair correndo no meio do trânsito. Por culpa dela quase tive um ataque cardíaco.

— Eu a conheço — digo automaticamente.

Não consigo afastar a imagem dos olhos enormes e escuros de Jenny, do rosto esquelético e pálido.

— Como assim você a *conhece*? — Minha mãe se vira para mim.

Fecho os olhos e tento pensar em coisas tranquilas. A baía. Gaivotas voando no céu azul. Rios de tecido branco impecável. Mas o que vejo são os olhos de Jenny, os ângulos de seu rosto, seu queixo.

— O nome dela é Jenny — digo. — É prima de Lena…

— Cuidado com o que fala — interrompe minha mãe bruscamente.

Percebo tarde demais que não devia ter dito nada. O nome de Lena é pior do que um palavrão em nossa família.

Durante anos mamãe teve orgulho de minha amizade com Lena. Via como uma prova de seu liberalismo. *Não julgamos a garota pela família dela*, dizia mamãe a seus convidados quando tocavam no assunto. *A doença não é genética; essa é uma ideia antiquada.*

Ela tomou quase como insulto pessoal o fato de Lena ter contraído a doença e fugido antes de ser tratada, como se tivesse feito de propósito para fazê-la parecer idiota.

Todos esses anos nós a deixamos ficar em nossa casa, dizia ela, do nada, nos dias seguintes à fuga de Lena. *Apesar de conhecermos os riscos. Todos nos avisaram… Bem, acho que devíamos ter dado ouvidos a eles.*

— Ela estava tão magra — digo.
— Para casa, Tony — ordena minha mãe.
Ela recosta a cabeça no apoio do banco e fecha os olhos. A conversa acabou.

Lena

Acordo de um pesadelo no meio da noite. Nele, Grace estava presa debaixo do piso de nosso antigo quarto na casa de tia Carol. Gritos vinham do andar de baixo, havia um incêndio. O quarto estava cheio de fumaça. Eu tentava chegar a Grace, salvá-la, mas a mão dela ficava escorregando da minha. Meus olhos ardiam e a fumaça estava me sufocando, e eu sabia que morreria se não corresse. Mas ela estava chorando e gritando para que eu a salvasse, a salvasse…

Eu me sento de repente. Repito o mantra de Graúna em pensamento (*O passado está morto, não existe o antes*), mas isso não ajuda. Não consigo afastar a sensação da mãozinha de Grace molhada de suor escorregando da minha.

A barraca está lotada. Dani está espremida em um dos meus lados e há três mulheres encolhidas junto a ela.

Julian tem uma barraca só para ele por enquanto. É um pequeno gesto de cortesia. Estão lhe dando tempo para se adaptar, como fizeram quando fugi para a Selva. É preciso um período para se acostumar com a sensação de proximidade e com os corpos esbarrando no seu. Não há privacidade, nem pode haver pudor.

Eu poderia ter me juntado a Julian na barraca dele. Sei que ele esperava que eu fizesse isso depois do que compartilhamos no subterrâneo: o sequestro, o beijo. Eu o trouxe para cá, afinal. Eu o salvei e o arrastei para esta nova vida, uma vida de liberdade e sentimentos. Não há nada que me impeça de dormir ao lado dele. Os curados, zumbis, diriam que já estamos infectados. Chafurdamos na nossa imundície do mesmo jeito que porcos chafurdam na lama.

Quem sabe? Talvez eles tenham razão. Talvez nossos sentimentos nos enlouqueçam. Talvez o amor seja *mesmo* uma doença e ficaríamos melhores sem ele.

Mas escolhemos um caminho diferente. E, no fim das contas, este é o motivo para fugirmos da cura: somos livres para escolher.

Somos livres inclusive para escolher o que é errado.

Não vou conseguir voltar a dormir de imediato. Preciso de ar. Saio de baixo do emaranhado de sacos de dormir e cobertores e procuro, no escuro, o zíper da barraca. Saio me contorcendo, de barriga para baixo, tentando não fazer muito barulho. Atrás de mim, Dani dá um chute dormindo e murmura algo ininteligível.

A noite está fria. O céu, claro e sem nuvens. A lua parece mais próxima do que o habitual e tinge tudo de um brilho prateado, como uma camada fina de neve. Fico ali de pé por um momento, aproveitando a sensação de serenidade e silêncio: os cumes das barracas banhados pelo luar; os galhos baixos começando a exibir folhas novas; o ocasional pio de uma coruja ao longe.

Em uma das barracas, Julian dorme.

Em outra, Alex.

Eu me afasto das barracas. Sigo em direção à vala, passando pelos restos da fogueira, que agora são

meros pedaços queimados de madeira preta e algumas brasas fumegantes. No ar ainda paira um cheiro suave de metal queimado e feijão.

Não sei bem para onde vou, e é burrice me afastar do acampamento. Graúna já me avisou um milhão de vezes para não fazer isso. À noite, a Selva pertence aos animais, e é fácil se perder em meio à vegetação, à confusão de árvores. Mas estou me coçando para ir, e a noite está tão clara que não tenho dificuldade para me guiar.

Desço para a margem seca do rio, que está coberta de uma camada de pedras e folhas, e de vez em quando aparece uma relíquia da vida antiga: uma lata de refrigerante amassada, um saco plástico, um sapato de criança. Sigo por algumas centenas de metros, até que um enorme carvalho caído me impede de prosseguir. O tronco é tão largo que, deitado, quase chega ao meu peito; uma enorme rede de raízes sobe em direção ao céu como uma espiral escura da água de um chafariz.

Ouço movimento atrás de mim. Viro-me de repente. Uma sombra se mexe, ganha corpo, e por um segundo meu coração para. Não estou protegida; não tenho armas, nada para afastar um animal faminto. Mas a sombra surge a céu aberto e ganha a forma de um garoto.

Ao luar, é impossível perceber que seu cabelo é exatamente da cor das folhas no outono: castanho-dourado com traços vermelhos.

— Ah — diz Alex. — É você.

São as primeiras palavras que ele dirige a mim em quatro dias.

Há mil coisas que quero dizer a ele.

Por favor, entenda. Por favor, me perdoe.

Rezei todos os dias para você estar vivo, até que a esperança virou dor.

Não me odeie.

Eu ainda amo você.

Mas tudo que sai é:

— Não consigo dormir.

Alex deve lembrar que sempre fui perturbada por pesadelos. Conversamos muito sobre isso no verão que passamos juntos em Portland. O verão passado, menos de um ano atrás. É incalculável a enorme distância que percorri desde aquela época, a vastidão que se estendeu entre nós.

— Também não — diz Alex, e só.

Só isso, essa simples frase e o fato de que está falando comigo afrouxam alguma coisa em mim. Quero abraçá-lo, beijá-lo, como fazia antes.

— Pensei que você tivesse morrido — digo. — Achei que fosse morrer também.

— É mesmo? — A voz dele é neutra. — Você se recuperou bem rápido.

— Não. Você não entende. — Minha garganta está apertada; parece que estou sendo estrangulada. — Eu não podia manter as esperanças e, ao acordar todos os dias, descobrir que não era verdade, que você ainda estava ausente. Eu… eu não fui forte o bastante.

Ele fica em silêncio por um segundo. Está escuro demais para eu ver a expressão em seu rosto. Ele voltou para a sombra, mas sinto que está olhando para mim.

— Quando me levaram para as Criptas — diz ele, por fim —, achei que fossem me matar. Mas nem se deram esse trabalho. Só me largaram lá para morrer. Me jogaram em uma cela e trancaram a porta.

— Alex.

A sensação de estrangulamento desceu da garganta para o peito, e, sem perceber, comecei a chorar. Vou na direção dele. Quero acariciar seu cabelo, beijar-lhe a testa e as pálpebras para apagar a lembrança do que ele viu. Mas ele recua, foge do meu alcance.

— Eu não morri. Não sei como. Era para ter morrido. Tinha perdido muito sangue. Eles ficaram tão surpresos quanto eu. Depois disso, passou a ser uma espécie de jogo ver o quanto eu suportaria. Ver o que eles poderiam fazer comigo antes de…

Ele para abruptamente. Não consigo ouvir mais; não quero saber, não quero que seja verdade, não suporto pensar no que fizeram com ele lá. Avanço mais um passo e tento tocar seu peito no escuro. Desta vez, ele não me repele. Mas também não me abraça. Fica ali de pé, frio, imóvel como uma estátua.

— Alex — repito o nome dele como uma oração, como um feitiço mágico que vai fazer tudo voltar a ficar bem. Minhas mãos vão subindo do peito dele até o queixo. — Eu sinto muito. Sinto muito mesmo…

Do nada ele recua bruscamente, ao mesmo tempo em que pega meus pulsos e baixa meus braços.

— Havia dias em que eu preferia que tivessem me matado. — Ele não solta meus pulsos; aperta-os com força, prendendo meus braços, me mantendo imobilizada. Sua voz é baixa, urgente e tão cheia de raiva que me dói ainda mais do que a força das mãos. — Havia dias em que eu pedia isso, rezava por isso quando ia dormir. Mas acreditar que eu veria você de novo, que conseguiria encontrar você, ter essa esperança… isso era a única coisa que me fazia persistir. — Ele me solta e recua mais um passo. — Então, não. Eu não entendo.

— Alex, *por favor*.

Ele cerra os punhos.

— Pare de dizer meu nome. Você não me conhece mais.

— Conheço, sim. — Ainda estou chorando, engolindo espasmos na garganta, lutando para respirar. Isso é um pesadelo do qual vou acordar. É uma história de terror, e ele voltou para mim como uma aberração, remendado, quebrado e cheio de ódio. Quando eu acordar, ele vai estar aqui, inteiro, e será meu de novo. Encontro suas mãos, entrelaço meus dedos nos dele ao mesmo tempo que ele tenta se soltar. — Sou eu, Alex. Lena. Sua Lena. Lembra? Não se lembra do número 37 da rua Brooks e do cobertor que deixávamos no quintal…?

— Pare — diz ele, e sua voz falha no meio da frase.

— E sempre ganhei de você no jogo de palavras cruzadas — insisto. Preciso continuar a falar, mantê-lo aqui, fazê-lo se lembrar. — Porque você sempre me deixava ganhar. E lembra que fizemos um piquenique uma vez, e a única coisa que encontramos na loja foi espaguete em lata e ervilhas? E você falou para misturar…

— Não.

— E misturamos, e não ficou ruim. Comemos a porcaria da lata inteira, de tanta fome que estávamos. E, quando começou a escurecer, você apontou para o céu e me contou que havia uma estrela para cada coisa que você amava em mim.

Estou ofegante, como se fosse me afogar; tateio cegamente em sua direção e agarro a gola da camisa.

— Pare. — Ele me segura pelos ombros. Seu rosto está a dois centímetros do meu, mas

irreconhecível. Uma máscara repugnante e retorcida. — Pare, entendeu? Chega. Acabou. Está tudo acabado.

— Alex, por favor…

— Pare! — A voz dele ressoa alto, dura como um tapa. Ele me solta, e cambaleio para trás. — Alex morreu, está ouvindo? Tudo aquilo o que sentimos, o que significou, tudo acabou, entendeu? Está enterrado. Destruído.

— Alex!

Ele começou a se afastar, mas se virou novamente. A lua o ilumina, revelando-o muito branco e furioso, uma fotografia bidimensional tomada de brilho.

— Eu não amo você, Lena. Está me ouvindo? *Nunca* amei.

O ar some. Tudo some.

— Não acredito em você.

Estou chorando tanto que mal consigo falar. Ele dá um passo em minha direção. E agora não o reconheço em absoluto. Ele se transformou por completo, virou um estranho.

— Era mentira. Ouviu? Mentira. Loucura, como eles sempre disseram. Esqueça e pronto. Esqueça que algum dia aconteceu.

— Por favor. — Não sei como fico de pé, como não viro poeira bem ali, como meu coração continua a bater quando quero tanto que ele pare. — Por favor, não faça isso, Alex.

— *Pare de dizer meu nome.*

E então nós dois ouvimos: o estalo e o farfalhar de folhas atrás de nós, o som de alguma coisa grande se movendo no bosque. A expressão de Alex muda. A raiva some e é substituída por outra coisa: uma tensão paralisada, como um cervo logo antes de sair correndo.

— Não se mexa, Lena — diz ele baixinho, mas as palavras estão tomadas de urgência.

Mesmo antes de eu me virar, sinto a forma alta atrás de mim, o bufar da respiração animal, a *fome* desejosa, impessoal.

Um urso.

Ele foi até a vala e agora está a pouco mais de um metro de nós. Tem o pelo negro e sujo, rajado de prata à luz do luar, e é *grande*: tem mais de um metro e meio, talvez um e oitenta, e, mesmo estando de quatro, quase bate no meu ombro. Ele olha de Alex para mim e para Alex de novo. Seus olhos são como ônix entalhadas, sem vida, opacos.

Dois pensamentos me ocorrem ao mesmo tempo: o urso está cadavérico, faminto. O inverno foi rigoroso.

E também: ele não tem medo de nós.

Uma onda de pavor percorre meu corpo, bloqueando a dor, bloqueando todos os pensamentos, exceto um: *Eu devia ter trazido uma arma.*

O urso avança mais um passo, balançando a cabeça enorme para a frente e para trás, avaliando-nos. Vejo o vapor de seu hálito condensando no ar frio, as escápulas altas e finas.

— Tudo bem — diz Alex, ainda baixinho. Ele está de pé atrás de mim e posso sentir a tensão em seu corpo: ereto, paralisado. — Vamos com calma. Bem devagar. Vamos recuar, certo? Bem devagar.

Ele dá um único passo para trás, e apenas isso, esse pequeno movimento, faz o urso ficar tenso e se

agachar, mostrando os dentes, que brilham muito brancos ao luar. Alex para de novo. O urso começa a rosnar. Está tão perto que sinto o calor vindo de seu enorme corpo, sinto o azedume de seu hálito faminto.

Eu devia ter trazido uma arma. Não tenho como me virar e sair correndo; isso nos torna presas, e o urso está à procura de uma. *Burra.* Esta é a lei da Selva: você precisa ser maior e mais forte e mais corajoso. Precisa ferir ou será ferido.

O urso dá mais um passo, ainda rosnando. Cada músculo de meu corpo está alerta, me mandando correr, mas fico grudada no chão, me forçando a não me mexer, a nem sequer tremer.

O urso hesita. Não saio correndo. Portanto, talvez *não* seja uma presa.

Ele recua dois centímetros. É uma vantagem, uma pequena concessão.

Eu aproveito.

— Ei! — grito o mais alto que consigo, e levanto os braços acima da cabeça, tentando dar a impressão de ser o maior possível. — Ei! Saia daqui! Vá embora. *Vá.*

O urso recua mais dois centímetros, confuso, assustado.

— Eu mandei *ir embora.*

Estico o corpo e chuto a árvore mais próxima, provocando uma chuva de pedaços de casca na direção do urso. Aproveito que o animal ainda hesita, inseguro — mas não rosnando agora, e sim na defensiva, confuso —, e então me agacho e pego a primeira pedra que encontro, depois me levanto e a atiro com força. A pedra o atinge abaixo do ombro esquerdo, com um baque pesado. O urso recua mais, choramingando, até que por fim se vira e corre para o bosque, um borrão escuro.

— Puta merda — explode Alex atrás de mim. Ele solta o ar com força, dobra o corpo, volta a se erguer. — Puta *merda.*

A adrenalina, a liberação da tensão o fizeram esquecer; por um segundo, sua nova máscara cai e um vislumbre do velho Alex é revelado.

Sinto uma onda ligeira de náusea. Fico pensando nos olhos feridos e desesperados do urso e no baque pesado da pedra no ombro dele. Mas não tive escolha.

É a lei da Selva.

— Isso foi loucura. *Você* é louca. — Alex balança a cabeça. — A velha Lena teria saído correndo.

Você precisa ser maior, mais forte, mais corajoso.

Uma frieza se irradia em mim, uma parede sólida que cresce pedaço a pedaço em meu peito. Ele não me ama.

Nunca amou.

Era mentira.

— A velha Lena morreu — digo, e passo por ele com um empurrão, para voltar pela vala até o acampamento.

Cada passo é mais difícil que o anterior; o peso toma meu corpo e transforma meus membros em pedra.

Fira ou seja ferido.

* * *

Alex não me segue, e nem faço questão. Para onde ele vai, se vai passar a noite inteira no bosque, se nunca mais vai voltar para o acampamento, nada disso me importa.

Como ele mesmo disse, tudo aquilo — o *se importar* — está acabado agora.

Só quando quase estou nas barracas é que volto a chorar. As lágrimas irrompem todas de uma vez, e preciso parar de andar e me encolher. Quero sangrar todos os sentimentos para fora do corpo. Por um segundo penso em como seria fácil passar de volta para o outro lado, ir direto até os laboratórios e me oferecer para os cirurgiões.

Vocês estavam certos; eu estava errada. Tirem isso de mim.

— Lena.

Ergo os olhos. Julian está do lado de fora da barraca. Devo tê-lo acordado. O cabelo todo desgrenhado lembrando os raios de uma roda quebrados, e ele está descalço.

Eu me levanto e limpo o nariz na manga do moletom.

— Estou bem — digo, ainda engolindo as lágrimas. — Está tudo bem.

Por um minuto ele permanece ali de pé, me olhando, e percebo que sabe e entende por que estou chorando, e vai ficar tudo bem. Ele abre os braços para mim.

— Venha cá — diz Julian, baixinho.

Queria chegar até ele mais rápido do que consigo. Praticamente caio em Julian. Ele me segura e me abraça com força, e eu me aninho em seu peito e me entrego de novo, deixando os soluços tomarem conta de mim. Ele fica ali comigo e sussurra em meu cabelo e beija o alto da minha cabeça e me deixa chorar por perder um garoto que não é ele, um garoto que eu amava mais.

— Me desculpe. Me desculpe — repito sem parar, aninhada em seu peito.

A camisa de Julian está impregnada com cheiro de fumaça da fogueira, de solo e de plantas de primavera.

— Está tudo bem — sussurra ele.

Depois que me acalmo um pouco, Julian segura minha mão. Eu o sigo até a escuridão da sua barraca, que tem o mesmo cheiro de sua camisa, só que mais forte. Deito em cima do saco de dormir e ele ao meu lado, formando uma concha perfeita para o meu corpo. Eu me encolho nesse espaço seguro e aconchegante e deixo que as últimas lágrimas que vou chorar por Alex escorram quentes pela minha face até o chão, até o esquecimento.

Hana

— Hana! — Minha mãe está me olhando com expectativa. — Fred pediu para você lhe passar as ervilhas.

— Desculpe — digo, forçando um sorriso.

Quase não dormi esta noite. Tive até alguns sonhos breves, trechos de imagens que sumiram antes que eu pudesse me deter nelas.

Estico a mão para o prato de cerâmica envernizado (que é lindo, como tudo na casa da família Hargrove), apesar de Fred ser mais do que capaz de pegá-lo ele próprio. Faz parte do ritual. Em pouco tempo serei sua esposa. Estaremos assim sentados todas as noites, executando uma dança bem-coreografada.

Fred sorri para mim.

— Cansada? — pergunta ele.

Nos últimos meses passamos muitas horas juntos; nosso jantar de domingo é apenas uma das muitas formas de começar a pôr nossa união em prática.

Passei muito tempo avaliando as feições dele, tentando descobrir se é bonito, e acabei chegando à seguinte conclusão: ele é bem agradável aos olhos. Não tão bonito quanto eu, mas é mais inteligente, e gosto de seu cabelo escuro, que às vezes cai por cima da sobrancelha direita e ele não ajeita.

— Ela *parece* cansada — diz a Sra. Hargrove.

A mãe de Fred costuma falar de mim como se eu não estivesse presente. Não levo para o lado pessoal; ela faz isso com todo mundo. O pai de Fred foi prefeito por mais de três mandatos. Agora que o Sr. Hargrove morreu, Fred foi preparado para tomar o lugar dele. Desde os Incidentes, em janeiro, Fred vem fazendo campanhas incansáveis para ser nomeado, e o esforço compensou: há apenas uma semana, um comitê especial interino o indicou como o novo prefeito. Ele tomará posse publicamente no começo da semana que vem.

A Sra. Hargrove está acostumada a ser a mulher mais importante do recinto.

— Estou bem — digo.

Lena sempre dizia que eu conseguiria escapar do inferno graças ao meu dom de mentir.

A verdade é que não, não estou bem. Estou com medo de não conseguir parar de me preocupar com Jenny e sua extrema magreza.

Estou preocupada por me pegar pensando em Lena de novo.

— É claro que os preparativos para o casamento são muito estressantes — diz minha mãe.

— Não é você quem assina os cheques — resmunga meu pai.

Isso faz todo mundo rir. A sala é iluminada de repente por um rápido brilho vindo do lado de fora: um jornalista, enfiado nos arbustos junto à janela lá fora, está tirando uma foto nossa, que será vendida para os jornais e emissoras de tevê locais.

A Sra. Hargrove deu um jeito para que os *paparazzi* estivessem aqui esta noite. Dera a dica do local

de um jantar que Fred planejara para nós na véspera de Ano-novo. Oportunidades de fotografias são combinadas e cuidadosamente planejadas, para que o público possa ver nossa história emergente e a felicidade que alcançamos por termos sido pareados tão perfeitamente.

E eu *estou* feliz com Fred. Nós nos damos muito bem. Temos os mesmos gostos e muito sobre o que conversar.

É por isso que estou preocupada: tudo vai virar fumaça se a intervenção não tiver funcionado direito.

— Ouvi no rádio que evacuaram partes de Waterbury — diz Fred. — E de São Francisco também. Houve tumulto no fim de semana.

— Por favor, Fred — diz a Sra. Hargrove. — Temos mesmo que falar sobre isso durante o jantar?

— Ignorar não vai ajudar em nada — diz ele, virando-se para a mãe. — Era o que meu pai fazia. E veja o que aconteceu.

— Fred. — A voz da Sra. Hargrove está tensa, mas ela continua sorrindo. *Clique*. Só por um segundo, as paredes da sala de jantar são iluminadas pelo flash da câmera. — Não é a hora…

— Não podemos mais fingir. — Fred olha para os outros à mesa, como se estivesse recorrendo a cada um de nós. Eu baixo o olhar. — A resistência existe. Pode até estar crescendo. Uma epidemia, é isso que é.

— Isolaram a maior parte de Waterbury — diz minha mãe. — Tenho certeza de que farão o mesmo em São Francisco.

Fred balança a cabeça em negativa.

— Não são só os infectados. Esse é o problema. Tem um sistema inteiro de simpatizantes, uma rede de apoio. Não vou fazer o mesmo que meu pai — diz ele, com ferocidade repentina. A Sra. Hargrove está completamente imóvel. — Durante anos correram boatos de que os Inválidos existiam, que estavam crescendo em número, até. A senhora sabe. Meu pai sabia. Mas se recusava a acreditar.

Mantenho a cabeça baixa com os olhos fixos no prato. Um pedaço de cordeiro está intocado ao lado das ervilhas e da geleia de hortelã. Só o melhor para os Hargrove. Rezo para que os jornalistas do lado de fora não tirem uma foto agora; tenho certeza de que meu rosto está vermelho. Todo mundo à mesa sabe que minha ex-melhor amiga tentou fugir com um Inválido e sabe (ou desconfia) que a acobertei.

Fred baixa ainda mais a voz:

— Quando ele aceitou, quando se dispôs a agir, era tarde demais.

Ele estica a mão para tocar na da mãe, mas ela pega o garfo e começa a comer, furando as ervilhas com tanta força que as pontas do garfo fazem um barulho alto e metálico no prato.

Fred limpa a garganta.

— Bem, eu me recuso a olhar para o outro lado — diz ele. — Está na hora de encarar isso de frente.

— Só não vejo por que precisamos falar disso durante o jantar — diz a Sra. Hargrove. — Durante momentos perfeitamente agradáveis…

— Com licença — peço de forma incisiva.

Todos à mesa se viram para mim com surpresa. *Clique*. Só consigo imaginar como vai ser essa foto: a boca da minha mãe aberta em um *O* perfeito, a Sra. Hargrove de testa franzida, meu pai levando um pedaço sangrento de cordeiro à boca.

— Como assim, *com licença*? — pergunta minha mãe.

— Está vendo? — A Sra. Hargrove suspira e balança a cabeça para Fred. — Você deixou Hana infeliz.

— Não, não. Não é isso. É só que… A senhora tinha razão, não estou me sentindo bem — digo. Largo meu guardanapo na mesa, mas, ao perceber o olhar de minha mãe, dobro-o e o coloco ao lado do prato. — Estou com dor de cabeça.

— Espero que não esteja ficando doente — diz a Sra. Hargrove. — Você precisa estar bem para a posse.

— Ela não vai ficar doente — apressa-se minha mãe em dizer.

— Não vou ficar doente — repito. Não sei exatamente o que tenho, mas minha cabeça está explodindo. — Só preciso me deitar, acho.

— Vou ligar para Tony — diz minha mãe, levantando-se.

— Não, por favor. — Mais do que tudo, quero ficar sozinha. No mês passado, desde que minha mãe e a Sra. Hargrove decidiram que o casamento precisava ser antecipado, para acontecer no mesmo período da posse de Fred como prefeito, parece que a única hora em que fico sozinha é quando vou ao banheiro. — Não me importo de ir andando para casa.

— Andando!

Isso provoca um pequeno rompante. De repente todo mundo começa a falar ao mesmo tempo. Meu pai diz *Isso está fora de questão* e minha mãe diz *Imagine o que vão pensar*. Fred se inclina em minha direção (*Não é seguro agora, Hana*) e a Sra. Hargrove diz *Você deve estar com febre*.

No final, meus pais decidem que Tony vai me levar de carro para casa e voltar para buscá-los mais tarde. É um acordo razoável. Pelo menos significa que vou ter a casa só para mim por um tempo. Fico de pé e levo o prato para a cozinha, apesar de a Sra. Hargrove insistir que é tarefa da empregada. Raspo a comida do prato e jogo fora, e é então que sinto de novo o cheiro das caçambas de lixo de ontem e me lembro de Jenny se materializando entre elas.

— Espero que a conversa não tenha aborrecido você.

Eu me viro. Fred me seguiu até a cozinha. Ele mantém uma distância respeitosa.

— Não aborreceu — digo.

Estou cansada demais para tranquilizá-lo. Só quero ir para casa.

— Será que é febre? — Fred me encara. — Você está pálida.

— É apenas cansaço.

— Que bom. — Ele enfia as mãos nos bolsos da calça escura com vinco na frente, como as de meu pai. — Eu estava com medo de ter recebido uma com defeito.

Balanço a cabeça, certa de que ouvi errado.

— O quê?

— Brincadeira. — Fred sorri. Ele tem uma covinha na bochecha esquerda e dentes muito bonitos. Gosto disso nele. — Vejo você em breve. — Ele me dá um beijo no rosto. Eu recuo involuntariamente. Ainda não estou acostumada a ser tocada por ele. — Vá ter seu sono da beleza.

— Vou, sim — digo, mas ele já está saindo da cozinha para voltar à sala de jantar, onde daqui a pouco a sobremesa e o café serão servidos.

Em três semanas ele será meu marido, e esta será a minha cozinha, e a empregada também vai ser minha. A Sra. Hargrove vai ter que *me* obedecer, e eu vou escolher o que vamos comer a cada dia, e não vai sobrar mais nada que eu possa vir a querer.

A não ser que Fred esteja certo. A não ser que eu esteja com defeito.

Lena

A discussão continua: para onde ir, se nos separamos ou não.

Algumas pessoas do grupo querem voltar para o sul, depois seguir para o leste, para Waterbury, onde há boatos de um movimento de resistência bem-sucedido e um acampamento grande e crescente de Inválidos em segurança. Alguns querem seguir até Cape Cod, onde não há praticamente ninguém e que por isso será mais seguro para acamparmos. Alguns de nós, em especial Gordo, querem continuar seguindo para o norte e tentar cruzar a fronteira dos Estados Unidos com o Canadá.

Na escola, sempre aprendemos que os outros países, lugares sem a cura, tinham sido destruídos pela doença e virado áreas desertas. Mas isso, assim como quase tudo que nos ensinaram, é mentira, sem dúvida. Gordo ouviu de caçadores e pescadores algumas histórias sobre o Canadá, e pelo que ele conta mais parece o Éden descrito na *Shhh*.

— Eu voto em Cape Cod — diz Pique. Ele tem o cabelo quase branco de tão louro, cortado impiedosamente rente ao couro cabeludo. — Se os bombardeios recomeçarem…

— Se os bombardeios recomeçarem, não estaremos em segurança em lugar nenhum — interrompe Prego.

Pique e Prego vivem discordando.

— Quanto mais longe das cidades estivermos, mais seguro para nós — argumenta Pique. Se a resistência virar uma rebelião, podemos esperar retaliações rápidas e imediatas do governo. — Teremos mais tempo.

— Para quê? Para nadar até o outro lado do oceano? — Prego balança a cabeça. Ele está agachado ao lado de Graúna, que está consertando uma de nossas armadilhas. É incrível o quanto ela parece feliz aqui, sentada na terra, depois de um longo dia de caminhada e montando armadilhas. Mais feliz do que quando morávamos juntas no Brooklyn, nos fingindo de curadas, em nosso belo apartamento com superfícies brilhantes e enceradas. Lá, ela era como uma das mulheres sobre quem estudamos na aula de história, que se amarravam com espartilhos até mal conseguirem respirar e falar, o rosto pálido, reprimida. — Olhe, não podemos fugir disso. Temos que unir forças, aumentar o número da melhor maneira que pudermos.

Prego me fita do outro lado da fogueira. Abro um sorriso para ele. Não sei o quanto Prego e Graúna decifraram sobre o que aconteceu entre mim e Alex e qual é a nossa história, pois não comentaram nada comigo, mas andam mais gentis comigo do que de costume.

— Estou com Prego — diz Alistar.

Ele atira uma bala de pistola no ar, pega-a na parte de cima da mão e a joga na palma da outra mão.

— Podemos nos separar — sugere Graúna pela centésima vez.

É óbvio que ela não gosta de Pique nem de Dani. Neste novo grupo, as linhas de dominação não foram tão claramente traçadas, e o que Prego e Graúna dizem não é automaticamente aceito como certo.

— Não vamos nos separar — diz Prego com firmeza. Mas de imediato pega a armadilha da mão dela, dizendo: — Aqui, deixe que eu ajudo você.

É assim que Prego e Graúna funcionam. É a linguagem particular deles de morder e assoprar, argumentar e fazer concessão. Com a cura, os relacionamentos são todos iguais e as regras e expectativas são definidas. Sem a cura, os relacionamentos precisam ser reinventados todos os dias, as linguagens precisam ser constantemente decodificadas e decifradas.

A liberdade é exaustiva.

— O que você acha, Lena? — pergunta Graúna.

Todos se viram para mim. Agora que provei quem sou para a resistência, minha opinião tem peso. Nas sombras, sinto que Alex também me observa.

— Cape Cod — digo, jogando mais lenha na fogueira. — Quanto mais longe estivermos das cidades, melhor, e qualquer vantagem é melhor do que nenhuma. Não vamos estar sozinhos. Vai haver outras pessoas lá, outros grupos. Podemos nos unir a eles.

Minha voz ressoa alta na clareira. Será que Alex reparou que falo mais alto e estou mais confiante?

Há um momento de silêncio. Graúna olha para mim com ar pensativo. E então, abruptamente, se vira e olha por cima do ombro.

— E você, Alex?

— Waterbury — responde ele de imediato.

Meu estômago dá um nó. Sei que é burrice, sei que há mais coisa em risco do que nós dois, mas não consigo evitar uma onda de raiva. É claro que ele discorda de mim. É claro.

— Não é vantagem ficarmos isolados dos meios de comunicação e das informações — argumenta ele. — Há uma guerra acontecendo. Podemos tentar negar, podemos tentar enterrar a cabeça na areia, mas essa é a verdade. E de qualquer maneira a guerra vai nos encontrar em algum momento. Acho que temos que encará-la de frente.

— Ele tem razão — diz Julian.

Eu me viro para ele, assustada. Ele quase nunca fala nas noites ao redor da fogueira. Acho que não se sente à vontade. Continua sendo o novato, o intruso e, pior ainda, um convertido do outro lado. Julian Fineman, filho do falecido Thomas Fineman, fundador e presidente da América Sem *Deliria* e inimigo de tudo o que defendemos. Não importa que Julian tenha virado as costas para a família e para a causa e que quase tenha perdido a vida para estar aqui conosco. Vejo que algumas pessoas não confiam nele.

Julian fala com a cadência controlada de alguém que tem prática de falar em público.

— Não faz sentido usar táticas de precaução. Isso não vai funcionar. Se a resistência crescer, o governo e os militares vão fazer de tudo para impedi-la. Temos mais chances de lutar se nos colocarmos no meio da ação. Senão, seremos apenas coelhos em uma toca, esperando para sermos descartados.

Apesar de concordar com Alex, Julian toma o cuidado de manter os olhos na direção de Graúna. Julian e Alex nunca falam um com o outro nem nunca se olham, e as outras pessoas tomam o cuidado de não fazer comentários a respeito.

— Eu voto em Waterbury — diz Fê.

Fico surpresa. Ano passado, ela não queria ter nenhuma relação com a resistência. Queria

desaparecer na Selva, fazer um lar o mais longe possível das cidades Válidas.

— Tudo bem, então. — Graúna se levanta e limpa a parte de trás da calça jeans. — Vamos para Waterbury, então. Alguma outra objeção?

Todos ficamos em silêncio por um minuto, olhando uns para os outros, os rostos consumidos pelas sombras. Ninguém fala. Não estou feliz com a decisão, e Julian deve perceber. Ele coloca a mão em meu joelho e aperta.

— Então está decidido. Amanhã podemos…

Graúna é interrompida pelo som de gritos, uma confusão repentina de vozes. Todo mundo fica de pé em uma reação instintiva.

— Que diabos…?

Prego apoia o rifle no ombro e observa as árvores que nos cercam, um muro denso de galhos e arbustos. O bosque ficou silencioso.

— Shhh — faz Graúna e levanta a mão.

E então o ouvimos:

— Preciso de ajuda aqui, pessoal! — E depois: — Merda!

Há um alívio coletivo, a tensão diminui. Reconhecemos a voz de Pardal. Ele saiu mais cedo para fazer umas coisas no bosque.

— Estamos indo, Pardal! — grita Pique.

Pessoas correm para o meio das árvores, viram sombras assim que se afastam da pequena circunferência de claridade projetada pela fogueira. Julian e eu permanecemos onde estamos, e reparo que Alex também. Há uma confusão de vozes e instruções ("As pernas, as pernas, pegue as pernas dela"), e então Pardal, Prego, Pique e Dani surgem de novo na clareira, cada par carregando um corpo. A princípio penso que estão trazendo animais enrolados em lona, mas vejo um braço pálido caído, iluminado pelo fogo, e meu estômago dá um nó.

Pessoas.

— Água, peguem água!

— Pegue o kit, Graúna, ela está sangrando.

Por um momento fico paralisada. Quando Prego e Pique pousam os corpos no chão perto da fogueira, dois rostos são revelados: um velho, escuro e maltratado pelo tempo, de uma mulher que morou na Selva a maior parte da vida, se não sempre. Sua saliva forma bolhas nos cantos da boca, e a respiração soa áspera e carregada.

O outro rosto é inesperadamente belo. Ela deve ter minha idade, talvez seja um pouco mais nova. A pele é da cor do miolo de uma amêndoa, e o cabelo comprido, castanho-escuro, se espalha pelo chão. Por um momento revejo minha própria fuga para a Selva. Graúna e Prego devem ter me achado exatamente assim, mais morta do que viva, maltratada e ferida.

Prego se vira e me vê encarando a garota.

— Dê uma mãozinha aqui, Lena — diz ele, incisivo.

Sua voz me tira do transe. Vou até ele e me ajoelho a seu lado, perto da mulher mais velha. Graúna, Pique e Dani estão cuidando da garota. Julian surge atrás de mim.

— O que posso fazer? — pergunta ele.

— Precisamos de água limpa — responde Prego sem erguer o olhar.

Ele está cortando a saia da mulher com a própria faca. Em alguns pontos, o tecido parece quase fundido à pele. E então eu vejo, horrorizada, que da cintura para baixo ela está muito queimada, as pernas cobertas de feridas abertas e infeccionadas. Tenho que fechar os olhos por um segundo e me controlar para não vomitar. Julian passa a mão em meu ombro e vai procurar água.

— Merda — murmura Prego quando revela mais um ferimento, um corte longo e irregular na pele, profundo e tomado de infecção. — Merda. — A mulher solta um gemido gorgolejante e fica em silêncio. — Não vá desmaiar agora.

Ele tira o casaco. A testa está coberta de suor. Estamos perto do fogo, que, alimentado pelos outros, cresce cada vez mais.

— Preciso de um kit de primeiros socorros. — Prego pega uma toalha de mão e começa a cortá-la em tiras, com eficiência e rapidez. Vão servir de torniquete. — Alguém traga um *maldito* kit.

O calor é um muro a nosso lado. A fumaça negra bloqueia o céu e também penetra em meus pensamentos, distorcendo minhas impressões, que começam a assumir a textura de sonhos: as vozes, o movimento, o calor e o cheiro de corpos, tudo fraturado e sem sentido. Não sei se estou ajoelhada ali há minutos ou horas. Em algum momento, Julian volta carregando um balde de água fervendo. Ele vai embora e volta de novo. Estou ajudando a limpar os ferimentos da mulher e depois de um tempo paro de ver o corpo dela como pele e carne, e sim como uma coisa distorcida e torta e estranha, como os pedaços escuros de madeira petrificada que encontramos na floresta.

Prego me diz o que fazer e eu obedeço. Mais água, desta vez fria. Um pano limpo. Eu me levanto, vou de um lado a outro, pego os objetos que me entregam e volto com eles. Mais minutos se passam; mais horas.

Em algum momento, quando levanto o olhar, não é mais Prego a meu lado, e sim Alex. Ele está costurando um corte no ombro da mulher com uma agulha normal de costura e um fio comprido e escuro. Está pálido de tanta concentração, mas trabalha com espontaneidade e rapidez. Fica claro que tem prática nisso. São tantas coisas que eu nunca soube sobre ele, penso; sobre seu passado, seu papel na resistência, como era sua vida na Selva antes de ele ir para Portland. Sinto uma pontada de dor tão intensa que quase grito. Não pelo que perdi, mas pelas chances que desperdicei.

Nossos cotovelos se tocam. Ele afasta o braço.

A fumaça toma toda a minha garganta agora, é difícil engolir. O ar cheira a cinzas. Continuo a limpar as pernas e o corpo de madeira da mulher, da mesma maneira que ajudava minha tia a polir a mesa de mogno uma vez por mês: com cuidado e lentamente.

Então Alex some e Prego surge a meu lado de novo. Ele coloca as mãos nos meus ombros e me puxa com delicadeza para trás.

— Pode parar — diz ele. — Esqueça. Ela não precisa mais de você.

Por um segundo penso: *Conseguimos, ela está bem agora.* Mas então, quando Prego me guia na direção das barracas, vejo o rosto da mulher iluminado pelo brilho da fogueira, e é branco como cera, os olhos fixos cegamente no céu, então sei que ela morreu e que tudo o que fizemos foi em vão.

Graúna ainda está ajoelhada ao lado da garota, mas seus cuidados estão menos frenéticos agora, e ouço a garota respirando em ritmo regular.

Julian já está na barraca. Estou tão cansada que me sinto um zumbi. Ele chega para o lado, abrindo espaço para mim. Praticamente despenco nele, naquele pequeno ponto de interrogação formado pelo seu corpo. Meu cabelo fede a fumaça.

— Você está bem? — sussurra Julian, encontrando minha mão no escuro.

— Estou — sussurro em resposta.

— *Ela* está bem?

— Morreu — respondo simplesmente.

Julian inspira fundo, e sinto seu corpo se retesar atrás de mim.

— Sinto muito, Lena.

— Não dá para salvar todo mundo — digo. — Não é assim que funciona.

É o que Prego diria, e sei que é verdade, mesmo que bem lá no fundo eu ainda não acredite muito.

Julian me aperta e beija minha nuca, e me permito cair no sono, me deixo levar para longe do cheiro de queimado.

Hana

Pela segunda noite seguida a névoa de meu sono é perturbada por uma imagem: dois olhos flutuando na escuridão. E então eles viram discos de luz, faróis se aproximando. Estou paralisada no meio da rua, cercada pelo cheiro intenso de lixo e de escapamento de carro… imóvel, incapaz, no calor de um motor a rugir…

Acordo pouco antes da meia-noite, suando.

Isso não pode estar acontecendo. Não comigo.

Eu me levanto e vou cambaleando até o banheiro, mas no caminho bato com a canela em uma das caixas fechadas que estão aqui em meu quarto. Apesar de termos nos mudado no final de janeiro, mais de dois meses atrás, não me dei o trabalho de desempacotar nada além do básico. Em menos de três semanas estarei casada e terei que me mudar de novo. Além do mais, meus antigos pertences, os bichos de pelúcia e livros e bibelôs engraçados que eu colecionava na infância já não têm mais muita importância para mim.

No banheiro, jogo água fria no rosto, tentando afastar a lembrança daqueles olhos-faróis, do aperto no peito, do pavor de ser esmagada. Digo a mim mesma que aquilo não quer dizer nada, que a cura funciona um pouco diferente para cada um.

Do lado de fora da janela, a lua redonda é de um brilho quase irreal. Aperto o nariz no vidro. Do outro lado da rua há uma casa quase idêntica à nossa, e, ao lado, uma idêntica. E assim por diante, dezenas de réplicas: os mesmos telhados triangulares, recém-construídos, mas projetados de forma a parecerem velhos.

Sinto necessidade de me mexer. Antigamente tinha essa inquietação o tempo todo, quando meu corpo pedia que eu corresse. Não corri mais do que uma vez ou duas depois da cura (nas poucas vezes que tentei, não foi a mesma coisa), e mesmo agora a ideia não me atrai. Mas quero fazer *alguma coisa*.

Visto uma calça surrada de moletom e um casaco escuro. Coloco também um boné velho que era do meu pai, em parte para prender o cabelo, em parte para não ser reconhecida se houver alguém lá fora. Tecnicamente, não é ilegal eu sair depois do toque de recolher, mas não tenho a menor vontade de ser interrogada por meus pais. Não é algo que Hana Tate, futura Hana Hargrove, faria. Não quero que eles saibam que tenho tido dificuldade para dormir. Não posso dar a eles motivo para desconfiar.

Amarro os tênis e vou até a porta do quarto na ponta dos pés. No verão passado, eu fugia o tempo todo. Havia a festa proibida no armazém atrás da Otremba's Paints e a festa em Deering Highlands, onde houve a batida; havia luaus na praia de Sunset Park e encontros ilegais com garotos não curados, incluindo a vez na enseada Back quando deixei Steven Hilt colocar a mão na minha coxa e o tempo pareceu parar.

Steven Hilt: cílios escuros, dentes bonitos e certinhos, cheiro de eucalipto; sentia um frio na barriga sempre que ele olhava para mim.

As lembranças parecem retratos da vida de outra pessoa.

Desço a escada em silêncio quase total. Encontro a tranca na porta da frente e a giro devagar, então o trinco se retrai sem fazer barulho.

O vento gelado balança os arbustos topiados que cercam nosso jardim do portão de ferro para dentro. Os arbustos são mais um dos recursos oferecidos pelas Fazendas WoodCove: *Para segurança e proteção*, dizem os catálogos da imobiliária, *e uma medida eficaz de privacidade*.

Faço uma pausa e fico atenta a sons de patrulhas nas redondezas. Nada. Mas não devem estar muito longe. WoodCove anuncia grupos voluntários de segurança vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Ainda assim, a comunidade é grande e cheia de cantos e becos. Com sorte consigo evitá-los.

Passo pela varanda, pelo caminho de pedras, pelo portão de ferro. Um borrão de morcegos pretos passa na frente da lua, espalhando sombras pelo gramado. Sinto um calafrio. A vontade já está indo embora. Penso em voltar para a cama, em me enfiar debaixo das cobertas macias e afundar nos travesseiros, com seu cheiro sutil de sabão em pó. Penso em acordar renovada e comer ovos mexidos no café da manhã.

Alguma coisa bate na garagem. Eu me viro na mesma hora. A porta está parcialmente aberta.

Meu primeiro pensamento é de que é um fotógrafo. Um deles deve ter pulado o portão e acampado no jardim. Mas afasto a ideia depressa. A Sra. Hargrove orquestra cuidadosamente todas as nossas oportunidades de aparecer na imprensa, e até agora não fui objeto da atenção deles na ausência de Fred.

Meu segundo pensamento é *ladrão de gasolina*. Nos últimos tempos, por causa de restrições ordenadas pelo governo, principalmente nas partes mais pobres da cidade, tem havido uma onda de invasões por toda Portland. Durante o inverno foi bem ruim. Fornalhas ficaram sem óleo, e carros, sem gasolina; casas foram invadidas e vandalizadas. Só em fevereiro houve duzentos roubos a casas, o maior número de crimes desde que a cura se tornou obrigatória, quarenta anos atrás.

Penso em voltar para casa e acordar meu pai. Mas isso implicaria perguntas e explicações.

Em vez disso, atravesso o jardim em direção à garagem, os olhos fixos na porta entreaberta, atenta a algum movimento. A grama está coberta de orvalho, que penetra rápido em meus tênis. Todo o meu corpo formiga. Alguém está me observando.

Um galho estala atrás de mim. Eu me viro. O vento sopra os arbustos. Respiro fundo e me viro de novo na direção da garagem. Meu coração bate alto na garganta, um sentimento desconfortável e nada familiar. Não sinto medo assim, medo de verdade, desde a manhã da minha cura, quando não consegui nem desamarrar a camisola do hospital de tanto que minhas mãos tremiam.

— Olá? — sussurro.

Outro movimento. Definitivamente tem alguma coisa, ou alguém, na garagem. Paro a alguns metros da porta, petrificada de medo. Burrice. Isso é burrice. Vou voltar para casa e acordar papai. Digo que ouvi um barulho e resolvo depois como responder às perguntas.

E então, baixinho, um miado. Os olhos de um gato piscam para mim pela porta aberta.

Solto o ar. Um gato de rua, nada mais. Portland vive cheia deles. De cachorros também. As pessoas os compram e depois não têm dinheiro ou não querem ter trabalho e os largam nas ruas. Faz anos que eles vêm procriando. Já ouvi dizer que existem matilhas inteiras de cães selvagens perambulando ao redor de Highlands.

Avanço devagar. O gato me observa. Coloco a mão na porta da garagem e a abro mais alguns

centímetros.

— Venha — chamo, com a voz tranquila. — Vamos sair daí.

O gato corre para o interior da garagem. Ao passar por minha antiga bicicleta, esbarra no estribo lateral. A bicicleta começa a balançar; saio correndo e a seguro antes que caia no chão. O guidão está cheio de poeira; apesar do breu aqui, sinto a sujeira.

Deixo uma das mãos na bicicleta para firmá-la e procuro o interruptor na parede. Acendo as luzes. A normalidade da garagem se reafirma de imediato: o carro, as latas de lixo, o cortador de grama no canto; latas de tinta e tanques extras de gasolina empilhados de modo cuidadoso no canto, formando uma pirâmide. O gato está aninhado no meio disso tudo. Pelo menos parece estar razoavelmente limpo, não está espumando pela boca nem coberto de feridas. Nada a temer. Mais um passo na direção do bichinho, ele sai correndo, e desta vez contorna o carro e passa por mim rumo ao jardim.

Quando encosto a bicicleta na parede da garagem, reparo no elástico de cabelo roxo ainda preso ao guidão. Lena e eu tínhamos bicicletas idênticas, mas ela me provocava dizendo que a dela era mais rápida. Sempre trocávamos de bicicleta sem querer depois de largá-las na areia ou na grama. Ela pulava no selim, quase sem alcançar os pedais, e eu subia na bicicleta dela toda encolhida, como uma criança pequena, e íamos para casa assim, rindo histericamente. Um dia ela comprou na loja de conveniência do tio dois elásticos de cabelo — roxo para mim, azul para ela —, que deixamos presos ao guidão de cada bicicleta para diferenciá-las.

O elástico está agora coberto de sujeira. Não ando de bicicleta desde o verão passado. Esse hobby, assim como Lena, ficou para trás. Por que Lena e eu éramos melhores amigas? Sobre o que conversávamos? Não tínhamos nada em comum. Não gostávamos da mesma comida nem das mesmas músicas. Nem tínhamos as mesmas crenças.

E então ela foi embora, e isso partiu meu coração tão completamente que eu mal conseguia respirar. Se não tivesse sido curada, não sei o que teria feito.

Hoje consigo admitir que eu provavelmente amava Lena. Não de uma forma Antinatural, mas meus sentimentos por ela deviam ser uma espécie de doença. Como uma pessoa tem o poder de esmagar outra até virar pó… e também de fazê-la se sentir tão inteira?

A vontade de andar sumiu, toda. Só quero cair na cama.

Apago as luzes e fecho a porta da garagem, me certificando de ouvir a tranca se fechar.

Quando me viro na direção da casa, vejo um pedaço de papel caído na grama, já úmido. Não estava ali um minuto atrás. Alguém obviamente o jogou pelo portão quando eu estava no jardim.

Então havia *mesmo* alguém me observando… alguém que talvez ainda esteja aqui.

Atravesso o jardim devagar. Vejo a mim mesma esticando o braço. Vejo a mim mesma me abaixando para pegar o papel.

É uma foto granulada em preto e branco, claramente uma cópia. Mostra um homem e uma mulher se beijando. A mulher está inclinada para trás, os dedos entrelaçados no cabelo do homem. Ele sorri enquanto a beija.

Embaixo há as seguintes palavras impressas: SOMOS MUITOS. MAIS DO QUE VOCÊ PENSA.

Instintivamente amasso o papel. Fred tinha razão. A resistência está aqui, alojada entre nós. Eles devem ter acesso a fotocopiadoras, papel, mensageiros.

Uma porta bate ao longe e dou um pulo, assustada. De repente a noite parece viva. Praticamente corro até a varanda, e me esqueço por completo de fazer silêncio depois que entro em casa e passo as três trancas na porta. Por um momento fico no saguão com o folheto ainda amassado na mão, inspirando os aromas familiares de lustra-móveis e água sanitária.

Jogo o papel na lixeira da cozinha. Mas depois, pensando melhor, enfio-o no triturador de lixo. Já esqueci o medo de acordar meus pais. Só quero me livrar da foto, me livrar das palavras… uma ameaça, sem dúvida alguma. *Somos muitos. Mais do que você pensa.*

Lavo as mãos com água quente e sigo aos tropeções até meu quarto. Nem me dou o trabalho de me despir, só tiro os sapatos e o boné e me enfio debaixo das cobertas. Apesar de o aquecimento estar ligado, não me sinto aquecida.

Dedos longos e escuros estão me envolvendo. Mãos com luvas de veludo, macias e perfumadas, seguram meu pescoço, e Lena sussurra de algum lugar ao longe: *O que foi que você fez?* E então, piedosamente, os dedos afrouxam, as mãos soltam meu pescoço e me vejo caindo, caindo, em um sono profundo e sem sonhos.

Lena

Quando abro os olhos, o interior da barraca está tomado por uma luz verde difusa — são as finas laterais transformando a cor do sol. O chão está um pouco úmido, como sempre fica de manhã; a terra expira orvalho, afasta o gelo da noite. Ouço vozes e o ruído de panelas de metal. Julian não está aqui.

Não lembro quanto tempo fazia que eu não tinha um sono tão profundo. Nem lembro se sonhei. Será que é assim depois da cura? Acordar renovada e animada, sem o incômodo dos dedos longos e sombrios que tentam agarrá-lo durante o sono?

Ao sair da barraca, sinto o ar inesperadamente quente. O bosque está inundado pela melodia dos pássaros. Nuvens deslizam com alegria por um céu azul-claro. A Selva audaciosamente declara a chegada da primavera, com os primeiros pintarroxos de peitos inflados de orgulho a aparecer.

Desço até o córrego de onde pegamos água. Dani acabou de tomar banho e está nua, secando o cabelo com uma camiseta. A nudez me chocava, mas agora quase nem reparo; ela podia ser uma lontra preta e encharcada se balançando ao sol. Ainda assim, sigo mais adiante e tiro a camiseta para lavar o rosto e as axilas e enfiar a cabeça na água, e ofego um pouco quando volto a me levantar. A água ainda está gelada, não consigo me obrigar a submergir.

De volta ao acampamento, vejo que já removeram o corpo da mulher. Espero que tenham encontrado um lugar para enterrá-la. Penso em Azul. Tivemos que deixá-la na neve enquanto o gelo cobria seus cílios escuros e selava os olhos. Penso também em Miyako, que foi queimada. Fantasmas, figuras-sombra em meus sonhos. Será que algum dia vou me libertar deles?

— Bom dia, luz do dia — diz Graúna, sem tirar os olhos do casaco que está remendando. Ela segura várias agulhas na boca, abertas em leque entre os lábios, o que faz sua voz sair abafada. — Dormiu bem? — Ela não espera a resposta: — Tem rango no fogo, então coma logo antes que Dani decida repetir.

A garota que salvamos ontem à noite já acordou, está sentada perto de Graúna, a uma pequena distância do fogo, com um cobertor vermelho por cima dos ombros. É ainda mais linda do que pensei. Os olhos são de um verde vívido e a pele é luminosa, com uma aparência macia.

— Oi — digo, me colocando entre ela e a fogueira.

A garota me dirige um sorriso tímido, mas não fala nada. Sinto uma onda de compaixão por ela. Eu me lembro de como estava apavorada quando fugi para a Selva e me vi entre Graúna, Prego e os outros. Fico me perguntando de onde ela veio e que coisas horríveis viu.

Uma panela amassada está parcialmente enterrada em cinzas junto ao fogo. Dentro há um pouco de ensopado de aveia e feijão, sobra do jantar de ontem à noite. Está queimado e praticamente sem gosto. Coloco algumas colheradas em uma caneca e me obrigo a comer depressa.

Quando estou acabando, Alex vem do bosque com uma jarra plástica de água. Ergo o olhar por instinto, para ver se vai dar sinal de que me notou ali, mas, como sempre, ele mantém os olhos fixos no

ar acima da minha cabeça.

Ele passa por trás de mim e para ao lado da garota nova.

— Tome — diz ele. Sua voz é gentil, a voz do velho Alex, o Alex das minhas lembranças. — Eu trouxe água. Não se preocupe, é limpa.

— Obrigada, Alex — responde ela.

O nome soa errado nos lábios dela e me deixa desequilibrada, como eu me sentia quando era criança no Festival dos Morangos no Eastern Prom, no salão de espelhos da casa maluca: como se tudo estivesse distorcido.

Prego, Pique e outros surgem do bosque logo atrás de Alex, empurrando os galhos a fim de abrir passagem. Julian é um dos últimos a aparecer. Eu me levanto e me vejo correndo até ele, pulando em seus braços.

— Opa. — Ele ri, se desequilibra um pouco para trás e me aperta, obviamente surpreso e satisfeito. Nunca sou tão carinhosa durante o dia, na frente dos outros. — A que se deve isso?

— Estava com saudades — digo, ofegante sem motivo.

Encosto a testa em seu ombro e a mão no peito. O ritmo me tranquiliza. Ele é real e é o agora.

— Fizemos uma verificação completa — diz Prego. — Um raio de cinco quilômetros. Está tudo bem. Os Saqueadores devem ter ido em outra direção.

Julian fica tenso. Eu me viro e olho para Prego.

— Saqueadores? — pergunto.

Prego apenas me lança um olhar, não responde. Ele parou em frente à garota nova. Alex ainda está sentado ao lado dela. Os braços dos dois estão separados por poucos centímetros, e começo a me fixar no espaço vazio entre o ombro e o cotovelo deles, como metades de uma ampulheta.

— Você não lembra que dia eles chegaram? — pergunta ele à garota.

Percebo que Prego está se esforçando para não parecer impaciente. Na superfície, ele é todo grosso, rude e durão, como Graúna. É por isso que eles se dão tão bem.

A garota morde o lábio. Alex toca na mão dela, gentil e tranquilizador, e de repente sou tomada dos pés à cabeça por uma vontade de vomitar.

— Vamos, Coral — diz ele.

Coral. É claro que o nome dela seria Coral. Bela e especial e delicada.

— Eu… eu não lembro.

A voz dela é quase tão grossa quanto a de um garoto.

— Tente — diz Prego.

Graúna olha para ele. A expressão dela é clara: *Não insista.*

A garota puxa o cobertor por cima do ombro e limpa a garganta.

— Eles chegaram alguns dias atrás. Três, quatro. Não sei o dia exato. Encontramos um celeiro velho, todo intacto… estávamos dormindo lá. O grupo era pequeno. Tinha David e Tigg e… Vó. — A voz falha um pouco, e ela inspira com força. — E uns outros, oito no total. Ficamos juntos desde que chegamos à Selva. Meu avô era sacerdote de uma das religiões antigas. — Ela nos fita com audácia no olhar, como se estivesse nos desafiando a criticá-la. — Recusou-se a se converter à Nova Ordem e foi morto. — Ela dá de ombros. — Desde então, minha família é perseguida. E quando descobriram que

minha tia era simpatizante… bem, fomos para a lista negra. Não conseguíamos arrumar emprego, não conseguíamos ser pareados para salvar a vida. Não havia um único senhorio em Boston que concordasse em nos alugar uma casa. Não que nós tivéssemos dinheiro para pagar, na verdade.

Há amargura na voz dela agora. Vejo que foi só o trauma recente que a fez parecer frágil. Em circunstâncias normais, esta garota é uma líder, como Graúna. Como Hana.

Sinto outra pontada de ciúmes ao olhar para Alex, ainda a observando.

— Então: os Saqueadores… — insiste Prego.

— Esqueça — diz Graúna. — Ela não está pronta para falar sobre isso.

— Não, não. Eu consigo. É só que… Quase não me lembro… — Mais uma vez ela balança a cabeça, desta vez com uma expressão confusa. — Vó estava com problema nas articulações. Não gostava de ir sozinha no escuro para o banheiro. Ficava com medo de cair. — Ela aperta os joelhos junto ao peito. — Então a gente se revezava para acompanhá-la. Era minha vez naquela noite. Foi só por isso que eu não… Só por isso que…

Ela não termina a frase.

— Os outros morreram, então? — pergunta Prego em tom seco.

Ela assente.

— Merda — murmura Dani, e chuta terra no ar.

— Foram queimados — diz a garota. — Dormindo. Vimos tudo. Os Saqueadores cercaram o celeiro e simplesmente… *buuufff!* O lugar pegou fogo como um fósforo. Vó perdeu a cabeça. Foi correndo até lá. Fui atrás dela… Depois disso, não me lembro de muita coisa. Pensei que ela estivesse pegando fogo… e então, recordo que acordei em uma vala e que estava chovendo… e aí vocês encontraram a gente…

— Merda, merda, merda. — Cada vez que Dani repete a palavra, chuta mais um pouco de terra.

— Você não está ajudando — reclama Graúna.

Prego esfrega a testa e suspira.

— Eles não estão mais na área — diz ele. — É um alívio para nós. Só precisamos torcer para nossos caminhos não se cruzarem.

— Quantos eram? — pergunta Pique a Coral. Ela apenas balança a cabeça em negativa. — Cinco? Sete? Dez? Vamos lá. Você tem que nos dar algo…

— Eu queria saber por quê — diz Alex.

Apesar de ele ter falado baixo, todos ficam em silêncio de imediato, prestando atenção. Eu amava isto nele: a forma como assume o comando de uma situação sem erguer a voz; a calma e a confiança que sempre irradiou.

Agora não posso sentir mais isso, então me concentro na presença de Julian atrás de mim, a poucos centímetros; nos joelhos de Alex e Coral se tocando e no fato de que ele não se afasta nem parece se importar.

— *Por que* o ataque? Por que queimar o celeiro? Não faz sentido. — Alex balança a cabeça. — Todos sabemos que os Saqueadores andam por aí para saquear e roubar, não destruir. Não foi roubo, foi um massacre.

— Os Saqueadores se aliaram à ASD — diz Julian.

Ele pronuncia as palavras com fluidez, apesar da dificuldade que deve ser para ele dizer isso. A ASD era a organização de seu pai, o trabalho de vida inteira de sua família, e, até Julian e eu nos encontrarmos, algumas poucas semanas atrás, era o trabalho de toda a vida dele também.

— Exato. — Alex se levanta. Apesar de ele e Julian mais uma vez estarem falando diretamente um com o outro, Alex se recusa a olhar em nossa direção, mantendo o olhar fixo em Graúna e Prego. — Não é mais questão de sobrevivência para eles, é? É questão de pagamento. Os riscos são maiores e os objetivos, outros.

Ninguém o contradiz. Todos sabem que ele está certo. Os Saqueadores nunca se preocuparam com a cura. Vieram para a Selva porque não conseguiam fazer parte (ou foram expulsos) da sociedade normal. Vieram sem lealdade e sem afiliação, sem ligarem para honra ou ideais. E, apesar de terem sido sempre impiedosos, os ataques serviam a um propósito: pilhavam e roubavam, pegavam suprimentos e armas, e não se importavam de matar enquanto isso.

Mas matar sem motivo e em troca de nada…

Isso é muito diferente. Isso é assassinato por encomenda.

— Eles estão nos destruindo — fala Graúna devagar, como se a ideia estivesse lhe ocorrendo neste momento. Ela se vira para Julian. — Eles vão nos caçar como… como animais. É isso?

Agora todos olham para ele, alguns com curiosidade, alguns com ressentimento.

— Não sei — gagueja ele quase imperceptivelmente. — Eles não podem nos deixar vivos.

— Agora posso dizer *merda*? — pergunta Dani, com sarcasmo.

— Mas se a ASD e os reguladores estão usando os Saqueadores para nos matar, isso é prova de que a resistência tem poder — digo em protesto. — Eles nos veem como ameaça. E isso é bom.

Durante anos, os Inválidos que moravam na Selva eram *protegidos* pelo governo, cuja posição oficial era de que a doença, *amor deliria nervosa*, tinha sido exterminada durante a *blitz* e todas as pessoas infectadas haviam sido erradicadas. Não existia mais amor. Reconhecer que comunidades Inválidas existiam seria uma admissão de fracasso.

Mas agora esse discurso não se sustenta mais. A resistência se tornou grande demais, visível demais. Eles não podem mais nos ignorar, não podem fingir que não existimos, então precisam tentar nos exterminar.

— É, vamos ver como é bom quando os Saqueadores nos assarem vivos — retruca Dani.

— Por favor. — Graúna se levanta. Há uma mecha branca em seu cabelo preto; nunca reparei antes, e me pergunto se sempre esteve ali ou se é recente. — Precisamos tomar mais cuidado. Vamos procurar lugares para os acampamentos com mais atenção e deixar alguém de sentinela à noite. Tudo bem? Se estiverem nos caçando, vamos ter que ser mais rápidos e mais espertos. E vamos ter que trabalhar *juntos*. Somos mais de nós a cada dia, certo? — Ela olha direto para Pique e Dani, depois desvia o olhar para Coral. — Você acha que tem forças para andar?

Coral assente.

— Acho que sim.

— Muito bem, então. — Prego está claramente ficando agitado. Devem ser pelo menos dez horas. — Vamos fazer a ronda final. Verificar as armadilhas e arrumar as coisas. Vamos dar o fora daqui o mais rápido possível.

Prego e Graúna não têm mais o controle incondicional do grupo, mas ainda conseguem fazer as pessoas *se mexerem*, e nesse caso ninguém discute. Estamos acampados perto de Poughkeepsie há quase três dias e, agora que decidimos um destino, estamos todos ansiosos para chegarmos lá.

O grupo se dispersa, todos se enfiando entre as árvores. Estamos viajando juntos há pouco menos de uma semana, mas cada um já assumiu um papel. Prego e Pique caçam; Graúna, Dani, Alex e eu nos revezamos em cuidar das armadilhas; Fê pega e ferve água. Julian embala as coisas para carregarmos, desembala tudo, embala de novo. Outros consertam roupas e remendam as barracas. Na Selva, a existência depende da ordem.

Quanto a isso, curados e não curados concordam.

Saio andando atrás de Graúna, que está subindo uma ladeira curta na direção de uma série de estruturas bombardeadas onde antigamente devia haver um quarteirão residencial. Há indícios da presença de guaxinins por aqui.

— Ela vem com a gente? — pergunto de repente.

— Quem? — Graúna parece surpresa de me ver ao seu lado.

— A garota. — Tento manter a voz neutra. — Coral.

Graúna ergue uma sobrancelha.

— Ela não tem muita escolha, tem? Ou vem ou fica e morre de fome.

— Mas… — Não consigo explicar por que teimo que não devemos confiar na garota. — Não sabemos nada sobre ela.

Graúna para de andar. Ela se vira para mim.

— Não sabemos nada sobre *ninguém* — diz ela. — Ainda não entendeu isso? Você não sabe porcaria nenhuma sobre mim, eu não sei porcaria nenhuma sobre você. Nem *você* sabe nada sobre si mesma.

Penso em Alex, na imagem estranha e pétrea do garoto que eu pensava conhecer. Talvez ele não tenha mudado tanto. Talvez eu *nunca* o tenha conhecido de verdade.

Graúna suspira e esfrega o rosto.

— Olhe, o que eu falei lá no início é sério. Estamos nisso juntos e temos que agir assim.

— Entendo.

Olho para trás, na direção do acampamento. De longe, o cobertor vermelho nos ombros de Coral parece se destacar, como uma gota de sangue em um piso encerado de madeira.

— Acho que não entende, não — diz Graúna. Ela para na minha frente e me obriga a olhar em seus olhos. Eles têm um ar severo, estão quase pretos. — Isto, o que está acontecendo agora, é a única coisa que importa. Não é um jogo. Não é uma brincadeira. É uma guerra. É maior do que você e eu. É maior do que todos nós juntos. Não importamos mais. — A voz dela se suaviza: — Lembra o que eu sempre lhe falei? O passado está morto.

Neste momento, sei que ela está falando de Alex. Minha garganta começa a se apertar, mas me recuso a deixar Graúna me ver chorar. Nunca mais vou chorar por Alex.

Graúna volta a andar.

— Pode ir — diz ela por cima do ombro. — Vá ajudar Julian a desmontar as barracas.

Olho para trás. Julian já desmontou metade delas. Enquanto observo, ele trabalha em mais uma, que se encolhe até virar nada, como um cogumelo brotando, só que ao contrário.

— Ele já deu conta — digo. — Não precisa de mim.

Sigo atrás dela.

— Ele precisa de você, sim — Graúna se vira, seu cabelo preto esvoaçando —, pode acreditar.

Por um segundo ficamos ali de pé, nos encarando. Há um brilho nos olhos de Graúna, uma expressão que não consigo decifrar. Um aviso, talvez.

E então ela repuxa os lábios em um sorriso.

— Ainda estou no comando, sabe — diz ela. — Você precisa me obedecer.

Então me viro e desço de volta para o acampamento, para Julian, pois ele precisa de mim.

Hana

De manhã, acordo e fico desorientada por um momento. O quarto está tomado pela luz do sol. Devo ter me esquecido de fechar as persianas.

Eu me sento e empurro as cobertas até o pé da cama. Gaivotas gritam lá fora, e, quando fico de pé, vejo que o sol tingiu a grama de um verde vívido.

Na escrivaninha, encontro um dos pertences que me dei o trabalho de desempacotar: *Depois da cura*, o grosso manual que me deram depois da intervenção. De acordo com a introdução, este livro "responde às perguntas mais comuns — e incomuns! — sobre a intervenção e os efeitos por ela provocados".

Abro depressa no capítulo sobre sonhos e passo os olhos em várias páginas que detalham, em termos técnicos chatos, o efeito colateral não pretendido da cura: sono sem sonhos. Então vejo uma frase que me faz querer abraçar o livro: "Como já enfatizamos repetidamente, as pessoas são diferentes, e, embora a intervenção minimize as variações em temperamento e personalidade, deve funcionar de forma diversa para cada um. Cerca de cinco por cento dos curados relatam que ainda sonham."

Cinco por cento. Não é uma quantidade grande, mas também não é uma porcentagem absurdamente pequena.

Sinto-me melhor, como não acontece há dias. Fecho o livro e tomo uma resolução repentina.

Vou de bicicleta até a casa de Lena hoje.

Há meses não chego nem perto da casa dela em Cumberland. Essa vai ser minha maneira de homenagear nossa antiga amizade e descartar o resquício da sensação ruim que me incomoda desde que vi Jenny. Lena pode ter sucumbido à doença, mas, no fim das contas, em parte a culpa foi minha.

Deve ser por isso que ainda penso nela. A cura não acaba com *todos* os sentimentos. A culpa ainda pulsa em mim.

Vou passar pedalando pela casa, ver que todo mundo está bem, e assim me sentirei melhor. A culpa requer absolvição, e não me absolvi por minha parcela no crime dela. Talvez eu até leve um pouco de café. A tia dela, Carol, adorava café.

Depois, volto para minha vida.

Jogo água no rosto, visto uma calça jeans e meu casaco preferido, já macio depois de anos na secadora, e prendo o cabelo em um coque desajeitado. Lena fazia careta sempre que eu o prendia assim. *Não é justo*, dizia ela. *Se eu tentasse fazer isso, ia parecer que um pássaro fez um ninho em minha cabeça.*

— Hana? Está tudo bem? — pergunta minha mãe do corredor.

A voz sai abafada e preocupada. Abro a porta.

— Tudo — digo. — Por quê?

Ela me observa com os olhos estreitados.

— Você estava… Você estava cantando?

Eu devia estar cantarolando sem perceber. Sinto um choque quente de vergonha.

— Estava tentando lembrar a letra de uma música que Fred tocou para mim — digo às pressas. — Não me lembro de mais do que algumas palavras.

Vejo em seu rosto que minha mãe relaxa.

— Tenho certeza de que você consegue encontrar na BMFA — diz ela. Ela pega meu queixo e observa meu rosto criticamente por um minuto. — Você dormiu bem?

— Perfeitamente — respondo.

Eu me solto da mão dela e sigo na direção da escada.

Lá embaixo, na cozinha, papai está andando de um lado para o outro, vestido para o trabalho só que sem gravata. Percebo, só pelo cabelo, que ele estava vendo o noticiário. Desde o outono, quando o governo deu a primeira declaração reconhecendo a existência dos Inválidos, papai insiste em manter a tevê ligada quase o tempo todo, mesmo quando saímos de casa. Enquanto assiste, enrola o cabelo entre os dedos.

No noticiário, uma mulher de batom laranja diz:

"*Cidadãos revoltados invadiram a delegacia de polícia na rua State esta manhã, exigindo saber como os Inválidos conseguiram se deslocar livremente pelas ruas da cidade para entregar as ameaças…*"

O Sr. Roth, nosso vizinho, está sentado à mesa da cozinha, girando uma caneca de café entre a palma das mãos. Ele está se tornando uma pessoa assídua em nossa casa.

— Bom dia, Hana — diz ele, sem tirar os olhos da tela.

— Oi, Sr. Roth.

Apesar de os Roth morarem do outro lado da rua e de a Sra. Roth viver falando sobre as roupas novas que comprou para a filha mais velha, Victoria, sei que eles estão em dificuldades. Nenhum dos filhos teve um pareamento muito bom, em especial por causa de um pequeno escândalo envolvendo Victoria, que diziam ter sido forçada a uma intervenção precoce depois de ter sido pega nas ruas após o toque de recolher. A carreira do Sr. Roth estagnou e os sinais de problema financeiro estão evidentes: eles não usam mais o carro, apesar de ainda estar parado, brilhando, logo atrás do portão de entrada. E as lâmpadas são apagadas cedo; obviamente, estão tentando economizar luz. Desconfio de que o Sr. Roth esteja vindo muito na nossa casa porque sua televisão não funciona mais.

— Oi, pai — digo ao passar pela mesa da cozinha.

Ele resmunga alguma coisa em resposta e torce outra mecha de cabelo. A apresentadora diz:

"*Os folhetos foram distribuídos em doze áreas. Alguns chegaram a ser encontrados em parquinhos e escolas de ensino fundamental.*"

As imagens mostram um grupo de manifestantes de pé nos degraus da prefeitura. Os cartazes dizem TOMEM O CONTROLE DE NOSSAS RUAS e AMÉRICA SEM *DELIRIA*. A ASD recebeu uma enxurrada de apoio depois que o líder, Thomas Fineman, foi assassinado, na semana passada. Ele já está sendo tratado como mártir, e memoriais em sua homenagem se espalham pelo país.

"*Por que ninguém está fazendo nada para nos proteger?*", pergunta um homem ao microfone. Ele é obrigado a gritar, por causa do barulho dos manifestantes. "*A polícia deveria nos proteger desses lunáticos. Mas eles estão infestando as ruas.*"

Eu me lembro de como fiquei desesperada para me livrar do folheto ontem à noite, como se fazer isso fosse significar que ele nunca existiu. Mas é claro que os Inválidos não se direcionaram a nós

especificamente.

— É revoltante! — explode meu pai. Eu só o vi levantar a voz duas ou três vezes na vida, e ele só perdeu o controle por completo uma vez: quando anunciaram os nomes das pessoas que haviam morrido nos ataques terroristas, e Frank Hargrove, pai de Fred, estava na lista dos mortos. Estávamos todos vendo tevê na sala, e de repente meu pai se virou e jogou o copo na parede. Foi tão chocante que minha mãe e eu só ficamos olhando. Nunca vou esquecer o que ele disse naquele dia: *Amor deliria nervosa* não é uma doença de amor. É uma doença de egoísmo. — Qual é o *sentido* da Administração Nacional de Segurança se…

— Venha, Rich — interrompe o Sr. Roth —, sente-se. Você está se aborrecendo.

— É claro que estou me aborrecendo. Essas *baratas*…

Na despensa, caixas de cereal e sacos de arroz estão enfileirados de forma organizada. Coloco um saco de café debaixo do braço e rearrumo os outros para que o espaço vazio não seja perceptível. Pego também um pedaço de pão e passo manteiga de amendoim, apesar de a notícia ter acabado quase completamente com a minha fome.

Na volta, passo de novo pela cozinha, e estou na metade do corredor quando meu pai se vira e pergunta:

— Aonde você vai?

Viro o corpo de forma que o saco de café não fique visível.

— Pensei em dar uma volta de bicicleta — digo com alegria.

— Andar de bicicleta? — repete meu pai.

— O vestido de noiva está ficando um pouco apertado. — Aponto com expressividade para o pedaço de pão. — Ando comendo por estresse, eu acho. — Pelo menos minha capacidade de mentir não mudou desde a cura.

Meu pai franze a testa.

— Apenas fique longe do centro, tudo bem? Houve um incidente ontem à noite…

— Vandalismo — diz o Sr. Roth. — Só isso.

Agora a televisão está mostrando cenas dos incidentes terroristas de janeiro: o desabamento repentino do lado leste das Criptas, capturado por uma câmera de baixa definição; fogo se espalhando pela prefeitura; pessoas saindo, desesperadas, de ônibus parados e correndo em pânico, confusas, pelas ruas; uma mulher agachada na baía, a parte de trás do vestido esvoaçante, gritando que o dia do juízo final chegou; uma quantidade enorme de poeira soprando pela cidade, deixando tudo branco como giz.

— Isso é só o começo — responde meu pai em tom severo. — Eles queriam que a mensagem fosse um aviso.

— Não vão conseguir nada. Não são organizados.

— Foi o que todo mundo disse no ano passado, e terminamos com um buraco nas Criptas, um prefeito morto e uma cidade cheia de psicopatas. Sabe quantos prisioneiros fugiram naquele dia? Trezentos.

— Reforçamos a segurança depois disso — insiste o Sr. Roth.

— A segurança não impediu que os Inválidos ameaçassem Portland como um correio gigante ontem à noite. Quem sabe o que pode acontecer? — Ele suspira e esfrega os olhos. Em seguida, se vira para

mim: — Não quero ver minha única filha sendo explodida em pedacinhos.

— Não vou para o centro, pai — digo. — Vou ficar longe da península.

Ele assente e se vira de novo para a televisão.

Lá fora, paro na varanda e como meu pão, mantendo o saco de café debaixo do braço. Percebo tarde demais que estou com sede. Mas não quero voltar lá.

Eu me ajoelho, passo o café para minha mochila velha (ainda com o cheiro fraco do chiclete de morango que eu mascava) e coloco o boné por cima do rabo de cavalo. Também coloco óculos escuros. Não por medo de ser vista por fotógrafos, mas é que não quero correr o risco de dar de cara com algum conhecido.

Pego a bicicleta da garagem e a empurro até a rua. Todo mundo diz que andar de bicicleta não se esquece, mas, por um momento, depois que subo, a bicicleta desequilibra, como se eu fosse uma criança pequena aprendendo a andar. Depois de alguns segundos incertos, consigo me equilibrar. Viro a bicicleta colina abaixo e começo a descer por Brighton Court, em direção à portaria e à saída do condomínio Fazendas WoodCove.

Tem algo de tranquilizador no *tique-tique-tique* das rodas no asfalto e na sensação do vento, forte e fresco, em meu rosto. Não é como quando eu corria, mas traz certa alegria, do mesmo modo que deitar em lençóis limpos no final de um longo dia.

O dia está perfeito, claro e surpreendentemente frio. Em um tempo como este, é quase impossível imaginar que metade do país esteja sofrendo pelo surgimento dos rebeldes; que Inválidos estejam correndo como esgoto por Portland, espalhando uma mensagem de paixão e violência. É quase impossível imaginar que haja qualquer coisa errada no mundo todo. Um canteiro de violetas acena para mim, como se concordasse comigo, quando passo por elas ganhando velocidade, deixando que a descida me leve. Cruzo voando os portões de ferro, sem parar, e levanto a mão em uma saudação rápida, embora duvide que Saul me reconheça.

Fora de WoodCove, o bairro sofre uma rápida transformação. Há terrenos do governo ao lado de alguns baldios, e passo por três estacionamentos seguidos de trailers, lotados de churrasqueiras portáteis e buracos de fogueiras, cobertos por uma camada de fumaça e cinzas, já que as pessoas que moram ali usam energia elétrica muito de vez em quando.

A avenida Brighton me leva para a península e tecnicamente atravessa a fronteira para o centro de Portland. Mas a prefeitura e o amontoado de prédios municipais e laboratórios onde as pessoas se reuniram para protestar ficam a muitos quilômetros daqui. Os prédios longe assim de Old Port não passam de poucos andares de altura e se revezam com lanchonetes de esquina, lavanderias baratas, igrejas velhas e postos de gasolina há muito desativados.

Tento me lembrar da última vez que fui até a casa de Lena, em vez de ela vir até a minha, mas só vejo um borrão de anos e imagens, cheiro de ravióli enlatado e leite em pó. Lena tinha vergonha da casa pequena em que morava e da própria família. Sabia o que as pessoas diziam. Mas sempre gostei de ir até a casa dela. Não sei bem por quê. Acho que na época era a bagunça que me atraía, as camas bem perto umas das outras no quarto do andar de cima, os eletrodomésticos que nunca funcionavam direito, disjuntores que desarmavam, uma máquina de lavar roupas enferrujada, usada para guardar roupas de inverno.

Apesar de oito meses terem se passado, sigo com facilidade o caminho para a casa de Lena, lembrando até o atalho pelo estacionamento que vai dar em Cumberland.

A esta altura estou suando. Paro a bicicleta a algumas portas da casa dos Tiddle, tiro o boné e passo a mão pelo cabelo para ficar pelo menos um pouco apresentável. Uma porta bate na rua, perto daqui, e uma mulher sai à varanda, que está entulhada de mobília quebrada e tem até, misteriosamente, um vaso sanitário manchado de ferrugem. A senhora segura uma vassoura e começa a varrer de um lado para o outro, de um lado para o outro, nos mesmos quinze centímetros de varanda, os olhos grudados em mim.

O bairro está pior, bem pior do que era. Metade das casas foi fechada com tábuas. Sinto-me como um mergulhador em um submarino novo, passando pelos restos de um navio que afundou. Cortinas tremulam nas janelas, e sinto que olhos invisíveis me seguem pela rua. Sinto também a raiva fervendo dentro de todas essas casas tristes e caindo aos pedaços.

Começo a me sentir incrivelmente burra por ter vindo aqui. O que vou dizer? O que *posso* dizer?

Mas agora que estou tão perto, não consigo dar as costas até ver o número 237, onde Lena morava. Assim que me aproximo do portão empurrando a bicicleta, percebo que a casa está abandonada há algum tempo. Faltam várias telhas e as janelas foram cobertas com madeira da cor de fungo. Alguém pintou um *X* grande na porta da frente, um símbolo de que a residência estava abrigando a doença.

— O que você quer?

Eu me viro. A mulher da varanda parou de varrer e agora está com a vassoura em uma das mãos, protegendo os olhos com a outra.

— Estava procurando os Tiddle.

Minha voz soa alta demais na rua vazia. A mulher me encara. Eu me forço a chegar mais perto, pedalando até o portão dela, do outro lado da rua, embora alguma coisa dentro de mim esteja se sacudindo, me mandando ir embora. Aqui não é lugar para mim.

— Os Tiddle se mudaram em outubro — diz ela, e recomeça a varrer. — Não eram mais bem-vindos aqui. Não depois de… — Ela para de falar de repente. — Bem. Enfim. Não sei o que aconteceu com eles, e também não ligo. Por mim, podem apodrecer em Highlands. Estavam estragando o bairro, dificultando as coisas para todo mundo…

— Foi para lá que eles foram? — Agarro-me ao pequeno fragmento de informação. — Para Deering Highlands?

Percebo imediatamente que a deixei em alerta.

— E isso lá é da sua conta? — pergunta ela. — Você por acaso é da Guarda Juvenil? Este bairro é bom, é limpo. — Ela bate na varanda com a vassoura, como se tentando afastar insetos invisíveis. — Leio a Suma todos os dias e passei em todas as minhas avaliações, como todo mundo. Mas as pessoas continuam xeretando e se metendo, procurando confusão…

— Não sou da ASD — digo para acalmá-la. — E não estou tentando arrumar confusão.

— Então o que está tentando fazer? — Ela estreita os olhos para mim, e vejo um brilho de reconhecimento em seu rosto. — Ei. Você já esteve aqui antes?

— Não — apresso-me a responder, e coloco de novo o boné.

Não vou conseguir mais ajuda aqui, sei disso.

— Tenho certeza de que conheço você de algum lugar — diz a mulher enquanto subo na bicicleta.

Sei que a qualquer momento ela vai ter o estalo: esta é a garota que foi pareada com Fred Hargrove.

— Não, não conhece — digo e saio para a rua.

* * *

Eu devia ter deixado pra lá. Sei que devia e, no entanto, mais do que nunca, tenho vontade de rever a família de Lena. Preciso saber o que aconteceu depois que ela partiu.

Não vou a Deering Highlands desde o verão, quando Alex, Lena e eu ficávamos no número 37 da rua Brooks, uma das muitas casas abandonadas do bairro. O número 37 da rua Brooks é onde Lena e Alex foram pegos pelos reguladores, e também o motivo para tentarem uma fuga malplanejada de última hora.

Deering Highlands também está mais maltratado do que lembro. O bairro foi praticamente abandonado anos atrás, depois que uma série de prisões na área criou a reputação de bairro maculado. Quando eu era pequena, as crianças mais velhas contavam histórias dos fantasmas dos não curados que haviam morrido de *amor deliria nervosa* e ainda vagavam pelas ruas. Desafiávamos uns aos outros a entrar em Highlands e tocar as construções abandonadas. O desafio era manter a mão ali por dez segundos inteiros, tempo o bastante para a doença penetrar pelas pontas dos dedos.

Lena e eu fizemos isso juntas uma vez. Ela perdeu a coragem depois de quatro segundos, mas eu esperei os dez, contando devagar e alto, de forma que as garotas que estavam olhando ouvissem. Fui a heroína do segundo ano por duas semanas inteiras.

No verão passado, houve uma batida em uma festa ilegal em Highlands. Eu estava lá. Deixei Steven Hilt se inclinar e sussurrar para mim, a boca encostando em meu ouvido.

Foi uma das quatro festas ilegais a que fui desde a formatura. Lembro como eu me sentia empolgada ao andar sorrateira pelas ruas, bem depois do toque de recolher, com o coração na garganta, e de me encontrar com Angelica Marston no dia seguinte. Nós duas ríamos porque tínhamos escapado ilesas e falávamos aos sussurros sobre beijar e pensávamos em fugir para a Selva, como se fôssemos garotinhas falando sobre o País das Maravilhas.

Essa é a questão. Era coisa de criança. Um grande jogo de faz de conta.

Não era para acontecer comigo, com Angie nem com ninguém. E definitivamente não era para acontecer com Lena.

Depois da batida, a cidade de Portland retomou oficialmente a posse do bairro e demoliu várias casas. O plano era montar novos condomínios de baixa renda para alguns funcionários municipais, mas as construções foram interrompidas depois dos incidentes terroristas. Ao entrar em Highlands, só vejo destroços: buracos no chão e árvores caídas, com as raízes expostas ao céu, terra revirada e suja e placas de metal enferrujadas declarando a área como perigosa.

Está tudo tão silencioso que até o som das rodas da bicicleta girando parecem ressoar alto demais. Um pensamento me ocorre de repente, involuntário: *Em silêncio pelo túmulo eu vou; ou debaixo de túmulos estou* — a velha rima que sussurrávamos ao passar por um cemitério quando crianças.

Um cemitério: é exatamente o que Highlands é agora.

Desço da bicicleta e a encosto em uma velha placa de rua que aponta o caminho para a avenida

Maple, outra rua com áreas amplas de terra escura e remexida e árvores de raízes expostas.

Sigo pela Maple por um tempo, me sentindo cada vez mais idiota. Não tem ninguém aqui. Isso é óbvio. E Deering Highlands é um bairro grande, um emaranhado de ruas pequenas e becos sem saída. Mesmo se a família de Lena estiver escondida em algum lugar aqui, não vou necessariamente encontrá-la.

Mas meus pés continuam se mexendo, um na frente do outro, como se controlados por alguma força externa ao meu cérebro. O vento sopra em silêncio pelos terrenos vazios e a atmosfera tem cheiro de podridão. Passo por uma base antiga, exposta ao ar, que me lembra estranhamente os raios X que meu dentista me mostrava: estruturas pontudas e cinzentas, como um maxilar aberto e preso ao chão.

Então sinto: cheiro de madeira queimada, leve porém indiscutível, misturado aos outros cheiros.

Alguém está fazendo uma fogueira.

Pego a esquerda no cruzamento seguinte e entro na rua Wynnewood. Esse é o Highlands de que me lembro do verão. Aqui, as casas não foram demolidas. Ainda espreitam, sombrias e vazias, por trás de pinheiros há muito de pé.

Minha garganta começa a se apertar e relaxar, apertar e relaxar. Não posso estar longe do número 37 da rua Brooks agora. Tenho um pavor repentino de dar de cara com a casa.

Tomo uma decisão: se eu chegar à rua Brooks, vai ser um sinal de que devo dar meia-volta. Vou para casa; vou esquecer essa missão ridícula.

— Mamãe, mamãe… ajude-me a chegar em casa…

A frase cantarolada me faz parar. Fico imóvel por um minuto, prendendo a respiração, tentando encontrar de onde vem o som.

— Estou na floresta, estou sozinha…

São frases de uma antiga canção de ninar que falava sobre os supostos monstros que viviam na Selva. Vampiros. Lobisomens. Inválidos.

Só que, no fim das contas, os Inválidos de fato existem.

Saio da rua para a grama, ando por entre as árvores que ladeiam a via. Caminho devagar, tomando o cuidado de pisar com os dedos dos pés de leve no chão antes de levar o peso do corpo para a frente. A voz é tão baixa, tão fraca…

Depois de uma curva, vejo uma menina agachada no meio da rua, em uma área grande banhada pelo sol. Seu cabelo escuro e embaraçado cai como uma cortina na frente do rosto. Ela é puro osso. Os joelhos são duas bolotas.

Ela está segurando uma boneca suja em uma das mãos e uma vareta na outra. A ponta foi afiada. A boneca tem cabelo de lã amarelo-escuro e olhos de botões pretos, embora só um deles ainda esteja preso ao rosto. A boca não passa de um ponto de lã vermelha, também se soltando.

— Fui abordada por um vampiro, um podre sacripanta…

Fecho os olhos, deixo que os versos da cantiga voltem à minha mente.

Mamãe, mamãe, ponha-me para dormir,

Não chegarei em casa, já estou semimorta.

Encontrei um Inválido e me encantei por sua sedução.

Ele me mostrou seu sorriso e atacou meu coração.

Quando abro os olhos, ela ergue o olhar por um instante enquanto perfura o ar com a estaca de

mentira, como se matasse um vampiro. Por um momento, tudo em mim para. É Grace, a prima mais nova de Lena. A prima favorita de Lena.

É Grace, que nunca, nunca disse nada para ninguém, nem uma palavra nos seis anos em que a vi crescer desde que nasceu.

— Mamãe, ponha-me para dormir…

Apesar de estar fresco na sombra das árvores, uma gota de suor se formou entre meus seios. Sinto-a escorrendo para a barriga.

— Encontrei um Inválido e me encantei por sua sedução…

Agora ela pega a vareta e começa a arranhar o pescoço da boneca, como se fazendo uma cicatriz de intervenção.

— *Suma de hábitos, higiene e harmonia* formam *Shhh* — cantarola ela.

Sua voz está mais aguda agora, um murmúrio de ninar.

— Shhh. Seja uma boa menina. Não vai doer nada, prometo.

Não consigo mais ver isso. Ela está cutucando o pescoço mole da boneca, fazendo a cabeça balançar em resposta, como se concordando. Saio de trás das árvores.

— Gracie — chamo.

Estico um braço instintivamente, como se estivesse me aproximando de um animal selvagem.

Ela fica paralisada. Dou mais um passo na direção dela, cuidadoso. Ela agora parece segurar a vareta com força.

— Grace. — Limpo a garganta. — Sou eu, Hana. Sou amiga… eu era amiga da sua prima, Lena.

De súbito ela se levanta e sai correndo, deixando a boneca e a vareta para trás. Corro atrás dela pela rua, em um gesto automático.

— Espere! — grito. — Por favor… Não vou machucar você!

Grace é *rápida*. Já abriu quinze metros de distância entre nós. Ela desaparece dobrando uma esquina. Quando chego lá, ela sumiu.

Paro de correr. Meu coração está disparado na garganta, e sinto um gosto ruim na boca. Tiro o boné e limpo o suor da testa, sentindo-me muito idiota.

— Sua burra — digo. Como isso faz eu me sentir melhor, repito, um pouco mais alto: — Sua burra.

Ouço uma risadinha em algum lugar atrás de mim. Eu me viro: ninguém. Os cabelos se eriçam em minha nuca; de repente tenho a sensação de estar sendo observada e me ocorre que, se a família de Lena está aqui, também deve haver outras. Reparo que há cortinas de chuveiro baratas nas janelas da casa do outro lado da rua; ao lado da construção há um jardim coberto de entulho plástico, brinquedos e baldes e blocos de construção, mas tudo bem arrumado, como se alguém tivesse brincado ali recentemente.

Constrangida de repente, volto para a proteção das árvores, mantendo os olhos na rua em busca de sinais de movimento.

— Temos o direito de estar aqui, sabe.

A voz sussurrada vem diretamente de trás de mim. Eu me viro, tão surpresa que por um momento não consigo falar. Uma garota saiu do meio das árvores. Ela me encara com grandes olhos castanhos.

— Willow? — digo, engasgada.

Suas pálpebras tremem. Se ela me reconhece, não dá sinal algum. Mas é ela, sem dúvida; Willow

Marks, minha antiga colega de turma, que foi tirada da escola pouco antes da formatura por causa de boatos de que ela havia sido pega com um garoto não curado no parque Deering Oaks depois do toque de recolher.

— Temos o direito — repete ela, com aquele mesmo sussurro urgente. Ela retorce as mãos compridas e magras. — Um caminho e uma direção para todo mundo… Essa é a promessa da cura…

— Willow. — Dou um passo para trás e quase tropeço. — Willow, sou eu. Hana Tate. Éramos da mesma turma no ano passado. Tínhamos aula de matemática com o Sr. Fillmore, lembra?

Suas pálpebras palpitam. O cabelo é comprido e está todo embaraçado. Lembro que ela tingia algumas mechas de cores diferentes. Meus pais sempre disseram que ela se meteria em confusão. Eles me mandaram ficar longe dela.

— Fillmore, Fillmore — repete ela. Quando Willow vira a cabeça, vejo a marca de três pontos da intervenção. Lembro que ela foi tirada abruptamente da escola apenas alguns meses antes da formatura. Todo mundo disse que os pais a obrigaram a passar por uma intervenção precoce. Ela franze a testa e balança a cabeça. — Não sei… Não lembro bem… — Ela leva as unhas à boca, e vejo que as cutículas estão mordidas, machucadas.

Meu estômago se revira. Preciso sair daqui. Eu jamais devia ter vindo.

— Foi bom ver você, Willow — digo.

Começo a me afastar devagar, tentando não me mover rápido demais apesar de querer desesperadamente sair correndo.

De repente Willow estica o braço e enlaça meu pescoço, me puxando para si, como se quisesse me beijar. Dou um grito e começo a me debater, mas ela é surpreendentemente forte.

Com uma das mãos, ela começa a tatear meu rosto, cutuca as bochechas e o queixo, como uma pessoa cega. As unhas dela em minha pele são como pequenos roedores de garras afiadas.

— Por favor. — Para meu horror, vejo que estou quase chorando. Minha garganta está em espasmos; o medo dificulta a respiração. — Por favor, me solte.

Os dedos dela encontram a cicatriz de minha intervenção. Ela parece murchar de imediato. Por um segundo seus olhos ganham foco, e, quando ela olha para mim, vejo a velha Willow: inteligente e desafiadora. E agora, neste momento, derrotada.

— Hana Tate — diz ela com tristeza. — Pegaram você também.

Ela então me solta e eu saio correndo.

Lena

Coral nos faz retardar o passo. Ela não tem ferimentos visíveis agora que tomou banho e foram feitos curativos nos vários cortes e arranhões, mas é evidente que está fraca. Fica para trás assim que começamos a andar, e Alex lhe faz companhia. Na primeira parte do dia, embora eu tente ignorar, ouço a conversa deles em meio às outras vozes. Uma vez, ouço Alex cair na gargalhada.

À tarde, encontramos um carvalho grande no caminho. Há várias linhas marcadas no tronco. Solto um grito de reconhecimento assim que vejo: um triângulo, seguido de um número e uma seta rudimentar. É o desenho à faca de Lupi, a série específica de marcas que ele usou durante a relocação no ano passado, quando viemos do norte, para marcar nosso progresso e nos ajudar a encontrar o caminho de volta na primavera.

Lembro especificamente que essa marca indica o caminho para uma casa que encontramos no ano passado, intacta e habitada por uma família de Inválidos. Graúna também deve reconhecer.

— Bingo — diz ela, sorrindo. Em seguida, ergue a voz para o grupo: — Por aqui! Temos um teto!

Há gritos e exclamações. Uma semana longe da civilização nos faz desejar as coisas mais simples: tetos e paredes e banheiras de água quente. Sabonete.

A casa fica a pouco mais de um quilômetro daqui. Quando vejo o telhado inclinado, coberto de folhas marrons e hera emaranhada, meu coração dá um pulo. A Selva, tão vasta e mutante, tão desorientadora, também nos faz desejar o familiar.

— Paramos aqui no outono — falo para Julian. — Durante a viagem para o sul, quando viemos de Portland. Eu me lembro daquela janela quebrada. Está vendo que eles remendaram com madeira? E da pequena chaminé de pedra em meio às plantas no telhado.

Mas reparo que a casa está mais maltratada do que estava há apenas seis meses. A fachada de pedra está mais escura, coberta de uma superfície brilhosa de limo preto que se entremeou nas fendas. A pequena clareira ao redor da casa, onde ano passado montamos nossas barracas, está com grama alta e plantas com espinhos.

Não vemos fumaça saindo da chaminé. Deve ficar frio dentro da casa sem o fogo aceso. No outono passado, as crianças saíram correndo ao nosso encontro quando estávamos chegando perto da entrada. Elas sempre ficavam do lado de fora, rindo e gritando, provocando umas às outras. Agora há silêncio e imobilidade, exceto pelo vento na vegetação, um suspiro baixo.

Começo a ficar incomodada. Os outros devem sentir o mesmo que eu. Cobrimos o último quilômetro e meio depressa, nos deslocando juntos como um grupo grande, animados com a promessa de uma refeição real, um espaço fechado, uma chance de nos sentirmos humanos. Mas agora, todos ficam em silêncio.

Graúna chega à porta primeiro. Ela hesita com o punho erguido; mas então, bate. O som é oco e alto demais no silêncio. Nada acontece.

— Talvez tenham saído para coletar alimentos — digo.

Estou tentando sufocar o pânico crescente, o sentimento agudo de medo que eu tinha sempre que passava pelo cemitério de Portland. É melhor ir rápido, dizia Hana, *senão eles vão botar a mão para fora do túmulo e agarrar seu tornozelo.*

Graúna não responde. Ela segura a maçaneta e gira. A porta se abre.

Ela se vira para Prego, que pega o rifle e passa na frente para entrar na casa. Graúna parece aliviada por ele ter assumido a liderança. Ela tira uma faca do cinto e o segue. O resto de nós vai atrás.

O cheiro é horrível. Um pouco de luz penetra na escuridão pela porta aberta e pelas frestas da madeira que cobre a janela. Vemos apenas o contorno da mobília, boa parte quebrada ou virada. Alguém dá um grito.

— O que aconteceu? — pergunto em um sussurro.

Julian encontra minha mão e a aperta. Ninguém responde. Prego e Graúna avançam no aposento e seus pés esmagam vidro quebrado. Prego bate com a coronha do rifle com força na madeira da janela; as tábuas se quebram facilmente e mais luz entra no aposento.

Não é de surpreender que o cheiro esteja tão ruim; há comida podre saindo de uma panela de cobre derrubada. Quando dou um passo à frente, insetos correm para os cantos. Luto contra uma onda de náusea.

— Meu Deus — murmura Julian.

— Vou olhar lá em cima — diz Prego em um tom de voz normal, o que me faz dar um pulo. Alguém acende uma lanterna e o facho ilumina o chão sujo. Então lembro que também tenho uma lanterna. Reviro a mochila tentando encontrá-la.

Sigo com Julian até a cozinha, mantendo a lanterna à frente, rígida, como se fosse nos proteger. Há mais sinais de luta aqui: alguns vidros quebrados, mais insetos e comida apodrecendo. Levo a manga do casaco até o nariz e respiro através do tecido. Passo o facho de luz da lanterna pelas prateleiras da despensa. Ainda estão razoavelmente bem supridas: vidros de legumes e carnes em conserva enfileirados junto a pilhas de carne-seca. Os vidros estão rotulados com uma caligrafia caprichada que identifica o conteúdo; sinto uma tontura repentina, uma vertigem forte, quando me lembro da mulher de cabelo vermelho-fogo debruçada em um dos potes com a caneta, sorrindo e dizendo: *Estamos quase sem papel. Daqui a pouco vamos ter que começar a adivinhar o que tem dentro de cada um.*

— Ninguém aqui — anuncia Prego.

Ouvimos quando ele desce a escada. Julian me leva por uma espécie de corredor até a sala, onde encontramos a maior parte do grupo ainda reunida.

— Saqueadores de novo? — pergunta Gordo em tom ríspido.

Prego passa a mão pelo cabelo.

— Não estavam procurando comida — digo. — A despensa ainda está cheia.

— Talvez não fossem Saqueadores — diz Lupi. — Talvez a família tenha ido embora.

— Como é? E destruíram a casa antes de partir? — Prego chuta uma caneca de metal. — E deixaram a comida para trás?

— Talvez estivessem com pressa — insiste Lupi.

Mas é evidente que nem ele acredita no que diz; a atmosfera na casa está rançosa, estranha. Esta é uma casa onde algo muito ruim aconteceu, e todos nós sentimos isso.

Sigo em direção à porta aberta e saio para a varanda, onde inspiro o aroma limpo do exterior, o cheiro de espaço aberto e de plantas. Queria que não tivéssemos vindo até aqui.

Metade do grupo já saiu da casa. Dani avança pelo jardim sem pressa, abrindo caminho por entre a grama com a mão (procurando o quê, eu não sei), como se estivesse andando com água até os joelhos. Dos fundos da casa, ouço o diálogo aos gritos; depois, a voz de Graúna acima do barulho:

— Voltem, voltem. Não desçam aí. Já *falei*, não desçam aí.

Meu estômago se contrai. Ela encontrou alguma coisa.

Ela contorna a casa sem fôlego. Seus olhos estão brilhando de raiva. Mas tudo que ela diz é:

— Encontrei.

Ela não precisa dizer que estão mortos.

— Onde? — pergunto em um quase gemido.

— No pé da colina — responde ela simplesmente e passa por mim para entrar na casa.

Não quero voltar para lá, para o cheiro e a escuridão e a fina camada de morte que cobre tudo (é isso a tal coisa estranha, aquele silêncio do mal), mas volto.

— O que você encontrou? — pergunta Prego.

Ele continua de pé no meio da sala. Todos os outros estão ao redor dele em um semicírculo, paralisados, quietos, e por um momento, quando entro ali, tenho a impressão de que são estátuas na luz cinzenta.

— Evidência de uma fogueira — diz Graúna e acrescenta um pouco mais baixo: — Ossos.

— Eu sabia. — A voz de Coral soa alta e um tanto histérica. — Eles estiveram aqui. Eu *sabia*.

— Já foram embora — diz Graúna com voz tranquilizadora. — Não vão voltar.

— Não foram Saqueadores.

Todos nós nos viramos. Alex está de pé na porta. Uma coisa vermelha, um laço ou tira de tecido, está enrolada frouxamente na mão.

— Eu falei para você não ir lá — diz Graúna.

Ela o encara com raiva. Mas, por baixo da raiva, também vejo medo.

Ele a ignora e entra na sala, balançando o tecido enquanto anda, erguendo-o para que possamos ver. É uma tira comprida de fita plástica vermelha. Vemos, impressas em intervalos, a imagem de uma caveira, ossos cruzados e as palavras: CUIDADO RISCO BIOLÓGICO.

— Toda a área foi isolada — diz Alex.

Sua expressão é neutra, mas a voz sai meio estrangulada, como se ele estivesse falando com um pano tapando a boca.

Agora *eu* me sinto como uma estátua. Quero falar, mas minha mente deu branco.

— O que isso quer dizer? — pergunta Pique.

Ele cresceu na Selva. Não sabe quase nada sobre a vida nas áreas cercadas, os reguladores e as medidas de saúde, as quarentenas e as prisões, o medo de contaminação.

Alex se vira para ele:

— Os infectados não são enterrados. Eles são mantidos separados nas prisões ou queimados.

Por apenas um segundo, os olhos de Alex encontram os meus. Sou a única pessoa aqui que sabe que o corpo do pai dele foi enterrado no pequeno pátio das Criptas, sem marcas, sem homenagens; sou a

única pessoa que sabe que, durante anos, Alex visitou o túmulo improvisado e escreveu o nome do pai com caneta permanente em uma pedra, para impedir que fosse esquecido. *Sinto muito*, tento lhe transmitir em pensamento, mas seus olhos já não estão mais em mim.

— É verdade, Graúna? — pergunta Prego, e ele é incisivo.

Ela abre a boca, mas volta a fechá-la sem dizer nada. Por um segundo, penso que vai negar tudo. Mas por fim diz, em tom de resignação:

— Parece coisa de reguladores.

Há uma inspiração coletiva.

— Porra — murmura Alistar.

— Não acredito — diz Pique.

— Reguladores… — repete Julian. — Mas isso quer dizer…

— A Selva não é mais segura — concluo por ele. O pânico está crescendo agora, dominando meu peito. — A Selva não é mais *nossa*.

— Feliz agora? — pergunta Graúna, lançando um olhar de raiva para Alex.

— Eles tinham que saber — diz ele simplesmente.

— Tudo bem. — Prego levanta as mãos. — Acalmem-se. Isso não muda nada. Nós já sabíamos que havia Saqueadores por aí. Só temos que ficar alertas. Lembrem-se, os reguladores não conhecem a Selva. Não estão acostumados com a natureza nem com território aberto. Esta é a *nossa* terra.

Sei que Prego está fazendo o melhor que pode para nos tranquilizar, mas está errado quanto a uma coisa: isso muda tudo, *sim*. Uma coisa é lançar bombas dos céus. Mas os reguladores atravessaram as barreiras, reais e imaginárias, que separavam nossos mundos. Rasgaram o tecido de invisibilidade que nos protege há anos.

De repente, lembro-me de uma vez que voltei para casa e descobri que um guaxinim tinha entrado na casa de tia Carol e roído todas as caixas de cereal, espalhando migalhas em todos os aposentos. Nós o encurralamos no banheiro e tio William atirou nele, dizendo que provavelmente transmitia doenças. O guaxinim deixou migalhas nos meus lençóis; tinha subido na minha cama. Lavei os lençóis três vezes antes de voltar a usá-los, e mesmo então sonhei com pequenas garras afundando na minha pele.

— Vamos limpar parte dessa sujeira — diz Prego. — Vamos colocar o máximo de pessoas que conseguirmos aqui dentro. O resto acampa lá fora.

— Vamos *ficar* aqui? — diz Julian de repente.

Prego olha para ele com intensidade.

— Por que não?

— Porque… — Julian lança um olhar de impotência para todo mundo. Ninguém olha nos olhos dele. — Pessoas foram mortas aqui. É… errado.

— *Errado* é voltar para a Selva se temos um teto, uma despensa cheia de comida e armadilhas melhores aqui do que as porcarias que andamos usando — diz Prego com rispidez. — Os reguladores já estiveram aqui. Não vão voltar. Fizeram o serviço da primeira vez.

Julian olha para mim em busca de ajuda. Mas conheço Prego bem demais e conheço a Selva também. Só balanço a cabeça para Julian. *Não discuta.*

— O cheiro vai sair mais rápido se a gente abrir mais janelas — diz Graúna.

— Tem lenha cortada e empilhada lá fora — acrescenta Alex. — Posso acender uma fogueira.

— Muito bem, então. — Prego não olha para Julian novamente. — Está acertado. Vamos passar a noite aqui.

* * *

Empilhamos o entulho nos fundos. Tento não olhar muito para as tigelas quebradas, para as cadeiras partidas, nem pensar no fato de que seis meses atrás eu me sentei nelas, aquecida e alimentada.

Esfregamos o chão com vinagre que encontramos no armário. Graúna pega grama seca do jardim e queima nos cantos, até que o cheiro doce e sufocante de podridão seja finalmente afastado.

Ela me manda para fora com algumas pequenas armadilhas e Julian se voluntaria para ir comigo. Deve estar procurando uma desculpa para ficar fora da casa. Percebo que, mesmo depois de termos limpado os aposentos e eliminado quase todas as evidências de luta, ele ainda se sente desconfortável.

Andamos em silêncio por um tempo, em meio ao jardim com plantas crescidas demais, até o emaranhado de árvores. O céu está manchado de cor-de-rosa e roxo e as sombras são pinceladas grossas e escuras no chão. Mas o ar continua quente e várias árvores têm pequenas folhas verdes.

Gosto de ver a Selva assim: magra, nua, ainda não vestida para a primavera. Mas querendo, procurando e crescendo, cheia de vontade e sede pelo sol, sede que é saciada um pouco mais a cada dia. Em pouco tempo a Selva vai explodir, embriagada e vibrante.

Julian me ajuda a montar as armadilhas, enterrando-as para escondê-las. Gosto da sensação de terra quente, das pontas dos dedos de Julian.

Depois que posicionamos todas as armadilhas e marcamos a localização delas amarrando um pedaço de barbante nas árvores ao redor, Julian diz:

— Acho que não consigo voltar lá. Ainda não.

— Tudo bem.

Eu me levanto e limpo as mãos na calça jeans. Também ainda não estou pronta para voltar. E não é só a casa. É Alex. É o grupo também, as lutas e facções, os ressentimentos e resistências. Tão diferente do que encontrei quando cheguei à Selva, no antigo lar. Lá, todos pareciam uma família.

Julian também fica de pé. Passa a mão pelo cabelo. De repente, ele diz:

— Lembra quando nos conhecemos?

— Quando os Saqueadores…? — começo, mas ele me interrompe:

— Não, não. — Ele balança a cabeça. — Antes disso. Na reunião da ASD.

Faço que sim com a cabeça. Ainda é estranho imaginar que o garoto que vi naquele dia, o garoto-propaganda da causa anti*deliria*, a encarnação da correção, podia ter a mais vaga relação com este garoto que anda ao meu lado, o cabelo emaranhado na testa como fios retorcidos de caramelo, o rosto vermelho de frio.

É isso que me espanta: que as pessoas são novas todos os dias. Que nunca são as mesmas. Precisamos inventá-las a todo momento, e elas precisam se reinventar também.

— Você esqueceu sua luva. E voltou e me viu olhando fotos…

— Eu lembro — digo. — Imagens de vigilância, certo? Você me disse que estava procurando

acampamentos de Inválidos.

— Era mentira. — Julian balança a cabeça. — Eu só… gostava de ver todo aquele espaço aberto. Aquele espaço, sabe? Mas nunca imaginei… Mesmo quando sonhava com a Selva e os lugares sem fronteira, não pensava que podia ser realmente assim.

Pego a mão dele.

— Eu sabia que você estava mentindo — digo.

Os olhos de Julian estão de um azul puro hoje, cor de verão. Às vezes ficam tempestuosos, como oceanos ao amanhecer; outras vezes ficam pálidos como o céu da aurora. Estou aprendendo todas essas variações de cores. Ele passa um dedo no contorno do meu maxilar.

— Lena…

Julian está me olhando com tanta intensidade que começo a ficar nervosa.

— Qual é o problema? — pergunto, tentando manter a voz leve.

— Nada. — Ele pega minha outra mão. — Não tem problema nenhum. Eu… eu quero lhe contar uma coisa.

Não, tenho vontade de dizer, mas a palavra se dissolve em um borbulhar de gargalhadas, o sentimento histérico que eu tinha logo antes das provas. Sem querer ele espalhou terra na bochecha, e começo a rir.

— O que foi? — Ele parece exasperado.

Agora que comecei a rir, não consigo parar.

— Terra — digo, e estico a mão para tocar seu rosto. — Você está cheio de terra.

— Lena — fala ele, de forma tão enérgica que acabo ficando quieta. — Estou tentando falar uma coisa, está bem?

Por um segundo ficamos em silêncio, olhando um para o outro. A Selva está perfeitamente imóvel pela primeira vez. É como se até as árvores estivessem prendendo a respiração. Eu me vejo refletida nos olhos de Julian, um eu de sombra, toda forma, sem substância. Como será que pareço aos olhos dele?

Julian inspira fundo. E então, apressadamente, diz:

— Eu amo você.

Na mesma hora, eu digo:

— Não fale.

Outra onda de silêncio. Julian parece assustado.

— O quê? — indaga ele depois de um tempo.

Queria poder retirar essas palavras que eu disse. Queria poder dizer *Também amo você*. Mas as palavras estão presas no peito.

— Julian, você precisa saber o quanto eu gosto de você. — Tento tocá-lo, mas ele recua.

— Não.

Ele afasta o olhar. O silêncio se prolonga entre nós. Está mais escuro a cada minuto. O ar tem uma textura cinza, como carvão que começou a desmanchar.

— É por causa dele, não é? — diz Julian por fim, voltando a olhar para mim. — Alex.

Acho que Julian nunca disse o nome dele.

— Não — digo, mas de maneira forçada demais. — Não é ele. Não existe mais nada entre nós.

Ele balança a cabeça. Dá para ver que não acredita em mim.

— Por favor — digo. Tento tocá-lo de novo, e desta vez ele me deixa passar a mão pelo seu maxilar. Fico na ponta dos pés e o beijo. Ele não se afasta, mas também não retribui o beijo. — Só preciso de um pouco de tempo.

Ele acaba cedendo. Pego seus braços e envolvo meu corpo. Ele beija meu nariz, depois minha testa, depois segue até minha orelha com os lábios.

— Eu não sabia que seria assim — diz ele em um sussurro. E acrescenta: — Estou com medo.

Sinto o coração dele batendo sob as camadas de roupa. Não sei a que exatamente ele está se referindo, se à Selva, à fuga, a estar comigo, a amar alguém, mas o aperto com força e apoio a cabeça em seu peito ereto.

— Eu sei — digo. — Também estou com medo.

E então, de longe, a voz de Graúna ecoa pelo ar:

— A gororoba está pronta! Coma ou deixe os outros comerem!

A voz dela assusta um bando de pássaros, que saem voando e gritando para o céu. O vento aumenta, e a Selva volta a ganhar vida com movimentos e sons de animais e estalos: uma constante barulheira sem sentido.

— Venha — digo, e o levo de volta em direção à casa morta.

Hana

Explosões: um abalo repentino no céu. Primeiro uma, depois outra. Depois, uma dezena, sons rápidos de tiros, fumaça e luz e explosões de cor em um céu azul-claro de fim de tarde.

Todo mundo aplaude quando a série final de fogos de artifício estoura acima do terraço. Meus ouvidos estão ecoando e o cheiro de fumaça faz minhas narinas arderem, mas aplaudo também.

Fred agora é oficialmente prefeito de Portland.

— Hana!

Fred vem em minha direção, sorrindo, as luzes das câmeras o rodeando. Durante os fogos de artifício, quando todo mundo subiu para os terraços do Clube de Golfe de Harbor, ficamos separados. Agora, ele segura minha mão.

— Parabéns — digo. Mais câmeras, *clique, clique, clique*, com mais uma série em miniatura de fogos de artifício. Cada vez que pisco, vejo uma explosão de cores atrás das pálpebras. — Estou muito feliz por você.

— Feliz por *nós*, você quer dizer.

O cabelo de Fred, que ele cuidadosamente penteou com gel, foi ficando cada vez mais desgrenhado ao longo da noite e migrou para a frente, uma mecha rebelde caindo sobre o olho direito. Sinto uma onda de prazer. Estes são minha vida e meu lugar: aqui, ao lado de Fred Hargrove.

— Seu cabelo — sussurro.

Ele leva a mão à cabeça e dá tapinhas no cabelo, ajeitando-o.

— Obrigado.

No mesmo momento, uma mulher que reconheço vagamente da equipe do *Portland Daily* aproxima-se de Fred.

— Prefeito Hargrove — diz ela, e fico emocionada ao ouvi-la se referir a ele assim. — Estou tentando falar com o senhor a noite toda. Tem um minuto…?

Sem esperar a resposta, ela o leva para longe de mim. Ele olha por cima do ombro e diz com movimentos labiais: *Sinto muito.* Aceno de leve para mostrar que entendo.

Agora que os fogos acabaram, as pessoas voltam para o salão, onde a recepção vai prosseguir. Todos estão rindo e conversando. É uma bela noite, um momento de comemoração e esperança. Em seu discurso, Fred prometeu restaurar a ordem e a estabilidade de nossa cidade e acabar com os simpatizantes e resistentes que se espalharam entre nós — como cupins, disse ele, erodindo lentamente a estrutura básica de nossa sociedade e de nossos valores.

Chega, disse ele, e todos aplaudiram.

Esta é a imagem do futuro: pares felizes, luzes intensas e boa música, roupas chiques e conversa agradável. Willow Marks e Grace, as casas podres de Deering Highlands e a culpa que me obrigou a sair de casa de bicicleta ontem, tudo isso parece um sonho ruim.

Lembro-me do olhar imensamente triste de Willow para mim. *Pegaram você também*.

Não me pegaram, eu deveria ter dito. *Me salvaram*.

Os últimos filetes fugidios de fumaça desapareceram. As colinas verdes do campo de golfe são engolidas por sombras roxas.

Por um segundo fico de pé na varanda, saboreando a ordem de tudo: a grama cortada e a vegetação cuidadosamente podada, o dia virando noite e virando dia de novo e de novo, um futuro previsível, uma vida sem dor.

Quando o grupo de pessoas no terraço diminui, troco olhares com um garoto de pé do outro lado. Ele sorri para mim. É familiar, embora por um momento eu não consiga lembrar seu nome. Mas quando ele começa a vir em minha direção, sinto uma onda de reconhecimento.

Steve Hilt. Quase não acredito.

— Hana Tate — diz ele. — Acho que ainda não posso chamá-la de Hargrove, posso?

— Steven.

No verão passado, eu o chamava de Steve. Agora, parece impróprio. Ele mudou; deve ser por isso que não o reconheci a princípio. Quando ele inclina a cabeça na direção da garçonete para colocar na bandeja a taça de vinho vazia, vejo que foi curado.

Mas não é só isso: está gordo, a barriga arredondada sob a camisa de botão, o maxilar se fundindo ao pescoço. O cabelo está penteado para trás, do mesmo jeito que meu pai usa.

Tento me lembrar da última vez que o vi. Deve ter sido na noite da batida em Highlands. Fui à festa mais pela esperança de vê-lo. Lembro-me de ficar no porão semiescuro enquanto o piso tremia ao ritmo da música, o suor e a umidade cobrindo as paredes, o cheiro de álcool e de protetor solar e corpos apertados em um espaço pequeno. E ele encostou o corpo no meu. Era tão magro na época, alto, magro e bronzeado, e deixei que passasse as mãos em minha cintura, debaixo de minha blusa, e ele se inclinou e encostou a boca na minha, abriu meus lábios com a língua.

Eu acreditei que o amava. Ele acreditou que me amava.

E então: o primeiro grito.

Tiros.

Cachorros.

— Você está bonita — disse Steven.

Até a voz dele parece diferente. Mais uma vez, não consigo deixar de pensar em meu pai, na voz tranquila e grave de um adulto.

— Você também — minto.

Ele inclina a cabeça, me lança um olhar que diz ao mesmo tempo *Obrigado* e *Eu sei*. Inconscientemente, recuo alguns centímetros. Não acredito que o beijei no verão. Não consigo acreditar que arrisquei tudo, contágio, infecção, por esse garoto.

Mas não. Ele era um garoto diferente na época.

— E então, quando será o evento feliz? No próximo sábado, certo?

Ele coloca as mãos nos bolsos e se balança.

— Na outra sexta. — Pigarreio. — E você? Já foi pareado?

Não me ocorreu perguntar no verão passado.

— Claro. Celia Briggs. Você a conhece? Está na UP agora. Só vamos nos casar quando ela se

formar.

Eu conheço Celia Briggs. Ela estudava na New Friends Academy, uma escola rival à St. Anne. Tinha o nariz adunco e uma gargalhada alta e rouca que sempre dava a impressão de que ela estava com uma grave infecção de garganta.

Como se adivinhasse meus pensamentos, Steven diz:

— Ela não é a garota mais bonita do mundo, mas é gente boa. E o pai é chefe da Agência Reguladora, então vamos ficar bem-estabelecidos. Foi assim que conseguimos um convite para esta festa. — Ele dá uma gargalhada. — Nada mau, devo dizer.

Apesar de sermos praticamente as únicas pessoas na varanda agora, sinto-me claustrofóbica de repente.

— Com licença. — Preciso me obrigar a olhar para ele. — Tenho que voltar para a festa. Mas foi ótimo ver você.

— O prazer foi meu — diz ele, e dá uma piscadela. — Divirta-se.

Só consigo assentir. Entro pelas portas de vidro e puxo a barra do vestido, que prendeu em uma farpa na passagem. Mas não paro; dou um puxão com força e ouço o tecido se rasgar. Passo pelo aglomerado de convidados: os integrantes mais ricos e importantes da comunidade de Portland, todos cheirosos e maquiados e bem-vestidos. Conforme ando pelo salão, ouço trechos de conversas, um fluxo constante de sons.

— Vocês sabem que o prefeito Hargrove tem ligações com a ASD.

— Não publicamente.

— Ainda não.

Ver Steven Hilt me desestabilizou por motivos que não consigo entender. Alguém coloca uma taça de champanhe em minha mão. Bebo rapidamente, sem pensar. As bolhas estouram em minha garganta, e preciso prender um espirro. Faz muito tempo que não bebo nada.

As pessoas rodopiam pelo salão, ao redor da banda, dançando *pas de deux* e valsa com braços rígidos, passos graciosos e definidos: desenhos abstratos se formando, se formando, me deixando tonta só de olhar. Duas mulheres, as duas altas, com a aparência régia das aves de rapina, olham para mim quando passo por elas.

— Garota muito bonita. Aparência saudável.

— Não sei. Ouvi que roubaram na pontuação dela. Acho que Hargrove poderia ter recebido alguém melhor…

As mulheres entram no rodopio dos dançarinos e suas vozes se perdem. Conversas diferentes as encobrem.

— Eles receberam permissão para quantos filhos?

— Não sei, mas ela parece capaz de gerar uma ninhada inteira.

Um calor começa a subir por meu peito e minhas bochechas. Eu. Estão falando de mim.

Olho em busca de meus pais ou da Sra. Hargrove, mas não os vejo. Também não vejo Fred, e tenho um momento de pânico: estou em um salão cheio de estranhos.

É quando percebo que não tenho mais amigos. Imagino que a partir de agora terei que fazer amizade com os amigos de Fred, pessoas de nossa classe e posição, pessoas que compartilham os

mesmos interesses. Pessoas como estas pessoas.

Respiro fundo e tento me acalmar. Eu não deveria me sentir assim. Deveria sentir coragem, confiança e indiferença.

— Parece que ela teve alguns problemas no último ano antes da cura. Começou a manifestar sintomas…

— Acontece com muitos deles, não é? É por isso que é tão importante que o novo prefeito se alie à ASD. Todo mundo pode ser curado. É o que eu digo.

— Por favor, Mark, deixe isso pra lá…

Por fim, avisto Fred do outro lado do salão, cercado por um pequeno grupo e com um fotógrafo de cada lado. Tento chegar até ele, mas sou impedida pela multidão, que parece estar aumentando no decorrer da noite. Um cotovelo me atinge na lateral do corpo, me lançando cambaleante contra uma mulher que segura uma taça grande de vinho tinto.

— Com licença — murmuro, e passo por ela.

Ouço um gritinho sufocado e algumas risadinhas nervosas, mas estou concentrada demais em atravessar a multidão para me preocupar com o que atraiu a atenção delas.

Vejo minha mãe vindo em disparada na minha direção. Ela segura meu cotovelo com força.

— O que aconteceu com seu vestido? — murmura ela.

Olho para baixo e vejo uma mancha vermelha se espalhando no peito. Tenho uma vontade imprópria de gargalhar; parece que levei um tiro. Felizmente, consigo sufocar a vontade.

— Uma mulher derrubou em mim — digo, me desvencilhando dela. — Eu estava indo ao banheiro. — Assim que falo isso, sinto alívio: vou ter um descanso no banheiro.

— Então ande logo. — Ela balança a cabeça, como se fosse minha culpa. — Fred vai fazer um brinde daqui a pouco.

— Não vou demorar — digo.

O corredor está bem mais frio; meus passos são absorvidos pelo tapete fofo. Sigo para o banheiro feminino e abaixo a cabeça para evitar contato visual com alguns convidados que passam pelo corredor. Um homem fala alto, com ostentação, ao celular. Todo mundo aqui tem dinheiro. O ar cheira a flores e levemente a fumaça de charuto.

Quando chego ao banheiro, faço uma pausa com a mão na porta. Ouço vozes murmurando lá dentro e uma explosão de gargalhadas.

— Ela vai ser uma boa esposa para ele — diz uma mulher claramente. — O que é ótimo, depois do que aconteceu com Cassie.

— Quem?

— Cassie O'Donnell. O primeiro par dele. Você não lembra?

Fico parada com a mão na porta. Cassie O'Donnell. A primeira esposa de Fred. Não me contaram praticamente nada sobre ela. Prendo a respiração e torço para que continuem a falar.

— Claro, claro. Quando foi mesmo? Dois anos atrás?

— Três.

— Sabe, minha irmã estudou com ela no fundamental — disse outra voz. — Ela usava o nome do meio na época, Melanea. É um nome idiota, não acha? Minha irmã diz que ela era uma vaca. Mas acho

que teve o que merecia no final.

— A justiça divina tarda, mas não falha.

Ouço alguém vindo em minha direção. Dou um passo para trás, mas não rápido o bastante. A porta se abre. Surge uma mulher. Ela deve ser um pouco mais velha do que eu e está em estágio avançado de gravidez. Assustada, recua para me dar passagem.

— Você ia entrar? — pergunta, em tom agradável.

Ela não demonstra sinal algum de desconforto ou constrangimento, apesar de provavelmente desconfiar que ouvi a conversa. Seu olhar desce para a mancha em meu vestido.

Atrás dela, duas mulheres em frente ao espelho me observam com a mesma expressão de curiosidade e divertimento.

— Não — digo, e então viro e volto pelo corredor.

Posso até imaginar as mulheres se virando umas para as outras com sorrisinhos sarcásticos.

Mergulho cegamente em outro corredor, ainda mais silencioso e frio que o anterior. Não devia ter tomado champanhe; acabei ficando tonta. Apoio-me na parede.

Não pensei muito em Cassie O'Donnell, o primeiro par de Fred. Só sei que eles ficaram casados durante mais de sete anos. Uma coisa terrível deve ter acontecido; as pessoas não se divorciam mais. Não há necessidade. É praticamente ilegal.

Talvez ela não pudesse ter filhos. Se fosse biologicamente defeituosa, haveria alegação para divórcio.

As palavras de Fred voltam a minha mente: *Eu estava com medo de ter recebido uma com defeito.* Está frio no corredor, e eu tremo.

Uma placa indica o caminho para outros banheiros descendo um lance de escadas acarpetado. Está totalmente silencioso, exceto por um zumbido elétrico que ressoa baixinho. Seguro o corrimão grosso para me equilibrar nos saltos.

No pé da escada, faço uma pausa. O piso não é acarpetado e está quase todo tomado pela escuridão. Só vim a este clube duas vezes antes, as duas com Fred e sua mãe. Minha família nunca foi sócia, embora meu pai esteja pensando em entrar agora. Fred diz que metade dos negócios do país é conduzida em clubes como este, e que há um motivo para o Consórcio ter tornado o golfe o esporte nacional quase trinta anos atrás.

Um jogo de golfe perfeito não desperdiça um movimento sequer: ordem, forma e eficiência são suas marcas registradas. Aprendi tudo isso com Fred.

Passo por vários salões de banquete amplos, todos às escuras, que devem ser usados para eventos particulares. Acabo reconhecendo o enorme café onde Fred e eu almoçamos uma vez. Por fim encontro o banheiro feminino: um aposento cor-de-rosa, como uma gigantesca almofada perfumada.

Prendo o cabelo no alto da cabeça e seco o rosto rapidamente com toalhas de papel. Não tem nada que eu possa fazer quanto à mancha no vestido, então solto a faixa da cintura e prendo-a de forma frouxa ao redor dos ombros, amarrando-a entre os seios. Não é meu melhor visual, mas pelo menos estou parcialmente apresentável.

Agora que me recompus, percebo que posso pegar um atalho para voltar para o salão seguindo para a esquerda em vez de para a direita e indo até os elevadores. No corredor, ouço um murmúrio de vozes e um ruído de estática de televisão.

Uma porta entreaberta leva a uma espécie de copa. Há vários garçons com a gravata afrouxada, a camisa parcialmente desabotoada e sem avental — deixados sobre a bancada, enrolados — reunidos ao redor de uma televisão. Um deles está com os pés em cima da reluzente bancada de metal.

— Aumente o som — diz uma das ajudantes de cozinha.

O sujeito com os pés para cima resmunga e se inclina para a frente, baixando as pernas para apertar o botão do volume. Enquanto ele se ajeita de volta na cadeira, vejo a imagem na tela: uma área verde enorme, entrelaçada com espirais de fumaça escura. Sinto uma emoção pequena e elétrica e involuntariamente fico paralisada.

A Selva. Só pode ser.

"*Em um esforço para exterminar os últimos terrenos de disseminação da doença, reguladores e tropas do governo estão penetrando na Selva…*", diz o âncora do jornal.

Corta. Imagens de tropas terrestres do governo, com roupas camufladas, correndo por uma estrada interestadual, acenando e sorrindo para as câmeras.

"*Enquanto o Consórcio se reúne para debater o futuro dessas áreas descaracterizadas, o presidente fez um discurso de improviso para a imprensa, no qual prometeu capturar os Inválidos restantes e cuidar para que sejam punidos ou tratados.*"

Corta. Imagem do presidente Sobel inclinando-se no palanque daquele seu jeito familiar, como se a qualquer momento fosse cair em cima das câmeras na plateia.

"*Vamos precisar de tempo e de tropas. Vamos precisar de coragem e paciência. Mas vamos vencer esta guerra…*", diz ele.

Corta. Agora vemos o quebra-cabeça verde e cinza formado por fumaça, vegetação e pequenas línguas bifurcadas de fogo. E então outra imagem: mais vegetação, um rio estreito serpenteando entre os pinheiros e salgueiros. E depois outra, desta vez um lugar em que as árvores foram queimadas até a terra vermelha.

"*O que vocês estão vendo agora são imagens aéreas de todo o país, onde nossas tropas foram empregadas para caçar os últimos hospedeiros da doença…*"

Pela primeira vez me ocorre que Lena muito provavelmente está morta. É burrice eu nunca ter pensado nisso até agora. Vejo a fumaça subindo das árvores e imagino pedacinhos de Lena flutuando junto: unhas, cabelo, cílios, tudo cinzas.

— Desliguem isso — ordeno, sem parar para pensar.

Todos os quatro garçons se viram ao mesmo tempo. Eles se levantam imediatamente, ajeitam a gravata e começam a colocar a camisa para dentro da calça preta de cintura alta.

— Podemos fazer alguma coisa pela senhorita? — pergunta educadamente um deles, um homem mais velho.

Outro estica o braço e desliga a televisão. O silêncio que vem em seguida é inesperado.

— Não, eu… Eu só estava tentando voltar para o salão de baile.

O garçom mais velho pisca uma vez, o rosto impassível. Sai para o corredor e aponta para os elevadores, que ficam a menos de três metros dali.

— É só subir um andar, senhorita. O salão fica no final do corredor. — Ele deve achar que sou idiota, mas continua a me lançar um sorriso gentil. — Quer que eu a acompanhe até lá em cima?

— Não — digo, com extrema firmeza. — Não, não precisa.

Praticamente saio correndo. Sinto os olhos do garçom em mim. Para meu alívio, o elevador chega rápido. Solto o ar com força quando a porta se fecha. Apoio a cabeça na parede do elevador: sinto-a fria. Respiro fundo.

O que há de errado comigo?

Quando a porta se abre, o som de vozes aumenta, uma trovoada de aplausos. Quando entro no brilho intenso do salão, mil vozes repetem:

— À sua futura esposa!

Vejo Fred no palco, erguendo uma taça de champanhe da cor de ouro líquido. Vejo mil rostos alegres e inchados virados em minha direção, como luas infladas. Vejo mais champanhe, mais líquido, mais balanço.

Levanto a mão. Aceno. Sorrio.

Mais aplausos.

* * *

No carro, ao voltarmos para casa, Fred está quieto. Ele insistiu para ficar sozinho comigo e mandou a mãe e meus pais na frente com outro motorista. Supus que ele tivesse algo para me dizer, mas até agora não falou nada. Está de braços cruzados, o queixo apoiado no peito. Quase parece estar dormindo. Mas reconheço essa postura: ele a herdou do pai. Significa que está pensando.

— Acho que foi um sucesso — digo, quando o silêncio se torna intolerável.

— Hmmm. — Ele esfrega os olhos.

— Cansado? — pergunto.

— Estou bem. — Ele levanta o queixo. Em seguida, abruptamente, se inclina para a frente e bate no vidro que nos separa do motorista. — Tom, pode parar por um segundo?

Tom para o carro imediatamente e desliga o motor. Está escuro, e não consigo ver exatamente onde estamos. De cada lado do carro há muros altos de árvores escuras. Quando os faróis são desligados, fica praticamente um breu. A única luz vem de um poste de rua quinze metros à frente.

— O que estamos…? — começo a perguntar, mas Fred se vira e me interrompe:

— Lembra quando expliquei para você as regras do golfe?

Levo um susto tão grande, tanto pela urgência na voz dele quanto pela aleatoriedade da pergunta, que só consigo assentir.

— Eu falei — diz ele — sobre a importância do *caddy*. Sempre um passo atrás, um aliado invisível, uma arma secreta. Sem um bom *caddy*, até o melhor jogador de golfe pode ir mal.

— Certo.

O carro parece pequeno e quente demais. Sinto o cheiro acre de álcool na respiração de Fred. Tento abrir a janela, mas é claro que não consigo. O motor está desligado; as janelas estão trancadas.

Fred passa a mão pelo cabelo com agitação.

— Olhe, o que estou dizendo é que você é meu *caddy*. Consegue entender? Espero que você… preciso que você esteja cem por cento atrás de mim.

— Eu estou — digo. Então limpo a garganta e repito: — Eu estou.

— Tem certeza? — Ele se inclina mais dois centímetros para a frente e coloca a mão na minha perna. — Você vai sempre me apoiar, aconteça o que acontecer?

— Sim. — Sinto uma pontada de dúvida e, por trás da dúvida, medo. Nunca vi Fred assim tão intenso. A mão dele aperta minha coxa com muita força. Estou com medo de ficar marcada. — É para isso que serve o pareamento.

Fred me olha por mais um segundo. E, de repente, me solta.

— Que bom.

Ele bate na janela do motorista mais uma vez, o que Tom interpreta como um sinal para ligar o carro e voltar a dirigir. Fred se recosta no banco como se nada tivesse acontecido.

— Que bom que nos entendemos. Cassie nunca me *entendeu*. Ela não ouvia. Essa era boa parte do problema.

O carro volta a andar.

— Cassie?

Meu coração salta na caixa torácica.

— Cassandra. Meu primeiro par. — Fred sorri, tenso.

— Não entendo — digo.

Por um momento, ele não diz nada. E então, subitamente:

— Sabe qual era o problema do meu pai? — Vejo que ele não espera que eu responda, mas balanço a cabeça mesmo assim. — Ele acreditava nas pessoas. Acreditava que, se as pessoas pudessem ver o caminho certo, o caminho para a saúde e a ordem, uma forma de ficarem livres da infelicidade, fariam a escolha certa. Obedeceriam. Ele era ingênuo. — Fred se vira para mim de novo. Seu rosto foi envolto pela escuridão. — Ele não entendia. As pessoas são teimosas e estúpidas. São irracionais. São destruidoras. Essa é a questão, não é? É o que realmente motiva a cura. As pessoas não vão mais destruir a própria vida. Não vão ser capazes disso. Você entende?

— Entendo.

Penso em Lena e naquelas imagens da Selva em chamas. Pergunto-me o que ela estaria fazendo agora se tivesse ficado. Estaria dormindo profundamente em uma cama decente; acordaria amanhã com o sol surgindo na baía.

Fred se volta para a janela e assume um tom severo:

— Fomos complacentes. Já permitimos muita liberdade e muita oportunidade para rebeliões. Isso precisa acabar. Não vou mais permitir; não vou ver minha cidade, meu país, serem consumidos por dentro. E vai acabar agora.

Apesar de Fred e eu estarmos separados por trinta centímetros, estou com tanto medo dele quanto na hora em que estava apertando minha coxa. Também nunca o vi assim, tão grave e estranho.

— O que você pretende fazer? — pergunto.

— Precisamos de um sistema — diz ele. — Vamos recompensar as pessoas que seguirem as regras. É o mesmo princípio de treinar um cachorro, na verdade.

Lembro-me da mulher na festa: *Ela parece capaz de gerar uma ninhada inteira.*

— E vamos punir as pessoas que não se ajustarem. Não fisicamente, claro. Moramos em um país

civilizado. Planejo indicar Douglas Finch como novo ministro da Energia.

— Ministro da Energia? — repito. Nunca ouvi o termo.

Chegamos a um sinal de trânsito, um dos poucos ainda em funcionamento no centro. Fred aponta vagamente para o sinal.

— A eletricidade não é de graça. A energia não é de graça. Tem que ser conquistada. A eletricidade, a luz, o calor serão dados às pessoas que fizerem por merecer.

Por um momento, não consigo pensar em nada para dizer. Interrupções de fornecimento de energia e blecautes sempre foram obrigatórios em certas horas da noite, e, nos bairros mais pobres, principalmente agora, muitas famílias preferem ficar sem máquina de lavar. São caras demais para manter.

Mas todo mundo sempre teve *direito* à eletricidade.

— Como é que é? — questiono.

Fred interpreta minha pergunta de forma literal.

— É bem simples, na verdade. A rede já existe, e é tudo computadorizado hoje em dia. É apenas uma questão de coletar dados e digitar alguns comandos. Um clique liga a eletricidade; outro clique desliga. Finch vai tomar conta de tudo isso. E podemos reavaliar o fornecimento a cada seis meses, mais ou menos. Queremos ser justos. Como falei, vivemos em um país civilizado.

— As pessoas vão se revoltar — digo.

Fred dá de ombros.

— Já estou esperando certa resistência inicial — diz ele. — Por isso é tão importante você estar do meu lado. Quando tivermos as pessoas certas atrás de nós, as pessoas importantes, todos vão entrar na linha. Vão ter que entrar. — Fred pega minha mão. — Vão aprender que se revoltar e resistir só vai piorar as coisas. Precisamos de uma política de tolerância zero.

Minha mente dá voltas. Sem energia não há luz, nem refrigeração, nem fornos funcionando. Nem fornalhas.

— O que as pessoas vão fazer para se aquecer? — pergunto de repente.

Fred dá uma risadinha como se eu fosse um filhote de cachorro que acabou de aprender um truque novo.

— O verão está quase chegando — diz ele. — Acho que o aquecimento não vai ser problema.

— Mas o que vai acontecer quando começar a esfriar? — insisto. No Maine, os invernos duram de setembro a maio. Ano passado, tivemos vinte centímetros de neve. Penso na magrela Grace, com os cotovelos que mais parecem maçanetas, as escápulas que lembram asas fechadas. — O que as pessoas vão fazer?

— Acho que vão descobrir que a liberdade não aquece — diz ele, e posso ouvir o sorriso em sua voz. Ele se inclina para a frente e bate na janela do motorista. — Que tal um pouco de música? Estou com vontade de ouvir alguma coisa. Um som animado… Concorda comigo, Hana?

Lena

A noite cai rapidamente, trazendo consigo o frio.

Estamos perdidos.

Procuramos uma antiga estrada que deveria nos levar até Waterbury. Pique está convencido de que estamos mais ao norte do que deveríamos; Graúna acha que estamos muito para o sul.

Andamos às cegas, nos guiando por uma bússola e por uma série de desenhos antigos que foram passados entre mercadores e Inválidos, preenchidos aos poucos, e que mostram uma variedade aleatória de marcos: rios; estradas e cidades desmanteladas e bombardeadas na *blitz*; as fronteiras de cidades estabelecidas, para sabermos e evitarmos; barranceiras e locais por onde não dá para passar. A direção, como o tempo, é algo muito geral, sem limites e fronteiras. É um processo sem-fim de interpretação e reinterpretação, de voltar atrás e se ajustar.

Ficamos parados enquanto Pique e Graúna discutem. Meus ombros doem. Tiro a mochila e me sento em cima; tomo um gole da água do cantil que prendi no cinto. Julian está atrás de Graúna, o rosto vermelho, o cabelo escuro de suor e o casaco amarrado na cintura. Está tentando ver além dela, olhar o mapa que Pique está segurando. Julian está emagrecendo.

Alex está um pouco afastado do grupo, sentado em cima da mochila também. Coral faz o mesmo e chega mais perto dele até seus joelhos se tocarem. Em questão de dias eles se tornaram quase inseparáveis.

Por mais que eu queira, não consigo me obrigar a afastar o olhar. Não entendo sobre o que ele e Coral tanto falam. Eles conversam enquanto andam e enquanto montam o acampamento. Conversam nas horas das refeições, separados dos outros em um canto. E, no entanto, ele quase não fala com mais ninguém, e não trocou uma única palavra comigo desde nosso encontro com o urso.

Ela deve ter feito uma pergunta a ele, porque o vejo balançar a cabeça.

E então, por apenas um segundo, os dois olham para mim. Eu me viro rapidamente, com as bochechas pegando fogo. Estavam falando de mim. Eu sei. Fico curiosa para saber o que ela perguntou.

Você conhece aquela garota? Ela está olhando para você.

Você acha Lena bonita?

Aperto as mãos até as unhas afundarem nas palmas, inspiro profundamente e tento parar de pensar nisso. O que Alex pensa de mim, assim como o próprio Alex, é irrelevante.

— Estou dizendo, deveríamos ter ido para o leste — diz Pique —, na direção da antiga igreja. Está marcada no mapa.

— Não é uma igreja — contesta Graúna, arrancando o mapa da mão dele. — É a árvore pela qual passamos mais cedo, aquela partida pelo relâmpago. E significa que devíamos ter continuado para o norte.

— Estou dizendo, isso é uma *cruz*…

— Por que não enviamos batedores? — interrompe Julian.

Surpresos, os dois ficam em silêncio e se viram para ele. Graúna franze a testa e Pique encara Julian com evidente hostilidade. Meu estômago começa a dar um nó, e peço silenciosamente: *Não se meta nisso. Não diga nenhuma besteira.*

— Em grupo nós avançamos mais devagar, e será perda de tempo e de energia se seguirmos na direção errada — continua Julian calmamente. — Por um segundo, vejo o antigo Julian surgir na superfície, o Julian de conferências e pôsteres, o líder jovem da ASD, seguro de si. — Acho que duas pessoas poderiam seguir para o norte…

— Por que para o norte? — interrompe Pique, com irritação.

— Ou para o sul, tanto faz — responde Julian, sem hesitar. — Caminhamos por metade de um dia, procuramos a estrada. Se não encontrarmos, seguimos na outra direção. No mínimo vamos conhecer melhor a região. Podemos ajudar a orientar o grupo.

— "Podemos"? — repete Graúna.

— Quero me voluntariar — diz ele, olhando para ela.

— Não é seguro — digo de repente, me levantando. — Há Saqueadores patrulhando a área, talvez reguladores também. Precisamos ficar juntos. Senão seremos presa fácil.

— Ela tem razão — diz Graúna, virando-se para Julian. — Não é seguro.

— Já encarei Saqueadores antes — argumenta Julian.

— E quase morreu — digo.

Ele sorri.

— Quase.

— Vou com ele. — Prego cospe um pedaço grande de tabaco no chão e limpa a boca com as costas da mão. Olho para ele com raiva. Ele me ignora. Prego nem tenta disfarçar que acha um erro termos salvado Julian e que tê-lo conosco é um risco. — Você sabe atirar?

— Não — respondo. — Não sabe.

Agora todo mundo está olhando para mim, mas não me importo. Não sei o que Julian está tentando provar, mas não estou gostando disso.

— Sei manusear uma arma — mente Julian.

Prego assente.

— Tudo bem, então. — Ele tira outro pedaço de tabaco de uma bolsinha que usa pendurada no pescoço e coloca na boca. — Vou só tirar umas coisas da mochila. Partimos em meia hora.

— Tudo bem, pessoal. — Graúna levanta os braços em um gesto de resignação. — É melhor acamparmos aqui, então.

O grupo todo começa a colocar mochilas e suprimentos no chão, como um único animal trocando de pele. Pego o braço de Julian e o puxo para longe de todo mundo.

— O que foi isso?

Estou me esforçando para manter a voz baixa. Vejo que Alex nos observa. Ele parece achar graça. Minha vontade era pegar alguma coisa para jogar nele.

Puxo Julian e o viro, de forma que ele bloqueie Alex do meu campo de visão.

— Que foi? — Ele enfia as mãos nos bolsos.

— Não se faça de desentendido. Você não devia ter se oferecido como batedor. Isso não é

brincadeira, Julian. Estamos no meio de uma guerra.

— Eu não acho que seja brincadeira. — A calma dele é irritante. — Sei melhor do que ninguém do que o outro lado é capaz, lembra?

Desvio o olhar e mordo o lábio. Ele tem razão. Se alguém sabe alguma coisa sobre a tática dos zumbis, esse alguém é Julian Fineman.

— Mas você não conhece a Selva — insisto. — E Prego não vai protegê-lo. Se forem atacados, se alguma coisa acontecer e for uma questão de escolha entre vocês ou nós, ele vai deixar você para trás. Não vai colocar o grupo em perigo.

— Lena. — Julian coloca as mãos nos meus ombros e me força a olhar para ele. — Não vai acontecer nada, ok?

— Você não tem como saber — digo.

Estou exagerando, mas não consigo evitar. Por algum motivo, tenho vontade de chorar. Lembro-me de Julian me dizendo baixinho *Eu amo você*, seu peito subindo e descendo contra as minhas costas quando estamos dormindo.

Eu amo você, Julian. Mas as palavras não saem.

— Os outros não confiam em mim — diz Julian. Abro a boca para protestar, mas ele me interrompe: — Não tente negar. Você sabe que é verdade.

Eu não o contradigo.

— E daí? Você precisa provar seu valor?

Ele suspira e esfrega os olhos.

— Escolhi me estabelecer aqui, Lena. Escolhi ficar com você. Agora preciso conquistar meu espaço. Não é questão de provar meu valor. Mas, como você mesma disse, tem uma guerra acontecendo. Não quero ficar sentado vendo tudo acontecer. — Ele se inclina para a frente e beija minha testa uma vez. Ainda hesita por uma fração de segundo antes de me beijar, como se tivesse que afastar aquele velho medo, o pavor do toque e da contaminação. — Por que está tão incomodada com isso? Não vai acontecer nada.

Estou com medo, tenho vontade de dizer. *Estou com uma sensação ruim. Eu amo você e não quero que se machuque.* Mais uma vez, porém, é como se as palavras estivessem presas, enterradas bem embaixo de medos passados e vidas passadas, como fósseis comprimidos sob camadas de terra.

— Vamos voltar em poucas horas — diz Julian, e pega meu queixo com uma das mãos. — Você vai ver.

* * *

Eles não voltam até a hora do jantar e não voltam até a hora em que jogamos terra na fogueira para apagá-la de vez. É um risco deixá-la acesa a essa hora, e Graúna insiste em apagarmos, apesar do frio e apesar de assim Julian e Prego terem mais dificuldade para encontrar o caminho de volta.

Eu me ofereço para ficar acordada de vigia. Estou nervosa demais para dormir. Graúna me dá um casaco extra de nossa reserva de roupas. As noites ainda são cortadas por um ar gelado.

A algumas centenas de metros do acampamento há uma sutil elevação no terreno e um antigo muro

de cimento, ainda repleto de letras pichadas; é o que vai me proteger do vento. Eu me encolho com as costas na pedra e seguro a caneca de água que Graúna ferveu para mim mais cedo para ajudar a aquecer meus dedos. Minhas luvas se perderam ou foram roubadas em algum lugar entre o lar de Nova York e aqui, e agora tenho que me virar sem elas.

A lua sobe e tinge de um leve brilho branco o acampamento, as figuras deitadas, as barracas e abrigos improvisados. Ao longe se vê uma torre d'água ainda intacta, pairando acima das árvores como um inseto de aço, apoiado nas pernas compridas e finas. O céu está claro e sem nuvens, e milhares de estrelas flutuam na escuridão. Uma coruja pia, um som oco e triste que ecoa pelo bosque. Mesmo assim de perto, o acampamento parece tranquilo, envolvido na névoa branca, cercado das ruínas de antigas casas: telhados despencados no chão, um balanço virado, um escorrega de plástico ainda aparecendo na terra.

Depois de duas horas, estou bocejando tanto que meu maxilar dói, e meu corpo todo parece cheio de areia molhada. Apoio a cabeça no muro e luto para manter os olhos abertos. As estrelas lá no alto ficam borradas e se juntam… tornando-se um raio de luz, a luz do sol, de onde Hana sai, com folhas no cabelo, dizendo: *"Não foi uma piada engraçada? Eu nunca planejei ser curada, sabe…"* Seus olhos estão fixos nos meus, e quando ela dá um passo à frente, vejo que está prestes a pisar em uma armadilha. Tento avisá-la, mas…

Crec. Acordo de um pulo, o coração latejando na garganta, e me agacho rapidamente, sem fazer barulho. O ar está novamente parado, mas sei que não imaginei nem sonhei aquele ruído. Foi o som de um galho estalando.

Um passo.

Que seja Julian, penso. *Que seja Prego.*

Passo os olhos pelo acampamento e vejo uma sombra se movendo por entre as barracas. Fico tensa. Estico os braços muito lentamente para apoiar o rifle nas mãos. Meus dedos estão duros de frio e desajeitados. A arma parece mais pesada do que antes.

Quando a pessoa pisa em uma área iluminada pela lua, respiro aliviada. É só Coral. A pele dela brilha em um tom branco vívido sob o luar, e ela está usando um moletom grande demais que reconheço como sendo de Alex. Meu estômago se contrai. Levo o rifle até o ombro, aponto para ela e penso: *Bang.*

Abaixo rapidamente a arma, envergonhada.

Meu povo anterior não estava completamente errado. O amor é um tipo de posse. É um veneno. E, se Alex não me ama mais, não consigo suportar a ideia de que ele pode amar outra pessoa.

Coral desaparece no bosque, provavelmente para urinar. Minhas pernas estão doendo, então me levanto. Estou cansada demais para ficar de vigília. Vou acordar Graúna, que se ofereceu para me substituir.

Crec. Outro passo, este mais perto e do lado leste do acampamento. Coral foi em outra direção. Na mesma hora fico alerta de novo.

E então eu o vejo. Ele caminha lentamente com a arma erguida, saindo de trás de uma área densa de sempre-vivas. Noto de imediato que não é um Saqueador. A postura é perfeita demais, a arma é impecável demais, as roupas estão ajustadas demais.

Meu coração para. Um regulador. Deve ser. E isso significa que a Selva realmente foi invadida. Apesar de todas as provas, parte de mim ainda tinha esperança de que aquilo não fosse verdade.

Por um segundo, tudo fica em silêncio, e logo depois assustadoramente barulhento. O sangue sobe à minha cabeça, lateja nos meus ouvidos e a noite parece se iluminar, cheia de gritos e urros apavorados, estranhos e selvagens, animais rondando no escuro. As palmas das minhas mãos estão suadas quando levo a arma novamente ao ombro. Minha garganta está seca. Acompanho o regulador com o olhar, seu avanço pelo acampamento. Coloco o dedo no gatilho. O pânico cresce no peito. Não sei se devo atirar. Nunca atirei em nada de tão longe. Nunca atirei em uma pessoa. Não sei nem se *sou capaz*.

Merda, merda, merda, merda. Queria que Prego estivesse aqui.

Merda.

O que Graúna faria?

Ele alcança o acampamento. Abaixa a arma. Eu tiro o dedo do gatilho. Talvez seja só um explorador. Talvez volte para fazer um relato do que encontrou. Isso vai nos dar tempo para nos deslocarmos, para sairmos daqui, nos prepararmos. Talvez fique tudo bem.

E então, Coral surge do bosque.

Por uma fração de segundo ela fica ali de pé, paralisada e branca como se iluminada pelo flash de um fotógrafo. Por uma fração de segundo ele também não se move.

Coral solta um grito sufocado de medo, e ele aponta a arma para ela. Sem pensar ou planejar, meus dedos encontram o gatilho e puxam. O joelho do regulador explode e ele grita ao cair no chão.

E então tudo vira caos.

O coice do rifle me lança para trás e eu tropeço, tentando manter o equilíbrio. Um pedaço de pedra atinge minhas costas, e sinto dor das costelas até o ombro. Há mais disparos, um, dois, e gritos. Corro depressa na direção das barracas. Em menos de um minuto o acampamento se desdobrou, se abriu, virou um formigueiro de pessoas e vozes.

O regulador está deitado com o rosto para baixo, pernas e braços abertos. Uma poça de sangue se espalha como uma sombra escura ao redor do corpo dele. Dani está de pé junto ao homem, com uma arma na mão. Deve ter sido ela quem o matou.

Coral abraça a própria cintura, com uma expressão de choque e talvez de culpa, como se de alguma forma tivesse atraído o regulador. Não está ferida, o que é um alívio. Fico feliz de meus instintos terem sido o de salvá-la. Então me lembro de ter mirado nela antes e sinto uma pontada de vergonha por isso. Não quero me tornar esse tipo de pessoa. O ódio abriu um espaço permanente em mim, um vazio onde as coisas se perdem muito facilmente.

Os zumbis também me avisaram sobre o ódio.

Pique, Alistar e Fê estão falando ao mesmo tempo. Os outros formam um semicírculo ao redor deles, um grupo pálido exalando medo sob o luar, os olhos fundos, como se fossem fantasmas ressuscitados.

Só Alex não está de pé. Está agachado, arrumando a mochila rápida e metodicamente.

— Tudo bem — diz Graúna baixinho, mas a urgência em sua voz exige nossa atenção. — Vamos encarar os fatos. Temos um regulador morto em mãos.

Alguém choraminga.

— O que vamos fazer? — interrompe Gordo. O rosto dele é puro pânico. — Temos que *ir embora*.

— Para onde? — pergunta Graúna. — Não sabemos onde eles estão, de que direção vieram. Poderíamos acabar caindo em uma armadilha.

— Shhh — faz Dani intensamente.

Por um segundo há silêncio total, exceto pelo gemido baixo do vento, pelas árvores e por uma coruja piando. Então ouvimos: vindo do sul, um eco distante de vozes.

— Devemos ficar e lutar — diz Pique. — Este é o *nosso* território.

— Só lutamos se for necessário — diz Graúna, virando-se para ele. — Não sabemos quantos reguladores são, nem que tipo de arma eles têm. Estão mais bem-alimentados e são mais fortes do que nós.

— Estou cansado de fugir — retruca Pique.

— Não vamos fugir — diz ela calmamente, e se vira para o restante do grupo: — Vamos nos dividir, nos espalhar pelo acampamento. Vamos nos esconder. Alguns podem seguir pelo antigo leito do rio. Vou ficar vigiando da colina. Usem pedras, arbustos, o que acharem que pode esconder vocês. Subam em uma maldita árvore, qualquer coisa. O importante é que fiquem escondidos.

Ela olha para cada um de nós. Pique se recusa a encará-la.

— Peguem suas armas, facas, o que tiverem. Mas lembrem, só lutamos se for necessário. Não façam nada até receberem meu sinal, certo? *Ninguém se mexe*. Ninguém respira, nem tosse, nem espirra e nem peida. Está claro?

Pique cospe no chão. Ninguém fala nada.

— Tudo bem — diz Graúna. — Vamos.

O grupo se separa rápido e sem falar nada. As pessoas passam por mim e se tornam sombras, que desaparecem no escuro. Abro passagem até Graúna, que está ajoelhada ao lado do regulador morto procurando armas, dinheiro, qualquer coisa que possa ser útil.

— Graúna. — O nome dela fica entalado na minha garganta. — Você acha…?

— Eles vão ficar bem — diz ela, sem erguer o olhar. Ela sabe que eu ia perguntar sobre Julian e Prego. — Agora dê o fora daqui.

Cruzo o acampamento quase correndo e encontro minha mochila junto com várias outras perto da área da fogueira. Coloco-a no ombro direito; ao lado do rifle, as tiras afundam dolorosamente na minha pele. Pego duas outras mochilas e as coloco no ombro esquerdo.

Graúna passa correndo por mim.

— Hora de ir, Lena.

E ela também some na escuridão.

Ao me levantar, reparo nos suprimentos médicos. Se alguma coisa acontecer, se *tivermos* que fugir e não pudermos voltar, vamos precisar disso.

Tiro uma das mochilas do ombro e me ajoelho.

Os reguladores estão chegando perto. Consigo detectar vozes individuais agora, palavras distintas. De repente me dou conta de que o acampamento foi totalmente esvaziado. Sou a única que sobrou.

Abro a mochila. Minhas mãos tremem. Pego um moletom e começo a encher a mochila de band-aids e bacitracina.

Alguém aperta meu ombro.

— O que você pensa que está fazendo? — É Alex. Ele me puxa pelo braço e me levanta. Só consigo fechar o zíper da mochila. — Venha.

Tento me soltar, mas ele mantém a mão firme e praticamente me arrasta para o bosque, para longe do acampamento. Lembro-me da batida noturna em Portland, quando Alex me levou do mesmo jeito por um labirinto preto de aposentos; quando nos encolhemos juntos no chão fedendo a mijo de um abrigo de madeira e ele fez um curativo na minha perna ferida, com delicadeza, as mãos macias e fortes e estranhas na minha pele.

Ele me beijou naquela noite.

Eu afasto a lembrança.

Corremos por uma encosta íngreme e caímos em uma camada podre de lama e folhas úmidas, indo em direção a uma área rochosa protuberante que forma uma caverna natural, um local oco na lateral da colina. Alex me empurra para o chão, obrigando-me a agachar, e praticamente me lança no espaço pequeno e escuro.

— Cuidado.

Pique também está aqui: alguns dentes brilhando e uma escuridão densa e enorme. Ele se remexe um pouco para abrir espaço para nós. Alex surge ao meu lado, com os joelhos encolhidos contra o peito.

As barracas estão a menos de quinze metros de nós, ladeira acima. Rezo em silêncio para que os reguladores pensem que fugimos e não percam tempo nos procurando.

A espera é uma agonia. As vozes do bosque se afastaram. Os reguladores devem estar indo mais devagar agora, buscando por nós, cada vez mais perto. Talvez até já estejam no acampamento, caminhando por entre as barracas, sombras mortais e silenciosas.

O espaço é estreito demais e a escuridão é intolerável. De repente me ocorre a ideia de que estamos presos em um caixão.

Alex se mexe ao meu lado. Sua mão toca meu braço. Minha garganta fica seca. A respiração dele está mais rápida do que o habitual. Fico rígida, perfeitamente imóvel, até ele afastar a mão. Deve ter sido sem querer.

Outro período agonizante de silêncio.

— Isso é idiotice — murmura Pique.

— Shhh — faz Alex, com irritação.

— Ficarmos aqui sentados como ratos em uma armadilha…

— Eu juro, Pique…

— Vocês *dois*, silêncio! — sussurro furiosamente.

Ficamos em silêncio de novo. Depois de mais alguns segundos, alguém grita. Alex se retesa. Pique tira o rifle do ombro e me cutuca com o cotovelo. Sufoco um grito.

— Foram embora — diz um deles.

A voz vem lá do acampamento. Eles chegaram, então. Agora que encontraram as barracas vazias, devem ter achado que não precisam mais fazer silêncio. Eu me pergunto qual era o plano deles: nos cercar, nos massacrar enquanto dormíamos, talvez.

Eu me pergunto quantos são.

— Droga. Você tinha razão sobre os tiros que ouvimos. Foi Don.

— Morto?

— É.

Um leve ruído de movimento, como se alguém estivesse chutando as barracas.

— Olhem só como eles vivem aqui. Todos juntos. Rolando na sujeira. Animais.

— Cuidado. Está tudo contaminado.

Até agora, contei seis vozes.

— Como fede. Sinto o *cheiro* deles. Merda.

— Respire pela boca.

— Filhos da mãe — murmura Pique.

— Shhh — faço por reflexo, embora a raiva também esteja tomando conta de mim, junto com o medo. Eu os odeio. Odeio cada um deles por se acharem melhores que nós.

— Em que direção vocês acham que eles foram?

— Sei lá, mas não podem ter ido longe.

Sete vozes diferentes ao todo. Talvez oito. É difícil saber. E somos vinte e quatro. Ainda assim, como Graúna disse, é impossível saber que tipo de armas eles têm, se há reforços esperando por perto.

— Vamos encerrar aqui então, Chris?

— Vamos.

Minhas coxas doem. Jogo o peso do corpo para trás a fim de ter um pouco de alívio e acabo pressionando Alex. Ele não se afasta. Mais uma vez, sua mão toca meu braço, e não sei se é acidental ou se é um gesto para me acalmar. Por um segundo, apesar de tudo, minhas entranhas ficam geladas e elétricas, e Pique, os reguladores e o frio desaparecem. Há somente o ombro de Alex encostado no meu, suas costelas se expandindo e contraindo junto às minhas e o calor áspero dos dedos dele.

O ar cheira a gasolina.

O ar cheira a fogo.

Fico alerta de repente. Gasolina. Fogo. Estão queimando nossas coisas. Agora o ar está estalando e estourando. As vozes dos reguladores são abafadas pelo barulho. Faixas de fumaça descem pela lateral da colina e nos alcançam, contorcendo-se como cobras voadoras.

— Filhos da mãe — diz Pique de novo, com a voz abafada.

Ele faz menção de sair, mas tento detê-lo.

— Não. Graúna mandou esperar o sinal.

— Graúna não manda aqui.

Ele se solta de mim e sai rastejando, segurando o rifle na frente do corpo como um atirador de elite.

— *Não*, Pique.

Ele ou não me escuta ou me ignora. Começa a subir a colina deitado de bruços.

— Alex.

O pânico me invade. A fumaça, a raiva, o rugido do fogo ao se espalhar, tudo isso me impede de pensar.

— Merda. — Alex passa por mim e vai atrás de Pique. A essa altura, só vejo as botas dele. — Pique, não seja idiota, droga…

Bang. Bang.

Dois disparos. O barulho parece ecoar e se amplificar no espaço vazio. Tapo os ouvidos.

E depois: *bang, bang, bang, bang* Disparos de todos os lados e pessoas gritando. Uma chuva de terra cai em mim. Meus ouvidos estão apitando e minha cabeça está cheia de fumaça.

Foco.

Alex já saiu do buraco. Eu o sigo enquanto tento tirar a arma do ombro. No último segundo, deixo as mochilas para trás. Só vão me atrapalhar.

Explosões de todos os lados e o rugido do caos.

O bosque está tomado pela fumaça e pelo fogo. Chamas vermelhas e alaranjadas brilham entre as árvores enegrecidas, rígidas e esticadas, como testemunhas paralisadas de horror. Pique está ajoelhado, parcialmente escondido atrás de uma árvore, atirando. O fogo ilumina seu rosto com um brilho laranja e sua boca está aberta em um grito. Vejo Graúna correndo pela fumaça. Tiros cortam o ar; são tantos que me lembram o Eastern Prom com Hana no Dia da Independência, os fogos de artifício, a sequência rápida de explosões com cores incríveis. O cheiro de fumaça.

— Lena!

Não dá tempo de ver quem me chamou. Uma bala passa voando por mim e se aloja na árvore logo atrás, espalhando lascas de madeira. É o que me desperta: saio correndo e colo o corpo no tronco de uma árvore. Alguns metros à frente, Alex também se refugiou atrás de uma. Em curtos intervalos de tempo ele estica a cabeça para o lado, faz alguns disparos e volta a se proteger.

Meus olhos estão lacrimejando. Inclino o pescoço com cautela e tento distinguir as pessoas em combate no escuro, iluminadas pelo incêndio. De longe, parecem quase dançarinos; pares oscilando, lutando, mergulhando, girando.

Não identifico quem é quem. Pisco repetidas vezes, tusso, cubro os olhos com as mãos. Pique desapareceu.

Pronto: vejo brevemente o rosto de Dani quando ela se vira para o fogo. Um regulador pula nela por trás e lhe dá uma gravata. Os olhos de Dani se esbugalham, seu rosto fica roxo. Levanto a arma, mas volto a baixá-la. Não tem como mirar daqui, não com eles cambaleando de um lado para o outro. Dani está se contorcendo e se sacudindo, como um touro tentando se livrar de seu montador.

Mais um coro de tiros. O regulador solta o pescoço de Dani para segurar o próprio ombro, gritando de dor. Quando ele se vira para a luz, vejo sangue jorrando por entre seus dedos. Não tenho ideia de quem o acertou, nem se o alvo era ele ou Dani, mas a liberdade momentânea dá a Dani a vantagem de que ela precisa. Ela procura a faca no cinto, ofegante e tossindo. Está nitidamente cansada, mas se mexe com a persistência cega de um animal acuado.

Ela lança o braço contra o pescoço do regulador, um brilho de metal faiscando em sua mão. Depois do golpe, ele treme em uma enorme convulsão; seu rosto demonstra surpresa. Ele cai para a frente de joelhos, depois de cara no chão. Dani se ajoelha a seu lado e enfia a bota debaixo de seu corpo, erguendo-o um pouco para tirar a faca do pescoço dele.

Em algum lugar atrás da parede de fumaça, uma mulher grita. Aponto o rifle de um lado para o outro do acampamento em chamas, mas está tudo muito confuso e indistinto. Tenho que me aproximar. Não posso ajudar ninguém de onde estou.

Avanço para o espaço aberto, permanecendo o mais abaixada possível. Sigo na direção do fogo e do caos de corpos. No caminho passo por Alex, que acompanha tudo de trás de uma árvore.

— Lena! — grita ele quando passo.

Não respondo. Preciso me concentrar. O ar está quente e denso. O fogo cai aos borbotões dos galhos das árvores, uma abóboda mortal acima de nós; chamas se entrelaçam nos troncos, deixando-os brancos como giz. A fumaça obscurece o céu. É tudo que sobrou do nosso acampamento, dos suprimentos que reunimos com tanto cuidado; as roupas que procuramos, lavamos e usamos até virarem trapos e as barracas que consertamos com tanto trabalho, até estarem cobertas de remendos. O fogo, faminto, consome tudo.

A menos de cinco metros de mim, um homem enorme derruba Coral no chão. Começo a ir na direção dela quando alguém me derruba por trás. Enquanto caio, acerto com força a pessoa com a coronha do rifle. O homem fala um palavrão e recua vários centímetros, o que me dá tempo e espaço para rolar e ficar de costas. Uso a arma como taco de beisebol e bato no maxilar dele. O impacto vem acompanhado de um estalo horrível, e ele cai de lado.

Prego estava certo sobre uma coisa: os reguladores não são treinados para um combate assim. Só sabem lutar do ar, do *cockpit* de um bombardeiro, de longe.

Eu me levanto e corro na direção de Coral, que ainda está no chão. Não sei o que aconteceu com a arma do regulador, mas ele a está esganando com as mãos.

Levanto a coronha da arma bem acima da cabeça. Os olhos de Coral se voltam para mim. Quando estou apontando a arma na direção da cabeça do regulador, ele se vira na minha direção. Acerto de raspão o ombro dele, mas a força do golpe me faz perder o equilíbrio. Cambaleio; ele passa o braço pelas minhas canelas e me derruba no chão. Mordo o lábio e sinto gosto de sangue. Quero virar de costas, mas de repente há um peso em cima de mim que me esmaga e expulsa o ar dos meus pulmões. A arma é arrancada da minha mão.

Não consigo respirar. Meu rosto é pressionado na terra. Alguma coisa (um ombro? Um cotovelo?) está afundando no meu pescoço. Focos de luz explodem atrás das minhas pálpebras.

Ouço um estalo e um gemido, e o peso de cima de mim some. Eu me viro, inspiro ar e me afasto do regulador, dando impulso com os pés. Ele ainda está montado em mim, mas agora caído para o lado, com os olhos fechados e um pouco de sangue escorrendo pela testa, onde ele foi atingido. Alex está de pé acima de mim, o rifle nas mãos.

Ele se inclina e me pega pelo cotovelo, me põe de pé. Em seguida, pega meu rifle e se afasta. Atrás dele, o fogo ainda está se espalhando. Os dançarinos oscilantes se dispersaram. Agora não consigo ver nada além de uma enorme parede de chamas e várias formas caídas no chão. Meu estômago dá um salto. Não sei quem morreu, se é gente nossa.

Ao nosso lado, Gordo levanta Coral e a joga no ombro. Ela geme e suas pálpebras tremem, mas não acorda.

— Venham! — grita Alex.

O barulho do fogo é tremendo: uma cacofonia de estalos e estouros, como monstros sugando e aspirando.

Alex vai na frente, para longe do fogo, usando a coronha do rifle para abrir caminho pelo bosque.

Percebo que estamos seguindo na direção de um pequeno riacho que encontramos ontem. Gordo ofega alto atrás de mim. Ainda estou tonta e, meus passos não estão muito firmes. Mantenho os olhos grudados nas costas do casaco de Alex e não penso em nada além de me mover, um pé na frente do outro, para me afastar o máximo possível do fogo.

— Coo-ee!

Quando chegamos perto do riacho, o grito de Graúna ecoa até nós pelo bosque. À nossa direita, um brilho rompe a escuridão. Forçamos passagem por um emaranhado denso de vegetação morta e saímos em um pequeno declive de pedras, em meio ao qual um riacho raso abre caminho. A abertura na vegetação alta deixa entrar o luar, que cobre a superfície do riacho de luz prateada e faz as pedrinhas pálidas nas margens assumirem um brilho suave.

Nosso grupo está agachado e reunido a trinta metros do outro lado do riacho. O alívio explode no meu peito. Estamos intactos; sobrevivemos. E Graúna vai saber o que fazer com relação a Julian e Prego. Vai saber como encontrá-los.

— Coo-ee! — grita Graúna outra vez, apontando uma lanterna em nossa direção.

— Estamos vendo vocês — diz Gordo, ofegante.

Ele me ultrapassa, a respiração rouca e forçada, e cruza o riacho.

Antes de atravessarmos, Alex se vira e dá dois passos na minha direção. Levo um susto ao ver o rosto dele contorcido de raiva.

— O que foi aquilo, hein? — pergunta ele. Eu só o encaro. Ele prossegue: — Você podia ter morrido, Lena. Se não fosse por mim, você *estaria* morta.

— Essa é a sua forma de conseguir um "obrigado"? — Estou tremendo, cansada e desorientada. — Você podia aprender a pedir com educação, sabe.

— Não estou brincando — diz Alex, balançando a cabeça. — Você devia ter ficado onde estava. Não precisava partir para cima, bancando a heroína.

Sinto uma pontada de raiva. Agarro-me a isso e faço-a aumentar.

— Ah, me desculpe — digo. — Se eu não tivesse feito aquilo, sua nova… sua nova *namorada* estaria morta agora. — Tive poucas oportunidades de usar essa palavra na vida, portanto demoro um segundo para lembrar.

— Ela não é sua responsabilidade — diz Alex com firmeza.

Em vez de melhorar as coisas, a resposta dele só faz com que eu me sinta pior. Apesar de tudo que aconteceu esta noite, é esse fato bobo e básico que me dá vontade de chorar. Ele não negou que Coral fosse sua nova namorada.

Engulo o gosto ruim que sinto na boca.

— Bem, também não sou sua responsabilidade, lembra? Você não pode me dizer o que fazer. — Reencontrei minha raiva. Agora estou usando-a, me arrastando na direção dela, agarrando-a com unhas e dentes. — Aliás, por que se importa? Você me odeia.

Alex me encara.

— Você não entende mesmo, não é? — A voz dele sai carregada de crueldade.

Cruzo os braços com força, tentando afastar a dor, tentando soterrá-la embaixo da raiva.

— Não entendo *o quê*?

— Esqueça. — Alex passa a mão pelo cabelo. — Esqueça que falei qualquer coisa.

— Lena!

Eu me viro. Prego e Julian acabaram de surgir do bosque, do outro lado do riacho. Julian vem correndo na minha direção, pisando na água como se nem a notasse. Ele passa direto por Alex e me toma nos braços, levantando-me do chão. Solto um soluço abafado com a boca contra a camisa dele.

— Você está bem? — sussurra ele, me apertando com tanta força que mal consigo respirar. Mas não me importo. Não quero que ele me solte nunca.

— Eu estava tão preocupada com você — digo.

Agora que passou a raiva que senti de Alex, a necessidade de chorar está ressurgindo, forçando passagem pela minha garganta.

Não sei se Julian entende o que digo. Minha voz sai abafada em sua camisa. Mas ele me dá outro apertão forte antes de me botar no chão, e depois tira o cabelo do meu rosto.

— Como vocês não voltaram… pensei que tivesse acontecido alguma coisa…

— Decidimos acampar para esperar virar a noite. — Julian parece culpado, como se sua ausência tivesse sido a causa do ataque. — A lanterna de Prego quebrou e não conseguíamos ver nada quando o sol se pôs. Estávamos com medo de nos perder. Devíamos estar a menos de um quilômetro daqui. Quando ouvimos os tiros, viemos o mais rápido que conseguimos. — Ele encosta a testa na minha e acrescenta, mais baixo: — Tive tanto medo.

— Eu estou bem — digo. Mantenho os braços ao redor da cintura dele. Ele é tão firme, tão sólido. — Havia reguladores, uns sete ou oito, talvez mais. Mas conseguimos espantá-los.

Julian encontra minha mão e entrelaça os dedos nos meus.

— Eu devia ter ficado com você — diz ele, com a voz falhando.

Levo sua mão aos meus lábios. O simples fato de que posso beijá-lo assim, livremente, de repente parece um milagre. Tentaram nos aniquilar, nos condenar ao passado. Mas ainda estamos aqui.

E somos mais e mais a cada dia.

— Venha — digo. — Vamos ver se os outros estão bem.

Alex já deve ter atravessado o riacho e se juntado ao grupo. Na beira da água, Julian se abaixa e passa o braço por trás dos meus joelhos, de forma que caio em seus braços. Ele me pega no colo. Abraço seu pescoço e apoio a cabeça em seu peito. Sinto seu coração batendo em um ritmo constante e tranquilizador. Ele atravessa o riacho e me coloca no chão ao chegarmos do outro lado.

— Que gentileza de vocês aparecerem logo agora — Graúna está dizendo a Prego quando Julian e eu entramos no círculo, mas o alívio na voz dela é evidente.

Apesar de Graúna e Prego estarem sempre brigando, é impossível imaginar um sem o outro. Eles são como duas plantas que cresceram juntas: se estrangulam, se apertam e se apoiam, tudo ao mesmo tempo.

— O que vamos fazer? — pergunta Fê.

Ela é uma forma indistinta na escuridão. A maior parte dos rostos no círculo é um oval de feições escuras e individuais fragmentadas por pequenos raios de luar. Um nariz fica visível aqui, uma boca ali; o cano de uma arma.

— Vamos para Waterbury, como planejamos — diz Graúna com firmeza.

— Com o quê? — pergunta Dani. — Não temos nada. Nenhuma comida. Nem cobertores. Nada.

— Podia ser pior — diz Graúna. — Nós escapamos, não foi? E não devemos estar tão longe.

— Não estamos — garante Prego. — Julian e eu encontramos a estrada. Fica a meio dia de caminhada daqui. Estamos muito para o norte, como Pique disse.

— Acho que podemos perdoar vocês, então — diz Graúna —, por quase fazer com que fôssemos mortos.

Pique, pela primeira vez na vida, não tem nada a dizer.

Graúna suspira de forma dramática.

— Tudo bem. Admito. Eu estava errada. É isso que você queria ouvir?

Mais uma vez, nenhuma resposta.

— Pique? — chama Dani no silêncio.

— Merda — murmura Prego. E repete em seguida: — Merda.

Outra pausa. Meu corpo treme. Julian me enlaça, e eu me apoio nele.

— Podemos acender uma fogueira pequena — diz Graúna, baixinho. — Se ele estiver perdido, vai ficar mais fácil nos encontrar.

É um gesto de gentileza. Ela sabe, assim como todos sabemos nesse instante, bem lá no fundo, que Pique está morto.

Hana

Que Deus me perdoe, pois eu pequei. Que me livre das paixões, pois os infectados chafurdarão na lama com os cachorros, e só os puros ascenderão até o céu.

As pessoas não devem mudar. Essa é a beleza do pareamento: as pessoas podem ser avaliadas para ficarem juntas, seus interesses podem ser calculados para se cruzarem, as diferenças podem ser minimizadas.

É o que a cura promete.

Mas é mentira.

Fred não é Fred; pelo menos não é o Fred que pensei que fosse. E eu não sou a Hana que deveria ser; não sou a Hana que todo mundo me *disse* que eu seria depois da cura.

Perceber isso traz uma decepção física — e também sensação de alívio.

Na manhã seguinte à posse de Fred, acordo e tomo um banho. Sinto-me alerta e refrescada. Estou ciente demais da claridade das luzes, do apito da cafeteira no andar de baixo e do barulho das roupas na secadora. Energia, energia, energia ao nosso redor. Pulsamos junto.

O Sr. Roth veio ver o noticiário de novo. Se ele se comportar, talvez o ministro da Energia lhe devolva a eletricidade, e então não vou precisar vê-lo todas as manhãs. Vou falar com Fred sobre isso.

A ideia me dá vontade de rir.

— Bom dia, Hana — diz ele, com os olhos grudados na tevê.

— Bom dia, Sr. Roth — digo com alegria, e vou até o armário.

Observo as prateleiras cheias, passo os dedos pelas caixas de cereal e arroz, pelos potes idênticos de manteiga de amendoim, pela meia dúzia de geleias.

Vou ter que tomar cuidado, é claro, e roubar só um pouco de cada vez.

* * *

Sigo direto para a Wynnewood, onde vi Grace brincando de boneca. Mais uma vez, abandono a bicicleta logo e sigo a maior parte do caminho a pé, tomando o cuidado de ficar perto das árvores. Fico atenta ao som de vozes. A última coisa que quero é ser pega de surpresa por Willow Marks de novo.

A mochila afunda dolorosamente nos meus ombros e, por baixo das alças, minha pele está escorregadia de suor. A mochila está pesada. Ouço o barulho de algum líquido quando me movo. Rezo para que a tampa da velha garrafa de vidro, que enchi com o máximo de gasolina que consegui roubar da garagem sem chamar atenção, esteja bem-fechada.

Mais uma vez, paira no ar o leve cheiro de madeira queimada. Eu me pergunto quantas destas casas estarão ocupadas e que outras famílias foram obrigadas a vir morar aqui, lutando para sobreviver. Não sei como conseguem vencer o inverno. Não me surpreende que Jenny, Willow e Grace estejam tão pálidas e abatidas. É um milagre que ainda estejam vivas.

Penso no que Fred disse: *Eles vão descobrir que a liberdade não aquece.*

A desobediência vai matá-los lentamente.

Se eu encontrar a casa dos Tiddle, posso deixar a comida que roubei e a garrafa de gasolina. Não é muito, mas é *alguma coisa.*

Assim que entro na Wynnewood, a duas ruas da Brooks, vejo Grace na rua, desta vez agachada na calçada bem em frente a uma casa cinza maltratada, jogando pedras na grama como se tentasse fazê-las quicar na água.

Respiro fundo e saio do meio das árvores. Grace fica tensa na hora.

— Por favor, não corra — digo baixinho, porque ela parece pronta para sair em disparada. Dou um passo hesitante em sua direção, e ela se levanta. Paro de andar. Com o olhar grudado no de Grace, tiro a mochila do ombro. — Você talvez se lembre de mim — digo. — Eu era amiga da Lena. — Engasgo um pouco ao pronunciar o nome dela e preciso limpar a garganta. — Não vou machucar você, está bem?

A mochila faz barulho quando toca o chão, e os olhos de Grace se desviam nessa direção por um breve momento. Vejo isso como um sinal de encorajamento e me agacho, ainda com os olhos nela, torcendo para que não corra. Abro a mochila lentamente. Seus olhos saltam de mim para a mochila e de volta para mim. Ela relaxa um pouco os ombros.

— Trouxe algumas coisas — digo.

Enfio a mão na mochila e tiro de dentro o que roubei: aveia, mistura para mingau, duas caixas de macarrão instantâneo, latas de sopa, legumes, atum e um pacote de biscoitos. Coloco tudo na calçada, um de cada vez. Grace dá um passo rápido para a frente, mas para.

Por último, tiro a garrafa de vidro cheia de gasolina.

— Isso também é para você — digo. — Para sua família.

Vejo movimento em uma janela do andar de cima e tenho um sobressalto. Mas é só uma toalha suja pendurada balançando.

De repente ela vem correndo e arranca a garrafa da minha mão.

— Tome cuidado — digo. — É gasolina. É muito perigoso. Achei que vocês poderiam usar para queimar coisas — concluo, sem saber direito o que dizer.

Grace não diz nada. Está enchendo os braços, tentando pegar tudo. Quando me agacho e tento ajudar, ela pega o pacote de biscoitos e o abraça contra o peito, como se para defendê-lo.

— Calma — digo. — Só estou tentando ajudar.

Ela parece desconfiada, mas deixa que eu ajude a empilhar as latas de legumes e de sopa. Estamos a poucos centímetros de distância; estamos tão próximas que sinto seu hálito, um cheiro azedo de fome. Há sujeira debaixo de suas unhas, manchas de grama nos joelhos. Nunca cheguei tão perto de Grace antes. Eu me vejo procurando algum traço de Lena em seu rosto. Grace tem o nariz mais fino, como o de Jenny, mas os grandes olhos castanhos e o cabelo escuro são de Lena.

Sinto uma pulsação rápida de algo que não sei bem o que é: um aperto no estômago, um eco de outros tempos, sentimentos que deveriam estar eternamente silenciados agora.

Ninguém pode saber, nem mesmo desconfiar.

— Tenho mais coisas para trazer — digo rapidamente quando Grace se levanta com sua pilha oscilante de pacotes e sacos e latas, além da garrafa. — Eu volto. Só dá para trazer um pouco de cada

vez.

Ela só fica ali de pé, me olhando com os olhos de Lena.

— Se você não estiver aqui, vou deixar a comida para você em algum lugar seguro. Onde não… estrague. — No último segundo consigo me impedir de dizer *seja roubada*. — Você conhece algum bom esconderijo?

Ela se vira de repente e corre para a lateral da casa cinza, por uma área de grama alta e ervas daninhas. Não sei se quer que eu a siga, mas vou mesmo assim. A tinta está descascando; uma das venezianas na janela do segundo andar pende frouxa e bate de leve ao vento.

Nos fundos da casa, Grace me espera ao lado de uma grande porta de madeira no chão, que deve levar ao porão. Ela coloca a pilha de comida com cuidado na grama e depois puxa a maçaneta enferrujada. Por baixo da porta há um buraco de escuridão, e uma escadaria de madeira desce até uma área pequena com chão de terra. O aposento está vazio, exceto por várias prateleiras tortas de madeira onde há uma lanterna, duas garrafas d'água e algumas pilhas.

— É perfeito — digo.

Por um segundo, um sorriso surge no rosto de Grace.

Ajudo a carregar a comida para o porão e a colocar nas prateleiras. Deixo a garrafa de gasolina encostada em uma parede. Ela fica com o pacote de biscoitos abraçado contra o peito e se recusa a soltá-lo. O aposento cheira mal, como o hálito de Grace: azedo e velho. Fico aliviada de voltar para a luz do sol. A manhã deixou no meu peito um sentimento pesado que se recusa a se dissolver.

— Vou voltar — digo a Grace.

Já estou quase dobrando a esquina quando ela fala:

— Eu me lembro de você.

Sua voz é pouco mais que um sussurro. Eu me viro, surpresa. Mas ela já saiu correndo para o meio das árvores e desaparece antes que eu tenha a chance de responder.

Lena

A alvorada é dupla: um brilho enfumaçado no horizonte e outro atrás de nós, acima das árvores, onde o incêndio continua. As nuvens e as massas de fumaça preta quase não se distinguem umas das outras.

No escuro e na confusão, não percebemos que faltavam duas pessoas do grupo: Pique e Henley. Dani quer voltar para procurar os corpos, mas é impossível com esse fogo todo. Não podemos voltar nem para procurar latas de alimentos que tenham se salvado e outros suprimentos que tenham sobrevivido às chamas.

Portanto, assim que o céu clareia, seguimos em frente.

Andamos em silêncio, em linha reta, os olhos grudados no chão. Precisamos chegar ao acampamento de Waterbury o mais rápido possível, sem desvios, sem descanso, sem explorar as ruínas de antigas cidades, que há tempos já não têm mais nada de útil. O ar está carregado de ansiedade.

Podemos considerar que tivemos sorte em uma coisa: o mapa de Graúna estava com Julian e Prego e não foi destruído, como o resto dos nossos suprimentos.

Os dois andam juntos na frente, parando ocasionalmente para consultar observações que fizeram no mapa. Apesar de tudo que aconteceu, sinto uma onda de orgulho de ver Prego consultar Julian, e também um tipo diferente de prazer: vingança, porque sei que Alex também deve ter reparado.

Alex fica no fim da fila com Coral, é claro.

O dia está quente, tão quente que tirei o casaco e dobrei as mangas da camisa até os cotovelos, e o sol inunda o terreno. Se não fosse pela ausência das vozes de Pique e Henley nas conversas murmuradas, seria quase impossível acreditar que apenas horas atrás fomos atacados.

Julian está à minha frente. Alex está mais para trás. Assim, forço o passo, exausta, mesmo com a boca ainda cheia do gosto de fumaça, os pulmões ardendo.

Fê nos contou que Waterbury é o começo de uma nova ordem. Um acampamento enorme se formou do lado de fora do muro da cidade, e a maior parte dos residentes Válidos da cidade fugiu. Partes de Waterbury foram completamente evacuadas; outras áreas da cidade estão isoladas dos Inválidos do outro lado.

Fê ouviu falar que o acampamento dos Inválidos é quase uma cidade em si. Todo mundo participa, todo mundo ajuda a consertar abrigos e a caçar e a pegar água. Até o momento eles não sofreram retaliação alguma, em parte porque não sobrou ninguém que *pudesse* retaliar. Os escritórios municipais foram destruídos e o prefeito e seus funcionários foram expulsos.

Lá, vamos construir abrigos com galhos e tijolos, e finalmente teremos um lugar nosso.

Em Waterbury, tudo vai ficar bem.

As árvores começam a rarear. Passamos por bancos velhos cobertos de pichações e passarelas cobertas de limo; um telhado intacto em um campo gramado, como se o resto da casa tivesse sido sugado pela terra; pedaços de estrada que não levavam a lugar nenhum e agora eram parte de um enredo

sem sentido. Essa é a linguagem do mundo *antes*, um mundo de caos e confusão e felicidade e desespero, antes de a *blitz* transformar as ruas em rede, as cidades em prisões e os corações em poeira.

Sabemos que estamos chegando.

No fim do dia, quando o sol começa a se pôr, a ansiedade volta. Não queremos passar a noite sozinhos, expostos, na Selva, mesmo depois de termos afastado os reguladores do nosso rastro.

Lá da frente vem um grito. Julian se afastou de Prego e está agora ao meu lado, mas continuamos andando em silêncio.

— O que foi? — pergunto a ele.

Estou cansada e entorpecida. Não consigo enxergar além das pessoas à minha frente. O grupo está se espalhando no que parece ter sido um estacionamento. A maior parte do asfalto não existe mais. Dois postes sem lâmpadas estão caídos no chão. Prego e Graúna pararam ao lado de um deles.

Julian fica na ponta dos pés.

— Acho… acho que chegamos.

Mesmo antes de ele terminar de falar, estou forçando passagem entre o grupo para enxergar.

No ponto em que termina o antigo estacionamento, o terreno despenca de repente e forma uma ladeira íngreme. Uma série de trilhas em zigue-zague nos leva da colina a um terreno árido e sem árvores.

O acampamento não é nada do que pensei. Eu estava imaginando casas de verdade, ou pelo menos estruturas sólidas, aninhadas entre árvores. Mas o local não passa de um campo lotado, uma colcha de retalhos de cobertores e lixo e centenas e centenas de pessoas, aglomeradas praticamente contra o muro da cidade, manchado de vermelho à luz morrente. Há fogueiras espalhadas pelo campo amplo e escuro, piscando como luzes em uma cidade distante. O céu, elétrico no horizonte, está escuro e liso, como uma tampa de metal sobre uma lata de lixo.

Por um momento me vem a lembrança do povo subterrâneo deformado que Julian e eu conhecemos quando estávamos tentando fugir dos Saqueadores; seu mundo sujo, fumacento e subterrâneo.

Nunca vi tantos Inválidos. Nunca vi tantas pessoas, na verdade.

Mesmo daqui, sinto o cheiro deles.

Meu peito parece ter afundado.

— Que lugar é esse? — murmura Julian.

Quero dizer alguma coisa para consolá-lo, quero dizer que vai ficar tudo bem, mas sinto um peso imenso, um embotamento de decepção.

— É isso? — Dani é quem expressa o que todos nós devemos estar sentindo. — Esse é o grande sonho? A nova ordem?

— Pelo menos temos amigos aqui — diz Alistar baixinho. Mas nem ele consegue fingir. Passa a mão no cabelo, que fica espetado em todas as direções. Seu rosto está branco; passou o dia todo tossindo enquanto caminhava, a respiração curta e entrecortada. — Não tínhamos escolha mesmo.

— Poderíamos ter ido para o Canadá, como Gordo propôs.

— Não teríamos chegado até lá sem os suprimentos — diz Alistar.

— Ainda *teríamos* nossos suprimentos se tivéssemos seguido para o norte desde o começo — responde Dani.

— Bem, não seguimos. Estamos aqui. E não sei quanto a vocês, mas estou morrendo de sede.

Alex ultrapassa o grupo e toma a dianteira. Tem que descer a colina de lado para chegar à primeira trilha em zigue-zague, e escorrega um pouco na ladeira, fazendo uma quantidade de cascalho solto deslizar na direção do acampamento.

Ao chegar à trilha, ele faz uma pausa e olha para nós.

— E aí? Vocês vêm ou não?

Ele esquadrinha todo o grupo. Quando seu olhar se detém em mim, um pequeno choque percorre meu corpo, e baixo rapidamente a cabeça. Por uma fração de segundo ele quase pareceu meu Alex de novo.

Graúna e Prego se põem em movimento também. Alex está certo quanto a uma coisa: não temos escolha agora. Não vamos conseguir sobreviver mais alguns dias na Selva, não sem armadilhas, sem suprimentos e sem recipientes onde ferver a água. O restante do grupo deve saber disso, porque um a um, de lado, vão seguindo Graúna e Prego até a trilha de terra. Dani murmura alguma coisa, mas acaba indo atrás.

— Venha. — Estico a mão para Julian.

Ele recua. Seus olhos estão grudados na planície ampla e fumacenta abaixo e no amontoado sujo de cobertores e barracas improvisadas. Por um momento acho que ele vai se recusar a ir. No entanto, ele dá um pulo, como se estivesse se forçando a atravessar uma barreira invisível, e me segue colina abaixo.

No último segundo, reparo que Fê ainda está parada na beirada. Ela parece pequena, diminuída pelas enormes sempre-vivas atrás dela. Seu cabelo está quase batendo na cintura agora. Ela está olhando não para o acampamento, mas para o muro mais adiante: a pedra manchada de vermelho que marca o começo do outro mundo. O mundo zumbi.

— Você vem, Fê? — pergunto.

— O quê? — Ela parece sobressaltada, como se eu a tivesse acordado. E então, logo depois: — Vou, vou sim.

Ela lança um último olhar para o muro antes de nos seguir. Seu rosto está perturbado.

A cidade de Waterbury parece, ao menos dessa distância, morta: não há fumaça saindo das chaminés das fábricas, não há luzes brilhando nas torres escuras de vidro. É a casca vazia de uma cidade, quase como as ruínas pelas quais passamos na Selva. Só que, desta vez, as ruínas ficam do outro lado do muro.

E eu me pergunto o que exatamente provocou medo em Fê.

* * *

Quando chegamos lá embaixo, sentimos um cheiro forte, quase insuportável. É o fedor de milhares de corpos sem banho, de bocas famintas com dentes sujos, de urina, de fogueiras já apagadas e de tabaco. Julian tosse e murmura:

— Meu Deus.

Tapo a boca com a manga do casaco, tentando respirar através do tecido.

O acampamento é rodeado por grandes barris de metal e latas de lixo velhas e enferrujadas com fogo queimando dentro. Há grupos de pessoas em volta das chamas, cozinhando ou aquecendo as mãos.

Elas nos olham com desconfiança quando passamos. Imediatamente percebo que não somos bem-vindos.

Até Graúna parece não saber como agir. Não está claro para onde devemos ir, com quem devemos falar ou mesmo se o acampamento tem algum tipo de organização. Quando o sol é finalmente engolido pelo horizonte, as pessoas se tornam uma massa de sombras: os rostos iluminados, grotescos e contorcidos pela luz trêmula. Abrigos foram construídos apressadamente com pedaços de latão e tiras de metal; algumas pessoas criaram barracas improvisadas com lençóis sujos. Outras estão deitadas e amontoadas no chão, apertando-se umas contra as outras para se manterem aquecidas.

— Muito bem — diz Dani, bem alto, em tom de desafio. — E agora?

Graúna está prestes a responder quando de repente um corpo a atinge com força, quase a derrubando. Prego estende o braço para segurá-la.

— Ei! — reclama ele.

O garoto que se lançou contra Graúna, magrelo e com o maxilar projetado de um buldogue, nem olha para ela. Já está voltando para uma barraca vermelha e suja, onde um pequeno grupo está reunido. Um homem mais velho, com um casaco comprido e largo, sem camisa por baixo, está de pé brandindo os punhos, o rosto contorcido de fúria.

— Seu porco imundo! — exclama ele com desprezo. — Vou matar você, porra.

— Está maluco? — A voz de Buldogue é surpreendentemente estridente. — Eu lá sei do que você…

— Você roubou minha lata. Admita. Você roubou minha lata. — O cuspe se acumula nos cantos da boca do homem. Seus olhos estão arregalados, selvagens de ira. Ele gira em um círculo completo, apelando para os outros com gestos, e ergue a voz: — Eu tinha uma lata inteira de atum. Fechada. Bem do lado das minhas coisas. Ele *roubou*.

— Não encostei na sua lata. Você está delirando.

Buldogue começa a se virar para se afastar dali. O homem do casaco maltrapilho solta um rugido de fúria:

— Mentiroso!

Ele salta no garoto. Por um segundo, parece que está suspenso no ar, o casaco voando atrás do corpo como grandes asas de couro de um morcego. O sujeito cai nas costas do menino e o prende ao chão. Na mesma hora, a multidão se inflama, grita, estimula, apoia a confusão. O garoto rola para cima de seu agressor, monta nele e começa a socá-lo. O homem o chuta e enfia a cara do garoto na terra. Ele está gritando, mas suas palavras são incompreensíveis. O garoto se debate e consegue empurrar o homem, lançando-o pelos ares contra um barril de metal. O homem grita. O fogo está aceso há muito tempo, obviamente. O metal deve estar quente.

Alguém me empurra pelas costas e quase caio esparramada no chão, mas Julian me segura pelo braço. A multidão está indo à loucura agora; vozes e corpos se tornaram um, como um lago de água negra ocupado por um monstro de muitas cabeças e muitos braços.

Isso não é liberdade. Não é o novo mundo que imaginamos. Não pode ser. Isso é um pesadelo.

Abro caminho pela multidão atrás de Julian, que não solta minha mão. É como andar em meio a uma maré violenta, uma mistura de correntes diferentes. Estou morrendo de medo de termos nos

perdido dos outros, mas vejo Prego, Graúna, Coral e Alex um pouco mais distantes, observando as pessoas em volta em busca do restante do grupo. Dani, Lupi, Alistar e Fê tentam chegar até nós.

Nós nos juntamos a eles e esperamos os outros. Procuro Gordo na multidão, sua barba que vai até o peito, mas só vejo um borrão e névoa, rostos se fundindo atrás de nuvens de fumaça oleosa. Coral começa a tossir.

Os outros não chegam. Acabamos sendo forçados a admitir que nos perdemos deles. Graúna diz, sem muita convicção, que eles vão nos encontrar. Precisamos achar um lugar para acampar em segurança e alguém disposto a compartilhar conosco comida e água.

Perguntamos a quatro pessoas diferentes até encontrarmos uma disposta a nos ajudar. Uma garota de no máximo doze ou treze anos, com roupas tão imundas que assumiram um único tom de cinza, nos manda falar com Pippa, e aponta para uma área do acampamento mais iluminada que o resto. Conforme seguimos para o local indicado, sinto a garota nos observando. Eu me viro uma vez para trás. Vejo-a com um cobertor na cabeça, o rosto tomado de sombras. Seus olhos são enormes, luminosos. Penso em Grace. Sinto uma pontada de dor no peito.

Parece que o acampamento é subdividido em pequenas áreas, cada uma pertencente a uma pessoa ou grupo diferente. Conforme passamos pela série de pequenos acampamentos que aparentemente marcam o começo do domínio de Pippa, ouvimos dezenas de brigas a respeito de fronteiras e limites, propriedade e pertences.

De repente Graúna dá um grito de reconhecimento.

— Vareta! — grita ela, e sai correndo.

Ela pula nos braços de uma mulher. É a primeira vez que vejo Graúna abraçar alguém voluntariamente que não Prego, e, quando as duas se afastam, começam a rir na mesma hora.

— Prego — diz Graúna —, você deve se lembrar de Vareta! Você estava com a gente em… quando? Três verões atrás?

— Quatro — corrige a mulher, ainda rindo. Ela deve ter uns trinta anos, e o apelido deve ser irônico, pois ela tem um corpo de homem: pesado, com ombros largos e sem quadril. Seu cabelo é bem curto, rente à cabeça. A risada dela também é de homem, grave e rouca. Gosto dela imediatamente. — Agora tenho um novo nome, sabe — diz ela, e pisca. — Por aqui me chamam de Pippa.

A área de terra que Pippa ocupa é maior e mais organizada do que qualquer outra que vimos no acampamento. Tem um abrigo de verdade; Pippa construiu ou tomou posse de um grande abrigo de madeira com telhado e paredes em três lados. Dentro da cabana há vários bancos rudimentares, umas cinco ou seis lanternas a pilha, montanhas de cobertores e duas geladeiras (uma grande de cozinha e um frigobar), as duas acorrentadas e fechadas com cadeado. Pippa nos conta que é ali que guarda a comida e os remédios que reuniu. Também recrutou várias pessoas para cuidar das fogueiras, ferver a água e manter longe qualquer pessoa com inclinação para o furto.

— Você não acreditaria nas merdas que eu vi acontecer aqui — diz ela. — Semana passada, uma pessoa foi morta por causa de uma porcaria de cigarro. É uma loucura. — Ela balança a cabeça. — Não me surpreende que os zumbis não se deem ao trabalho de jogar bombas em nós. Seria desperdício de munição. Vamos nos matar perfeitamente bem desse jeito. — Com um gesto, ela nos convida a sentar no chão. — Vocês podem parar um pouco por aqui. Vou pegar comida. Não tem muito. Eu estava

esperando uma nova remessa. Estamos recebendo ajuda da resistência. Mas deve ter acontecido alguma coisa.

— Patrulhas — diz Alex. — Havia reguladores ao sul daqui. Encontramos um grupo.

Pippa não parece surpresa. Já devia saber que a Selva foi invadida.

— Não é surpresa vocês estarem tão destruídos — diz ela. — Vão em frente. A cozinha já vai abrir.

Julian está muito quieto. Sinto a tensão em seu corpo. Ele fica olhando ao redor, como se esperasse que alguém saído das sombras viesse atacá-lo. Agora que estamos deste lado das fogueiras, envoltos por calor e luzes, o resto do acampamento parece um borrão escuro, trevas que se contorcem e se agitam, tomadas por sons animais.

Nem imagino o que ele deve pensar deste lugar, o que deve pensar de *nós*. Essa é a visão do mundo contra a qual sempre o alertaram: um mundo da doença é um mundo de caos e sujeira, egoísmo e desordem.

Sinto uma raiva despropositada dele. Sua presença aqui, sua ansiedade, são um lembrete de que há uma diferença entre o povo dele e o meu.

Prego e Graúna ocuparam um dos bancos. Fê, Dani, Alistar e Lupi se espremem no outro. Julian e eu nos sentamos no chão. Alex fica de pé. Coral se senta bem à frente dele, de costas; tento não prestar atenção ao fato de que ela está inclinada para trás, apoiada nas pernas dele, a nuca contra o joelho dele.

Pippa tira uma chave do pescoço e destranca a geladeira grande. Dentro, há latas e mais latas de comida enfileiradas, assim como sacos de arroz. As prateleiras de baixo estão repletas de ataduras, pomada antibiótica e comprimidos de ibuprofeno. Pippa vai pegando algumas coisas e ao mesmo tempo nos fala sobre o acampamento e as revoltas em Waterbury que levaram à sua criação.

— Começou nas ruas — explica ela enquanto coloca arroz em uma panela grande e amassada. — A maioria crianças e adolescentes. Não curados. Alguns foram encorajados por simpatizantes, e arrumamos alguns integrantes da R para servirem de informantes e para manter todos inflamados.

Ela se move com precisão, sem desperdiçar energia. As pessoas se materializam da escuridão para ajudá-la. Em pouco tempo ela colocou várias panelas em uma das fogueiras na extremidade da área. A deliciosa fumaça, repleta de aromas de comida, chega até nós.

Há uma mudança imediata, uma diferença na escuridão que nos cerca: um grupo de pessoas surgiu, uma parede de olhos escuros e famintos. Dois dos homens de Pippa montam guarda ao lado das panelas com facas nas mãos.

Meu corpo treme. Julian não me abraça.

Comemos arroz e feijão com as mãos, direto de uma panela que passa de um para outro. Pippa não para de se mexer um segundo. Ela anda com o pescoço esticado para a frente, como se esperasse encontrar uma barreira e já estivesse preparada para bater com a cabeça até passar. Também não para de falar.

— A R me mandou para cá — conta para Graúna, que perguntou como ela veio parar aqui em Waterbury. — Depois de todas as revoltas na cidade, pensamos que teríamos uma boa chance de organizar um movimento de protesto, planejar uma oposição em larga escala. São mais ou menos duas mil pessoas no acampamento agora. É muito potencial humano.

— E como estão indo as coisas? — pergunta Graúna.

Pippa se agacha ao lado da fogueira e cospe.

— O que você acha? Estou aqui há um mês e encontrei talvez cem pessoas que ligam para a causa, que estão dispostas a lutar. O resto tem medo demais, está cansado demais, desanimado demais. Ou simplesmente não se importa.

— O que você vai fazer?

— O que eu posso fazer? — Pippa abre as mãos. — Não posso obrigar ninguém a se envolver e não posso dizer às pessoas o que fazer. Aqui não é a Zumbilândia, certo?

Devo estar fazendo uma careta, porque Pippa me encara.

— O que foi? — pergunta ela.

Olho para Graúna em busca de orientação, mas só vejo um rosto impassível.

— Deve haver algum jeito… — arrisco, voltando a olhar para Pippa.

— Você acha? — Ela assume um tom agressivo. — Que jeito? Não tenho dinheiro, então não posso subornar ninguém. Não temos força suficiente para ameaçar quem quer que seja. Não posso convencê-los se não quiserem ouvir. Bem-vinda ao mundo livre. Damos às pessoas o poder de escolha. Elas podem até escolher fazer a coisa errada. Lindo, não é? — Ela se levanta bruscamente e se afasta do fogo. Quando volta a falar, reassume um tom controlado: — Não sei o que vai acontecer. Estou esperando ordens de cima. Talvez seja melhor seguir em frente, deixar esse lugar apodrecer. Pelo menos no momento estamos seguros.

— E vocês não têm medo de sofrer ataques? — pergunta Prego. — Não acham que vai haver retaliação?

Pippa balança a cabeça.

— A cidade foi praticamente evacuada depois das revoltas. — Ela abre um pequeno sorriso. — Medo de contágio, do *deliria* se espalhando pelas ruas, nos transformando em animais. — O sorriso some. — Se eu contasse para vocês as coisas que vi aqui… Talvez eles tivessem razão.

Ela pega uma pilha de cobertores e os entrega a Graúna.

— Tome. Mexa-se. Vocês vão ter que dividir. Aqui é mais difícil proteger os cobertores do que as panelas. Ajeitem-se onde encontrarem lugar. Mas não vão para muito longe. Tem gente maluca por aqui. Já vi de tudo: intervenções que deram errado, pirados, criminosos, tudo. Bons sonhos, crianças.

Só percebo o quanto estou exausta quando Pippa fala sobre dormirmos. Estou acordada há mais de vinte e seis horas, movida pelo medo do que vai acontecer conosco. Agora meu corpo pesa. Julian me ajuda a levantar. Vou atrás dele como uma sonâmbula, cega, sem nem perceber direito o que me cerca. Seguimos para longe da cabana de três lados.

Julian para próximo de uma fogueira que se apagou. Estamos na base da colina, e aqui a inclinação é ainda maior do que na área por onde descemos. Não há caminho aberto.

Não ligo para a dureza do chão, para o frio intenso, para os gritos contínuos ao nosso redor, uma escuridão viva e ameaçadora. Quando Julian se deita atrás de mim e nos envolve com o cobertor, já fui para outro lugar. Estou no antigo lar, no quarto de convalescença, e Grace está lá, falando comigo, dizendo meu nome sem parar. Mas a voz dela é sobreposta por asas pretas batendo, e, quando ergo os olhos, vejo que o telhado foi destruído pelas bombas dos reguladores, e que em vez de um teto há apenas o céu escuro e milhares e milhares de morcegos ocultando a lua.

Hana

Acordo com a alvorada surgindo no horizonte. Uma coruja pia em algum lugar perto da minha janela e meu quarto está tomado de projeções de formas escuras.

Em quinze dias estarei casada.

Acompanho Fred à solenidade em que ele vai cortar o laço do novo muro da fronteira, uma estrutura de concreto de quatro metros e meio de altura, reforçada com aço. O novo muro vai substituir todas as cercas eletrificadas que sempre contornaram Portland.

A primeira fase de construção, completada apenas dois dias depois que Fred assumiu a prefeitura oficialmente, sai de Old Port, passa pela ponte Turkey e segue até as Criptas. A segunda fase só será concluída daqui a um ano e vai levar o muro até o rio Fore; dois anos depois disso, o muro final vai subir ligando os dois, e a modernização e o fortalecimento da fronteira estarão completos, bem a tempo da reeleição de Fred.

Na cerimônia, Fred dá um passo à frente com uma tesoura enorme, sorrindo para os jornalistas e fotógrafos amontoados em frente ao muro. A manhã está radiante e ensolarada, um dia de promessas e possibilidades. Ele levanta a tesoura dramaticamente em direção ao grosso laço vermelho pendurado no concreto. No último segundo, para, vira-se e faz um sinal para eu me aproximar.

— Quero que minha futura esposa conduza este dia tão marcante! — diz ele, e há um grito de aprovação quando me aproximo, corando, fingindo surpresa.

Foi tudo ensaiado, é claro. Ele faz seu papel. E eu me esmero em fazer o meu também.

A tesoura, embora feita especialmente para a ocasião, está cega, portanto tenho dificuldade em fazer a lâmina cortar o laço. Depois de alguns segundos, minhas mãos começam a suar. Posso sentir a impaciência de Fred por trás do sorriso, sinto o peso do olhar dos aliados dele e integrantes de comitês, todos me observando de uma área pequena e isolada ao lado do grupo de jornalistas.

Pronto! Finalmente consigo fazer a tesoura romper o laço. A fita desce com leveza até o chão e todo mundo comemora em frente ao muro alto e liso de concreto. O arame farpado no alto brilha ao sol, como dentes de metal.

Depois de encerrada a solenidade, nos reunimos no salão de uma igreja local para uma pequena recepção. As pessoas comem brownies e canapés de queijo e se sentam em cadeiras dobráveis, equilibrando copos de plástico com refrigerante no colo.

Tudo isso — a informalidade, a sensação de vizinhança, o porão de igreja com paredes brancas e limpas e cheiro leve de terebintina — também foi cuidadosamente planejado.

Fred recebe os parabéns e responde a perguntas sobre política e planejamento. Minha mãe está vibrando, mais feliz do que já vi em qualquer outra ocasião, e quando chama minha atenção do outro lado do salão, pisca. Ocorre-me que isso é o que ela sempre quis para mim, para nós, durante toda a minha vida.

Transito pela multidão sorrindo, conversando educadamente quando necessário. Por baixo das

risadas e das conversas, sou perseguida por um sibilar de cobra, um nome que me segue para todos os lados.

Mais bonita do que Cassie…

Não tão magra quanto Cassie…

Cassie, Cassie, Cassie…

Fred está de ótimo humor na volta para casa. Ele afrouxa a gravata, desabotoa o colarinho, dobra as mangas da camisa até os cotovelos e abre as janelas para que a brisa entre no carro, soprando seu cabelo no rosto.

Já se parece mais com o pai. Seu rosto está vermelho (estava quente dentro da igreja), e por um segundo não consigo deixar de imaginar como vai ser depois que nos casarmos, em quanto tempo vai querer começar a tentar ter um filho. Fecho os olhos e visualizo a baía, deixo a imagem de Fred sobre mim se partir em meio às ondas.

— Eles estavam engolindo tudo — diz Fred, empolgado. — Eu dei umas pistas aqui e ali sobre Finch e o Departamento de Energia, e dava para ver que estava todo mundo indo à loucura.

De repente não consigo mais segurar a pergunta:

— O que aconteceu com Cassandra?

O sorriso dele some.

— Você estava prestando atenção, pelo menos?

— Estava. Eles estavam engolindo tudo. Indo à loucura. — Ele faz uma careta ao ouvir os termos que ele próprio usou. — Mas é que você me lembrou que já tem tempo que quero perguntar isso. Nunca me contou o que aconteceu com ela.

Agora o sorriso sumiu completamente. Ele se vira para a janela. O sol da tarde corta seu rosto em padrões alternados de luz e sombra.

— O que faz você pensar que alguma coisa *aconteceu*?

— Eu só quis dizer… — Mantenho a leveza na voz. — Eu queria saber por que vocês se divorciaram.

Ele se vira rapidamente para me observar com os olhos apertados, como se esperando pegar a mentira no meu rosto. Mantenho a expressão neutra. Ele relaxa um pouco.

— Diferenças irreconciliáveis. — O sorriso volta. — Devem ter cometido um erro quando a avaliaram. Ela não era certa para mim.

Ficamos nos olhando, ambos sorrindo, cumprindo nosso dever, mantendo os respectivos segredos.

— Sabe uma das coisas de que mais gosto em você? — pergunta ele, esticando a mão para tocar no meu braço.

— O quê?

Ele me puxa de repente para perto. Dou um gritinho de surpresa. Ele belisca a pele macia da parte interna do meu cotovelo, o que provoca uma dor intensa no meu braço. Lágrimas surgem nos meus olhos, e inspiro profundamente para contê-las.

— Você não faz muitas perguntas — diz ele, e me empurra para longe de forma rude. — Cassie fazia perguntas demais.

Ele então se recosta no banco e seguimos o resto do caminho em silêncio.

* * *

O fim da tarde era minha hora favorita do dia. Minha e da Lena. Ainda é?

Não sei. Meus sentimentos, minhas antigas preferências, estão fora de alcance. Não erradicados completamente, como deveriam estar, mas como sombras que fogem sempre que tento me concentrar nelas.

Não faço perguntas.

Apenas me deixo levar.

O trajeto de bicicleta até Deering Highlands já está mais fácil. Felizmente, não encontro ninguém. Coloco a comida e a gasolina no porão subterrâneo que Grace me mostrou.

Depois, vou até a rua Preble, onde ficava o mercadinho de esquina do tio de Lena. Como eu desconfiava, está fechado. Grades de metal foram colocadas nas vitrines; atrás do aço treliçado vejo pichações no vidro, agora indecifráveis, apagadas pela chuva e pelo vento. O toldo azul royal está rasgado e despencando. Um suporte de metal fino e comprido, como a perna articulada de uma aranha, se soltou do tecido e voa como um pêndulo ao vento. Uma plaquinha presa a uma das grades de metal anuncia: EM BREVE! SALÃO E BARBEARIA BEE'S.

A cidade deve tê-lo obrigado a fechar as portas, ou os clientes pararam de ir ali, com medo de serem condenados por associação. A mãe de Lena, o tio de Lena, William, e agora Lena…

Sangue ruim demais. Doença demais.

Não era surpresa eles estarem escondidos em Deering Highlands. Não era surpresa Willow também estar escondida aqui. Será que foi por escolha ou será que foram coagidos, ameaçados ou até subornados para saírem do bairro?

Não sei o que me faz dar a volta pelos fundos e ir até a viela estreita, até a portinha azul que levava ao depósito. Lena e eu ficávamos ali enquanto ela arrumava as prateleiras, depois da aula.

O sol brilha nos telhados inclinados dos prédios ao meu redor, mas não chega à viela, que está escura e fria. Moscas voam em torno de uma caçamba de lixo, zumbindo e colidindo com o metal. Desço da bicicleta e me encosto em uma das paredes de concreto bege. Os sons da rua, de pessoas gritando umas com as outras, o ocasional barulho de um ônibus, já parecem distantes.

Vou em direção à porta azul, que está suja de cocô de pombo. Só por um momento o tempo parece se desdobrar em dois, e imagino que Lena vai abrir a porta para mim, como sempre fazia. Vou me sentar em uma das caixas de leite ou de milho enlatado, vamos dividir um saco de batatas fritas e um refrigerante roubados do estoque e vamos ficar conversando sobre…

O quê?

Sobre o que conversávamos naquela época?

Sobre a escola, eu acho. Sobre as outras garotas da sala, as reuniões da equipe de corrida e a série de concertos no parque, sobre quem tinha sido convidado para quais festas de aniversário, sobre o que queríamos fazer juntas.

Nunca sobre garotos. Lena não falava sobre isso. Ela tomava muito cuidado.

Até que, um dia, se descuidou.

Lembro-me perfeitamente daquele dia. Eu ainda estava em choque por causa das batidas da noite

anterior, por causa do sangue e da violência, do coro de gritos e berros. Tinha vomitado o café da manhã.

Lembro-me da expressão de Lena quando ele bateu à porta, dos olhos enlouquecidos, apavorados, do corpo tenso, e de como Alex a olhou quando ela finalmente o deixou entrar no depósito. Lembro-me exatamente do que ele estava vestindo, do cabelo bagunçado, dos tênis com cadarços manchados de azul. Seu sapato direito estava desamarrado. Ele não reparou.

Não reparou em nada além de Lena.

Lembro-me da pontada quente que me perfurou. Inveja.

Estico a mão para a maçaneta da porta, inspiro fundo e puxo. Está trancada, é claro. Não sei o que eu estava esperando e nem por que estou tão decepcionada. *Deveria* mesmo estar trancada. Lá dentro, a poeira se acumula nas prateleiras.

Assim é o passado: ele flui, ele se acumula. Se você não tomar cuidado, ele enterra você. É parte do que faz com que a cura seja necessária. Para limpar, distanciar o passado e toda a sua dor, como uma marca bem leve em vidro reluzente.

Mas a cura funciona de forma diferente para cada pessoa, e não funciona perfeitamente para todos.

Estou decidida a ajudar a família de Lena. A loja foi tirada deles e o apartamento foi retomado, e sou parcialmente responsável por isso. Fui eu quem a encorajou a ir à primeira festa ilegal, era eu quem sempre a estimulava a seguir em frente, perguntava da Selva, falava de ir embora de Portland.

E fui eu quem ajudou Lena a fugir. Levei o bilhete para Alex informando-o de que ela tinha sido pega e que a data da intervenção tinha sido mudada. Se não fosse eu, Lena teria sido curada. Ela estaria assistindo a uma das aulas na Universidade de Portland, ou caminhando pelas ruas de Old Port com seu par. O Stop-N-Save ainda estaria aberto e a casa em Cumberland estaria ocupada.

Mas a culpa vai bem mais fundo do que isso. É como poeira: camadas e camadas se acumularam.

Porque, se não fosse eu, Lena e Alex não teriam sido capturados.

Eu os delatei.

Fiquei com inveja.

Que Deus me perdoe, pois eu pequei.

Lena

Acordo com movimento e barulho. Julian sumiu.

O sol está alto, o céu sem nuvens e o dia parado. Afasto o cobertor e me sento, piscando muito. Sinto gosto de terra na boca.

Graúna está ajoelhada aqui perto, colocando um galho de cada vez em uma das fogueiras. Ela olha para mim.

— Uau, você está viva. Dormiu bem?

— Que horas são? — pergunto.

— Mais de meio-dia. — Ela se levanta. — Daqui a pouco vamos até o rio.

— Vou com vocês.

Água: é disso que preciso. Preciso me lavar e beber. Sinto como se meu corpo todo estivesse coberto de sujeira.

— Então venha — diz ela.

Pippa está sentada na extremidade do acampamento, conversando com uma mulher desconhecida.

— Da resistência — explica Graúna quando me pega observando a cena, e meu coração dá um pulinho esquisito no peito. Minha mãe é da resistência. É possível que a estranha a conheça. — Ela está uma semana atrasada. Estava vindo de New Haven com suprimentos, mas foi surpreendida por patrulhas.

Engulo em seco. Tenho medo de pedir notícias à estranha. Estou morrendo de medo de me decepcionar de novo.

— Você acha que Pippa vai embora de Waterbury? — pergunto.

Graúna dá de ombros.

— Vamos ver.

— Para onde vamos?

Ela abre um sorrisinho, estica a mão e toca no meu cotovelo.

— Ei, não se preocupe tanto, ok? Esse é o meu trabalho.

Sinto uma onda de carinho por Graúna. As coisas entre nós não são as mesmas desde que descobri que ela e Prego usaram a mim e a Julian em prol do movimento. Mas eu estaria perdida sem ela. Todos nós estaríamos.

Prego, Alistar, Lupi e Julian estão de pé juntos, segurando baldes improvisados e recipientes de vários tamanhos. Esperam por Graúna. Não sei onde Coral e Alex estão. Também não vejo Fê.

— Ei, Bela Adormecida — diz Alistar.

Está na cara que ele dormiu bem. Sua aparência é cem vezes melhor do que a de ontem, e parou de tossir.

— Vamos seguir em frente — ordena Graúna.

Saímos da segurança relativa do acampamento de Pippa e abrimos caminho entre a multidão,

passando pelo labirinto de abrigos e barracas improvisadas. Tento não respirar fundo demais. O lugar fede a corpos sujos e, ainda pior, a banheiro. O ar está cheio de moscas e mosquitos. Mal posso esperar para entrar na água, para me livrar dos cheiros e da sujeira. Ao longe, vejo o risco escuro que é o rio, serpenteando pelo lado sul do acampamento. Não está muito longe agora.

O amontoado de barracas e abrigos começa a rarear. Há tiras de asfalto velho, agora rachado e fragmentado, ziguezagueando pelo terreno. Quadrados grandes de concreto marcam as estruturas de casas velhas.

Quando nos aproximamos do rio, vemos que um grupo se reuniu na margem. As pessoas estão gritando, empurrando e abrindo caminho até a água.

— Qual é o problema *agora*? — murmura Prego.

Julian puxa os baldes até os ombros e franze a testa, mas fica em silêncio.

— Não tem problema nenhum — diz Graúna. — As pessoas só estão empolgadas para tomar banho. — A voz dela soa tensa.

Forçamos a passagem até a multidão. O cheiro é insuportável. Tenho ânsia de vômito, mas não há espaço para me mover, não tenho como levar a mão até a boca. Novamente fico feliz por ter só um metro e sessenta de altura; pelo menos consigo me espremer em pequenas aberturas entre as pessoas e consigo chegar na frente primeiro. Alcanço a margem íngreme de pedras no rio enquanto a multidão continua a crescer atrás de mim, lutando para chegar à água.

Tem alguma coisa errada. O nível da água está extremamente baixo. Não passa de um córrego, com uns trinta centímetros de largura e menos do que isso de profundidade, tomado quase que só por lama. Conforme o rio segue em direção à cidade, vai se enchendo de um quebra-cabeça de pessoas, crescendo nas margens, desesperadas para encher recipientes. De longe, parecem insetos.

— Mas que diabos está acontecendo? — Graúna finalmente chega à margem e se põe ao meu lado, perplexa.

— A água está acabando — digo.

Ao olhar para o córrego de lama, começo a entrar em pânico. De repente tenho mais sede do que jamais tive na vida.

— Impossível — diz Graúna. — Pippa disse que ontem mesmo o rio estava fluindo normalmente.

— É melhor pegarmos o que der — observa Prego.

Ele, Alistar e Lupi finalmente chegaram à margem. Julian chega um momento depois. Seu rosto está vermelho de suor, o cabelo grudado na testa. Por um momento meu coração dói por ele. Eu nunca devia ter pedido a ele que viesse se juntar a mim aqui; nunca devia ter pedido que ele atravessasse.

Mais e mais pessoas chegam ao rio e lutam pelo pouco de água que sobrou. Não há escolha; temos que lutar com elas. Quando entro na água, alguém me empurra, e acabo caindo para trás com força em algumas pedras. Sinto uma dor subir pela coluna e preciso tentar três vezes até ficar de pé. Tem pessoas demais passando por mim, me empurrando. Julian acaba tendo que abrir caminho em meio à multidão para me ajudar a levantar.

No final, pegamos só uma fração da água que queríamos, e ainda perdemos parte no caminho de volta para o acampamento de Pippa, pois um homem se choca com Alistar e vira um dos baldes. A água que pegamos está cheia de sedimentos finos e vai ficar ainda mais reduzida quando fervermos para tirar

a lama. Eu choraria se não precisasse economizar líquido.

Pippa e a mulher da resistência estão de pé no meio de um pequeno círculo de pessoas. Alex e Coral voltaram. Não consigo deixar de imaginar para onde eles foram juntos. É burrice, com tantas outras coisas com que me preocupar, mas minha mente sempre acaba voltando a isso.

Amor deliria *nervosa: afeta nossa mente, impedindo-nos de pensar com clareza ou tomar decisões racionais sobre nosso próprio bem-estar. Sintoma número 12.*

— O rio… — começa Graúna quando nos aproximamos, mas Pippa a interrompe.

— Nós soubemos. — Seu rosto está sério. À luz do dia, vejo que Pippa é mais velha do que pensei. Supus que tivesse trinta e poucos anos, mas seu rosto tem muitas rugas e o cabelo está grisalho nas têmporas. Ou talvez seja apenas o efeito de estar aqui, na Selva, lutando nesta guerra. — Não está correndo.

— O que você quer dizer? — pergunta Alistar. — Um rio não para de correr da noite para o dia.

— Se for represado, sim — diz Alex.

Por um segundo ficamos em silêncio.

— Como assim *represado*? — Julian é quem fala primeiro. Ele também está tentando não entrar em pânico. Detecto isso em sua voz.

Alex olha para ele.

— Represado — repete. — No sentido de que foi parado. Bloqueado. Obstruído ou confinado por…

— Mas quem fez a represa? — interrompe Julian, se recusando a olhar para Alex. Mas é ele quem responde:

— É óbvio, não é? — Ele se mexe um pouco e vira o corpo na direção de Julian. Há uma tensão quente e elétrica no ar. — As pessoas do outro lado. — Ele faz uma pausa. — Seu povo.

Julian ainda não está acostumado a perder o controle. Abre a boca, mas logo a fecha. E diz, muito calmamente:

— O que você disse?

— Julian. — Coloco a mão no braço dele.

Pippa se intromete.

— Waterbury foi quase toda evacuada antes de eu chegar — diz ela. — Pensamos que era por causa da resistência. Encaramos como sinal de progresso. — Ela solta uma gargalhada áspera. — Obviamente, eles tinham outros planos. Cortaram a fonte de água da cidade.

— Então vamos embora — diz Dani. — Existem outros rios. A Selva está cheia deles. Vamos para outro lugar.

A sugestão dela é recebida com silêncio. Ela olha para Pippa e para Graúna.

Pippa passa a mão pelo cabelo curto.

— Sim, claro. — É a mulher da resistência quem fala. Ela tem um sotaque engraçado, todo cantarolado e melódico. — As pessoas que pudermos reunir, as que conseguirmos mobilizar… podemos ir embora. Podemos nos espalhar, ir um para cada lado da Selva. Mas deve haver patrulhas esperando por nós. Devem estar se reunindo agora mesmo. É mais fácil para eles se estivermos em grupos menores; há menos chance de lutarmos. Além do mais, fica melhor aos olhos da imprensa.

Massacres em larga escala são mais difíceis de encobrir.

— Como você sabe tanta coisa sobre isso?

Eu me viro. Fê acabou de se juntar ao grupo. Está um pouco sem fôlego, com o rosto brilhando, como se tivesse vindo correndo. Onde será que estava esse tempo todo? Como sempre, o cabelo dela está solto, grudado no pescoço e na testa.

— Esta é Summer — diz Pippa, com firmeza. — Da resistência. Graças a ela vocês têm o que comer hoje.

A mensagem é clara: *Cuidado com o que dizem*.

— Mas nós *temos* que ir. — A voz de Alistar é praticamente um latido. Tenho vontade de pegar na mão dele. Alistar nunca perde o controle. — Que outra escolha temos?

— Podemos lutar — diz ela, sem hesitar. — Todos nós estamos procurando uma chance de nos juntarmos, de transformar essa confusão em alguma coisa melhor. — Ela indica o amontoado de abrigos, como pedaços de enormes detritos de metal brilhando no horizonte. — Esse era o sentido de vir para a Selva, não era? Para todos nós? Estávamos cansados de nos dizerem o que escolher.

— Mas como vamos lutar? — Eu me sinto mais tímida na frente dessa mulher de voz suave e musical e olhos intensos do que na frente de qualquer outra pessoa. Mas continuo: — Somos fracos. Pippa disse que não estamos organizados. Sem água…

— Não estou sugerindo lutarmos de igual para igual — interrompe ela. — Nem sabemos com o que estamos lidando, quantas pessoas sobraram na cidade, se há patrulhas na Selva. O que estou sugerindo é que tomemos o rio de volta.

— Mas se o rio está represado…

Mais uma vez, ela me interrompe:

— Represas podem ser explodidas.

Mais um segundo de silêncio. Graúna e Prego trocam um olhar. Esperamos que um deles fale, mais por hábito que por outra coisa.

— Qual o seu plano? — pergunta Prego, e, de repente, sei que é real. Isso está acontecendo. Isso vai acontecer.

Fecho os olhos. Uma imagem surge em minha mente: eu e Julian saindo da van depois de nossa fuga de Nova York. Acreditando naquele momento que tínhamos escapado do pior, que a vida recomeçaria para nós.

Mas a vida só ficou mais difícil.

Será que algum dia isso vai ter fim?

Sinto a mão de Julian no meu ombro; um aperto, uma tranquilização. Abro os olhos.

Pippa se agacha e desenha na terra, com o polegar, uma gota grande.

— Vamos dizer que isso seja Waterbury. Estamos aqui. — Ela marca um *X* no lado sudeste da parte mais larga. — E sabemos que, quando a luta começou, os curados foram para o lado oeste da cidade. Meu palpite é de que a represa seja em algum lugar por aqui.

Ela faz um *X* no lado leste, onde a gota começa a se estreitar.

— Por quê? — pergunta Graúna.

O rosto dela está vivo de novo, está alerta. Por um momento, quando olho para ela, sinto um

arrepio. Ela vive para isso: para a luta, para a batalha pela sobrevivência. Ela realmente *gosta* disso.

Pippa dá de ombros.

— É meu melhor palpite. Aquela parte da cidade era quase toda tomada por um parque; devem ter inundado completamente a área e redirecionado o fluxo d'água. Devem ter aumentado a defesa lá, claro, mas se tivessem poder de fogo suficiente para nos derrotar, já teriam atacado. Estamos falando de qualquer força que eles possam ter reunido em uma semana ou duas.

Ela olha para nós, para ter certeza de que estamos acompanhando. Em seguida, desenha uma seta na base da gota, apontando para cima.

— Eles devem esperar que a gente chegue pelo norte, pela direção do fluxo d'água. Ou pensam que vamos embora. — Ela desenha linhas irradiando em várias direções da base da lágrima; agora, parece uma carinha sorridente com barba, e demente. — Acho que deveríamos fazer um ataque direto, enviar uma pequena força para dentro da cidade, estourar a represa. — Ela desenha uma linha no meio da lágrima, cortando-a ao meio.

— Estou dentro — diz Graúna.

Prego cospe. Ele não precisa dizer que também está dentro.

Summer cruza os braços e olha para o diagrama de Pippa.

— Vamos precisar de três grupos — informa ela lentamente. — Dois para distrair, para criar problemas aqui e aqui — ela se inclina e marca dois *X* em pontos distintos no contorno —, e uma força menor para entrar, fazer o serviço e sair.

— Estou dentro — diz Fê. — Desde que eu possa fazer parte da força principal. Não quero nada dessa droga de trabalho de apoio.

Isso me surpreende. No velho lar, Fê nunca expressou interesse em se juntar à resistência. Nunca nem fez uma marca falsa de intervenção. Só queria ficar o mais longe possível da luta; queria fingir que o outro lado, o lado curado, não existia. Alguma coisa deve ter mudado nos meses que passamos separadas.

— Fê pode vir conosco. — Graúna sorri. — Ela é um amuleto da sorte ambulante. Foi daí que veio o nome dela. Não é, Felizarda?

Fê não diz nada.

— Também quero fazer parte da força principal — diz Julian de repente.

— Julian… — sussurro.

Ele me ignora.

— Vou aonde vocês precisarem que eu vá — diz Alex.

Julian lança um olhar para ele, e, por um segundo, sinto o ressentimento entre os dois, uma força inflexível, bruta.

— Eu também — reforça Coral.

— Pode contar com a gente. — Alistar fala por si e por Lupi.

— Quero ser quem vai acender o fósforo — diz Dani.

Outras pessoas estão falando agora, se voluntariando para tarefas diferentes. Graúna olha para mim.

— E você, Lena?

Sinto os olhos de Alex em mim. Minha boca está muito seca; o sol está cegante de tão forte. Afasto o

olhar, viro para as centenas e centenas de pessoas que foram tiradas de suas casas, de suas vidas, e trazidas para este lugar repleto de poeira e sujeira, só porque queriam ter o poder de sentir, pensar, escolher por si mesmas. Elas não tinham como saber que mesmo isso era mentira, que nunca escolhemos, não completamente. Estamos sempre sendo empurrados e espremidos de um caminho para outro. Não temos escolha além de seguir em frente, e seguir em frente de novo, e depois seguir em frente de novo; de repente, nos vemos em uma estrada que não escolhemos.

Mas talvez a felicidade não esteja em escolher. Talvez esteja na ficção, em fingir que, onde quer que formos parar, era o lugar aonde pretendíamos chegar o tempo todo.

Coral leva a mão até o braço de Alex.

— Estou com Julian — digo.

Afinal, foi isso que eu escolhi.

Hana

Antes de voltar para casa, passo um tempo ziguezagueando pelas ruas perto de Old Port, tentando tirar Lena e a culpa da mente; tentando afastar a voz de Fred dos meus pensamentos: *Cassie fazia perguntas demais.*

Subo no meio-fio e pedalo o mais rápido que consigo, como se pudesse afastar os pensamentos com os pés. Em duas curtas semanas não terei mais nem essa liberdade; serei conhecida demais, seguida demais. O suor escorre pelo meu couro cabeludo. Uma mulher idosa surge de uma loja. Mal tenho tempo de desviar e saltar para a rua sem atingi-la.

— Idiota! — grita ela.

— Desculpe! — grito por cima do ombro, mas a palavra se perde no vento.

E então, do nada, um cachorro latindo, uma mancha enorme de pelos pretos, pula em mim. Puxo o guidão para a direita e perco o equilíbrio. Caio da bicicleta, bato com força o cotovelo no chão e derrapo alguns metros, sentindo a dor explodir no lado direito do corpo. Minha bicicleta cai ao meu lado, fazendo um barulho agudo no concreto, e alguém está gritando e o cachorro continua latindo. Um dos meus pés está preso nos raios da roda da frente. O cachorro corre ao meu redor, ofegante.

— Você está bem? — Um homem atravessa a rua apressado. — Cachorro mau — diz ele, e dá um tapa na cabeça do bicho. O cachorro se afasta alguns metros, choramingando.

Eu me sento e solto o pé da bicicleta com cuidado. Meu braço direito e minha canela estão cheios de cortes, mas, por algum milagre, acho que não quebrei nada.

— Estou bem.

Eu me levanto e giro os tornozelos e punhos lentamente para ver se sinto alguma dor. Nada.

— Você devia prestar mais atenção por onde anda — diz o homem. Ele parece irritado. — Podia ter morrido.

E então ele sai andando pela rua e assovia para o cachorro, que vai atrás dele de cabeça baixa.

Levanto a bicicleta e empurro-a até a calçada. A corrente soltou e um dos lados do guidão está meio torto, mas, fora isso, não houve muito estrago. Quando me abaixo para ajeitar a corrente, vejo que estou bem em frente ao Centro de Organização, Pesquisa e Educação. Devo ter rondado o local durante a última hora.

O COPE guarda os registros públicos de Portland, os documentos de incorporação das empresas, assim como os nomes, datas de nascimento e endereços dos cidadãos; cópias de certidões de nascimento, casamento, registros médicos e odontológicos; registros de violações contra a ordem pública, boletins e pontuações de revisão anual, assim como resultados de avaliação e pareamentos sugeridos.

Uma sociedade aberta é uma sociedade saudável; a transparência é necessária para a confiança. É isso que a *Shhh* ensina. Minha mãe formulava de outra maneira: só quem tem alguma coisa a esconder é que faz questão de privacidade.

Não é uma decisão consciente, mas prendo a bicicleta em um poste e subo as escadas correndo.

Empurro a porta giratória e entro em um saguão grande e simples, decorado com piso cinza de linóleo e luzes de teto que zumbem.

Há uma mulher sentada atrás de uma mesa de madeira falsa, em frente a um computador de aparência antiga. Atrás dela, uma corrente grossa bloqueia uma passagem, com uma placa pendurada que diz: SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO E FUNCIONÁRIOS DO COPE.

A mulher mal me olha quando me aproximo da mesa. Uma plaquinha a identifica como TANYA BOURNE, ASSISTENTE DE SEGURANÇA.

— Posso ajudar? — pergunta ela em tom monótono.

É evidente que ela não me reconhece.

— Espero que sim — digo com alegria, colocando as mãos na mesa e assim obrigando-a a me encarar. Lena dizia que com esse meu olhar eu conseguia qualquer coisa. — Sabe, meu casamento está chegando e eu me esqueci completamente de convidar Cassie, e agora nem tenho tempo direito de encontrá-la…

A mulher suspira e se ajeita na cadeira.

— E é claro que Cassie *tem* que estar aqui. Mesmo sem falar com ela… bem, ela me convidou para o casamento *dela*, e não seria simpático da minha parte, seria? — Dou uma risadinha.

— Senhorita…? — pergunta ela, em tom cansado.

— Ah, me desculpe — digo, dando mais uma risadinha. — Estou tagarelando. É um péssimo hábito. Acho que só estou nervosa, sabe, por causa do casamento e tudo mais. — Faço uma pausa e inspiro fundo. — E então, você pode me ajudar?

Ela pisca. Seus olhos têm cor de água suja.

— O quê?

— Você pode me ajudar a encontrar Cassie? — pergunto, apertando as mãos e torcendo para ela não reparar. *Por favor, diga que sim*. — Cassandra O'Donnell.

Observo Tanya com atenção, mas ela parece não reconhecer o nome. Com um suspiro exagerado, ela empurra a cadeira para se levantar e vai até uma pilha de papéis. Quando volta, bamboleante, praticamente joga os papéis na mesa. Parece um prontuário médico, com pelo menos vinte páginas.

— Pedidos de Informação Pessoal devem ser enviados para o COPE, aos cuidados do Departamento do Censo, e serão processados em até noventa dias…

— Noventa dias! — exclamo, interrompendo-a. — Meu casamento é daqui a *duas semanas*.

Ela repuxa a boca em uma expressão de desgosto. Seu rosto todo tem cor de água suja. Talvez tenha azedado de tanto ficar aqui, dia após dia, sob essas luzes desbotadas zumbindo. Ela diz com determinação:

— Formulários de Pedidos de Informação Pessoal de Emergência precisam ser acompanhados de uma declaração pessoal…

— Olhe. — Abro os dedos na mesa e esmago a frustração com a palma das mãos. — A verdade é que Cassandra é meio megera, sabe? Eu nem *gosto* dela.

Tanya mostra um pouco mais de interesse.

A mentira sai com facilidade:

— Ela sempre disse que eu ia me sair mal nas avaliações, sabe? E, quando tirou um 8, passou dias e

dias repetindo isso. Então, quer saber? Fiz uma pontuação maior do que a dela, e meu par é melhor, e meu casamento também vai ser melhor. — Eu me inclino um pouco mais para perto e passo a sussurrar. — Quero que ela esteja lá. Quero que veja.

Tanya me observa com atenção por um minuto. E então, lentamente, sua boca se abre em um sorriso.

— Eu conheci uma mulher assim — diz ela. — Parecia que tinha o rei na barriga. — Ela volta a atenção para a tela do computador. — Como é mesmo o nome dela?

— Cassandra. Cassandra O'Donnell.

As unhas de Tanya fazem *tec-tec-tec* no teclado. Ela balança a cabeça e franze a testa.

— Lamento. Não tem ninguém listado com esse nome.

Meu estômago dá um nó.

— Tem certeza? Será que você escreveu certinho?

Ela vira a tela do computador para mim.

— Tem quatrocentos O'Donnell. Nenhuma Cassandra.

— E Cassie?

Estou lutando contra uma sensação ruim, uma sensação que não sei identificar. Impossível. Mesmo se estivesse morta, ela apareceria no sistema. O COPE guarda registros de todo mundo, vivo ou morto, dos últimos sessenta anos.

Ela reajusta a tela e faz *tec-tec-tec* de novo; depois balança a cabeça.

— Hã-hã. Lamento. Será que o nome dela não se escreve de outra forma?

— Talvez.

Tento sorrir, mas minha boca não obedece. Não faz sentido. Como uma pessoa desaparece? Um pensamento me ocorre: talvez ela tenha sido invalidada. É a única coisa que faz algum sentido. Talvez a cura dela não tenha funcionado, talvez ela tenha contraído *deliria*, talvez tenha fugido para a Selva.

Isso faria sentido. Seria um motivo para Fred se divorciar dela.

— …dar certo no final.

Eu pisco. Tanya estava falando. Ela olha para mim com paciência, esperando uma resposta.

— Desculpe. O que você disse?

— Eu disse que não me preocuparia muito com isso. Essas coisas costumam dar certo no final. Todo mundo recebe aquilo que é certo no final. — Ela ri alto. — As engrenagens de Deus só giram se todas as peças se encaixarem. Está me entendendo? E você está com seu encaixe certo, e ela vai ter o dela.

— Obrigada — digo.

Ouço sua risada de novo enquanto vou em direção à porta giratória; o som me segue até a rua, ecoa suavemente na minha cabeça mesmo quando já estou a vários quarteirões de distância.

Lena

O sol não se põe — é mais como se o céu se desintegrasse. O horizonte está cor de tijolo; o restante do céu, manchado de sinuosas tiras vermelhas.

O rio diminuiu e passou a ser um filete. Ocorrem brigas por causa de água. Pippa nos avisa para não sairmos do círculo e coloca guardas ao redor. Summer já foi embora. Ou Pippa não sabe para onde ela foi, ou não quer nos contar seus planos.

No final, Pippa decide que menos é mais. Quanto menos pessoas envolvermos, menos chance de dar errado. Os melhores lutadores (Prego, Graúna, Dani e Alistar) serão responsáveis pela ação principal: chegar à represa, seja lá onde for, e destruí-la. Fê insiste em ir com eles, assim como Julian, e, apesar de nenhum dos dois ter experiência em luta, Graúna concorda.

Tenho vontade de matá-la.

— Vamos precisar de guardas também — observa ela. — Sentinelas. Não se preocupem. Vou trazê-los de volta em segurança.

Alex, Pippa, Coral e uma pessoa do grupo de Pippa, cujo apelido é Fera (só consigo imaginar que seja por causa do cabelo preto desgrenhado e da barba preta que esconde a boca), vão formar uma das forças de distração. Por alguma razão acabo sendo escolhida para liderar o segundo grupo. Lupi vai ser meu apoio.

— Eu queria ficar com Julian — digo a Prego. Não me sinto à vontade para reclamar diretamente com Pippa.

— Ah, é? E eu queria bacon com ovos hoje de manhã — retruca ele, sem erguer o olhar, enrolando um cigarro.

— Depois de tudo que fiz por vocês — prossigo —, ainda sou tratada como criança.

— Só quando você age como criança — diz ele com agressividade, e me lembro de uma briga que tive com Alex uma vez, em outra vida, quando descobri que minha mãe tinha ficado presa nas Criptas durante toda a minha vida.

Não pensava nesse momento e nem na explosão de Alex havia muito tempo. Foi pouco antes de ele me dizer que me amava pela primeira vez. Foi pouco antes de eu dizer que também o amava.

Sinto-me desorientada de repente; preciso fincar as unhas nas palmas das mãos até sentir um breve choque de dor. Não entendo como tudo muda, como as camadas da vida vão sendo enterradas. Impossível. Em algum momento, em alguma hora, todos devemos explodir.

— Lena… — Agora Prego levanta a cabeça. — Estamos lhe pedindo isso porque confiamos em você. Você é uma líder. Precisamos de você.

Fico tão abismada com a sinceridade no tom de voz dele que não sei o que responder. Em minha antiga vida, nunca fui líder. Hana era a líder. Eu só a acompanhava.

— Quando isso vai acabar? — pergunto.

— Não sei — diz Prego. É a primeira vez que o ouço admitir não saber de alguma coisa. Ele tenta

continuar a enrolar o cigarro, mas suas mãos estão tremendo. É obrigado a parar e recomeçar. — Talvez não termine nunca.

Por fim, ele desiste e joga o cigarro no chão com irritação. Ficamos em silêncio.

— Lupi e eu precisamos de uma terceira pessoa — digo depois de um tempo. — Porque, se alguma coisa acontecer, se perdermos alguém, o outro ainda tem apoio.

Prego olha para mim de novo. Lembro que ele também é jovem e só tem vinte e quatro anos, como Graúna me contou uma vez. Neste segundo, ele parece realmente ter a idade que tem. Parece um garoto agradecido, como se eu tivesse acabado de oferecer ajuda com o dever de casa.

Mas então o momento passa e seu rosto volta a assumir o ar severo de sempre. Ele pega o pacote de tabaco e o papel e começa tudo de novo.

— Fique com Coral — diz ele.

* * *

A parte da missão que mais me assusta é o percurso pelo acampamento. Pippa nos dá uma das lanternas a pilha, que ficam com Lupi. Sob o brilho trêmulo do facho de luz, a multidão ao nosso redor é fragmentada: um lampejo de sorriso; uma mulher de seios de fora, amamentando um bebê, olhando para nós com ressentimento. Uma maré de pessoas mal se abre para nos deixar passar e volta a fechar passagem atrás de nós. Quase sinto a urgência delas por algum líquido. Os gemidos já começaram, os sussurros de *água*, *água*. De todos os lados vêm sons de gritos, berros sufocados na escuridão, punhos na carne.

Chegamos à margem do rio, agora estranhamente silencioso. Não há mais pessoas lotando as profundezas, lutando por água. Não há mais água pela qual lutar, só um filete da largura de um dedo e preto de tantos sedimentos.

A distância até o muro é de um quilômetro e meio, depois mais seis ao longo da margem até uma das áreas mais fortificadas. Um problema ali atrairá mais atenção e desviará um grande número de forças de segurança para longe do ponto em que Graúna, Prego e os outros vão invadir.

Hoje mais cedo, Pippa abriu a segunda geladeira, a menor, e nos mostrou as prateleiras cheias de armas que a resistência lhe enviou. Prego, Graúna, Fê, Alistar e Julian receberam armas. Nós, no entanto, temos que nos virar com uma garrafa de gasolina pela metade com um trapo velho enfiado no gargalo. Pippa chama de *bolsa de mendigo*. Por um consenso silencioso, fui eleita para carregá-la. Enquanto andamos, a garrafa parece ficar mais pesada na mochila, além de bater de forma desconfortável na minha coluna. Não consigo deixar de imaginar que vou explodir em pedacinhos por acidente.

Chegamos ao local em que o acampamento alcança o muro da fronteira sul, com um grupo de pessoas e barracas encostadas na pedra. Essa parte do muro e a cidade mais além foram abandonadas. Holofotes enormes e escuros estão apontados para o acampamento. Só uma única lâmpada permanece intacta, emitindo uma luz branca intensa que destaca o contorno das coisas claramente, deixando detalhes e profundidade de fora, como um farol iluminando um oceano de água escura.

Seguimos o muro na direção norte, o acampamento ficando para trás. O chão está seco. O tapete de folhas de pinheiro estala a cada passo que damos. Fora isso, agora que o barulho do acampamento se foi,

só há silêncio.

A ansiedade revira meu estômago. Não estou muito preocupada com nosso papel no plano, pois, se tudo der certo, não vamos nem precisar pular o muro, mas Julian está em uma situação que não compreende. Ele não tem ideia do que está fazendo, nem imagina em que está se metendo.

— Isso é loucura — diz Coral de repente, bem alto e em voz estridente. Ela devia estar lutando contra o pânico esse tempo todo. — Nunca vai dar certo. É suicídio.

— Você não precisava vir — replico grosseiramente. — Ninguém a obrigou a se oferecer.

Mas ela parece não me ouvir.

— Devíamos ter feito as malas e ido embora daqui — diz ela.

— E deixar que todo mundo se virasse sozinho? — retruco.

Coral não diz mais nada. Está tão infeliz quanto eu em relação ao que fomos obrigadas a fazer juntas. Provavelmente até mais, considerando que estou no comando.

Andamos por entre as árvores seguindo os movimentos erráticos da lanterna de Lupi, cujo facho de luz tremula na nossa frente como um vaga-lume gigante. De vez em quando atravessamos trechos de asfalto que vão até muro da cidade. Um dia esses caminhos foram estradas que levavam a outras cidades. Agora estão encalhados na terra, rios cinza fluindo ao redor das bases de árvores jovens. Placas cobertas de hera marrom apontam o caminho para cidades e restaurantes há muito destruídos.

Consulto o pequeno relógio de plástico que Fera me emprestou: onze da noite. Faz uma hora e meia que saímos. Temos mais meia hora até o momento de acendermos o pano e jogar a garrafa por sobre o muro. Isso vai ser sincronizado com uma explosão simultânea no lado leste, ao sul de onde Graúna, Prego, Julian e os outros estarão atravessando. Com sorte, as explosões vão desviar a atenção da invasão.

Aqui, distante do acampamento, a fronteira é mais bem-cuidada. O alto muro de concreto está intacto e limpo. Os holofotes funcionam e são mais numerosos: olhos enormes, amplos e ofuscantes em intervalos de seis a nove metros.

Dá para ver mais além as silhuetas negras de condomínios, prédios com fachadas de vidro, torres de igrejas. Sei que devemos estar chegando perto do centro da cidade, que, ao contrário de algumas das áreas residenciais, não foi completamente esvaziada.

A adrenalina começa a fazer efeito em mim, me deixando muito alerta. De repente percebo que a noite não está nada silenciosa. Posso ouvir animais correndo a nossa volta, o ruído de corpos roçando nas folhas.

E então, vozes ao longe, misturadas aos sons da floresta.

— Lupi — sussurro para ele. — Desligue a lanterna.

Ele obedece. Paramos de andar. Os grilos estão cantando, fazendo o ar vibrar, marcando os segundos. Ouço o ritmo raso e desesperado da respiração de Coral. Ela está com medo.

Vozes de novo, e algumas risadas se perdendo no ar. Estamos no meio da floresta, escondidos em uma área densa de escuridão entre dois holofotes. Conforme meus olhos se ajustam, vejo uma luz bem pequena, um vaga-lume laranja, flutuando acima do muro. Ele se acende, se apaga, se acende de novo. Um cigarro. Um guarda.

Outra explosão de gargalhadas rompe o silêncio, desta vez mais alta, e uma voz de homem diz:

— Até parece.

Guardas, no plural.

Então há pontos de observação ao longo do caminho. Isso é bom e ruim. Mais guardas significa mais pessoas para darem o alarme, mais forças para desviar a atenção da invasão principal. Mas também é mais perigoso chegar perto do muro.

Com um gesto, ordeno a Lupi que continuemos a andar. Agora que a lanterna está apagada, temos que seguir devagar. Consulto o relógio de novo. Vinte minutos.

Vejo uma estrutura de metal acima do muro que parece uma gaiola gigante. Uma torre de alarme. Manhattan, que tinha uma parecida com essa, possuía alarmes similares. Dentro da área gradeada há uma alavanca que vai disparar alarmes em toda a cidade, chamar reguladores e a polícia para a fronteira.

A torre de alarme está misericordiosamente situada em um dos espaços escuros entre holofotes. Mas ainda é bem provável que haja guardas de sentinela naquela parte da fronteira, mesmo que não dê para ver daqui. O alto do muro é só sombra e volume, e poderia haver qualquer quantidade de reguladores escondidos lá.

Sussurrando, mando Lupi e Coral pararem. Ainda estamos a trinta metros do muro e escondidos nas sombras das sempre-vivas e dos carvalhos.

— Vamos explodir o mais perto da torre de alarme que der — digo bem baixinho. — Se a explosão não disparar o alarme, os guardas vão disparar. Lupi, preciso que você apague um dos holofotes mais para a frente. Mas não muito longe. Se houver guardas na torre, quero-os fora de suas posições. Vou precisar me aproximar para jogar essa coisa. — Eu tiro a mochila dos ombros.

— E eu, o que vou fazer? — pergunta Coral.

— Vai ficar aqui — respondo. — De vigia. E me dar cobertura se alguma coisa der errado.

— Merda — diz ela, sem ânimo.

Consulto o relógio mais uma vez. Quinze minutos. Está quase na hora. Pego a garrafa da mochila. Parece maior do que achei antes, mais difícil de segurar. Não consigo achar a caixa de fósforos que Prego me deu, e tenho um momento de pânico, pensando que talvez tenha se perdido no escuro… mas logo lembro que a coloquei no bolso, por garantia.

Acenda o trapo, jogue a garrafa, Pippa me disse. *Só isso.*

Respiro fundo e solto o ar em silêncio. Não quero que Coral saiba que estou nervosa.

— Chegou a hora, Lupi.

— Posso ir? — A voz dele sai baixa e calma.

— Vá agora. Mas espere meu assovio.

Ele se levanta e se afasta sem fazer barulho; logo é engolido pela escuridão. Coral e eu esperamos em silêncio. Em certo momento nossos cotovelos se batem, e ela dá um pulo para longe. Eu me afasto um pouco, observo o muro, tentando decifrar se as sombras que vejo são pessoas ou apenas truques da noite.

Olho para o relógio e logo depois olho de novo. De repente, os minutos parecem ter disparado. 23:50. 23:53. 23:55.

Agora.

Minha garganta está seca. Mal consigo engolir, e preciso lamber os lábios duas vezes até conseguir assoviar.

Por longos e agonizantes minutos, nada acontece. Não faz mais sentido fingir que não estou com medo. Meu coração está saltando no peito e meus pulmões parecem ter sido esmagados.

E então eu o vejo. Por apenas um segundo, quando corre para o muro, atravessa a área iluminada e fica claro como em uma fotografia; mas logo a escuridão o engole de novo. Um segundo depois há um estrondo e o holofote se apaga.

Imediatamente fico de pé e corro para o muro. Percebo uma gritaria, mas não entendo palavra alguma e não me concentro em nada além da parede e da torre de alarme. Agora que o holofote está apagado, as silhuetas da torre ficam em contraste absoluto, iluminadas por trás pela lua e algumas luzes da cidade. A menos de cinco metros do muro, me encosto no tronco de um carvalho jovem. Coloco a garrafa entre as coxas e tento, com dificuldade, acender um fósforo. O primeiro apaga logo.

— Vamos, vamos — murmuro.

Minhas mãos estão tremendo. O segundo e o terceiro fósforos tampouco ficam acesos.

Uma série de tiros interrompe o silêncio. Os tiros são aleatórios; estão disparando cegamente, e faço uma oração rápida para que Lupi já tenha voltado para junto das árvores, esteja escondido e a salvo, atento ao que se passa para ter certeza de que o restante do plano vai dar certo.

O quarto fósforo se acende. Pego a garrafa, toco a ponta do fósforo no pano, vejo a chama se acender, branca e quente.

Saio do abrigo das árvores, respiro fundo e jogo.

A garrafa voa em direção ao muro, girando e desenhando um círculo vertiginoso de fogo. Eu me preparo para a explosão, mas ela não acontece. O pano, ainda em chamas, se solta da boca da garrafa e cai no chão. Fico temporariamente hipnotizada, observando o trajeto, como um pássaro de fogo, tonto e machucado, caindo na vegetação na base do muro. A garrafa se estraçalha inofensivamente no concreto.

— Mas que merda é essa? Qual é o problema agora? — ouço.

— Ao que parece, fogo.

— Deve ser do seu maldito cigarro.

— Pare de reclamar e pegue uma mangueira.

Nada do alarme ainda. Os guardas devem estar acostumados com atos de vandalismo dos Inválidos, portanto nem o holofote quebrado nem um incêndio insignificante são suficientes para preocupá-los. É possível que tudo que estamos fazendo aqui não faça muita diferença, pois o plano de Alex, Pippa e Fera é mais importante, mais perto da verdadeira ação, mas não consigo afastar o medo de que talvez ele também não tenha dado certo. Se falharmos, a cidade ficará cheia de guardas, prontos, armados e atentos.

Isso vai ser mandar Graúna, Prego e Julian e o resto do pessoal para um massacre.

Não é uma decisão consciente, mas me levanto de novo e corro na direção de um carvalho mais perto do muro que parece capaz de suportar meu peso. Só sei que preciso subir no muro e disparar o alarme. Apoio o pé em um nó do tronco e me alço. Estou mais fraca do que estava na primavera, quando subia em ninhos com rapidez todo dia, sem o menor problema. Agora, caio de volta no chão.

— O que você está fazendo?

Eu me viro. Coral surgiu por entre as árvores.

— O que *você* está fazendo?

Eu me viro para a árvore e tento de novo, procurando um apoio diferente desta vez. Não tenho tempo, não tenho tempo, não tenho tempo.

— Você disse para lhe dar cobertura — afirma ela.

— Fale baixo — sussurro com irritação. Estou surpresa de ela ter se dado ao trabalho de vir atrás de mim. — Preciso subir no muro.

— E fazer o quê?

Na terceira tentativa, roço as pontas dos dedos nos galhos acima, mas minhas pernas cedem e sou forçada a pular de volta para o chão. Minha quarta tentativa é pior do que as três primeiras. Estou perdendo o controle e não consigo pensar direito.

— *Lena*. O que você quer fazer? — repete Coral.

Eu me viro para ela.

— Venha aqui fazer escadinha — sussurro.

— Fazer o quê?

— Venha logo.

O pânico começa a surgir na minha voz. Se Graúna e o resto já não tiverem atravessado, deverão começar a tentar a qualquer segundo. Eles estão *contando* comigo.

Coral deve ter percebido a mudança no meu tom de voz, porque não faz mais perguntas. Entrelaça os dedos e se agacha, para que eu possa apoiar o pé na base formada pelas suas mãos. Ela me levanta grunhindo. Sou jogada para cima e consigo me segurar nos galhos, que se abrem do tronco como as hastes de um guarda-chuva. Um galho vai quase até o muro. Eu me deito de bruços, colada no tronco, e vou rastejando para a frente como uma minhoca.

O galho começa a ceder sob meu peso. Mais uns trinta centímetros e começa a balançar. Não posso avançar mais. Conforme o galho desce, aumenta a distância até o alto do muro; se eu continuar para a frente, não vou ter chance de conseguir.

Respiro fundo e me agacho com cuidado, mantendo as mãos firmes no galho, que ainda se balança de leve. Não tenho tempo para temer ou questionar meu próximo movimento: me lanço na direção do muro. O galho salta junto, como uma mola, quando se livra de meu peso.

Por um segundo estou no ar, flutuando. A beirada do muro de concreto se crava na minha barriga, arrancando todo o ar dos meus pulmões. Só consigo passar os braços por cima do muro e me alçar, caindo no caminho elevado que os guardas usam para as patrulhas. Faço uma pausa nas sombras para recuperar o controle da respiração.

Mas não posso descansar muito tempo. Ouço uma erupção repentina de som: guardas chamando uns aos outros e passos pesados na minha direção. Eles vão chegar a qualquer momento. Vou perder minha chance.

Fico de pé e corro para a torre de alarme.

— Ei! Ei, *pare!*

Formas se materializam do escuro: um, dois, três guardas, todos homens, a luz do luar se refletindo em metal. Armas.

O primeiro tiro atinge uma das bases de metal da torre de alarme. Eu me jogo na pequena torre aberta enquanto mais tiros cruzam o ar. Só tenho olhos para meu alvo, e tudo soa distante. Imagens

desconectadas piscam na minha cabeça, como cenas de filmes diferentes. Tiros. Fogos de artifício. Gritos. Crianças na praia.

E então só vejo a pequena alavanca, iluminada de cima por uma única lâmpada dentro de uma grade de metal: ALARME DE EMERGÊNCIA.

O tempo parece passar mais devagar. Meu braço é como o de uma outra pessoa, esticando-se na direção da alavanca absurdamente devagar. A alavanca está na minha mão: o metal é surpreendentemente frio. Devagar, muito devagar, a mão aperta; o braço empurra.

Outro tiro, um estalo de metal em algum ponto ao meu redor. Uma vibração aguda e alta.

De repente, de uma vez só, a noite é cortada por um grito agudo e longo, e o tempo volta à velocidade normal. O som é tão gigantesco que sinto nos dentes. Uma lâmpada enorme no alto da torre de alarme se acende e começa a girar, espalhando uma luz vermelha pela cidade.

Há braços se esticando na minha direção pela armação de metal; braços de aranha, enormes e peludos. Um dos guardas segura meu pulso. Estico a mão e seguro a nuca dele, puxo-o para a frente de repente, e ele bate com a testa em uma das armações de aço. Ele me solta quando cambaleia para trás, e me xinga:

— Vaca!

Saio de sob a torre. Dois passos até o muro e pronto. Estarei livre. Lupi e Coral estarão esperando nas árvores… vamos fugir dos guardas na escuridão e nas sombras…

Eu consigo…

Nessa hora, Coral surge em cima do muro. Fico tão sobressaltada que paro de correr. O protocolo não é esse. Antes de eu ter tempo de perguntar o que ela está fazendo, um braço envolve minha cintura e me puxa para trás. Sinto cheiro de couro e um hálito quente na minha nuca. Os instintos assumem o controle; enfio o cotovelo na barriga do guarda, mas ele não me solta.

— Fique parada — rosna ele.

Tudo acontece em explosões curtas: uma pessoa está gritando e alguém segura meu pescoço. Coral está na minha frente, pálida e linda, o cabelo caindo pelas costas, os braços erguidos… uma visão.

Ela está segurando uma pedra.

O braço dela gira em um arco gracioso e pálido, e eu penso: *Ela vai me matar.*

O guarda grunhe, o braço que segura minha cintura se afrouxa e a mão solta quando ele cai no chão.

Mas agora eles estão vindo de todos os lados. O alarme ainda está tocando, e em intervalos o local é tomado por um brilho vermelho: dois guardas à nossa esquerda, dois à nossa direita. Três guardas, ombro a ombro, encostados no muro, bloqueando nosso caminho para o outro lado.

Varredura; a luz passa por nós de novo e ilumina uma escadaria de metal atrás de nós, que desce até as aberturas estreitas que são as ruas.

— Por aqui — digo ofegante.

Puxo Coral escada abaixo. O movimento foi inesperado, e os guardas demoram um momento para reagir. Quando chegam à escada, Coral e eu já estamos na rua. A qualquer segundo, mais guardas vão chegar, atraídos pelo alarme. Mas, se conseguirmos encontrar um canto escuro… Algum lugar onde nos escondermos e esperar…

Há poucos postes de luz ainda iluminados. As ruas estão escuras. Uma série de tiros ecoa, mas está

claro que os guardas estão atirando aleatoriamente.

Dobramos à direita, depois à esquerda e outra vez à direita. Passos soam em nossa direção. Mais patrulhas. Hesito e me pergunto se devemos voltar pelo caminho pelo qual viemos. Coral me pega pelo braço e me puxa para um triângulo denso de sombra. É uma porta profunda, cheirando a urina de gato e fumaça de cigarro e meio escondida atrás de uma entrada com pilares. Nós nos agachamos nas sombras. Um minuto depois, uma confusão de corpos passa correndo, acompanhada de um zumbido de walkie-talkies e de respiração pesada.

— O alarme ainda está tocando. A posição 24 diz que houve invasão.

— Estamos esperando apoio para começar a varredura.

Assim que eles passam, eu me viro para Coral.

— Que diabos você estava fazendo? — pergunto. — Por que foi atrás de mim?

— Você disse para eu dar cobertura — responde ela. — Surtei quando ouvi o alarme. Pensei que você estivesse encrencada.

— E Lupi? — pergunto.

— Não sei.

— Você não devia ter corrido o risco — digo com agressividade. Depois, acrescento: — Obrigada.

Faço menção de me levantar, mas Coral me detém.

— Espere — sussurra ela, e leva os dedos aos lábios.

Nesta hora, escuto mais passos, vindos da direção oposta. Duas pessoas surgiram, andando rápido. Uma delas, um homem, está dizendo:

— Não sei como você viveu naquela imundice por tanto tempo… Estou lhe dizendo, eu não teria conseguido.

— Não foi fácil.

A segunda pessoa é uma mulher. A voz dela me soa familiar.

Assim que eles somem, Coral me cutuca. Precisamos nos afastar da área, que logo vai estar lotada de patrulhas; eles devem acender as luzes dos postes para facilitar a busca.

Precisamos ir para o sul. Assim vamos conseguir atravessar de volta para o acampamento.

Seguimos rapidamente, em silêncio, nos mantendo perto dos prédios, onde podemos nos esconder em vielas e passagens. Estou tomada do mesmo medo sufocante que senti quando Julian e eu fugimos pelos túneis e tivemos que caminhar pelas passagens subterrâneas do metrô.

De repente, todos os postes são acesos ao mesmo tempo. É como se as sombras fossem um oceano, e a maré tivesse ido embora, deixando uma paisagem árida e ondulada das ruas vazias. Instintivamente, Coral e eu nos agachamos em uma porta escura.

— Merda — murmura ela.

— Era esse meu medo — sussurro. — Vamos ter que seguir pelas vielas. Vamos nos limitar aos lugares mais escuros que conseguirmos encontrar.

Coral assente.

Seguimos como ratos. Corremos de sombra em sombra, nos escondemos em lugares pequenos como vielas e rachaduras, portas escuras e atrás de caçambas de lixo. Duas vezes ouvimos patrulhas se aproximando e temos que nos esconder nas sombras até o zumbido dos walkie-talkies e o ritmo dos

passos sumir.

A cidade muda. Logo os prédios começam a rarear. O som do alarme, ainda disparado, é agora finalmente um grito distante. Entramos em uma área onde os postes de luz estão, para nosso alívio, apagados. A lua está alta e inchada. Os apartamentos nos prédios de cada lado têm a aparência vazia e esquecida de crianças que foram separadas dos pais. Tento calcular a que distância estamos do rio, me perguntando se Graúna e os outros conseguiram explodir a barragem, se teríamos ouvido se de fato eles o fizeram. Quando penso em Julian, sinto uma pontada de ansiedade e arrependimento. Fui dura com ele. Ele está fazendo o melhor que pode.

— Lena.

Coral para e aponta. Estamos passando por um parque; no centro há um anfiteatro rebaixado. Por um segundo, sem entender, tenho a impressão de ver óleo escuro brilhando entre os bancos de pedra; o luar revela uma superfície preta e viscosa.

Mas então eu percebo: é água.

Metade do teatro está inundada. Uma camada de folhas esparsas gira na superfície, perturbando os reflexos aquosos das estrelas e das árvores. É estranhamente bonito. Meio sem pensar, dou um passo à frente, na grama, que faz um ruído molhado sob meus pés. A lama surge em bolhas sob os meus sapatos.

Pippa estava certa. A represa deve ter forçado a água pelas margens do rio e alagado algumas áreas da cidade. Isso provavelmente significa que estamos em um dos bairros evacuados após os protestos.

— Vamos voltar para o muro — digo. — Acho que não vai ser difícil atravessar.

Continuamos contornando o parque. O silêncio ao redor é profundo, completo e tranquilizador. Estou começando a me sentir bem. Nós conseguimos. Fizemos o que tínhamos que fazer. Com sorte, o resto do nosso plano também deu certo.

Em um canto do parque há uma pequena rotunda de pedra, cercada por árvores escuras. Se não fosse por um único lampião queimando no canto, eu não veria a garota sentada em um dos bancos de pedra. A cabeça dela pende entre os joelhos, mas reconheço o cabelo comprido com mechas e os tênis roxos cobertos de lama. Fê.

Coral a vê na mesma hora que eu.

— Não é…? — começa ela, mas já saí correndo.

— Fê! — grito.

Ela ergue a cabeça, sobressaltada. Acho que não me reconhece imediatamente; por um segundo seu rosto fica lívido, assustado. Eu me agacho e ponho as mãos nos ombros dela.

— Você está bem? — pergunto, sem fôlego. — Cadê os outros? Aconteceu alguma coisa?

— Eu… — Ela não termina a frase, apenas balança a cabeça.

— Você está machucada? — Eu me levanto, mas mantenho as mãos nos ombros dela. Não vejo sangue, mas ela está tremendo um pouco. Ela abre a boca e volta a fechar. Seus olhos estão arregalados e vazios. — Fê. Fale comigo.

Sacudo seu rosto de leve com as mãos, tentando tirá-la do transe. Quando faço isso, as pontas dos meus dedos encontram a pele embaixo de sua orelha esquerda.

Meu coração para. Fê solta um gritinho e tenta se afastar de mim. Mas mantenho as mãos firmes em sua nuca. Agora ela está se contorcendo e pulando, tentando se soltar.

— Fique longe de mim — diz ela, praticamente cuspindo as palavras.

Não digo nada. Não consigo falar. Toda a minha energia está nas mãos e nos dedos agora. Ela é forte, mas foi pega de surpresa, portanto consigo erguê-la à força e imobilizá-la contra uma coluna de pedra. Com o cotovelo, obrigo-a a virar o rosto para a esquerda, tossindo.

Ouço de longe a voz de Coral:

— Que diabos você está *fazendo*, Lena?

Afasto o cabelo de Fê do seu rosto, de forma que seu pescoço fique exposto, branco e lindo.

Dá para ver sua pulsação acelerada logo abaixo da caprichada cicatriz de três pontas.

A marca da intervenção. De verdade.

Fê foi curada.

As últimas semanas voltam à minha mente: a quietude de Fê, a mudança em seu temperamento. O fato de que deixou o cabelo crescer e o penteou para a frente com todo o cuidado todos os dias.

— Quando? — pergunto, em um gemido.

Continuo segurando seu pescoço com o braço. Alguma coisa negra e antiga está crescendo dentro de mim. *Traidora.*

— Me solte — diz ela, ofegante. Seu olho esquerdo se vira na minha direção.

— Quando? — repito, pressionando seu pescoço. Ela dá um grito.

— Tudo bem, tudo bem — diz ela, e alivio um pouco a pressão. Mas a mantenho presa à pedra. — Dezembro — geme ela. — Em Baltimore.

Minha cabeça está girando. É claro. Foi Fê que ouvi um tempo antes. As palavras do regulador voltam à minha lembrança com um significado novo e terrível: *Não sei como você viveu naquela imundice por tanto tempo.* E ela: *Não foi fácil.*

— Por quê? — Quase me engasgo com as palavras. Como não obtenho resposta, eu me inclino para cima dela. — Por quê?

— Eles tinham razão, Lena — começa a falar apressadamente, a voz rouca. — Agora eu sei. Pense em todas aquelas pessoas lá fora, nos acampamentos, na Selva… como animais. Isso não é felicidade.

— É liberdade — digo.

— É? — O olho dela está enorme; a íris foi engolida por uma área preta. — *Você* é livre, Lena? É essa a vida que queria?

Não consigo responder. A raiva é uma lama densa e escura, uma maré crescente no meu peito e na minha garganta.

Fê abaixa a voz até um sussurro sedoso, como o som de uma cobra rastejando pela grama.

— Não é tarde demais para você, Lena. Não importa o que você fez do outro lado. Tudo pode ser esquecido; vamos começar do zero. A questão toda é essa. Podemos enterrar aquilo tudo… o passado, a dor, toda a sua luta. Você pode começar de novo.

Por um segundo ficamos ali, nos encarando. Fê está ofegante, a respiração pesada.

— Tudo? — digo.

Fê tenta assentir; ela faz uma careta quando sente meu cotovelo de novo.

— A ansiedade, a infelicidade. Tudo pode ser esquecido.

Alivio a pressão no pescoço dela. Ela inspira profundamente, aliviada. Eu me aproximo ainda mais e

repito o que Hana me disse uma vez, séculos atrás:

— Você sabe que não é possível ser feliz a não ser que às vezes se sinta infeliz, certo?

O rosto de Fê se enrijece. Dou a ela espaço suficiente para se mover, e quando ela tenta me atingir, seguro seu pulso esquerdo e o giro para as costas, forçando-a a se dobrar. Luto com ela e a imobilizo no chão, um joelho entre seus ombros.

— Lena! — grita Coral.

Eu a ignoro. Uma única palavra vibra dentro de mim: *Traidora. Traidora. Traidora.*

— O que aconteceu com os outros? — pergunto. Minhas palavras saem altas e estranguladas, presas na teia da raiva.

— É tarde demais, Lena.

O rosto de Fê está parcialmente esmagado no chão, mas ela ainda assim consegue retorcer a boca em um sorriso horrível, um semissorriso de desprezo.

Ainda bem que não tenho uma faca comigo. Eu enfiaria no pescoço dela. Lembro-me de Graúna rindo e dizendo: *Fê pode vir conosco. Ela é um amuleto da sorte ambulante.* Lembro-me de Prego dividindo o pão, dando a ela o maior pedaço quando ela reclamou de estar sentindo fome. Meu coração parece estar se desfazendo em pó. Quero gritar e chorar ao mesmo tempo. *Nós confiamos em você.*

— Lena — repete Coral. — Acho que…

— Fique quieta — digo em tom áspero, totalmente concentrada em Fê. — Conte o que aconteceu com eles. Ou eu mato você.

Ela se debate sob mim, ainda com aquele horrível sorriso torto.

— Tarde demais — repete ela. — Eles estarão aqui amanhã antes do cair da noite.

— Do que você está falando?

A risada dela é um tremor na garganta.

— Você não achou que duraria, achou? Não achou que deixaríamos vocês ficarem brincando no seu acampamentozinho, na sua imundície… — Giro o braço dela mais dois centímetros em direção ao ombro. Ela dá um grito e continua, falando rápido: — Dez mil soldados, Lena. Dez mil soldados contra mil não curados com fome, sede, doentes e desorganizados. Vocês serão massacrados. Obliterados. *Puf.*

Acho que vou vomitar. Parece que minha cabeça vai explodir. Com dificuldade, percebo que Coral está falando comigo novamente. As palavras demoram um pouco para penetrar na névoa, nos ecos aguados na minha cabeça.

— Lena. Acho que tem alguém vindo.

Ela mal terminou de falar quando um regulador, provavelmente o que vimos com Fê mais cedo, dobra a esquina e diz:

— Desculpe a demora. O abrigo estava trancado…

Ele para de falar quando nos vê, quando vê Fê no chão. Coral, desajeitada, grita e corre para cima dele. Ele a empurra para trás, e ouço um pequeno estalo quando a cabeça dela colide contra uma das colunas de pedra no pórtico. O regulador corre para a frente e ataca o rosto dela com a lanterna. Coral consegue se abaixar por pouco, e a lanterna bate com força na coluna de pedra e some na escuridão.

O regulador se desequilibra, pois colocou peso demais no movimento. Isso dá a Coral tempo suficiente de passar por ele e se afastar do pilar. Ela se levanta, claramente atordoada. Vira-se de frente

para ele, cambaleante, mas com uma das mãos na parte de trás da cabeça. O regulador recupera o equilíbrio e leva a mão ao cinto. Sua arma.

Eu me levanto às pressas. Não tenho escolha, solto Fê. Pulo no regulador e o seguro pela cintura. Meu peso e o impulso do meu salto nos derrubam no chão. Caímos juntos e rolamos uma vez, braços e pernas emaranhados. O gosto do uniforme e do suor dele está na minha boca, e sinto o peso da arma afundando na minha coxa.

Atrás de mim, ouço um grito e o baque de um corpo caindo no chão. Rezo para ser Fê e não Coral.

Mas então o regulador consegue se soltar e se levantar, me empurrando com brutalidade. Ele está ofegante, com o rosto vermelho. É maior e mais forte do que eu, mas também mais lento e fora de forma. Ele mexe no cinto, mas fico de pé antes de ele conseguir tirar a arma do coldre. Seguro seu pulso, e ele solta um rugido de frustração.

Bang.

A arma dispara. A explosão é tão inesperada que sinto um tremor por todo o meu corpo. Sinto-a ecoando nos dentes. Dou um pulo para trás. O regulador grita de dor e desmorona; uma mancha escura se espalha por sua perna direita e ele rola de costas, segurando a coxa. Seu rosto está contorcido, molhado de suor. A arma continua no coldre; o disparo saiu pela culatra.

Dou um passo à frente e pego a arma. Ele não resiste. Fica gemendo e tremendo enquanto repete:

— Ah, merda, merda, merda.

— O que foi que você fez?

Eu me viro de supetão. Fê está de pé e ofegante, olhando para mim. Atrás dela, vejo Coral deitada no chão, de lado, a cabeça apoiada em um dos braços e as pernas encolhidas contra o peito. Meu coração para. *Por favor, não permita que ela esteja morta.* Mas vejo suas pálpebras tremerem e uma das mãos se mexer. Ela geme. Não está morta, então.

Fê dá um passo na minha direção, mas para de súbito quando levanto a arma e aponto para ela.

— Ei, calma — diz ela, em uma voz calorosa, tranquila, simpática. — Não faça nenhuma besteira, viu? Calma aí.

— Eu sei o que estou fazendo — digo.

Estou impressionada em ver minha mão tão firme. Estou impressionada por tudo isso — o pulso, o dedo, o punho, a arma — pertencer a mim.

Ela consegue sorrir.

— Lembra-se do antigo lar? — indaga ela, ainda com a voz delicada de canção de ninar. — Lembra-se de quando Azul e eu encontramos os arbustos de mirtilo?

— Não ouse falar comigo sobre o que eu lembro. — Praticamente cuspo as palavras. — E também não fale sobre Azul.

Engatilho a arma. Vejo-a se encolher. Seu sorriso fraqueja. É só apertar e soltar. *Bang.*

— Lena — prossegue ela.

Mas não a deixo terminar. Avanço um passo, diminuindo a distância entre nós, depois passo o braço pelo seu pescoço e lhe dou um abraço enquanto enfio o cano do revólver na pele macia do seu queixo. Os olhos dela começam a se revirar, como os de um cavalo quando está assustado; sinto-a saltando contra meu corpo, tremendo, tentando se soltar.

— Não se mova — digo, com uma voz que não parece a minha.

Ela fica inerte, exceto pelos olhos, que, apavorados, vão do meu rosto para o céu.

Apertar e soltar. Um movimento simples; um tremor.

Sinto o hálito dela, quente e azedo.

Empurro-a para longe de mim. Ela cai para trás ofegante, como se eu a estivesse sufocando.

— Vá — ordeno. — Leve-o — aponto para o regulador, que ainda está gemendo e segurando a coxa —, e vá embora daqui.

Ela lambe os lábios com nervosismo e seus olhos se dirigem ao homem no chão.

— Antes que eu mude de ideia — acrescento.

Ela não hesita mais depois disso; agacha-se e passa o braço do regulador pelos ombros para ajudá-lo a ficar de pé. A mancha na calça dele é negra e se espalha do meio da coxa até o joelho. Percebo que estou com a cruel esperança de que ele morra de hemorragia antes que os dois consigam encontrar ajuda.

— Vamos — sussurra Fê para ele, os olhos ainda grudados nos meus.

Fico vendo-a sair cambaleando pela rua com o regulador. Cada passo dele é pontuado por um grito de dor. Assim que a escuridão os engole, solto o ar. Então me viro e vejo que Coral está sentada, esfregando a cabeça.

— Eu estou bem — diz ela quando vou ajudá-la a se levantar.

Ela fica de pé sem muita firmeza. Pisca várias vezes, como se tentando clarear a visão.

— Tem certeza de que consegue andar? — pergunto, e ela assente. — Venha. Temos que encontrar um jeito de sair daqui.

Fê e o regulador vão nos entregar na primeira oportunidade. Se não corrermos, estaremos cercadas a qualquer momento. Sinto um espasmo profundo de ódio ao pensar em Prego dividindo seu jantar com Fê poucos dias atrás, ao pensar que ela aceitou a comida dele.

Felizmente, chegamos ao muro sem encontrar patrulhas e achamos uma escadaria enferrujada de metal que leva à passagem dos guardas, também vazia. Devemos estar no ponto mais ao sul da cidade agora, bem perto do acampamento, e a segurança deve estar concentrada nas partes mais populosas de Waterbury.

Coral sobe a escada tremendo. Vou atrás, para segurá-la se for necessário, mas ela recusa minha ajuda e se afasta de mim quando coloco a mão nas suas costas. Em poucas horas, meu respeito por ela aumentou dez vezes. Quando chegamos à passagem, o alarme ao longe finalmente para. O silêncio repentino é, por algum motivo, mais assustador: um grito silencioso.

Descer do outro lado do muro é mais complicado. A queda é de quase cinco metros e em um terreno íngreme coberto de cascalho e pedras. Vou primeiro, e me penduro em um dos holofotes; quando me solto e caio no chão, deslizo por vários metros até cair de joelhos. O cascalho arranha por cima da calça jeans. Coral vem atrás de mim, o rosto pálido de concentração, e cai com um gritinho de dor.

Não sei o que eu estava esperando. Acho que estava com medo de que os tanques já tivessem chegado, pensando que encontraríamos o acampamento já consumido por fogo e caos, mas ele se abre à nossa frente como sempre, um campo vasto e marcado com barracas e abrigos. Mais além, do outro lado

do vale, há os penhascos altos cobertos de massas negras de árvores.

— Quanto tempo você acha que temos? — pergunta Coral.

Sei que ela quer dizer "quanto tempo até que as tropas cheguem".

— Não muito — respondo.

Seguimos em silêncio até os arredores do acampamento, pois contorná-lo ainda é mais rápido do que tentar abrir caminho pelo labirinto de gente e barracas. O rio ainda está seco. Claramente o plano falhou. Graúna e os outros não conseguiram desmontar a represa. Não que isso importe muito a essa altura.

Todas essas pessoas… com sede, exaustas, fracas. Vai ser mais fácil encurralar essa gente nesse estado.

E, é claro, bem mais fácil matar.

* * *

Quando chegamos ao acampamento de Pippa, minha garganta está tão seca que mal consigo engolir a saliva. Por um segundo, quando vejo Julian correndo na minha direção, não reconheço seu rosto. É uma coleção de formas e sombras aleatórias.

Atrás dele, Alex se afasta da fogueira. Olha nos meus olhos e começa a vir na minha direção também, com a boca aberta e as mãos estendidas. Tudo fica paralisado, e sei que fui perdoada e estico as mãos… estico os braços para ele…

— Lena!

Julian me toma nos braços. Eu volto a mim, aperto o rosto contra o peito dele. Alex devia estar abrindo os braços para Coral. Eu o escuto falando baixinho com ela quando me afasto de Julian. Vejo que Alex a está levando para perto de uma das fogueiras. Eu tive tanta certeza, por um segundo, de que era a mim que ele estava recebendo.

— O que aconteceu? — pergunta Julian, aninhando meu rosto nas mãos e se abaixando um pouco, de forma que ficamos quase da mesma altura. — Lupi disse que…

— Onde está Graúna? — pergunto, interrompendo-o.

— Estou aqui.

Ela surge do escuro, e de repente me vejo cercada: Lupi, Alistar, Prego e Pippa, todos falando de uma só vez, disparando perguntas para mim.

Julian mantém uma das mãos nas minhas costas. Alistar me oferece uma bebida de um jarro de plástico que está quase vazio. Aceito com gratidão.

— Coral está bem?

— Você está sangrando, Lena.

— Meu Deus. O que aconteceu?

— Não temos tempo — digo. A água ajuda, mas as palavras continuam a machucar minha garganta. — Temos que ir embora. Temos que pegar todo mundo que pudermos e…

— Calma, calma.

Pippa levanta as mãos. Metade do seu rosto está iluminada pela fogueira; a outra está mergulhada em

trevas. Eu me lembro de Fê e sinto enjoo; uma pessoa pela metade, uma traidora de duas caras.

— Comece pelo começo — propõe Graúna.

— Tivemos que lutar — digo. — Tivemos que entrar.

— Pensamos que vocês tivessem sido levadas — diz Prego. Vejo que ele está agitado, ansioso. Todos estão. O grupo todo está tomado de uma eletricidade ruim. — Depois da emboscada…

— Emboscada? — repito, tensa. — Como assim?

— Não chegamos à represa — explica Graúna. — Alex e Fera conseguiram provocar a explosão deles. Estávamos a menos de dois metros do muro quando um grupo de reguladores surgiu e avançou para cima de nós. Parecia que estavam *esperando* por nós. Estaríamos ferrados se Julian não tivesse visto o movimento e dado o alarme cedo.

Alex veio se juntar ao grupo. Coral se levanta desajeitadamente, a boca apertada em uma linha fina e escura. Penso que ela está mais linda do que nunca. Meu coração se aperta no peito. Dá para ver por que Alex gosta dela.

Talvez até por que a ama.

— Voltamos correndo para cá — continua Pippa. — E foi quando Lupi apareceu. Estávamos decidindo se íamos atrás de…

— Onde está Dani?

Só então reparo que ela não está aqui com o grupo.

— Morreu — diz Graúna simplesmente, evitando meus olhos. — E Fê foi levada. Não conseguimos chegar a tempo. Sinto muito, Lena — diz ela com uma voz mais suave, e olha para mim de novo.

Sinto outra onda de náusea. Passo os braços ao redor da barriga, como se fosse possível conter a ânsia de vômito.

— Fê não foi levada — digo. Minha voz sai como um latido. — E eles estavam *mesmo* esperando por vocês. Os reguladores. Foi uma armadilha.

Há um segundo de silêncio. Graúna e Prego trocam um olhar. É Alex quem pergunta:

— Do que você está falando?

É a primeira vez que ele fala comigo diretamente desde aquela noite perto do rio, depois que os reguladores queimaram o acampamento.

— Fê não é o que pensamos que fosse — prossigo. — Não é *quem* pensamos que fosse. Ela foi curada.

Mais silêncio; um minuto inteiro de choque e intenso silêncio.

— Como você sabe? — explode Graúna, por fim.

— Eu vi a marca — digo. De repente, fico exausta. — E ela me contou.

— Impossível — diz Alistar. — Eu estava com ela… Fomos a Maryland juntos…

— Não é impossível — interrompe Graúna lentamente. — Ela me contou que se separou por um tempo do grupo, passou uma época vagando entre lares.

— Ela só passou umas poucas semanas longe.

Alistar olha para Lupi em busca de confirmação. Lupi assente.

— É tempo suficiente — diz Julian, baixinho.

Alex o olha com raiva. Mas Julian tem razão: é tempo suficiente.

— Continue, Lena. — A voz de Graúna soa tensa.

— Estão trazendo tropas.

Quando as palavras saem da minha boca, sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

Mais um momento de silêncio.

— Quantos? — pergunta Pippa.

— Dez mil. — Mal consigo pronunciar as palavras.

Há uma inspiração intensa coletiva e sons de surpresa de todo o círculo. Pippa mantém o olhar grudado em mim.

— Quando?

— Em menos de vinte e quatro horas.

— Isso se ela estava falando a verdade — diz Lupi.

Pippa passa a mão pelo cabelo, deixando-o todo despenteado.

— Não acredito — diz ela, mas acrescenta quase imediatamente: — Bem que eu temia que alguma coisa assim acontecesse.

— Vou matar aquela filha da mãe — pragueja Alistar, baixinho.

— O que fazemos agora? — pergunta Graúna, dirigindo-se a Pippa.

Pippa fica em silêncio por um segundo, os olhos fixos na fogueira. Por fim, se levanta.

— Não fazemos nada — diz ela com firmeza, passando os olhos pelas pessoas do grupo: de Prego e Graúna a Alistar e Lupi; de Fera e Alex e Coral a Julian. Quando enfim seus olhos pousam em mim, recuo involuntariamente. É como se uma porta tivesse se fechado dentro dela. Pela primeira vez ela não está andando de um lado para o outro. — Graúna, você e Prego vão levar o grupo para um esconderijo perto de Hartford. Summer me explicou como chegar. Alguns contatos da resistência vão estar lá daqui a alguns dias. Vocês vão ter que esperar.

— E você? — pergunta Fera.

Pippa sai do meio do círculo e entra na cabana, seguindo na direção da geladeira velha.

— Vou fazer o que puder aqui — responde ela.

Todos falam ao mesmo tempo.

— Vou ficar com você — diz Fera.

— É suicídio, Pippa. — Prego explode.

— Vocês não são páreo para uma tropa de dez mil. Eles vão massacrá-los… — argumenta Graúna.

Pippa levanta a mão.

— Não estou planejando lutar — diz ela. — Vou fazer o que puder para espalhar a notícia do que está a caminho. Vou tentar esvaziar o acampamento.

— Não dá *tempo* — exclama Coral, com a voz estridente. — As tropas já estão a caminho… Não temos tempo para deslocar todo mundo, não temos tempo para espalhar a notícia…

— Eu disse que faria o que pudesse — diz Pippa, mais agressiva.

Ela tira a chave do pescoço, abre o cadeado da geladeira e pega comida e equipamentos médicos das prateleiras escuras.

— Não vamos embora sem você — insiste Fera. — Vamos ficar. Vamos ajudar a esvaziar o acampamento.

— Você vai fazer o que eu mandar — retruca Pippa, sem se virar para ele. Ela se agacha e começa a pegar os cobertores que estão sob o banco. — Vai para o esconderijo e vai esperar a resistência.

— Não — diz ele. — Não vou.

Eles se olham. Um diálogo mudo se desenrola entre os dois, até que Pippa por fim assente.

— Tudo bem — diz ela. — Mas o resto de vocês precisa ir embora.

— Pippa… — começa Graúna.

Pippa se levanta.

— Sem discussão — ordena ela. Agora sei com quem Graúna aprendeu sua dureza, seu jeito de liderar as pessoas. — Coral tem razão em um ponto — continua Pippa, em voz baixa. — Não temos muito tempo. Quero ver vocês longe daqui em vinte minutos. — Ela passa os olhos pelo círculo de novo. — Graúna, pegue o que achar que vai precisar. É um dia de caminhada até o esconderijo, ou mais se vocês tiverem que dar a volta para escapar das tropas. Prego, venha comigo. Vou fazer um mapa para vocês.

O grupo se separa. Talvez seja a exaustão, ou o medo, mas tudo parece se desenrolar como em um sonho. Prego e Pippa estão agachados, debruçados em alguma coisa, gesticulando; Graúna está enrolando comida em cobertores, amarrando as trouxinhas com barbante velho; Alistar está me mandando tomar mais água, e então, de repente, Pippa está nos dizendo para ir logo embora.

A lua ilumina os caminhos que se desenham na colina, revelando-os de um tom castanho-escuro e secos, como se cobertos de sangue coagulado. Lanço um último olhar para o acampamento, para o mar de sombras que se contorcem: gente, tanta gente, e eles nem sabem que agora mesmo as armas, as bombas e as tropas se aproximam.

Graúna também deve sentir o novo terror no ar, a proximidade da morte, como um animal deve sentir quando está preso em uma armadilha. Ela se vira e grita:

— Por favor, Pippa.

Sua voz desce pela encosta nua da colina. Pippa está no início do caminho de terra, nos observando. Com Fera de pé atrás dela. Ela segura um lampião, que ilumina seu rosto por baixo, entalhando-o em pedra, planos de sombra e luz.

— Vão — ordena Pippa. — Não se preocupem. Encontro vocês no esconderijo.

Graúna a encara por mais alguns segundos. Está prestes a se virar quando Pippa a chama:

— Mas se eu não chegar em três dias, não esperem por mim.

Sua voz nunca perde a calma. E sei agora qual foi a expressão que vi nos olhos dela antes. Era mais do que calma. Era resignação.

Era o olhar de alguém que sabe que vai morrer.

Deixamos Pippa para trás, nas entranhas escuras e lotadas do acampamento, enquanto o sol começa a manchar o céu de um tom elétrico, enquanto as armas se aproximam de todos os lados.

Hana

Na manhã de sábado, faço minha visita a Deering Highlands. Está quase virando rotina. Para meu alívio, tenho conseguido evitar encontrar Grace (as ruas estão vazias, silenciosas, envoltas na névoa do começo da manhã), e fico feliz por notar que as prateleiras no aposento subterrâneo já parecem mais cheias.

Em casa, tomo um banho quente demais, até minha pele ficar avermelhada. Esfrego com cuidado até debaixo das unhas, como se o cheiro de Highlands e das pessoas que moram por lá tivesse se entranhado em mim. Mas todo cuidado é pouco. Se Cassie foi invalidada porque contraiu a doença, ou porque Fred desconfiou que ela tivesse contraído, nem sei o que faria comigo e com minha família se descobrisse que a cura não funcionou perfeitamente.

Preciso saber — de uma vez por todas, e com absoluta certeza — o que aconteceu com Cassandra.

Fred vai passar o dia jogando golfe com dezenas de financiadores e militantes da campanha, incluindo meu pai. Minha mãe vai almoçar com a Sra. Hargrove no clube. Eu me despeço de meus pais alegremente e fico meia hora à toa, ansiosa demais para ver tevê ou fazer qualquer outra coisa que não seja andar de um lado para outro.

Depois que sinto ter passado tempo suficiente, pego a lista final de convidados e o mapa de assentos do casamento e enfio tudo em uma pasta. Não faz sentido guardar segredo do local aonde vou, então ligo para Rick, o irmão de Tony, e espero na varanda até ele parar o carro.

— Para a casa dos Hargrove, por favor — digo com alegria ao me instalar no banco de trás.

Tento não me mexer demais. Não quero que Rick saiba que estou nervosa. Não quero perguntas. Mas ele não presta atenção nenhuma em mim. Mantém os olhos na rua. Sua cabeça careca em cima do colarinho da camisa me lembra um ovo rosado e inchado.

Na casa dos Hargrove, nenhum dos três carros está na entrada circular. Tudo indo bem até agora.

— Espere aqui — digo a Rick. — Não vou demorar.

Uma garota que reconheço como uma das empregadas abre a porta. Ela deve ser poucos anos mais velha do que eu e tem um olhar permanente de desconfiança cega, como um cachorro que já levou muitos chutes na cabeça.

— Ah! — exclama ela quando me vê, e hesita, sem saber se deve me deixar entrar.

— Vim o mais rápido que pude — começo a falar imediatamente. — Você acredita que depois de tudo aquilo, minha mãe se esqueceu de trazer os papéis do planejamento do almoço? A Sra. Hargrove precisa aprovar a distribuição de lugares, claro.

— Ah! — exclama a garota de novo, e franze a testa. — A Sra. Hargrove não está. Ela foi ao clube.

Solto um gemido e faço gestos exagerados de surpresa.

— Quando minha mãe disse que elas iam almoçar, imaginei que…

— Elas estão no clube — repete ela com nervosismo, agarrada a esse fato como se sua vida dependesse dele.

— Que burrice a minha — digo. — E é claro que não tenho tempo para correr para o clube agora. Talvez eu pudesse deixar para a Sra. Hargrove…?

— Posso entregar a ela se você quiser.

— Não, não. Não precisa — digo rapidamente. Passo a língua nos lábios. — Se eu puder entrar por um minuto, deixo um bilhetinho para ela. As mesas 6 e 8 talvez precisem ser trocadas, e não sei direito o que fazer com o Sr. e a Sra. Kimble…

A garota recua para me dar espaço.

— É claro — diz ela, abrindo a porta um pouco mais para me deixar entrar.

Passo por ela. Apesar de já ter ido à casa dos Hargrove muitas vezes, o interior da residência parece diferente sem os donos presentes. A maioria dos aposentos está escura e o silêncio é tamanho que sinto o estalo de passos acima, o movimento de tecido a vários cômodos de distância. Fico com os braços arrepiados, tanto pelo frio no corredor quanto pela sensação que o lugar provoca, como se a casa toda estivesse prendendo a respiração, na iminência de um desastre.

Agora que estou aqui, não sei bem por onde começar. Fred deve ter guardado registros do casamento com Cassie, e provavelmente do divórcio também. Nunca entrei no escritório dele, mas na minha primeira visita ele me mostrou onde era. Tem uma boa chance de que ele guarde lá quaisquer documentos que tenha. Mas primeiro preciso me livrar da empregada.

— Muito obrigada — digo enquanto ela me acompanha até a sala. Abro meu maior sorriso para ela. — Vou só me sentar e escrever um bilhete. Diga à Sra. Hargrove que os planos estão na mesa de centro, certo?

Quero que ela entenda isso como uma indireta para me deixar sozinha, mas ela apenas assente e fica ali de pé, me observando em silêncio.

— Você pode me fazer um favor? — começo a improvisar, a procurar desculpas. — Como já estou aqui, pode correr lá em cima e tentar encontrar as amostras de cores que emprestamos à Sra. Hargrove séculos atrás? Os floristas precisam delas de volta. E a Sra. Hargrove disse que deixou para mim no quarto, talvez na escrivaninha, não sei.

— Amostras de cores…?

— Um livro grande — digo. E então acrescento, já que ela nem se mexeu: — Vou ficar esperando aqui enquanto você vai lá buscar.

Ela finalmente sai. Espero até ouvir seus passos lá em cima para só então me aventurar no corredor.

A porta do escritório de Fred está fechada, mas felizmente destrancada. Entro e a fecho sem fazer barulho. Minha boca está seca e meu coração bate disparado na garganta. Preciso lembrar a mim mesma que não fiz nada de errado. Pelo menos não ainda. Tecnicamente a casa é minha também — ou será, em bem pouco tempo.

Procuro o interruptor na parede. É um risco, pois qualquer um poderia ver a luz vazando por baixo da porta, mas tatear no escuro, derrubando objetos e cadeiras, vai acabar chamando muita atenção também.

O aposento tem uma escrivaninha grande e uma cadeira de couro com o encosto rígido. Reconheço os troféus de golfe de Fred e o peso de papel de prata na estante vazia. No canto há um armário grande de metal, e ao lado, na parede, o quadro de um homem, presumivelmente um caçador, de pé no meio de

várias carcaças de animais. Afasto o olhar depressa.

Vou até o armário, que também está destrancado. Mexo em pilhas de informações financeiras (extratos bancários e imposto de renda, recibos e comprovantes de depósito) de até quase uma década atrás. Uma gaveta contém todas as informações dos empregados, incluindo cópias das identidades. A garota que abriu a porta para mim se chama Eleanor Latterly e tem exatamente a minha idade.

Até que, no fundo da última prateleira, encontro: uma pasta sem etiqueta, fina, com as certidões de nascimento e casamento de Cassie. Não há registro de divórcio, só uma carta dobrada ao meio e datilografada em papel grosso.

Com pressa, passo os olhos pela primeira linha. *Esta carta trata do estado físico e mental de Cassandra Melanea Hargrove, nascida O'Donnell, que foi entregue aos meus cuidados…*

Ouço passos rápidos indo em direção ao escritório. Enfio a pasta no lugar, fecho a gaveta com o pé e guardo a carta no bolso de trás, agradecendo a Deus por ter vestido uma calça jeans. Pego uma caneta na escrivaninha. Quando Eleanor abre a porta, mostro a caneta com triunfo antes que ela tenha a chance de falar alguma coisa.

— Encontrei! — digo com alegria. — Você acredita que nem pensei em trazer caneta? Meu cérebro ainda não acordou.

Sei que ela não confia em mim, mas não tem como me acusar de algo.

— Não tinha livro de amostras nenhum — diz ela lentamente. — Não achei nada.

— Estranho. — Uma gota de suor escorre entre meus seios. Vejo-a observar o aposento inteiro, como se em busca de alguma coisa alterada ou fora do lugar. — Acho que todos confundimos as informações hoje. Com licença.

Tenho que empurrá-la de leve para passar. Quase não me lembro de rabiscar um bilhete rápido para a Sra. Hargrove. Escrevo *Para sua aprovação!*, embora nem ligue para o que ela pensa. Eleanor fica atrás de mim o tempo todo, como se achasse que vou roubar alguma coisa.

Tarde demais.

A operação toda só demorou dez minutos. Rick ainda está com o motor do carro ligado. Entro e me acomodo no banco traseiro.

— Para casa — peço.

Quando ele está manobrando em frente à propriedade, tenho a impressão de conseguir ver Eleanor me espiando da janela da frente.

Seria mais seguro esperar chegar em casa para ler a carta, mas não consigo me impedir de desdobrá-la agora mesmo. Observo com atenção o cabeçalho: *Dr. Sean Perlin, supervisor-chefe de Cirurgia, Laboratórios de Portland.*

A carta é breve.

A quem possa interessar:

Esta carta trata do estado físico e mental de Cassandra Melanea Hargrove, nascida O'Donnell, que foi entregue aos meus cuidados e supervisão por um período de nove dias.

Em minha opinião profissional, a Sra. Hargrove sofre de alucinações agudas provocadas por instabilidade mental estabelecida; ela está obcecada pelo mito do Barba Azul e relaciona a história a seus medos de

perseguição; é profundamente neurótica e, na minha opinião, tem poucas chances de melhora.

Sua condição parece do tipo degenerativo e pode ter sido provocada por certos desequilíbrios químicos resultantes da intervenção, embora seja impossível afirmar com certeza.

Leio a carta várias vezes. Então eu estava certa, *havia* alguma coisa errada com Cassie. Ela ficou doida. Talvez a intervenção a tenha deixado desajustada, como aconteceu com Willow Marks. Estranho foi ninguém reparar antes de ela se casar com Fred, mas acho que às vezes essas coisas são graduais.

Ainda assim, o nó no meu estômago se recusa a se desfazer. Por baixo do texto polido do médico, há uma mensagem separada, uma mensagem de medo.

Lembro-me da história do Barba Azul. Era a história de um homem, um belo príncipe, que mantém uma porta trancada no lindo castelo. Ele diz à noiva que ela pode entrar em qualquer aposento do castelo, menos naquele. Mas um dia a curiosidade é mais forte e ela descobre um quarto cheio de mulheres assassinadas, penduradas pelos calcanhares. Quando descobre que ela o desobedeceu, o Barba Azul a acrescenta à sua horrível e sangrenta coleção.

O conto de fadas me apavorava quando eu era criança, principalmente a imagem de mulheres penduradas juntas, com os braços pálidos e os olhos cegos, estripadas.

Dobro a carta com cuidado e a guardo no bolso de trás. Que bobagem a minha. Cassie era defeituosa, como imaginei, e Fred tinha todos os motivos para pedir o divórcio. Só porque não aparece mais no sistema não quer dizer que algo de terrível aconteceu com ela. Talvez tenha sido apenas um erro administrativo.

Mas durante todo o trajeto para casa, não deixo de visualizar o sorriso estranho de Fred e a forma como ele disse *Cassie fazia perguntas demais*.

E não consigo fugir do indesejado pensamento que surge involuntariamente: *E se Cassie tivesse razão em ter medo?*

Lena

Durante a primeira metade do dia não vemos sinal algum de tropas. Então me ocorre que Fê talvez estivesse mentindo. Sinto uma onda de esperança; talvez o acampamento não seja atacado e Pippa fique bem. É claro que ainda há o problema do rio represado, mas Pippa vai dar um jeito nisso. Ela é como Graúna: nasceu para sobreviver.

À tarde, porém, ouvimos gritos ao longe. Prego levanta a mão e faz um gesto pedindo silêncio. Todos ficamos paralisados, e, a um segundo gesto dele, nos dispersamos pelo bosque. Julian se ajustou bem à Selva e à nossa necessidade de camuflagem: em um momento está de pé ao meu lado; no momento seguinte, sumiu em um pequeno grupo de árvores. Os outros desaparecem tão rápido quanto ele.

Eu me abaixo atrás de um muro de concreto que parece ter caído do alto aleatoriamente. Fico me perguntando a que tipo de estrutura pertencia; e, de repente, me vem à mente a história que Julian me contou quando ficamos presos juntos, de uma garota chamada Dorothy cuja casa rodopia no ar nas correntes poderosas de um tornado e acaba caindo em uma terra mágica.

Conforme o som de gritos fica mais alto e o barulho de armas batendo e de passos pesados de botas aumenta até virar um ritmo vibrante, eu me vejo fantasiando que nós também seremos levados para longe (todos nós, todos os Inválidos, as pessoas expulsas da sociedade normal). Vamos desaparecer em uma explosão de poeira e acordar em outro lugar.

Mas isso não é um conto de fadas. É abril na Selva, lama preta escorre dos meus tênis úmidos, há nuvens de mosquitos no ar; o mês de tensão e espera.

As tropas estão a centenas de metros de nós, no pé de uma pequena elevação, do outro lado de um riacho. Daqui do alto vemos com facilidade a longa fila de soldados à medida que eles vão surgindo em nosso campo de visão, uma mancha de uniformes entrando e saindo do meio das árvores. O padrão do movimento das folhas se mistura perfeitamente com a massa ativa de homens e mulheres com roupas camufladas carregando metralhadoras e gás lacrimogêneo. A fila parece não ter fim.

Os soldados enfim passam, e, em um acordo silencioso, nos reagrupamos e retomamos nossa marcha. O silêncio é carregado de eletricidade, desconfortável. Tento não pensar nas pessoas do acampamento, reunidas em uma área de depressão, encurraladas. Uma antiga expressão surge em meu pensamento, *como pegar peixes em um barril*, e sinto uma vontade imprópria de rir. É isto que eles são, todos aqueles Inválidos: peixes de olhos arregalados e barrigas brancas, rolando na direção do sol, já praticamente mortos.

Levamos pouco mais de doze horas para chegar ao esconderijo. O sol foi de um lado a outro e agora está descendo por trás das árvores, explodindo em raios amarelos e alaranjados. A imagem me lembra os ovos *poché* que minha mãe fazia quando eu era pequena e ficava doente, a gema escorrendo pelo prato em um tom vívido de dourado. Sinto uma pontada de saudade de casa. Nem sei direito se sinto falta da minha mãe ou apenas da antiga rotina da minha vida, uma vida com escola e brincadeiras e regras que

me mantinham segura, uma vida de limites e fronteiras, de hora do banho e toque de recolher. Uma vida simples.

O esconderijo é marcado por uma pequena estrutura de madeira não muito maior que um lavabo, com uma porta construída de qualquer jeito. A coisa toda deve ter sido montada do nada, depois da *blitz*. Quando Prego abre a porta — cujas dobradiças estão todas enferrujadas, e também tortas e retorcidas —, só conseguimos ver alguns degraus que levam a um buraco negro.

— Esperem. — Graúna se ajoelha, remexe em uma das trouxinhas que pegou com Pippa e pega uma lanterna. — Eu vou primeiro.

O ar está denso de mofo e alguma outra coisa, um cheiro agridoce que não identifico. Descemos a escada íngreme atrás de Graúna. Ela aponta a lanterna para um aposento surpreendentemente espaçoso e limpo. Há prateleiras, algumas mesas bambas, um fogão à base de querosene. Depois do fogão há outra porta escura, que leva a mais cômodos. Sinto uma breve sensação de acolhimento. O local me lembra o lar perto de Rochester.

— Deve haver lampiões em algum lugar por aqui.

Graúna avança vários passos cômodo adentro. O facho de luz corre em zigue-zague pelo piso limpo de concreto, flagrando um par de olhos piscando e uma pequena massa de pelo cinzento. Um rato.

Graúna encontra um amontoado de lampiões à pilha no canto. Precisamos acender três até conseguirmos afastar todas as sombras do cômodo. Normalmente Graúna insistiria para que economizássemos energia, mas acho que ela sente, como todos nós, que esta noite precisamos do máximo de luz que pudermos ter. Senão, as imagens do acampamento vão ficar retornando, carregadas por dedos sedosos de sombras: todas aquelas pessoas encurraladas e indefesas. Precisamos nos concentrar neste aposento pequeno e subterrâneo, com seus cantos iluminados e suas prateleiras de madeira.

— Está sentindo este cheiro? — pergunta Prego a Lupi. Ele em seguida pega um dos lampiões e o carrega até o cômodo ao lado. — Bingo! — grita ele.

Graúna já está mexendo na bolsa, pegando suprimentos. Coral encontrou jarros grandes de metal cheios de água em uma das prateleiras mais baixas e se agachou para tomar um gole com alegria. Mas o resto do grupo segue Prego para o aposento adjacente.

— O que foi? — pergunta Alistar.

Prego está de pé segurando o lampião para exibir uma parede coberta de prateleiras de madeira cruzadas em forma de losangos.

— Uma antiga adega — diz ele. — Bem que eu estava sentindo cheiro de álcool.

Há duas garrafas de vinho e uma de uísque. Imediatamente, Prego abre a de uísque e toma um gole antes de oferecer a Julian, que aceita depois de hesitar por uma fração de segundo. Faço menção de protestar, pois tenho certeza de que ele nunca bebeu antes, poderia praticamente jurar, mas, antes que eu possa falar alguma coisa, ele já tomou um grande gole e, por um milagre, conseguiu engolir sem tossir.

Prego abre um de seus raros sorrisos e dá um tapinha no ombro de Julian.

— Você é um cara legal, Julian — diz ele.

Julian limpa a boca com as costas da mão.

— Não é ruim — diz ele, um pouco ofegante.

Prego e Alistar gargalham. Alex pega a garrafa de Julian sem falar nada e toma um gole também.

Toda a exaustão dos últimos dias me atinge de uma vez. Atrás de Prego, no lado oposto ao das prateleiras cruzadas, há vários colchões estreitos. Praticamente desabo no mais próximo.

— Acho que… — começo a dizer, deitando e puxando os joelhos contra o peito.

Não há cobertores nem travesseiro no colchão, mas sinto como se estivesse afundando em uma superfície divina: uma nuvem, uma camada de penas. Não. Sou eu a pena. Estou flutuando para longe… *Vou dormir um pouco*, era o que eu pretendia dizer, mas não termino a frase, já estou dormindo.

* * *

Acordo ofegante e na escuridão total. Por um momento entro em pânico, pensando que estou de volta à cela subterrânea com Julian. Eu me sento com o coração pulando no peito, e só quando ouço Coral murmurar no colchão ao lado é que lembro onde estou. A salinha está fedendo e tem um balde ao lado dela. Deve ter vomitado.

Um fiapo de luz entra pela porta aberta e ouço risadas abafadas vindas do cômodo ao lado.

Alguém me cobriu enquanto eu dormia. Empurro o cobertor para a beira do colchão e me levanto. Não faço ideia de que horas são.

Alistar e Lupi estão sentados juntos na sala ao lado, inclinados um na direção do outro e rindo. Têm aquela aparência ligeiramente suada e de olhos vidrados de quem andou bebendo. A garrafa de uísque repousa entre os dois, quase vazia, junto com um prato com os restos do que deve ter sido o jantar: feijão, arroz e nozes.

Eles ficam em silêncio assim que entro. Estavam rindo de algo particular, pelo visto.

— Que horas são? — pergunto, indo até os jarros d'água.

Eu me agacho e levo um dos jarros direto até a boca, sem me dar o trabalho de botar em um copo. Meus joelhos, braços e costas estão doendo e meu corpo ainda pesa de exaustão.

— Deve ser meia-noite — diz Alistar.

Dormi por poucas horas.

— Onde está todo mundo? — pergunto.

Alistar e Lupi trocam um olhar. Lupi tenta sufocar um sorriso.

— Graúna e Prego saíram para montar armadilhas — diz ele, erguendo uma sobrancelha.

É uma antiga piada, um código que inventamos no antigo lar. Graúna e Prego conseguiram manter o relacionamento amoroso deles em segredo por quase um ano. Mas houve uma vez em que Lupi, sem conseguir dormir, decidiu dar uma volta e os pegou juntos. Quando perguntou, Prego disse de repente "Montando armadilhas!", apesar de serem quase duas da manhã e todas as armadilhas estarem prontas e arrumadas havia muito tempo.

— E Julian? — pergunto. — E Alex?

Mais uma pausa curta. Agora Alistar está se contorcendo para não rir. Bêbado, sem dúvida alguma. As manchas vermelhas em suas bochechas comprovam isso.

— Lá fora — diz Lupi, e não consegue se controlar, soltando uma gargalhada roncada. Alistar começa a rir também.

— Lá fora? Juntos? — Eu me levanto, confusa e começando a ficar irritada. Quando nenhum dos dois responde, insisto: — O que é que eles estão *fazendo*?

Lupi tenta se controlar, sem sucesso.

— Julian queria aprender a brigar…

— Alex se ofereceu para ensinar — conclui Alistar por ele.

Eles caem na gargalhada de novo.

Meu corpo todo fica quente e depois frio.

— Mas o que…? — digo de repente, e a raiva na minha voz faz os dois enfim ficarem quietos. — Por que vocês não me acordaram?

Dirijo a pergunta mais a Alistar. Não espero que Lupi entenda. Mas Alistar é meu amigo, e é observador demais para não ter reparado na tensão entre Alex e Julian.

Por um segundo Alistar parece sentir culpa.

— Deixe disso, Lena. Não é nada de mais…

Estou furiosa demais para responder. Pego uma lanterna das prateleiras e me dirijo à escada.

— Lena, não fique zangada…

Interrompo Alistar batendo os pés no chão com força. Burra, burra, burra.

Lá fora o céu sem nuvens brilha, emitindo pontos intensos de luz. Seguro a lanterna com força, tentando canalizar toda a raiva pelos dedos. Não sei que tipo de jogo Alex está fazendo, mas estou cansada disso.

O bosque está parado, não há sinal de Prego e Graúna e nem de ninguém. Ali no escuro, atenta aos sons, percebo que o ar está muito quente; já devemos estar na metade de abril. Em pouco tempo o verão vai chegar. Por um momento uma onda de lembranças surge e preenche o ar com cheiro de madressilva: Hana e eu espremendo suco de limão no cabelo para clareá-lo, roubando refrigerantes da geladeira da loja do tio William e levando para a enseada Back; mariscos para o jantar na velha varanda de madeira quando estava quente demais para comermos dentro de casa; eu seguindo o triciclo de Gracie pela rua, bambeando na bicicleta, tentando não ultrapassá-la.

As lembranças trazem, como sempre, uma dor profunda lá dentro de mim. Mas já estou acostumada com essa dor, e apenas espero que ela passe.

Viro a lanterna e aponto para o bosque. Sob o raio amarelo-pálido, a rede de árvores e arbustos parece manchada, surreal. Apago a lanterna de novo. Se Julian e Alex saíram para algum lugar juntos, tenho pouca esperança de encontrá-los.

Estou prestes a voltar para dentro do esconderijo quando ouço um grito. O medo toma conta de mim. É a voz de Julian.

Corro para o bosque à minha direita, na direção do som, abrindo caminho por entre as trepadeiras e pinheiros com a ajuda da lanterna.

Depois de um minuto, dou em uma clareira. Por um instante, fico desorientada, e penso que fui parar na beirada de um lago prateado e grande, mas logo vejo que é um estacionamento. Uma pilha de escombros em um lado marca o que deve ter sido um prédio no passado.

Alex e Julian estão de pé a alguns metros de mim, ofegantes e se encarando com raiva. Julian está com a mão no nariz; o sangue escorre por entre seus dedos.

— Julian!

Saio correndo na sua direção, mas ele mantém os olhos grudados em Alex.

— Estou bem, Lena — diz ele.

Sua voz sai abafada, estranha. Quando coloco a mão no seu peito, ele a retira com delicadeza. Está cheirando um pouco a álcool.

Eu me viro para Alex.

— O que você fez, droga?

Ele olha para mim por apenas um segundo.

— Foi sem querer — responde ele, sem a menor emoção. — Atingi alto demais.

— Mentira — digo com raiva. Volto a olhar para Julian. — Venha — peço baixinho. — Vamos entrar. Vamos limpar isso.

Ele tira a mão do nariz, levanta a camisa e limpa os restos de sangue dos lábios. Agora o tecido está coberto de manchas escuras que brilham em um tom quase negro na noite.

— De jeito nenhum — diz ele, ainda sem olhar para mim. — Estávamos só começando. Não é, Alex?

— Julian… — começo a implorar.

— Lena tem razão — interrompe Alex, com uma leveza forçada. — Está tarde. Mal conseguimos enxergar aqui fora. Podemos recomeçar amanhã.

A voz de Julian também está suave, mas por baixo detecto um tom de raiva e amargura que não reconheço:

— Não tem momento melhor do que o presente.

O silêncio se prolonga entre eles, elétrico e perigoso.

— Por favor, Julian. — Estico a mão para pegar seu pulso, mas ele me afasta. Eu me viro de novo para Alex, querendo forçá-lo a olhar para mim, a interromper o contato visual com Julian. A tensão entre os dois está crescendo, chegando ao limite, como uma força negra e assassina inchando por baixo da superfície do ar. — *Alex*.

Alex enfim olha para mim, e por um segundo vejo uma expressão de surpresa aparecer no rosto dele, como se não tivesse percebido que eu estava ali, ou como se estivesse me vendo pela primeira vez. Em seguida vem uma expressão de arrependimento, e só assim a tensão se esvai e consigo respirar.

— Não esta noite — diz Alex, para em seguida se virar e voltar para o bosque.

Em um instante, antes que eu consiga reagir ou gritar, Julian vai para cima de Alex e o derruba por trás. Eles rolam no concreto, e de repente estão cuspindo e grunhindo, rolando um por cima do outro, lutando no chão. Nessa hora, eu grito o nome dos dois, e *parem*, e *por favor*.

Julian está em cima de Alex. Ele levanta o punho; escuto um baque pesado quando acerta o rosto dele. Alex cospe em Julian, segura seu maxilar e força sua cabeça para trás, empurra-o para cima, para longe. A distância, penso ouvir gritos, mas não me concentro em nada além de berrar até a garganta doer. Há também luzes piscando na minha visão periférica, como se fosse eu levando a surra, como se minha visão estivesse explodindo em jatos de cor.

Alex consegue vantagem e empurra Julian para o chão. Ele bate duas vezes com força, e ouço um estalo horrível. O sangue jorra livremente pelo seu rosto.

— Alex, por favor!

Choro. Quero puxá-lo de cima de Julian, mas o medo me deixou grudada no lugar, me prendeu no chão.

Mas ou Alex não me escuta ou prefere me ignorar. Nunca o vi assim, com o rosto iluminado de raiva, transformado sob o luar em um ser primitivo, duro e apavorante. Não consigo nem gritar mais, não consigo fazer nada além de chorar convulsivamente e sentir a náusea subir pela garganta. Tudo é surreal, em câmera lenta.

De repente Prego e Graúna aparecem do meio das árvores em uma onda de luz repentina, suados, sem fôlego, carregando lampiões, e Graúna está gritando e me segurando nos ombros; Prego tira Alex de cima de Julian, "Que merda é essa?", e tudo volta à velocidade normal. Julian tosse uma vez e se deita no chão. Eu me solto de Graúna, corro na direção dele e caio de joelhos. Percebo de cara que seu nariz está quebrado. Seu rosto está escuro de sangue e seus olhos são apenas fendas. Ele se esforça para se sentar.

— Ei. — Coloco a mão no seu peito e engulo os espasmos na garganta. — Ei, vá com calma.

Julian relaxa de novo. Sinto o coração dele batendo na palma da mão.

— O que foi que aconteceu? — grita Prego.

Alex está de pé um pouco distante de nós. Toda a sua raiva sumiu; ele parece chocado, as mãos pendendo inertes ao lado do corpo. Olha para Julian com uma expressão perplexa, como se não soubesse como ele foi parar ali.

Eu me levanto e vou na direção dele, sentindo a raiva formigar nas mãos. Queria poder fechar meus dedos em torno do pescoço dele e esganá-lo.

— Qual o seu problema, droga? — exclamo. Preciso forçar as palavras pelo caroço duro de raiva que tem na minha garganta.

— Eu… eu sinto muito — sussurra Alex. — Não era minha intenção… Não sei o que aconteceu. Sinto muito, Lena.

Se ele continuar me olhando assim, implorando, querendo que eu compreenda, sei que vou começar a perdoá-lo.

— Lena.

Ele dá um passo na minha direção, e eu recuo. Por um momento ficamos assim; sinto a pressão dos seus olhos em mim, e também a pressão da sua culpa. Mas não vou olhar para ele. Não consigo.

— Sinto muito — repete Alex, baixo demais para Graúna e Prego ouvirem. — Sinto muito por tudo.

Em seguida ele se vira, entra no bosque e some.

Hana

Em meio ao líquido em movimento que é meu sono, o sonho surge e ganha forma.

O rosto de Lena.

O rosto de Lena, flutuando na sombra. Não. Não na sombra. Ele emerge das cinzas, de uma camada profunda de cinzas e matéria carbonizada. Sua boca está aberta. Os olhos, fechados.

Ela está gritando.

Hana. Está gritando meu nome. As cinzas caem como areia em sua boca aberta. Sei que será enterrada de novo em breve, forçada ao silêncio, de volta à escuridão. E também sei que não tenho chance de alcançá-la, não tenho esperança de salvá-la.

Hana, grita ela, enquanto permaneço ali, imóvel.

Me perdoe, digo.

Hana, socorro.

Me perdoe, Lena.

— Hana!

Minha mãe está de pé à porta. Sento na cama, confusa e apavorada, a voz de Lena ecoando na mente. Eu estava sonhando. Não era para eu ter sonhos.

— O que foi? — Sua silhueta se desenha no vão da porta; atrás dela, só vejo a tênue luz noturna na entrada do meu banheiro. — Você está doente?

— Estou bem.

Passo a mão na testa. Sinto-a molhada. Estou suando.

— Tem certeza? — Ela faz menção a entrar no quarto, mas no último segundo permanece na porta. — Você gritou.

— Tenho certeza. — E então, como ela parece esperar mais: — Nervosismo, eu acho, por causa do casamento.

— Não tem motivo nenhum para ficar nervosa — diz ela, parecendo irritada. — Está tudo sob controle. Será formidável.

Sei que não é só à cerimônia em si que ela está se referindo, e sim ao casamento como um todo; tudo foi tabelado e coordenado, planejado para funcionar lindamente, projetado para a eficiência e a perfeição.

— Tente dormir um pouco — diz ela, suspirando. — Vamos a uma igreja com os Hargrove às nove e meia. A última prova do vestido é às onze. *E* tem a entrevista para a *Casa e cia.*

— Boa noite, mãe — digo, e ela se afasta sem fechar a porta.

A privacidade tem menos importância do que antes; é outro benefício não previsto, ou efeito colateral, da cura. Menos segredos.

Ou, pelo menos na *maioria* dos casos.

Vou até o banheiro e jogo água no rosto. Apesar de o ventilador estar ligado, ainda me sinto quente

demais. Por um segundo, quando olho no espelho, quase consigo ver o rosto de Lena me encarando por trás dos meus olhos; uma lembrança, uma visão de um passado enterrado.

Eu pisco.

Ela sumiu.

Lena

Alex ainda não voltou quando Graúna, Prego, Julian e eu chegamos ao esconderijo. Julian já se recuperou um pouco e agora insiste que consegue andar, apesar de estar com dificuldade e ainda sangrar bastante. Mesmo assim, Prego mantém um braço ao redor dos seus ombros. Julian se mantém de pé a duras penas e ainda sangra muito. Assim que chegamos ao esconderijo, Lupi e Alistar começam a tagarelar muito empolgados sobre o que aconteceu, até que lanço aos dois meu olhar mais feio. Coral aparece na porta, piscando e sonolenta, com um dos braços ao redor do estômago.

Alex ainda não voltou quando terminamos de limpar Julian.

— Quebrou — diz ele com uma careta, a voz rouca, quando Graúna passa o dedo pelo seu nariz.

Alex ainda não voltou quando todos nós deitamos em nossos colchões sob os cobertores finos, e até Julian consegue dormir, respirando pesado pela boca.

Quando acordamos, Alex já veio e se foi. Seus pertences sumiram, assim como um jarro d'água e uma faca.

Não deixou nada além de um bilhete, que encontro dobrado debaixo de um dos pés dos meus tênis.

A História de Salomão é a única forma que conheço para explicar.

E embaixo, em letras menores:

Me perdoe.

Hana

Treze dias até o casamento. Os presentes já começaram a chegar: sopeiras e pegadores de salada, vasos de cristal, montanhas de lençóis brancos, toalhas com monogramas e objetos para os quais eu nem tinha nome até agora: ramequins, descascadores, pilões. Essa é a língua da vida casada e adulta, uma língua completamente estranha para mim.

Doze dias.

Eu me sento e escrevo cartões de agradecimento em frente à televisão. Meu pai deixa pelo menos uma tevê ligada praticamente o tempo todo agora. Eu me pergunto se em parte é porque quer provar que temos dinheiro para desperdiçar eletricidade.

Pelo que parece ser a décima vez hoje, Fred aparece na tela, o rosto laranja por causa da base para pele. A tevê está no mudo, mas sei o que ele está dizendo. O noticiário não para de transmitir e retransmitir a declaração sobre o Departamento de Energia e Força e os planos de Fred para a Noite Negra.

Na noite do nosso casamento, um terço das famílias de Portland, qualquer pessoa suspeita de apoiar ou resistir, será mergulhado na escuridão.

As luzes ardem intensas para quem obedece; os outros viverão nas sombras por todos os dias de suas vidas (*Shhh*, salmo 17). Fred usa essa citação no discurso.

Obrigada pelos guardanapos com barra de renda. São exatamente do modelo que eu teria escolhido.

Obrigada pelo açucareiro de cristal. Vai ficar perfeito na mesa de jantar.

A campainha toca. Ouço os passos da minha mãe até a porta e o murmúrio de vozes abafadas. Um momento depois ela entra na sala, com o rosto vermelho e agitada.

— Fred — diz ela, e ele surge na sala logo atrás.

— Obrigado, Evelyn — agradece ele secamente, e ela entende a deixa para ir embora.

Minha mãe fecha a porta ao sair.

— Oi. — Eu me levanto, desejando estar usando outra roupa que não uma camiseta velha e um short surrado. Fred está de jeans escuro e uma camisa branca de botão, as mangas dobradas até os cotovelos. Sinto os olhos dele em mim, observando meu cabelo desgrenhado, o rasgo na bainha do short, a ausência de maquiagem. — Não estava esperando você. — Ele não diz nada. Há dois Freds olhando para mim agora, o Fred da tela e o de verdade. O Fred da tela está sorrindo, inclinado para a frente, tranquilo e relaxado. O Fred de verdade está tenso e me olha com raiva. — Hã… algum problema? — pergunto depois que o silêncio se estende por vários segundos.

Atravesso a sala e desligo a tevê, em parte para não ter que ver Fred me observando, e, em parte, porque não suporto a visão dupla.

Quando me viro, prendo a respiração de súbito. Fred chegou mais perto sem fazer barulho e agora está a quinze centímetros de mim, o rosto branco e furioso. Nunca o vi assim antes.

— O que…? — começo, mas ele me interrompe.

— O que é isso?

Ele enfia a mão no casaco, tira do bolso um envelope pardo dobrado e joga na mesa de centro. As várias fotos dentro do envelope se espalham.

Ali estou eu, congelada, preservada nas lentes da câmera. *Clique*. Andando de cabeça baixa ao lado de uma casa dilapidada, a casa dos Tiddle em Deering Highlands, a mochila vazia pendurada em um ombro. *Clique*. Por trás: passando por uma mancha de vegetação, esticando a mão para afastar um galho baixo. *Clique*. Virando-me, surpresa, observando a floresta atrás de mim, procurando a fonte do som, do movimento, do clique.

— Você quer me explicar o que estava fazendo em Deering Highlands no sábado? — diz Fred com frieza.

Uma onda de raiva me percorre, e também de medo. *Ele sabe*.

— Você mandou me seguirem?

— Não se supervalorize, Hana — diz ele no mesmo tom seco. — Hugo Bradley é meu amigo. É jornalista do *Daily*. Estava trabalhando e viu você entrando em Highlands. Naturalmente, ficou curioso. — Os olhos dele estão sombrios. Estão da cor de concreto molhado. — O que você estava fazendo lá?

— Nada — digo depressa. — Estava explorando.

— Explorando. — Fred praticamente cospe a palavra. — Você entende, Hana, que Highlands é um bairro condenado? Tem alguma ideia do tipo de pessoa que mora lá? Criminosos. Pessoas infectadas. Simpatizantes e rebeldes. Eles fazem ninhos naquelas construções como baratas.

— Eu não estava fazendo nada — insisto.

Se ele ao menos não ficasse tão perto. De repente, fico paranoica com a possibilidade de ele conseguir sentir o *cheiro* do medo, das mentiras, tal como os cachorros conseguem.

— Você estava *lá*. Isso já é ruim o bastante. — Embora apenas alguns centímetros nos separem, ele se aproxima ainda mais. Dou um passo para trás involuntariamente e esbarro no rack da televisão. — Acabei de falar em público que não vamos tolerar nenhuma desobediência civil. Você tem ideia de como seria ruim se as pessoas descobrissem que meu par estava indo escondida a Deering Highlands? — Ele consegue se aproximar ainda mais. Agora não tenho para onde ir, então tento apenas ficar muito parada. Ele aperta os olhos. — Mas talvez fosse justamente essa sua intenção. Você está tentando me constranger. Bagunçar meus planos. Está tentando me fazer passar por idiota.

A beirada do rack está machucando minha coxa.

— Odeio ser eu a lhe dar a notícia, Fred, mas nem tudo que faço gira em torno de você. Na verdade, na maioria das vezes estou pensando em *mim*.

— Que gracinha — diz ele.

Por um segundo ficamos nos encarando. O pensamento mais idiota do mundo surge na minha mente: quando Fred e eu fomos pareados, onde estava isso, esse núcleo duro e frio? Será que foi listado em Características e Qualidades?

Fred afasta o rosto alguns centímetros. Finalmente me permito respirar.

— As coisas vão ficar muito ruins para o seu lado se voltar lá — diz ele.

Eu me obrigo a olhar em seus olhos.

— Isso é um aviso ou uma ameaça?

— É uma promessa. — Ele curva a boca em um sorrisinho. — Se você não está comigo, está contra mim. E a tolerância não é uma das minhas virtudes. Cassie poderia lhe contar isso, mas ela não está muito em alta hoje em dia. — Ele dá uma risada.

— O que… o que quer dizer? — pergunto, não conseguindo impedir que minha voz fique trêmula.

Ele aperta os olhos. Prendo a respiração. Por um instante, penso que ele vai admitir, que vai confessar o que fez com Cassie e dizer onde ela está. Mas ele apenas diz:

— Não vou deixar você estragar o que me esforcei tanto para conquistar. Você vai me ouvir.

— Sou seu par — digo. — Não seu cachorro.

Acontece rápido como um relâmpago. Ele avança e pega meu pescoço, arrancando de mim todo o ar. O pânico, pesado e negro, pousa no meu peito. A saliva se acumula na minha garganta. Não consigo respirar.

Os olhos de Fred, pétreos e impenetráveis, dançam na minha visão.

— Tem razão — diz ele. Está completamente calmo agora, mesmo enquanto aperta meu pescoço. Minha visão se concentra em um único ponto: aqueles olhos. Por um segundo, tudo fica escuro, mas então ali está ele de novo, me olhando e falando com aquela voz de cantiga de ninar: — Você não é meu cachorro. Mas ainda vai aprender a sentar quando eu mandar. Vai aprender a obedecer.

— Oi? Tem alguém aqui?

A voz ecoa do saguão. Fred me solta imediatamente. Inspiro o ar e começo a tossir. Meus olhos estão ardendo. Meus pulmões pulsam no peito, tentando obter ar.

— Olá?

A porta se abre. Debbie Sayer, a cabeleireira da minha mãe, surge na sala.

— Ah! — exclama ela, e para. Seu rosto fica vermelho quando me vê com Fred. — Prefeito Hargrove — diz. — Não queria interromper…

— Você não interrompeu nada — informa Fred. — Eu já estava de saída.

— É que tínhamos marcado… — acrescenta Debbie com insegurança, olhando para mim. Esfrego os olhos; minha mão sai úmida. — …de ver os penteados para o casamento… Eu não errei a hora, errei?

O casamento. Parece absurdo agora, uma piada de mau gosto. Esse é meu caminho prometido, com esse monstro, que é capaz de sorrir em um momento e apertar meu pescoço no seguinte. Sinto lágrimas surgirem nos olhos de novo e pressiono as pálpebras com as palmas das mãos, desejando que sumam.

— Não. — Minha garganta dói. — É esse horário mesmo.

— Você está bem? — pergunta Debbie.

— Hana sofre de alergia — diz Fred tranquilamente, antes que eu tenha a chance de responder. — Já falei cem vezes para ela ir ao médico ver isso… — Ele pega minha mão, aperta meus dedos com força demais, mas não a ponto de Debbie reparar. — Ela é muito teimosa.

Ele solta minha mão. Levo os dedos doloridos às costas, flexiono-os e continuo a lutar contra a vontade de chorar.

— Vejo você amanhã — diz Fred para mim, com um sorriso. — Não esqueceu o coquetel, esqueceu?

— Não esqueci — respondo, recusando-me a olhar para ele.

— Que bom.

Ele atravessa a sala. No corredor, ouço seu assobio.

Debbie começa a falar assim que ele está longe o bastante para não escutar.

— Você tem tanta sorte. Henry, meu par, parece que teve a cara esmagada por uma pedra. — Ela ri. — Mas ele é um bom par. Nós dois apoiamos incondicionalmente seu marido…, quer dizer, futuro marido. Incondicionalmente.

Debbie então coloca um secador, duas escovas e uma bolsa transparente com grampos ao lado dos cartões de agradecimento e das fotos, nas quais ela não reparou.

— Sabe, Henry conheceu seu marido recentemente em um evento para angariar fundos. Onde enfiei meu laquê?

Fecho os olhos. Talvez isso tudo seja só um sonho: Debbie, o casamento, Fred. Talvez eu acorde no verão passado, ou dois verões atrás, ou cinco; antes de essa loucura toda se tornar real.

— Eu sabia que ele seria um ótimo prefeito. Não ligava muito para o Hargrove pai, e tenho certeza de que ele fazia o melhor que podia, mas, se você quer minha opinião, ele era meio frouxo. Queria as Criptas *destruídas*… — Ela balança a cabeça em reprovação. — Por mim deveriam enterrá-los e deixá-los apodrecer.

Fico atenta de repente.

— O quê?

Ela se aproxima de mim com uma das escovas, penteia uma mecha de cabelo, puxando-a.

— Não me entenda mal, eu *gostava* do Hargrove pai. Mas acho que ele tinha a ideia errada sobre certos tipos de pessoa.

— Não, não. — Engulo em seco. — O que você disse depois disso?

Ela levanta meu queixo com força na direção da luz e me examina.

— Ora, acho que eles deveriam ser esquecidos para apodrecer nas Criptas, os criminosos e as pessoas doentes.

Ela começa a enrolar meu cabelo e a observar o caimento.

Burra. Como fui burra.

— E pense só em como ele *morreu*.

O pai de Fred morreu no dia 12 de fevereiro, o dia dos Incidentes, depois que as bombas explodiram nas Criptas. O lado leste foi todo explodido; prisioneiros de repente se viram em celas sem paredes e em pátios sem cercas. Houve uma fuga em massa; o pai de Fred chegou com a polícia e morreu tentando restabelecer a ordem.

Meus pensamentos me atingem com força e rapidez, como neve pesada, e constroem um muro branco que não consigo pular nem contornar.

O Barba Azul tinha um quarto trancado, um espaço secreto onde guardava as esposas… Portas trancadas, trancas pesadas, mulheres apodrecendo em prisões de pedra…

Possível. É possível. Encaixa. Explicaria o bilhete, e também porque ela não está no sistema do COPE. Ela pode ter sido invalidada. Acontece com alguns prisioneiros. A identidade, a história, a vida toda deles é apagada. *Puf.* Uma única tecla, uma porta de metal deslizando até fechar, e é como se eles nunca tivessem existido.

Debbie não para de falar.

— …já foi tarde, é o que eu acho, e eles deveriam agradecer por não atirarmos neles de uma vez. Você soube o que aconteceu em Waterbury?

Ela ri, uma risada que ressoa alto demais no ambiente silencioso. Pequenas pontadas de dor explodem na minha cabeça.

Sábado de manhã, em uma única hora, um enorme acampamento de resistentes nos arredores de Waterbury foi erradicado. Só uns poucos dos nossos soldados foram feridos.

Debbie fica séria de novo.

— Quer saber? Acho que a luz lá em cima é melhor, no quarto da sua mãe. Não acha?

Eu me vejo concordando e, antes que me dê conta, já estou em movimento. Subo a escada na frente dela. Abro caminho até o quarto da minha mãe como se estivesse plainando no ar, ou sonhando, ou morta.

Lena

Uma sensação sombria toma conta do grupo depois que Alex vai embora. Ele estava causando problemas, mas ainda assim era um de nós. Acho que todo mundo, exceto Julian, sente a perda.

Estou atordoada, ou quase. Apesar de tudo, a presença dele, vê-lo, saber que ele estava bem — isso era reconfortante. Agora, quem sabe o que vai acontecer a ele vagando por aí sozinho? Ele não é mais meu e não tenho mais como perdê-lo, mas a dor está aqui, uma sensação torturante de descrença.

Coral está pálida, muito quieta e com os olhos arregalados. Ela não chora. Mas também quase não come.

Prego e Alistar chegaram a falar em ir atrás dele, mas Graúna os fez ver a tolice da ideia. Ele tinha muitas horas de vantagem, e é mais difícil rastrear uma única pessoa se deslocando a pé do que um grupo. Seria um desperdício de tempo, recursos e energia.

Não tem nada que possamos fazer, disse ela, tomando o cuidado de não olhar para mim. *Temos que deixá-lo ir.*

Portanto, nós deixamos. De repente, nenhuma quantidade de lampiões afasta as sombras que caem sobre nós, as sombras de outras pessoas e outras vidas perdidas para a Selva, para esta luta, para o mundo partido em dois. Não consigo deixar de pensar no acampamento, em Pippa e na fila de soldados que vimos atravessando o bosque.

Pippa disse que deveríamos esperar contato da resistência em três dias, mas o terceiro dia vira noite lentamente e não há sinal de ninguém.

Ficamos cada vez mais inquietos. Não é exatamente ansiedade. Temos comida suficiente e, agora que Prego e Alistar encontraram um riacho aqui perto, temos água. A primavera chegou: os animais apareceram e começamos a ter sucesso com as armadilhas.

Mas estamos completamente isolados. Não sabemos o que aconteceu em Waterbury nem o que está acontecendo no resto do país. Quando outra manhã surge como uma onda delicada por cima dos enormes carvalhos, é fácil imaginar que somos as únicas pessoas que sobraram no mundo.

Não suporto mais o local fechado, o subterrâneo. A cada dia, depois do almoço que improvisamos, escolho uma direção qualquer e saio andando, tentando não pensar em Alex nem na mensagem que ele deixou para mim, mas em geral me descubro incapaz de pensar em outra coisa.

Hoje, sigo para o leste. É uma das melhores partes do dia: aquele momento perfeito de transição em que as luzes têm um efeito líquido, como xarope sendo derramado devagarzinho. Ainda não consigo desatar o nó de infelicidade no peito. Não consigo afastar a ideia de que o resto de nossa vida pode ser simplesmente assim: fugir e se esconder, e sempre perder tudo e todos que amamos, e nos enfiar no subterrâneo, e correr atrás de comida e água.

Não vamos virar este jogo. Nunca vamos marchar para as cidades em triunfo, gritando vitória pelas ruas. Vamos apenas viver com toda esta dificuldade até não haver mais vida.

A História de Salomão. É estranho Alex ter escolhido logo essa dentre todas as histórias da *Shhh*, logo a que mais me consumiu quando descobri que ele estava vivo. Será que ele sabia? Será que sabia que eu me sentia exatamente como o pobre bebê partido da história?

Será que estava tentando me dizer que se sentia do mesmo jeito?

Não. Ele me disse que nosso passado juntos e tudo o que compartilhamos estava morto. Disse que nunca me amou.

Continuo a andar pelo bosque, sem nem prestar atenção direito no caminho que percorro. As perguntas na minha cabeça são como uma maré forte, me arrastando de volta vezes sem fim para os mesmos lugares.

A História de Salomão. O julgamento de um rei. Um bebê partido em dois e uma mancha de sangue penetrando no chão…

Em determinado ponto, percebo que não faço ideia de há quanto tempo estou andando nem o quanto me afastei do esconderijo. Também não prestei atenção à paisagem do caminho, um erro de principiante. Vovô, um dos Inválidos mais velhos do lar perto de Rochester, contava histórias de fadas que supostamente moravam na Selva e mudavam a posição de árvores e pedras só para confundir as pessoas. Nenhum de nós acreditava naquilo, mas a mensagem era bem verdadeira: a Selva é uma confusão, um labirinto em movimento que faz as pessoas andarem em círculos.

Começo a refazer meus passos de volta, procurando pontos em que meu calcanhar deixou marcas na lama, buscando sinais de vegetação pisoteada. Afasto da mente todos os pensamentos relacionados a Alex. É fácil demais se perder na vegetação; quem não toma cuidado é engolido por ela para sempre.

Vejo um brilho de luz do sol entre as árvores: o riacho onde peguei água ontem mesmo. Devo encontrar o caminho de volta a partir do curso d'água. Mas, primeiro, um banho rápido. A esta altura, estou suando.

Atravesso a última área de vegetação rasteira e saio em uma margem larga de grama queimada de sol e rochas planas.

Paro.

Já tem alguém aqui, uma mulher agachada uns doze metros à frente, na outra margem, com as mãos enfiadas na água. Está de cabeça baixa, e só consigo ver um emaranhado de cabelo grisalho com mechas brancas. Por um segundo, temo que seja uma reguladora, um soldado, mas mesmo de longe dá para perceber que suas roupas não são um uniforme. A mochila ao lado dela é remendada e velha, e sua blusa exibe anéis amarelados de suor.

Um homem que não consigo ver grita algo ininteligível.

— Só mais um minuto — responde a mulher sem erguer o olhar.

Meu corpo fica tenso, paralisado. Conheço essa voz.

Ela tira um pedaço de tecido da água, uma peça de roupa que estava lavando, e se levanta. Quando faz isso, paro de respirar. Ela segura o tecido esticado entre as mãos e o enrola no corpo, depois desenrola com a mesma rapidez, lançando um cata-vento de água na margem do rio.

De repente tenho cinco anos de novo e estou de pé em nossa lavanderia de Portland, ouvindo o gorgolejar da água tomada de sabão escorrendo lentamente pela pia, vendo-a fazer a mesma coisa com nossas camisas, nossas calcinhas; vendo o pontilhado da água nas paredes azulejadas; vendo-a se virar e

prender nossas roupas nas cordas que se cruzavam abaixo do teto, depois virar de novo, sorrindo para mim, cantarolando…

Sabão de alfazema. Água sanitária. Camisetas pingando no chão. É agora. Estou lá.

Ela está aqui.

Ela me vê e fica paralisada também. Por um segundo, não diz nada, e tenho tempo para reparar no quanto está diferente da lembrança que tenho dela. Está mais severa agora, o rosto tomado de ângulos e linhas. Mas, por baixo, detecto outro rosto, como uma imagem flutuando sob a superfície da água: a boca redonda rindo, as maçãs do rosto marcadas, os olhos brilhando.

— Lena — diz ela, por fim.

Inspiro com força. Abro a boca.

— Mãe.

Por um minuto interminável, ficamos assim, olhando uma para a outra, o passado e o presente convergindo e se separando vezes sem fim; minha mãe agora, minha mãe antes.

Ela começa a dizer alguma coisa, mas então dois homens surgem do bosque, entretidos em uma conversa. Assim que me veem, levantam os rifles.

— Esperem — ordena minha mãe, levantando a mão. — Ela está conosco.

Prendo a respiração. Só solto o ar quando os homens baixam as armas. Minha mãe continua a me olhar, em silêncio, tomada pela surpresa e por algum outro sentimento. Medo?

— Quem é você? — pergunta um dos homens. Seu cabelo ruivo com mechas brancas brilha. Parece um enorme gato laranja. — Está com quem?

— Meu nome é Lena. — Por milagre, minha voz não treme. Minha mãe se encolhe. Sempre me chamava de Magdalena e odiava o apelido. Eu me pergunto se ainda a incomoda, depois de todo esse tempo. — Vim de Waterbury junto com alguns outros.

Fico esperando que minha mãe dê alguma indicação de que nos conhecemos, de que sou sua *filha*, mas ela não diz nada. Apenas troca um olhar com os dois companheiros.

— Você está com Pippa? — pergunta o ruivo.

Balanço a cabeça.

— Pippa ficou lá — respondo. — Ela nos mandou vir para cá, para o esconderijo. Disse que a resistência viria.

O outro homem, magrelo e com cabelo castanho, dá uma risada curta e pousa o rifle no ombro.

— Você está olhando para ela — diz ele. — Sou Cap. Este é Max — ele aponta com o polegar para o homem-gato laranja —, e esta é Bel. — Ele inclina a cabeça na direção da minha mãe.

Bel. O nome da minha mãe é Annabel. Esta mulher se chama Bel. Minha mãe estava sempre em movimento. Minha mãe tinha mãos macias com cheiro de sabonete e um sorriso como o primeiro raio de sol batendo em um gramado recém-aparado.

Não sei quem é essa mulher.

— Está voltando para o esconderijo? — pergunta Cap.

— Estou — consigo dizer.

— Vamos com você — diz ele, com uma meia reverência que, considerando nossos arredores, parece mais do que um pouco irônica.

Sinto minha mãe me observar de novo, mas ela desvia o olhar quando olho.

Andamos quase em silêncio até o esconderijo, apesar de Max e Cap trocarem algumas palavras e frases, quase sempre uma conversa codificada que não entendo. Minha mãe — Annabel, ou Bel — está quieta. Quando nos aproximamos do esconderijo, percebo que passo a ir mais devagar inconscientemente, desesperada para prolongar a caminhada, desejando que minha mãe diga alguma coisa, que me reconheça.

Mas chegamos à estrutura em ruínas rápido demais, e enfim à escada que leva ao subterrâneo. Fico para trás e deixo que Max e Cap desçam primeiro. Tenho esperanças de que minha mãe perceba e espere um momento, mas ela apenas segue Cap lá para baixo.

— Obrigada — diz baixinho ao passar por mim.

Obrigada.

Não consigo nem ficar com raiva. Estou chocada demais, atordoada demais pela sua aparição repentina, a aparição dessa mulher-miragem que tem o rosto da minha mãe. Meu corpo parece vazio e tenho a impressão de que as mãos e os pés estão enormes como balões, como se pertencessem a outra pessoa. Vejo as mãos tateando a parede, vejo os pés estalando nos degraus.

Fico um segundo parada na base da escada, desorientada. Na minha ausência, todo mundo voltou. Prego e Alistar falam ao mesmo tempo, disparando perguntas; Julian se levanta de uma cadeira assim que me vê; Graúna sai andando pela sala, arrumando tudo, distribuindo ordens.

E, no meio de tudo, minha mãe; tirando a mochila, pegando uma cadeira, movendo-se com uma graça inconsciente. As outras pessoas começam a falar e se mexer, como mariposas ao redor de uma chama, manchas indistintas contra a luz. Até o aposento parece diferente agora que ela está aqui.

Deve ser um sonho. Só pode ser. Estou sonhando com uma mulher que é minha mãe, mas que na verdade não é, é outra pessoa.

— Ei, Lena. — Julian toma meu rosto nas mãos e se inclina para me dar um beijo. Seus olhos ainda estão inchados e com hematomas. Dou um beijo automático nele. — Você está bem?

Ele se afasta de mim. Evito seu olhar.

— Estou bem — respondo. — Depois explico.

Há uma bolha de ar presa no meu peito, tornando difíceis os atos de respirar e falar.

Ele não sabe. Ninguém sabe, só Graúna e talvez Prego. Os dois já trabalharam com Bel.

Agora minha mãe nem olha para mim. Ela aceita uma caneca de água das mãos de Graúna e começa a beber. E apenas isso, esse pequeno movimento, faz a raiva crescer dentro de mim.

— Atirei em um cervo hoje — diz Julian. — Prego o viu no meio da clareira. Achei que não fosse conseguir…

— Que bom — digo, interrompendo-o. — Você apertou um gatilho.

Julian parece magoado. Estou sendo horrível com ele há dias. Esse é o problema: se tiram a cura, as instruções e os códigos, você fica sem regras a seguir. O amor vem apenas em flashes.

— É comida, Lena — insiste ele, baixinho. — Você mesma não me diz o tempo todo que isto aqui não é um jogo? Estou me esforçando de verdade. — Ele faz uma pausa. — Para ficar.

Ele enfatiza a última parte. Sei que está pensando em Alex, e acabo não conseguindo evitar pensar nele também.

Preciso continuar em movimento, encontrar meu equilíbrio, me afastar deste aposento abafado.

— Lena. — Graúna surge ao meu lado. — Pode ajudar a preparar a comida?

Esta é a regra de Graúna: mantenha-se ocupada. Faça o que tem que fazer. Fique de pé.

Abra uma lata. Pegue água.

Faça alguma coisa.

Eu a sigo automaticamente até a pia.

— Alguma notícia de Waterbury? — pergunta Prego.

Por um momento faz-se silêncio. Minha mãe é quem responde:

— Acabou.

Graúna corta com força demais uma tira de carne-seca e machuca o dedo, ofegante e chupando o corte.

— Como assim *acabou*? — pergunta Prego, a voz estridente.

— Foi eliminado. — Desta vez, é Cap quem responde. — Destruído.

— Ah, meu Deus.

Alistar desaba em uma cadeira. Julian está de pé, perfeitamente rígido, tenso, as mãos fechadas com força; o rosto de Prego assume um ar pétreo. Minha mãe, ou a mulher que um dia foi minha mãe, está sentada com as mãos cruzadas no colo, imóvel, sem expressão. Só Graúna continua em movimento: ela enrola um pano de prato no dedo e corta a carne-seca. A faca vai para a frente e para trás, para a frente e para trás.

— E agora? — pergunta Julian, tenso.

Minha mãe ergue o rosto. Algo antigo e profundo se remexe dentro de mim. Os olhos dela ainda têm o azul-vívido de que me lembro, são os mesmos, como um céu em que se pode mergulhar. Como os olhos de Julian.

— Temos que ir — diz ela. — Ajudar no que for preciso. A resistência ainda está reunindo forças, reunindo *pessoas*…

— E Pippa? — pergunta Alistar de repente. — Pippa falou para esperarmos por ela. Disse que…

— *Alistar* — diz Prego. — Você ouviu o que Cap disse. — Ele baixa a voz: — Destruído.

Mais um momento de silêncio pesado. Vejo um músculo saltar no maxilar de minha mãe, um novo tique, e ela se vira, de forma que vejo o número verde-desbotado tatuado no pescoço dela, logo abaixo do amontoado cruel de cicatrizes, fruto das intervenções fracassadas. Penso nos anos que ela passou na pequena cela sem janela nas Criptas, marcando as paredes com o pingente de metal que meu pai tinha lhe dado, entalhando a palavra *amor* infinitas vezes na pedra. E, por algum motivo, agora, depois de menos de um ano de liberdade, ela entrou para a resistência. Mais do que isso. Está no centro dela.

Não conheço essa mulher; não sei como ela se tornou o que é, nem quando seu maxilar começou a tremer e seu cabelo começou a ficar grisalho, ou quando ela começou a cobrir os olhos com um véu e evitar o olhar da filha.

— Então para onde vamos? — pergunta Graúna.

Max e Cap trocam um olhar.

— Tem um movimento acontecendo no norte — diz Max. — Em Portland.

— Portland? — repito sem querer.

Minha mãe olha para mim com uma expressão que acredito ser de medo. Ela baixa o olhar.

— É de lá que você vem, não é? — pergunta-me Graúna.

Eu me apoio na pia, fecho os olhos por um segundo e tenho uma visão da minha mãe na praia, correndo atrás de mim, rindo, chutando areia escura, com uma túnica verde e larga batendo nos tornozelos. Abro os olhos e assinto.

— Não vou conseguir voltar para lá.

As palavras saem com mais força do que eu pretendia. Todos se viram para olhar para mim.

— Se formos a algum lugar, vamos todos juntos — declara Graúna.

— Tem um subterrâneo amplo em Portland — continua Max. — A rede tem crescido desde a época dos Incidentes. Aquilo foi só o começo. O que acontecer agora… — Ele balança a cabeça, os olhos brilhando. — Vai ser grande.

— Não vou conseguir — repito. — E não quero.

As lembranças voltam rápido: Hana correndo ao meu lado na enseada Back, nossos tênis fazendo barulho na lama; fogos de artifício na baía no Quatro de Julho, os tentáculos de luz se esticando acima da superfície da água; Alex e eu deitados no cobertor, rindo, no número 37 da rua Brooks; Grace tremendo ao meu lado no quarto, na casa da tia Carol, os braços finos enlaçando minha cintura, cheirando a chiclete de uva. Camadas e camadas de lembranças, uma vida que tentei enterrar e matar, um passado que estava morto, como Graúna sempre dizia, mas que agora surge e ameaça me soterrar.

E com as lembranças vem a culpa, outro sentimento que me esforcei tanto para enterrar. Eu os deixei para trás: Hana e Grace, e Alex também. Eu os deixei e saí correndo, nem olhei para trás.

— A decisão não é sua — diz Prego.

— Não seja infantil, Lena — acrescenta Graúna.

Em geral eu recuo quando Graúna e Prego se juntam e partem para cima de mim. Mas não hoje. Empurro a culpa para baixo com um punho pesado de raiva. Todo mundo está olhando para mim, mas sinto os olhos da minha mãe como uma queimadura, com uma curiosidade vazia, como se eu fosse um espécime em um museu, uma ferramenta antiga e estranha cujo uso ela está tentando decifrar.

— Eu não vou.

Bato o abridor de lata na bancada com força demais.

— Qual é o seu problema? — pergunta Graúna, em voz baixa, mas está tudo tão silencioso que tenho certeza de que todo mundo escuta.

Minha garganta está tão apertada que nem consigo engolir direito. Percebo de repente que estou à beira das lágrimas.

— Pergunte a ela — consigo dizer, e indico com o queixo a mulher que se chama Bel.

Há outro momento de silêncio. Todos os olhos se viram para minha mãe agora. Pelo menos ela parece culpada; ela sabe que é uma fraude, essa mulher que quer liderar uma revolução pelo amor e sequer admite a existência da própria filha.

Naquele momento, Lupi está descendo a escada, assobiando. Está segurando uma faca grande, molhada de sangue. Devia estar cortando o cervo. Sua camiseta também está manchada. Ele para quando nos vê em silêncio.

— O que foi? — indaga ele. — O que eu perdi? — E então, quando percebe a presença da minha

mãe, de Cap e Max, acrescenta: — Quem são vocês?

A visão de todo esse sangue faz meu estômago revirar. Somos assassinos, todos nós: matamos nossa vida, nossa vida passada, as coisas que importavam. E as enterramos sob slogans e desculpas. Antes que eu comece a chorar, me afasto da pia e passo por Lupi com tanta brutalidade que ele solta um pequeno grito. Subo a escada e saio do esconderijo para o ar livre da tarde quente, para o som do bosque se abrindo para a primavera.

Mas mesmo do lado de fora sinto a claustrofobia. Não tenho para onde ir. Não tenho como escapar da sensação esmagadora de perda, da exaustão infinita do tempo afastando as pessoas e tudo que eu amava.

Hana, Grace, Alex, minha mãe, o ar salgado do mar nas manhãs de Portland e os gritos distantes das gaivotas, tudo isso rompido, quebrado, guardado em algum lugar profundo, impossível de esquecer.

Talvez eles estejam certos sobre a cura, afinal. Não sou mais feliz do que era quando acreditava que o amor era uma doença. De muitas maneiras, sou menos feliz, isso sim.

Apenas alguns minutos depois que saio do esconderijo, paro de lutar contra a pressão nos olhos. Meus primeiros gritos são convulsivos e têm gosto de bile. Eu me entrego por completo. Afundo na vegetação rasteira e no musgo macio, coloco a cabeça entre as pernas e choro até não respirar mais, até estar cuspindo nas folhas entre as minhas pernas. Choro por tudo que abandonei e porque também fui deixada para trás, por Alex, por minha mãe, pelo tempo que atravessou nossos mundos e nos separou.

Ouço passos atrás de mim. Sei, sem precisar me virar, que é Graúna.

— Vá embora — digo.

Minha voz sai grave. Passo as costas da mão pelas bochechas e pelo nariz.

Mas é minha mãe quem responde:

— Você está com raiva de mim.

Paro de chorar na mesma hora. Meu corpo todo fica frio e imóvel. Ela se agacha ao meu lado. Apesar de eu tomar cuidado para não mexer o rosto, não olhar para ela, consigo *senti-la*, consigo sentir o cheiro de suor de sua pele e ouvir o ruído irregular de sua respiração.

— Você está com raiva de mim — repete ela, e sua voz falha um pouco. — Acha que eu não me importo.

Sua voz é a mesma. Passei anos imaginando essa voz passeando pelas palavras proibidas: *Eu amo você. Lembre-se disso. Eles não podem nos tirar isso.* Suas últimas palavras para mim antes de ir embora.

Ela se aproxima e se agacha ao meu lado. Hesita, mas estica o braço, encosta a mão no meu rosto e vira minha cabeça. Sou obrigada a olhar para ela. Sinto os calos em seus dedos.

Eu me vejo refletida em miniatura nos olhos dela e me transporto até a época anterior à sua partida, antes de eu acreditar que ela nunca voltaria, quando seus olhos me recebiam todos os dias e me guiavam todas as noites até o sono.

— Você ficou ainda mais bonita do que eu imaginava — sussurra minha mãe.

Ela também está chorando. A casca dura dentro de mim se quebra.

— Por quê?

São as únicas palavras que saem. Sem pretender e sem nem pensar, permito que ela me puxe contra o peito, que me envolva com os braços. Choro no espaço entre os ombros dela, inspirando o aroma

ainda familiar da sua pele.

São tantas as perguntas que eu preciso fazer: *O que aconteceu com você nas Criptas? Como deixou que a levassem? Para onde você foi?* Mas tudo que consigo dizer é:

— Por que você não foi me buscar? Depois de todos aqueles anos, depois de todo aquele tempo, por quê?

E não consigo mais continuar. Os soluços sacodem meu corpo.

— Shhh. — Ela encosta os lábios na minha testa, acaricia meu cabelo, do jeito que fazia quando eu era criança. Sou bebê de novo nos braços dela, indefesa e carente. — Agora estou aqui.

Ela massageia minhas costas enquanto eu choro. Lentamente, as trevas saem de mim, como se arrancadas pela mão dela. Enfim volto a respirar. Meus olhos ardem e minha garganta está áspera e dolorida. Eu me afasto dela e limpo os olhos com as costas da mão, sem nem me importar por meu nariz estar escorrendo. De repente me sinto exausta; cansada demais para estar magoada, cansada demais para estar zangada. Quero dormir, apenas dormir.

— Nunca deixei de pensar em você — diz minha mãe. — Pensei em você todos os dias. Em você e em Rachel.

— Rachel foi curada — digo. A exaustão pesa, encobre todos os sentimentos. — Ela foi pareada e partiu. E você deixou que eu pensasse que você tinha morrido. Eu ainda acharia isso se…

Se não fosse por Alex, penso, mas não digo. É claro que minha mãe não sabe a história de Alex. Ela não sabe nenhuma das minhas histórias.

Ela desvia o olhar. Por um segundo, penso que vai começar a chorar de novo. Mas não.

— Quando eu estava naquele lugar, pensar em vocês, nas minhas duas filhas lindas, era a única coisa que me fazia seguir vivendo. Era a única coisa que mantinha minha sanidade — fala ela, e a voz soa contundente, com um delineado de raiva, e penso na visita às Criptas com Alex: na escuridão sufocante e nos gritos ecoantes e inumanos, no cheiro da Ala Seis, nas celas que pareciam jaulas.

— Também foi difícil para mim. — Insisto, com teimosia. — Eu não tinha ninguém. E você poderia ter me procurado depois que fugiu. Poderia ter me contado… — Minha voz falha, e engulo em seco. — Depois que você me encontrou em Resgate… nós nos tocamos, você poderia ter me mostrado seu rosto, poderia ter dito alguma coisa…

— Lena. — Ela faz menção de tocar meu rosto de novo, mas me vê enrijecer e baixa a mão, suspirando. — Você não leu o Livro das Lamentações? Sobre Maria Madalena e José? Nunca se perguntou por que lhe dei esse nome?

— Li, sim.

Eu li o Livro das Lamentações pelo menos umas dez vezes; é o capítulo da *Shhh* que conheço melhor. Procurei pistas, sinais secretos da minha mãe, sussurros dos mortos. O Livro das Lamentações é uma história de amor. Mais do que isso: é uma história de sacrifício.

— Eu só queria que você ficasse bem — prossegue minha mãe. — Você entende isso? Bem e feliz. Qualquer coisa que eu pudesse fazer… mesmo que significasse que eu não poderia estar com você…

A voz dela fica abafada, e preciso afastar o olhar para impedir que a dor transborde de novo. Minha mãe envelheceu em um pequeno aposento quadrado com apenas uma pontinha de esperança, palavras rabiscadas na parede dia após dia, para ajudá-la a seguir em frente.

— Se eu não tivesse acreditado, se não confiasse nisso… Tantas vezes pensei em… — Ela não termina a frase.

E não é preciso. Sei o que ela tenta dizer: houve vezes em que ela quis morrer.

Lembro que eu costumava imaginá-la na beirada de um precipício, com o casaco esvoaçante atrás do corpo. Eu a *via*. Por um segundo ela ficava suspensa no ar, pairando, como uma visão de um anjo. Mas sempre, mesmo na minha cabeça, o precipício sumia e eu a via cair. Eu me pergunto se, de alguma forma, ela estava esticando a mão para mim pelos ecos do espaço naquelas noites, se eu estava conseguindo senti-la.

Por um tempo, deixamos o silêncio se prolongar entre nós. Seco o rosto úmido com a manga e me levanto. Ela se levanta também. Fico surpresa, assim como fiquei quando percebi que tinha sido ela a me salvar em Resgate, que temos quase a mesma altura.

— E agora? — pergunto. — Você vai embora de novo?

— Vou para onde a resistência precisar que eu vá — responde ela.

Desvio o olhar.

— Então você *vai* embora — digo, sentindo um peso cair no estômago.

É claro. É isso que as pessoas fazem em um mundo desordenado, um mundo de liberdade e escolha: elas vão embora quando querem. Desaparecem, voltam e vão embora de novo. E você fica para trás, para catar os cacos sozinho.

Um mundo livre também é um mundo partido, como a *Shhh* bem avisou. Tem mais verdade na Zumbilândia do que eu gostaria de acreditar.

O vento sopra seu cabelo na testa. Ela o prende atrás da orelha, um gesto do qual me lembro de anos atrás.

— Preciso garantir que o que aconteceu comigo, tudo de que fui forçada a abrir mão, não aconteça com mais ninguém. — Ela encontra meus olhos e me obriga a encará-la. — Mas não quero ir embora — acrescenta, baixinho. — Eu… Eu queria conhecer você agora, Magdalena.

Cruzo os braços e dou de ombros, tentando encontrar um pouco da dureza que desenvolvi durante meu tempo na Selva.

— Nem sei por onde começar — digo.

Ela abre as mãos em um gesto de submissão.

— Nem eu. Mas acho que podemos. *Eu* posso, se você me permitir. — Ela abre um sorrisinho. — Você também é parte da resistência, sabe? É isso que fazemos: lutamos pelo que importa para nós. Certo?

Olho nos olhos dela. São como o céu azul-límpido que se estende acima das árvores, uma espécie de teto colorido. Eu lembro: as praias de Portland, pipas voando, salada de macarrão, piqueniques de verão, as mãos da minha mãe, uma voz cantando para me fazer dormir.

— Certo — digo.

E voltamos juntas para o esconderijo.

Hana

As Criptas estão diferentes de como eu lembrava.

Só estive aqui uma vez antes, em um passeio da escola no terceiro ano. É estranho, mas não me lembro de nada da visita em si, só que Jen Finnegan vomitou no ônibus quando estávamos voltando e o ar ficou fedendo a atum mesmo depois que o motorista abriu todas as janelas.

As Criptas se localizam na fronteira norte; dão para a Selva e para o rio Presumpscot. Foi por isso que tantos prisioneiros conseguiram fugir depois dos Incidentes. Os estilhaços de explosivos arrancaram pedaços enormes do muro; os detentos que conseguiram sair das celas correram direto para a Selva.

Depois dos Incidentes, o local foi reconstruído, ganhando uma ala nova e moderna. As Criptas sempre foram monstruosamente feias, mas agora estão piores do que nunca. O acréscimo de aço e cimento se une de forma esquisita com o prédio antigo, feito de pedra enegrecida, com centenas de janelinhas com grades. O dia está ensolarado. Atrás do teto alto, o céu é de um azul intenso. A cena toda me parece estranha. Este é um lugar que nunca deveria ver a luz do sol.

Por um minuto fico parada do lado de fora, me perguntando se não devo dar meia-volta e ir embora. Vim do centro até aqui de ônibus, que foi esvaziando conforme nos aproximávamos do destino final. No final, restavam somente o motorista e uma mulher grande e muito maquiada com roupa de enfermeira. Quando o ônibus se afastou, jogando para trás lama e fumaça, pensei por um louco segundo em sair correndo atrás dele.

Mas eu preciso saber. Preciso.

Assim, sigo a enfermeira, que vai na direção da guarita do lado de fora do portão e mostra a identidade. Os olhos do guarda se dirigem a mim, e lhe passo um pedaço de papel sem dizer nada.

Ele olha a fotocópia.

— Eleanor?

Faço que sim com a cabeça. Não me arrisco a falar. Na fotocópia, é impossível identificar muitas das feições dela e distinguir a cor cinzenta do cabelo. Mas, se ele olhar com muita atenção, vai ver os detalhes que não encaixam: a altura, a cor dos olhos.

Felizmente, ele não olha.

— O que aconteceu com o original?

— Foi parar na secadora — respondo de pronto. — Tive que pedir uma segunda via ao SSV.

Ele dirige o olhar para a fotocópia. Espero que não consiga ouvir meu coração, que está batendo alto e com força.

Conseguir a fotocópia não foi problema. Só precisei fazer uma rápida ligação para a Sra. Hargrove de manhã, seguida de uma proposta de uma xícara de chá, uma conversinha de vinte minutos, uma necessidade clara de ir ao banheiro e um desvio de dois minutos passando pelo escritório de Fred. Eu não poderia correr o risco de ser identificada como a futura esposa dele. Se Cassie *estiver* aqui, é possível que alguns dos guardas conheçam Fred. E se ele descobrir que andei xeretando pelas Criptas…

Ele já me falou que não devo fazer perguntas.

— Propósito?

— Só… visita.

O guarda resmunga. Devolve meu papel e sinaliza para que eu siga quando as grades começam a abrir.

— Passe no balcão de visitantes — diz ele.

A enfermeira me lança um olhar curioso antes de seguir na minha frente pelo pátio. Não consigo imaginar que haja muitos visitantes aqui.

Esse é o objetivo. Trancá-los e deixar que apodreçam.

Atravesso o pátio. Passo por uma porta pesada de aço com tranca e vou parar em um saguão de entrada claustrofóbico, onde há um detector de metais e vários guardas corpulentos. Quando entro, a enfermeira já colocou a bolsa em uma esteira e está parada de braços e pernas abertos enquanto um guarda passa um detector de metais portátil pelo corpo dela, em busca de armas. Ela parece nem reparar; está ocupada conversando com a mulher que cuida da recepção, à direita, que fica atrás de um vidro à prova de bala.

— O mesmo de sempre — diz ela. — O bebê me fez passar a noite acordada. Estou dizendo, se o 2.426 me causar mais problemas hoje, vou trancar aquele idiota na solitária.

— Amém — responde a mulher da recepção. Em seguida, se vira para mim: — Identidade?

Repetimos o procedimento todo de novo: passo o papel pela abertura no vidro, explico que o original estragou.

— Como posso ajudar? — pergunta ela.

Passei as últimas vinte e quatro horas elaborando minha resposta com cautela, mas as palavras acabam saindo com hesitação:

— Eu… Eu vim visitar minha tia.

— Sabe em que ala ela está?

Balanço a cabeça.

— Não… Nem sabia que ela estava aqui. Acabei de descobrir. Durante a maior parte da minha vida, pensei que ela estivesse morta.

A mulher não demonstra reação a essa declaração.

— Nome?

— Cassandra. Cassandra O'Donnell.

Aperto os punhos e me concentro na dor que percorre a palma das minhas mãos enquanto ela digita o nome no computador. Não sei se estou torcendo para que o nome apareça ou não.

A mulher balança a cabeça. Ela tem olhos azuis como água e cabelo louro ondulado, que na luz do local parece ser do mesmo tom cinza sem graça das paredes.

— Não tem nada aqui. Sabe o mês de entrada?

Há quantos anos Cassie desapareceu? Eu me lembro de ouvir na posse de Fred que ele está sem par há três anos.

Dou um palpite.

— Janeiro ou fevereiro de três anos atrás.

Ela suspira e se levanta da cadeira.

— Só digitalizamos os dados no ano passado.

Ela desaparece do meu campo visual e volta com um livro grande com capa de couro, que coloca na bancada ao lado com um estrondo. Vira algumas páginas, depois abre uma janelinha no vidro e desliza o livro para mim.

— Janeiro e fevereiro — diz ela simplesmente. — Está tudo organizado por data. Se ela entrou, vai estar aí.

O livro é enorme e as páginas estão cheias de uma caligrafia antiquada, com datas de entrada, nomes de prisioneiros e números correspondentes. O período de janeiro a fevereiro ocupa várias páginas, e fico com a sensação desconfortável da mulher me observando com impaciência enquanto passo o dedo pela coluna de nomes.

Sinto meu estômago se contrair. Ela não está aqui. É claro que posso ter errado as datas, ou posso estar completamente enganada. Talvez ela nunca tenha vindo parar nas Criptas.

Lembro-me de Fred rindo e dizendo: *Ela não está muito em alta hoje em dia.*

— Achou alguma coisa? — pergunta a mulher, sem interesse real.

— Só um segundo.

Uma gota de suor escorre pela minha coluna. Viro para o mês de abril e continuo a busca.

E então, vejo um nome que me faz parar. *Melanea O.*

Melanea. Era o nome do meio de Cassandra; eu me lembro de ouvi-lo na posse de Fred e de vê-lo escrito na carta que roubei do escritório dele.

— Aqui — digo.

Faz sentido Fred não ter usado o nome real dela. Afinal, o objetivo era fazê-la desaparecer.

Empurro o livro de volta pela janelinha no vidro. Os olhos da mulher deslizam de *Melanea O.* para o número atribuído à pessoa: 2.225. Ela digita no computador enquanto repete o número baixinho.

— Ala B — diz a mulher. — A ala nova. — Ela digita mais um pouco, e uma impressora atrás dela ganha vida e regurgita um pequeno adesivo branco com as palavras VISITANTE/ALA B impressas. Ela o desliza pela janelinha para mim, junto com outro livro de capa de couro, só que mais fino. — Assine seu nome, ponha a data no registro de visitantes e acrescente o nome da pessoa que você veio visitar. Coloque o adesivo no peito; deixe-o visível o tempo todo. E vai ter que esperar que um acompanhante chegue. Passe pela segurança enquanto mando chamar uma pessoa para buscar você.

Ela faz esse discurso final rápido, sem entonação na voz. Pego uma caneta na bolsa e escrevo Eleanor Latterly no local determinado, rezando para ela não pedir para ver minha identidade. O registro de visitantes é um deserto. Só três pessoas vieram aqui na semana passada.

Minhas mãos começaram a tremer. Tenho dificuldade para tirar o casaco depois que os seguranças dizem que devo passá-lo pelos raios X. Minha bolsa e meus sapatos também são colocados em bandejas para inspeção, e preciso ficar parada com os braços e as pernas abertos, como a enfermeira fez, enquanto um dos homens me apalpa de uma forma meio desajeitada e passa o detector de metais entre minhas pernas e sobre os seios.

— Limpo — diz ele, e dá um passo para o lado a fim de me deixar passar.

Depois da área de segurança fica uma pequena área de espera, mobiliada com várias cadeiras baratas

de plástico e uma mesa também de plástico. Vejo, adiante, vários corredores e placas apontando o caminho para alas e partes diferentes do complexo. Uma tevê está ligada no canto, sem som; é uma transmissão política. Desvio o olhar para o caso de Fred aparecer na tela.

Uma enfermeira com tufos de cabelo preto e um rosto brilhoso e oleoso aparece no corredor vindo na minha direção. Ela calça sapatos azuis de hospital e uma roupa florida. Seu crachá diz JAN.

— É você que vai à Ala B? — pergunta, ofegante, quando se aproxima.

Faço que sim com a cabeça. O perfume dela é de baunilha, doce, enjoativo e forte demais, mas ainda assim não esconde por completo os outros cheiros do local: cloro, odores corporais.

— Por aqui.

Ela sai andando na minha frente até a porta dupla pesada, que abre com o quadril.

Do outro lado da porta, a atmosfera muda. O corredor é de um branco brilhante. Deve ser a ala nova. O piso, as paredes e até o teto são feitos dos mesmos painéis impecáveis. Até o ar tem cheiro diferente, mais limpo e mais novo. Está tudo muito silencioso, mas, enquanto andamos pelo corredor, ouço sons ocasionais de vozes abafadas, o apito de equipamentos mecânicos, o clique dos sapatos de outra enfermeira em outro corredor.

— Já veio aqui antes? — pergunta Jan. Balanço a cabeça, e ela me lança um olhar de soslaio. — Imaginei. Não recebemos muitas visitas. Não tem por quê.

— Acabei de descobrir que minha tia…

— Você vai ter que deixar a bolsa do lado de fora da ala — interrompe-me ela. Ofega, ofega, ofega. — Até uma lixa de unha pode acabar causando problemas. E vou ter que lhe dar sapatilhas. Esses cadarços não podem entrar lá na ala. Ano passado, um dos nossos homens se enforcou pendurado em um cano, rápido como um raio, quando conseguiu uns cadarços. Estava mortinho quando o encontramos. Quem você veio ver?

Ela diz tudo isso tão rápido que mal acompanho o rumo da conversa. Uma cena me surge na mente: uma pessoa pendendo do teto e cadarços amarrados no pescoço. Na imagem que vejo, a pessoa balança, gira na minha direção. Estranhamente, é o rosto de Fred que imagino, enorme, inchado e vermelho.

— Eu vim ver Melanea. — Observo o rosto da enfermeira e vejo que o nome não significa nada para ela. — Número 2.225 — acrescento.

Pelo visto, as pessoas são identificadas apenas pelos números nas Criptas, porque a enfermeira solta um ruído de reconhecimento.

— Ela não vai causar problemas — diz de forma conspiratória, como se estivesse me contando um grande segredo. — É quieta como um rato de igreja. Quer dizer, nem sempre. Eu me lembro dos primeiros meses, dela gritando sem parar "Meu lugar não é aqui! Não sou louca!" — A enfermeira ri. — É claro que todos dizem isso. E aí você começa a ouvir, e eles enchem os seus ouvidos com histórias de homenzinhos verdes e aranhas.

— Ela… ela é louca, então?

— Ela não estaria aqui se não fosse, estaria? — Fica claro que ela não espera uma resposta. Chegamos a outra porta dupla, marcada com uma placa que diz ALA B: PSICOSES, NEUROSES, HISTERIA. — Vá pegar um par de sapatilhas — ordena ela com alegria, e aponta o caminho.

Ao lado da porta há um banco e uma pequena estante de madeira com várias sapatilhas de plástico.

A mobília é antiga e parece estranha no meio desta brancura intensa.

— Deixe os sapatos e a bolsa aqui. Não se preocupe, ninguém vai pegar. Os criminosos estão todos dentro das alas.

Ela ri de novo. Eu me sento no banco e tento desamarrar os cadarços, desejando ter me ocorrido a ideia de usar botas ou sapatilhas. Meus dedos estão desajeitados.

— Então ela gritava? — pergunto. — Logo que chegou?

A enfermeira revira os olhos.

— Achou que o marido estava tentando se livrar dela. Gritava sobre conspirações para quem quisesse ouvir.

Meu corpo todo fica frio. Engulo em seco.

— Tentando se livrar dela? Como assim?

— Não se preocupe. — Jan balança a mão em um gesto de desdém. — Ela ficou quieta bem rapidinho. A maioria fica. Toma os remédios com regularidade e não causa problema para ninguém. — Ela bate no meu ombro. — Pronta?

Só consigo assentir, embora *pronta* seja o exato oposto de como me sinto. Meu corpo está tomado por uma necessidade de virar e sair correndo, mas me levanto e sigo Jan pela porta dupla até outro corredor, de um branco tão impecável quanto aquele pelo qual acabamos de passar, com portas brancas e sem janelas. Cada passo parece mais difícil do que o anterior. Sinto o frio do assoalho através das sapatilhas, que são finas como papel, e cada vez que meu calcanhar toca o chão, um tremor percorre minha coluna.

Em pouco tempo chegamos a uma porta marcada com o número 2.225. Jan bate duas vezes com força, mas parece não estar esperando resposta. Tira um cartão magnético do pescoço e o segura na frente do leitor digital à esquerda da porta.

— Recebemos sistemas novos depois dos Incidentes. Legal, não é?

E, quando a tranca se abre com um clique, ela empurra a porta com firmeza.

— Visita para você — anuncia ela com alegria ao entrar na cela.

Este último passo é o mais difícil. Chego a pensar que não vou conseguir. Preciso praticamente me jogar para a frente, me obrigar a passar pela porta, a entrar na cela. Quando entro, o ar some do meu peito.

Ela está sentada no canto, em uma cadeira de plástico sem arestas, olhando por uma janelinha com grades pesadas de ferro. Não se vira quando entramos, mas identifico seu perfil, que está tocado de leve pela luz que entra de fora: o pequeno nariz arrebitado, a boca delicada, os cílios longos, a orelha como uma concha cor-de-rosa e a pequena cicatriz da intervenção embaixo. Seu cabelo é comprido e louro e vai até quase a cintura. Imagino que tenha uns trinta anos.

Ela é bonita.

Ela se parece comigo.

Meu estômago dá uma cambalhota.

— Bom dia — diz Jan, bem alto, como se Cassandra não fosse ouvir se ela não falasse assim, mesmo a cela sendo mínima. É pequena demais para nós três ficarmos ali com conforto, e, apesar de o espaço conter apenas um colchão, uma cadeira, uma pia e um vaso sanitário, parece lotado. — Trouxe uma

pessoa para ver você. Surpresa boa, não acha?

Cassandra não fala nada e não dá sinal de perceber nossa presença.

Jan revira os olhos de forma expressiva e diz *sinto muito* com os lábios. Em voz alta, diz:

— Vamos lá. Não seja rude. Vire-se e diga oi, como uma boa menina.

Cassie se vira, embora seus olhos passem direto por mim e sigam para Jan.

— Posso ganhar uma bandeja, por favor? Perdi o café da manhã hoje.

Jan coloca as mãos na cintura e diz, em tom exagerado de reprovação, como se estivesse falando com uma criança:

— Isso foi bobagem sua, não foi?

— Não estava com fome — diz Cassie simplesmente.

Jan suspira.

— Você tem sorte de eu estar de bom humor hoje — responde ela, com uma piscadela. — Vai ficar bem se eu deixá-la aqui sozinha por um minuto? — Essa pergunta é direcionada a mim.

— Eu…

— Não se preocupe — prossegue Jan. — Ela é inofensiva. — Ela levanta a voz e assume um tom alegre forçado: — Já volto. Seja uma boa menina. Não perturbe sua visita. — Ela se vira para mim de novo: — Se houver qualquer problema, aperte o botão de emergência ao lado da porta.

Antes que eu possa responder, ela sai para o corredor e fecha a porta. Ouço a tranca deslizar. O medo me domina, intenso e claro, superando os efeitos abafadores da cura.

Por um momento fico em silêncio, tentando lembrar o que vim dizer. O fato de que a encontrei, a mulher misteriosa, é avassalador, e de repente não consigo pensar no que perguntar.

Os olhos dela grudam nos meus. São cor de mel e muito límpidos. Inteligentes.

Não loucos.

— Quem é você? — Agora que Jan saiu, a voz dela assume um tom acusatório. — O que está fazendo aqui?

— Meu nome é Hana Tate — digo. Inspiro fundo. — Vou me casar com Fred Hargrove sábado que vem.

O silêncio se estende entre nós. Sinto os olhos dela me avaliando. Eu me obrigo a ficar imóvel.

— O gosto dele não mudou — diz ela, de forma neutra, e se volta para a janela.

— Por favor. — Minha voz falha um pouco. Devia ter trazido água. — Eu queria saber o que aconteceu.

As mãos de Cassie estão imóveis no colo. Ela deve ter aperfeiçoado essa arte ao longo dos anos: ficar sentada assim, imóvel.

— Eu sou louca — diz ela, sem entonação na voz. — Não lhe contaram?

— Não acredito nisso — retruco, e é verdade. Não acredito mesmo. Agora que estou falando com Cassie, tenho certeza de que ela é sã. — Eu quero a verdade.

— Por quê? — Ela se vira para mim de novo. — Por que você se importa?

Para que não aconteça comigo; para eu impedir. Esse é o verdadeiro motivo, bem egoísta. Mas não posso dizer isso. Ela não tem por que me ajudar. Não somos mais feitos para nos importarmos com estranhos.

Antes que eu consiga pensar em qualquer coisa para dizer, ela ri. É um som seco, como se sua

garganta não fosse usada há tempos.

— Você quer saber o que eu fiz, não é? Quer ter certeza de que não vai cometer o mesmo erro.

— Não — digo, apesar de ela estar certa. — Não é isso que…

— Não se preocupe — prossegue ela. — Eu entendi. — Um sorriso passa por seu rosto durante um breve momento. Ela olha para as próprias mãos. — Fui pareada com Fred quando tinha dezoito anos. Não fui para a universidade. Ele era mais velho. Tiveram dificuldade em encontrar um par para ele. Ele era exigente; permitiam que fosse, por causa do pai. Todo mundo dizia que eu tinha sorte. — Ela dá de ombros. — Ficamos casados durante cinco anos.

Ela é mais jovem do que eu pensava.

— O que deu errado? — pergunto.

— Ele se cansou de mim — declara ela com firmeza. Seus olhos se dirigem aos meus por um momento. — E eu era um risco. Sabia demais.

— Como assim um risco?

Quero me sentar na cama; minha cabeça está estranhamente leve e minhas pernas parecem impossivelmente distantes. Mas tenho medo de me mexer. Tenho medo até de respirar. A qualquer segundo ela pode me mandar sair. Não me deve nada.

Ela não me dá uma resposta direta.

— Sabe o que ele gostava de fazer quando era criança? Atraía gatos do bairro para o quintal dele. Dava leite, atum, ganhava a confiança dos bichos. E então os envenenava. Gostava de vê-los morrer.

A cela parece menor do que nunca, abafada e sem ar.

Ela olha para mim de novo. A expressão calma e firme me desconcerta. Eu me forço a não desviar o rosto.

— Ele também me envenenou — afirma ela. — Passei meses doente. Por fim, ele me contou. Ricina no meu café. O bastante para me manter doente, de cama, dependente. Ele me contou para eu saber do que era capaz. — Ela faz uma pausa. — Ele matou o próprio pai, sabe.

Pela primeira vez eu me pergunto se talvez ela não seja louca, afinal. Talvez a enfermeira estivesse certa, talvez o lugar dela seja mesmo aqui. A ideia é libertadora.

— O pai de Fred morreu durante os Incidentes — observo. — Foi morto por Inválidos.

Ela me olha com pena.

— Eu sei disso. — Como se estivesse lendo minha mente, ela acrescenta: — Tenho olhos e ouvidos. As enfermeiras falam. E é claro que eu estava na ala antiga quando as bombas explodiram. — Ela olha para as mãos de novo. — Trezentos prisioneiros escaparam. Uns dez foram mortos. Não tive a sorte de estar em nenhum dos dois grupos.

— Mas o que isso tem a ver com Fred? — pergunto, minha voz parecendo mais um choramingo.

— Tudo — diz ela. Seu tom endurece. — Fred queria que os Incidentes acontecessem. Queria que as bombas explodissem. Ele se aliou aos Inválidos, ajudou a planejar tudo.

Não pode ser verdade. Não consigo acreditar nela. Não acredito.

— Isso não faz sentido.

— Faz total sentido. Fred deve ter planejado durante anos. Ele trabalhou com a ASD. Eles tiveram a mesma ideia. Fred queria provar que o pai estava errado a respeito dos Inválidos e também queria o

pai morto. Assim, estaria certo *e* seria o prefeito.

Uma sensação de choque sobe pela minha espinha quando ela menciona a ASD. Em março, em uma manifestação enorme da América Sem *Deliria*, em Nova York, Inválidos atacaram e mataram trinta cidadãos e feriram incontáveis outros. Todo mundo comparou o que aconteceu com os Incidentes, e durante semanas a segurança ficou mais rigorosa em todos os lugares: identidades foram verificadas, veículos, revistados, houve batidas em casas e as patrulhas nas ruas, dobradas.

Mas outros boatos correram. Algumas pessoas disseram que Thomas Fineman, o presidente da ASD, sabia de antemão o que aconteceria e até mesmo permitira. Duas semanas depois, Thomas Fineman foi assassinado.

Não sei em que acreditar. Meu peito dói, repleto de um sentimento cujo nome não consigo lembrar.

— Eu gostava do Sr. Hargrove — diz Cassandra. — Ele sentia pena de mim. Sabia como o filho era. Ele me visitava com frequência depois que Fred mandou me prender. Fred arrumou gente para declarar que eu estava louca. Amigos. Médicos. Eles me condenaram à vida neste lugar. — Ela indica o pequeno aposento branco, sua cova. — Mas o Sr. Hargrove sabia que eu não era louca. Ele me contava histórias sobre o mundo lá fora. Encontrou um lugar para minha mãe e meu pai morarem em Deering Highlands. Fred também os queria silenciados. Deve ter pensado que contei a eles… deve ter pensado que eles sabiam o que eu sabia. — Ela balança a cabeça. — Mas não contei. Eles não sabiam.

Então os pais de Cassie foram obrigados a ir para Highlands, assim como a família de Lena.

— Sinto muito — digo.

É a única frase que eu consigo falar, mesmo sabendo quanto soa vazia.

Cassie parece não me ouvir.

— Naquele dia, o dia da explosão das bombas, o Sr. Hargrove estava me visitando. Ele me trouxe chocolate. — Ela se vira para a janela. Em que será que está pensando? Fica completamente imóvel de novo, seu perfil delineado pela luz do sol. — Ouvi dizer que morreu tentando restaurar a ordem. Senti pena *dele*. Engraçado, não é? Mas acho que Fred conseguiu pegar nós dois, no final.

— Voltei! Antes tarde do que nunca!

A voz de Jan me faz pular. Eu me viro. Ela está passando pela porta com uma bandeja de plástico em que há um copo de plástico com água e uma pequena tigela de plástico com aveia empelotada. Saio do caminho quando ela coloca a bandeja na cama. Reparo que os talheres também são de plástico. É claro, não pode haver metal. Tampouco facas.

Então me lembro da história do homem pendurado pelos cadarços. Fecho os olhos e penso na baía. A imagem se enche de ondas. Abro os olhos de novo.

— O que acha? — pergunta Jan, com alegria. — Quer comer agora?

— Na verdade, acho que vou esperar — diz Cassie, baixinho. O olhar dela ainda está voltado para a janela. — Não estou mais com fome.

Jan olha para mim e revira os olhos como se dissesse: *Gente doida.*

Lena

Não perdemos tempo para sair do esconderijo agora que ficou decidido que vamos para Portland em grupo, para nos juntarmos à resistência e somarmos nossa força à dos agitadores. Alguma coisa grandiosa está acontecendo, mas Cap e Max se recusam a falar sobre o assunto, e minha mãe alega que eles só sabem as linhas gerais do que será feito. Agora que o muro entre nós ruiu, não estou mais tão resistente a voltar para Portland. Na verdade, uma pequena parte de mim até anseia por isso.

Minha mãe e eu conversamos ao redor da fogueira enquanto comemos; conversamos até tarde da noite enquanto Julian coloca a cabeça para fora da barraca, sonolento e desorientado, e me diz que eu deveria ir dormir, ou até Graúna nos mandar calar a boca.

Conversamos de manhã. Conversamos enquanto caminhamos.

Conversamos sobre como tem sido minha vida na Selva, e a dela também. Ela me conta que estava envolvida com a resistência mesmo quando ainda estava nas Criptas. Havia um agente duplo, um resistente, um curado que ainda era solidário à causa e trabalhava de guarda na Ala Seis, onde minha mãe ficou presa. Ele levou a culpa pela fuga dela e se tornou prisioneiro.

Eu me lembro dele. Eu o vi encolhido em posição fetal no canto de uma cela mínima. Mas não conto isso a minha mãe. Não contei a ela que Alex e eu entramos nas Criptas, porque isso significaria falar sobre ele. E não consigo me fazer falar sobre ele; não com ela, nem com ninguém.

— Pobre Thomas. — Minha mãe balança a cabeça. — Lutou muito para nos colocar na Ala Seis. Ele me procurou deliberadamente. — Ela olha para mim de lado. — Conhecia Rachel, sabe, de muito tempo atrás. Acho que sempre se ressentiu por ter que abrir mão dela. Continuou com raiva, mesmo depois da cura.

Aperto os olhos contra o sol. Imagens há muito enterradas começam a surgir: Rachel trancada no quarto, recusando-se a sair e a comer; o rosto pálido e sardento de Thomas na janela, pedindo que eu o deixasse entrar; ele agachado na esquina no dia em que arrastaram Rachel para o laboratório, vendo-a chutar e gritar e arreganhar os dentes como um animal. Eu devia ter uns oito anos, foi só um ano depois que minha mãe morreu — ou melhor, depois que me disseram que ela morreu.

— Thomas Dale — digo de repente. O nome me acompanhou durante todos esses anos.

Minha mãe passa a mão distraidamente por um campo de mato alto. No sol, a idade e as rugas no seu rosto ficam evidentes.

— Eu nem me lembrava dele direito. E, é claro, ele estava muito mudado quando o reencontrei. Três, quatro anos tinham se passado. Lembro que o peguei perto de casa uma vez quando voltei cedo do trabalho. Ele ficou apavorado. Achou que eu o denunciaria. — Ela dá uma gargalhada. — Isso foi pouco antes de eu ser… levada.

— E ele ajudou você.

Tento forçar o rosto dele para a área clara da minha mente, fazer os detalhes surgirem, mas só vejo a

figura imunda encolhida no chão em uma cela suja.

Minha mãe assente.

— Não conseguia esquecer o que tinha perdido. Aquilo ficou com ele. Para algumas pessoas, essas coisas não vão embora. Sempre pensei que isso tivesse acontecido com seu pai.

— Então papai *foi* curado?

Não sei por que me sinto tão decepcionada. Nem sequer me lembro do meu pai; ele morreu de câncer quando eu tinha um ano.

— Foi. — Um músculo salta no maxilar da minha mãe. — Mas havia momentos em que eu sentia… Havia momentos em que parecia que ele ainda conseguia sentir, só por um segundo. Talvez fosse só coisa da minha cabeça. Não importa. Eu o amava mesmo assim. Ele era muito bom para mim.

Ela coloca a mão no pescoço inconscientemente, como se procurando o colar que usava, o pingente militar do meu avô, dado a ela por meu pai. Ela o usou para abrir o túnel e fugir das Criptas.

— Seu colar — digo. — Você ainda não se acostumou a ficar sem ele.

Ela se vira para mim e aperta os olhos. Dá um sorrisinho.

— Certas perdas a gente nunca supera.

Também conto para minha mãe sobre minha vida, em especial o que aconteceu desde que saí de Portland e como me envolvi com Graúna, Prego e a resistência. Uma vez ou outra, relembramos coisas da época do Antes, do tempo perdido antes de ela ir embora, antes de minha irmã ser curada, antes de eu ser colocada na casa da tia Carol. Mas não muito.

Como minha mãe disse, certas perdas a gente nunca supera.

Certos assuntos permanecem totalmente proibidos de serem mencionados. Ela não me pergunta o que me fez atravessar a fronteira, e não tomo a iniciativa de contar. Guardo o bilhete de Alex em uma bolsinha de couro ao redor do pescoço (um presente de mamãe, obtido com um mercador no começo do ano), mas é uma lembrança de uma vida passada, como carregar a foto de alguém que morreu.

É claro que minha mãe sabe que encontrei o caminho do amor. De vez em quando, eu a vejo me observando com Julian. A expressão no rosto dela, de orgulho, dor, inveja e amor misturados, me lembra que ela não é apenas minha mãe, mas uma mulher que lutou a vida inteira por uma coisa que nunca vivenciou de verdade.

Meu pai era curado. E ninguém ama, não inteiramente, se não for amado também.

Isso me faz sentir dor por ela, um sentimento que odeio e do qual sinto certa vergonha.

Julian e eu reencontramos nosso ritmo. É como se tivéssemos escorregado pelas últimas semanas, pela sombra comprida de Alex, e caído tranquilamente do outro lado. Queremos sempre mais um do outro. Fico impressionada com cada parte dele de novo: as mãos, o jeito baixo e delicado de falar, todas as risadas diferentes.

À noite, no escuro, nos abraçamos. Nós nos perdemos no ritmo da noite, nos pios e gritos e gemidos dos animais lá fora. E, apesar dos perigos da Selva e da ameaça constante de reguladores e Saqueadores, sinto-me livre pela primeira vez no que parece ser uma eternidade.

Certa manhã, saio das barracas e vejo que Graúna dormiu demais, e que Julian e minha mãe é que estão alimentando o fogo. Eles estão de costas para mim e riem de alguma coisa. Filetes de fumaça sobem no ar da primavera. Por um momento fico completamente imóvel, apavorada, sentindo como se

estivesse à beira de algo fatal: se eu me mover, se der um passo para a frente ou para trás, a imagem vai se romper no vento e eles vão virar poeira.

E então Julian se vira e me vê.

— Bom dia, linda — diz ele.

Seu rosto ainda está com hematomas e inchado em algumas partes, mas os olhos são da cor exata do céu da manhã. Quando ele sorri, penso que é a coisa mais bonita que já vi.

Minha mãe pega um balde e se levanta.

— Eu ia tomar banho — comenta ela.

— Eu também — digo.

Quando entro no riacho ainda gelado, o vento faz minha pele se arrepiar. Uma nuvem de andorinhas voa no céu, a água tem um leve gosto de areia e minha mãe cantarola mais adiante. Isso não é de maneira alguma a felicidade que imaginei. Não é o que escolhi.

Mas é o bastante. É mais do que o bastante.

* * *

Na fronteira de Rhode Island, encontramos outro grupo de mais de vinte pessoas, também a caminho de Portland. Só dois não estão do lado da resistência, mas, apesar de não quererem lutar, não ousam ficar sozinhos. À medida que nos aproximamos da costa, encontramos detritos da vida antiga por todo lado. Passamos por uma enorme estrutura semelhante a uma colmeia, que Prego identifica como um antigo edifício-garagem.

Algo naquela estrutura me deixa nervosa. Parece um enorme inseto de pedra, equipado com cem olhos. O grupo todo fica em silêncio quando passamos na sombra da construção. Os pelos na minha nuca estão arrepiados; sei que é bobagem minha, mas não consigo afastar a sensação de que estamos sendo observados.

Prego, que lidera o grupo, levanta a mão. Todos paramos abruptamente. Ele inclina a cabeça, prestando atenção em alguma coisa. Eu prendo a respiração. O ar está silencioso, exceto pelo habitual movimento de animais no bosque e o suspiro delicado do vento.

E então um leve borrifo de cascalho cai lá de cima, como se alguém o tivesse empurrado sem querer com o pé de um dos andares mais altos da garagem.

Imediatamente, tudo é confusão e movimento.

— Abaixem-se, abaixem-se! — grita Max, enquanto todos nós estamos pegando armas, tirando rifles dos ombros e nos escondendo na vegetação.

— Coo-ee!

A voz, o grito, nos paralisa. Ergo o rosto para o céu e protejo os olhos do sol. Por um segundo tenho certeza de que estou sonhando.

Pippa saiu das cavernas escuras da estrutura de colmeia e agora está de pé em um parapeito banhado pelo sol, acenando para a gente com um lenço vermelho e sorrindo.

— Pippa! — exclama Graúna, a voz estrangulada pela emoção.

Só então eu acredito.

— Ei, você — grita Pippa.

Aos poucos, atrás dela, mais e mais pessoas aparecem: uma massa de pessoas magrelas e desgrenhadas, escondidas em diferentes andares da garagem.

Quando Pippa chega ao térreo, ela é cercada por Prego, Graúna e Max. Fera também está vivo; ele surge ao sol logo atrás de Pippa. É quase demais para acreditar. Por quinze minutos, não fazemos nada além de gritar, rir e conversar, e nenhuma palavra dita é compreendida.

Por fim, Max se faz ouvir acima do caos de vozes e gargalhadas:

— O que aconteceu? — Ele está gargalhando e sem fôlego. — Disseram que ninguém tinha conseguido escapar. Que foi um massacre.

Pippa fica séria na mesma hora.

— *Foi* um massacre — diz ela. — Perdemos centenas. Os tanques chegaram e cercaram o acampamento. Usaram gás lacrimogêneo, metralhadoras, granadas. Foi um banho de sangue. Os gritos… — Ela não termina a frase. — Foi horrível.

— Como vocês escaparam? — pergunta Graúna. Todos ficamos em silêncio.

Agora parece horrível que apenas um segundo atrás estivéssemos gargalhando, comemorando que Pippa esteja a salvo.

— Quase não tivemos tempo — conta Pippa. — Tentamos avisar todo mundo. Mas vocês sabem como era aquele lugar: o caos. Quase ninguém ouviu.

Atrás dela, Inválidos estão saindo ao sol, hesitantes, surgindo da garagem; todos de olhos arregalados, silenciosos, nervosos, como pessoas que sobreviveram a um furacão e estão surpresas de ver que o mundo ainda existe. Não consigo imaginar o que eles testemunharam em Waterbury.

— Como vocês passaram pelos tanques? — pergunta Bel.

Ainda é difícil pensar nela como minha mãe quando ela age assim, como uma integrante endurecida da resistência. Por enquanto, fico feliz em permitir que ela tenha essa dupla existência: é minha mãe às vezes, e, outras vezes, é líder e lutadora.

— Nós não fugimos — diz Pippa. — Não tinha como. A área toda estava tomada de tropas. Tivemos que nos esconder.

Um espasmo de dor cruza seu rosto. Ela abre a boca como se fosse continuar, mas desiste e volta a fechá-la.

— Onde vocês se esconderam? — insiste Max.

Pippa e Fera trocam um olhar indecifrável. Por um momento, penso que Pippa vai se recusar a responder. Alguma coisa aconteceu no acampamento, alguma coisa que ela não vai nos contar.

Mas então ela tosse e volta a fitar Max.

— Primeiro, na margem do rio, antes de os tiros serem disparados — conta ela. — Não demorou para os corpos começarem a cair. Ficamos protegidos debaixo deles depois disso.

— Ah, meu Deus.

Alistar aperta o olho direito com a mão fechada. Parece que vai vomitar. Julian se vira de costas.

— Não tivemos escolha — afirma Pippa, com a voz grave. — Além do mais, eles já estavam mortos. Pelo menos os corpos não foram desperdiçados.

— Estamos felizes por terem sobrevivido — diz Graúna com delicadeza, e coloca a mão no ombro

dela.

Pippa se vira para ela com gratidão, o rosto de repente ansioso, aberto, como o de um filhote.

— Eu pretendia mandar uma mensagem para vocês no esconderijo, mas imaginei que já tivessem ido embora — prossegue ela. — Não queria correr o risco com as tropas na área. Era evidente demais. Então, fomos para o norte. Viemos parar aqui na colmeia por um acaso. — Ela indica a enorme estrutura de estacionamento com o queixo. Parece mesmo uma colmeia gigante agora que há pessoas nas sombras, olhando para nós de andares diferentes, surgindo nas áreas iluminadas e voltando para a escuridão. — Concluí que era um bom lugar para nos escondermos por um tempo e esperar que as coisas se acalmassem.

— Quantos vocês são? — pergunta Prego. Dezenas e dezenas de pessoas desceram e estão de pé um pouco atrás de Pippa, como uma matilha de cães que foi submetida a maus-tratos e passou fome. O silêncio delas é desconcertante.

— Mais de trezentos — responde Pippa. — Quase quatrocentos.

Um número enorme; ainda assim, só uma fração do número de pessoas acampadas perto de Waterbury. Por um momento sou tomada de uma fúria cega e quente. Queríamos liberdade para amar, mas fomos transformados em guerreiros, selvagens. Julian chega perto de mim e passa o braço ao redor do meu ombro, permitindo que eu me apoie nele, como se sentisse o que estou pensando.

— Não vimos sinal das tropas — diz Graúna. — Meu palpite é que vieram de Nova York. Se tinham tanques, devem ter usado uma das estradas ao longo do rio Hudson. Com sorte, voltaram para o sul.

— Missão cumprida — diz Pippa, com amargura.

— Eles não cumpriram missão nenhuma — retruca minha mãe, mas sua voz soa mais suave agora. — A luta não acabou, está apenas começando.

— Estamos a caminho de Portland — informa Max. — Temos amigos lá, muitos amigos. Vai haver vingança — acrescenta ele, com ferocidade repentina. — Olho por olho.

— E o mundo todo fica cego — diz Coral, baixinho.

Todo mundo se vira para olhar para ela. Ela quase não falou nada desde que Alex foi embora, e tenho tomado o cuidado de evitá-la. Sinto sua dor como uma presença física, uma energia escura e sugadora que a consome e cerca, que me deixa com pena e ressentimento. Ela é um lembrete de que Alex não era mais meu.

— O que você disse? — indaga Max, sem disfarçar a agressividade.

Coral desvia o olhar.

— Nada — responde ela. — É uma coisa que ouvi uma vez.

— Não temos escolha — insiste minha mãe. — Se não lutarmos, seremos destruídos. Não é questão de vingança. — Ela lança um olhar para Max, e ele resmunga e cruza os braços. — É questão de sobrevivência.

Pippa passa a mão pela cabeça.

— Meu pessoal está fraco — diz ela. — Estamos vivendo de restos, de ratos e do que encontramos no bosque.

— Vai haver comida no norte — afirma Max. — Suprimentos. Como falei, a resistência tem amigos

em Portland.

— Não sei se eles conseguem chegar até lá — diz Pippa, baixando a voz.

— Vocês também não podem ficar aqui — observa Prego.

Pippa morde o lábio e troca um olhar com Fera. Ele assente.

— Ele tem razão, Pip — diz Fera.

Atrás de Pippa, uma mulher fala de repente. Ela está tão magra que parece esculpida em madeira velha.

— Nós vamos. — A voz dela é surpreendentemente grave e forte. No rosto afundado e maltratado, seus olhos brilham como carvões em brasa. — Vamos lutar.

Pippa solta o ar lentamente. Em seguida, assente.

— Tudo bem, então — diz ela. — Vamos para Portland.

* * *

À medida que nos aproximamos de Portland, conforme a luz e a paisagem vão ficando mais familiares, tomadas de plantas e cheiros que conheço desde a infância, de minhas lembranças mais antigas, começo a fazer meus planos.

Nove dias depois que saímos do esconderijo, em quantidade bem menor, temos um vislumbre de uma das cercas da fronteira de Portland. Só que agora não é mais uma cerca. É um enorme muro de cimento, um pedaço de pedra sem rosto, tingido de cor-de-rosa pela luz do amanhecer.

Levo um susto tão grande que paro.

— Mas o que…?

Max, que está andando atrás de mim, precisa desviar no último segundo.

— Construção nova — comenta ele. — Controle mais acirrado da fronteira. Controle mais acirrado para todos os lados. Portland quer ser um exemplo. — Ele balança a cabeça e murmura alguma coisa.

Essa imagem, a visão de um muro recém-erigido, faz meu coração disparar. Saí de Portland há menos de um ano, mas a cidade já mudou. Sou tomada de um medo de que tudo vai estar diferente do outro lado do muro. Talvez eu não reconheça nenhuma das ruas. Talvez não consiga chegar à casa de tia Carol.

Talvez não consiga encontrar Grace.

É impossível não se preocupar com Hana também. Onde será que ela vai estar quando começarmos a entrar em Portland? Nós, os párias, os filhos pródigos, como os anjos que, segundo a *Shhh*, foram expulsos do Paraíso por espalharem a doença, expulsos por um deus furioso.

Mas lembro a mim mesma de que Hana, a Hana que conheci e amei, agora não existe mais.

— Não estou gostando disso — digo.

Max se vira para olhar para mim, um canto da boca elevado em um semissorriso.

— Não se preocupe — diz ele. — Não vai ficar de pé por muito tempo. — E dá uma piscadela.

Sim, mais explosões. Faz sentido. Precisamos, de alguma forma, colocar uma grande quantidade de gente dentro de Portland.

Um assobio alto e agudo perturba o silêncio da manhã. Fera. Ele e Pippa estão seguindo na frente

do grupo hoje, observando a periferia da cidade, procurando outros Inválidos, sinais de um acampamento ou um lar. Seguimos o som. Estamos andando desde meia-noite, mas agora encontramos energia renovada e seguimos mais depressa do que durante toda a madrugada.

As árvores nos deixam em uma grande clareira. A vegetação foi aparada, e uma viela verde comprida e bem-cuidada segue por uns quatrocentos metros, repleta de trailers apoiados em blocos de cimento e pedaços de concreto, assim como bases enferrujadas de caminhões, barracas e cobertores pendurados em galhos de árvores para formar barracas improvisadas. As pessoas já estão perambulando pelo acampamento, e o ar tem cheiro de madeira sendo queimada.

Fera e Pippa estão de pé um pouco distantes, conversando com um homem alto de cabelo cor de areia em frente a um trailer.

Graúna e minha mãe começam a levar o grupo para a clareira. Fico onde estou, grudada no chão. Julian, ao perceber que não estou atrás deles, volta e vai até mim.

— O que foi? — pergunta ele.

Seus olhos estão vermelhos. Ele anda fazendo mais do que quase todo mundo: explorando, coletando comida, vigiando enquanto o resto do grupo dorme.

— Eu… Eu sei onde estamos — digo. — Já estive aqui antes.

Não digo *com Alex*. E nem preciso. Os olhos de Julian tremem de leve.

— Venha — diz ele.

Sua voz está tensa, mas ele pega minha mão. As suas estão cheias de calos, mas ainda assim têm a pele delicada.

Por instinto, observo a fileira de trailers tentando encontrar o que Alex e eu tomamos como nosso. Mas isso foi no verão passado, no escuro, e eu estava apavorada. Não me lembro de característica nenhuma do veículo exceto pelo teto de lona de plástico, que não é discernível de onde estou.

Sinto uma pontada de esperança. Talvez Alex esteja aqui. Talvez tenha voltado para um local familiar.

O homem de cabelo cor de areia está conversando com Pippa.

— Vocês chegaram bem na hora — diz ele. É um sujeito bem mais velho do que aparentou de longe: tem pelo menos uns quarenta anos, embora seu pescoço não tenha a marca. Obviamente ele não passou muito tempo na Zumbilândia. — O show será amanhã ao meio-dia.

— *Amanhã?* — repete Pippa. Ela e Prego trocam um olhar. Julian aperta minha mão. Sinto uma pulsação de ansiedade. — Por que tão cedo? Se tivéssemos mais tempo para planejar…

— E mais tempo para comer — interrompe Graúna. — Metade de nosso pessoal está praticamente passando fome. Essas pessoas não vão conseguir lutar direito.

O homem de cabelo cor de areia abre as mãos.

— Não foi decisão minha. Estamos nos coordenando com os amigos do outro lado. Amanhã é nossa melhor chance de entrar. Boa parte da segurança vai estar ocupada, porque vai haver um evento público perto dos laboratórios. Eles serão afastados dos muros para garantir a proteção lá.

Pippa esfrega os olhos e suspira.

— Quem vai primeiro? — pergunta minha mãe.

— Ainda estamos acertando os detalhes — responde ele. — Não sabíamos se a Resistência tinha

espalhado a mensagem, se podíamos esperar ajuda.

Quando fala com minha mãe, a atitude dele muda inteiramente: ele fica mais formal e mais respeitoso. Vejo seus olhos passarem pela tatuagem no pescoço dela, a marca de ex-prisioneira das Criptas. Fica claro que ele sabe o que significa, mesmo não tendo morado em Portland.

— Agora você tem ajuda — diz minha mãe.

O homem de cabelo cor de areia olha para nosso grupo. Mais e mais pessoas surgem do bosque, entrando na clareira, se amontoando na luz fraca da manhã. Ele tem um leve sobressalto, como se só agora tivesse notado a quantidade.

— Quantos vocês são? — pergunta ele.

Graúna sorri e mostra todos os dentes.

— O suficiente — diz ela.

Hana

A casa dos Hargrove está tomada de luz. Quando nosso carro se aproxima, tenho a impressão de que é um enorme barco branco em terra firme. Em cada janela há uma lâmpada acesa; as árvores no jardim foram cobertas de pequenas luzes brancas e o telhado também está cheio delas.

É claro que as luzes não são comemoração. São uma declaração de poder. Vamos ter, controlar, possuir, até desperdiçar, e os outros vão murchar no escuro, suar no verão, congelar assim que o tempo mudar.

— Não acha lindo, Hana? — indaga minha mãe quando serviçais de terno preto se materializam da escuridão e abrem a porta do carro.

Eles recuam um passo e esperam de mãos cruzadas, em uma postura respeitosa, atenta, silenciosa. Coisa de Fred, provavelmente. Lembro-me dos dedos dele apertando meu pescoço. *Você ainda vai aprender a sentar quando eu mandar…*

E da frieza na voz de Cassandra, da resignação nos olhos dela. *Ele envenenava gatos quando era criança. Gostava de vê-los morrer.*

— Lindo — confirmo.

Ela se vira para mim no meio do ato de botar as pernas para fora do carro e franze a testa de leve.

— Você está muito quieta hoje.

— Cansada — digo.

Os últimos dez dias passaram tão rápido que nem consigo me lembrar de cada um deles. Tudo se mistura e assume o tom cinza de um sonho confuso.

Amanhã eu me caso com Fred Hargrove.

O dia todo me senti como um sonâmbulo, vi meu corpo se mover e sorrir e falar, se vestir e passar creme e perfume, descer a escada até o carro e agora subir o caminho de pedras até a entrada da casa de Fred.

Veja Hana andar. Veja Hana entrar no saguão, piscando por causa da forte luz. Há um candelabro espalhando raios de luz como um arco-íris pela parede, lâmpadas lotando a mesa do corredor e as estantes, velas queimado em castiçais de metal. Veja Hana entrando na sala lotada, com cem rostos luminosos e enormes se virando para olhar para ela.

— Aí está ela!

— Lá vem a noiva…

— E a Sra. Tate.

Veja Hana dizer oi, acenar e assentir, apertar mãos e sorrir.

— Hana! Bem na hora! Eu estava elogiando você.

Fred vem atravessando a sala a passos largos, sorrindo, seus mocassins afundando silenciosamente no tapete grosso.

Veja Hana dar o braço para seu quase marido.

Fred se inclina e sussurra:

— Você está muito bonita. — E também: — Espero que tenha levado nossa conversa a sério.

Ao dizer isso, ele belisca meu braço com força na parte carnuda acima do cotovelo. Ele dá o outro braço para minha mãe e entramos na sala. A multidão se abre para nós em um som de seda e linho. Fred me guia em meio às pessoas, fazendo uma pausa para conversar com as figuras importantes do governo local e com seus principais benfeitores. Escuto e dou risada nos momentos certos, mas o tempo todo sinto como se estivesse sonhando.

— Ideia brilhante, prefeito Hargrove. Eu estava dizendo a Ginny agora mesmo…

— E por que eles deveriam ter luz? Por que deveriam receber qualquer coisa de nós?

— …acabar logo com o problema.

Meu pai já está aqui. Vejo que está conversando com Patrick Riley, o homem que assumiu a América Sem *Deliria* depois que Thomas Fineman foi assassinado, no mês passado. Riley deve ter vindo de Nova York, onde fica o quartel-general do grupo.

Penso no que Cassandra me contou, que a ASD trabalhava com os Inválidos, que Fred também já fez isso, que os dois ataques foram planejados, e sinto que estou ficando louca. Não sei mais em que acreditar. Talvez me tranquem nas Criptas com Cassandra e tirem os cadarços dos meus sapatos.

Tenho que sufocar uma vontade repentina de gargalhar.

— Com licença — digo assim que o toque de Fred no meu cotovelo afrouxa e vejo uma oportunidade de fugir. — Vou pegar uma bebida.

Fred sorri para mim, embora seus olhos tenham um ar sombrio. O aviso é claro: *Comporte-se*.

— É claro — assente ele com leveza.

Ele segue adiante; as pessoas o envolvem e o bloqueiam de vista.

Uma mesa coberta por uma toalha de linho foi montada em frente aos janelões, que dão para o gramado bem-cuidado dos Hargrove e para os canteiros impecáveis, onde as flores foram organizadas por altura, tipo e cor. Peço água e tento chamar o mínimo de atenção possível na esperança de evitar conversas por pelo menos alguns minutos.

— Ali está ela! Hana! Lembra-se de mim?

Do outro lado da sala, Celia Briggs, que está ao lado de Steven Hilt em um vestido que faz parecer que ela caiu por acidente em uma pilha enorme de chiffon azul, está tentando atrair minha atenção desesperadamente. Desvio o olhar e finjo que não vi. Quando ela começa a vir na minha direção, puxando Steve pela manga, fujo para o corredor e sigo às pressas para os fundos da casa.

Será que Celia sabe o que aconteceu no verão passado? Que Steve e eu respiramos na boca um do outro e deixamos que sentimentos passassem por nossas línguas? Talvez Steven tenha contado a ela. Talvez eles riam disso agora, agora que estamos todos em segurança do outro lado daquelas noites agitadas e assustadoras.

Sigo para a varanda cercada de tela nos fundos da casa, mas lá também está cheio de gente. Quando estou prestes a passar pela cozinha, escuto a voz da Sra. Hargrove:

— Pegue aquele balde de gelo, por favor. Não tem quase mais nada no bar.

Na esperança de evitá-la, entro no escritório de Fred e fecho a porta. A Sra. Hargrove só iria me

levar com firmeza de volta à festa, de volta a Celia Briggs e para a sala cheia daqueles dentes. Fico encostada na porta e expiro lentamente.

Meus olhos pousam no único quadro da sala: o homem, o caçador e as carcaças.

Só que desta vez não desvio o olhar.

Tem alguma coisa errada com o caçador. Ele está bem-vestido demais, com um terno antiquado e botas engraxadas. De forma inconsciente, avanço dois passos, horrorizada e incapaz de afastar o olhar. Os animais pendurados nos ganchos não são animais.

São mulheres.

Cadáveres, corpos humanos, pendurados no teto e empilhados no piso de mármore.

Ao lado da assinatura do artista, há uma pequena nota pintada: *O Mito do Barba Azul, ou Os Perigos da Desobediência.*

Sinto uma necessidade que não consigo identificar exatamente: de falar, ou gritar, ou correr. Mas só me sento na cadeira de couro de costas retas atrás da escrivaninha, me inclino para a frente, apoio a cabeça nos braços e tento lembrar como se chora. Mas não vem nada além de um soluço leve na garganta e uma dor de cabeça.

Não sei há quanto tempo estou sentada ali quando percebo uma sirene se aproximando. E então a sala é invadida por cores, brilhos vermelhos e brancos que entram de forma intermitente pela janela. Mas as sirenes ainda estão tocando, e percebo que estão em todo lugar, perto e longe, algumas gritando baixo e outras mais altas do que um eco.

Tem alguma coisa errada.

Vou para o corredor na mesma hora em que várias portas batem ao mesmo tempo. O murmúrio de conversas e a música devem ter parado. Escuto pessoas gritando umas com as outras. Fred aparece no corredor e vem depressa na minha direção, um pouco depois de eu ter fechado a porta do escritório.

Ele para quando me vê.

— Onde você estava? — pergunta ele.

— Na varanda — digo. Meu coração bate com força. — Eu precisava de ar.

Ele abre a boca, mas minha mãe surge no corredor com o rosto pálido.

— Hana — diz ela. — Aí está você.

— O que aconteceu? — pergunto.

Mais e mais pessoas estão saindo da sala: reguladores de uniformes engomados, os guarda-costas de Fred, dois policiais com expressões solenes e Patrick Riley, tentando vestir o blazer. Celulares estão tocando, e explosões de estática de walkie-talkies invadem o corredor.

— Houve um problema no muro da fronteira — informa minha mãe, desviando o olhar com nervosismo para Fred.

— Resistentes.

E, pela expressão dela, vejo que meu palpite está certo.

— Foram mortos, é claro — diz Fred em voz alta, para que todos possam ouvir.

— Quantos eram? — pergunto.

Fred se vira para mim enquanto enfia os braços no paletó, que um regulador de rosto cinzento acabou de entregar a ele.

— Isso importa? Já resolvemos o problema.

Minha mãe me lança um olhar e balança a cabeça de leve.

Atrás dele, um policial murmura no walkie-talkie.

— Ok, ok, estamos a caminho.

— Pronto? — pergunta Patrick Riley a Fred.

Ele assente. Seu celular então começa a tocar. Ele o tira do bolso e o silencia.

— Merda. É melhor irmos logo. Os telefones do escritório devem estar enlouquecidos.

Minha mãe passa o braço ao redor dos meus ombros. Fico momentaneamente sobressaltada. É raro nos tocarmos assim. Ela deve estar mais preocupada do que parece.

— Venha — diz ela. — Seu pai está nos esperando.

— Para onde vamos? — pergunto.

Ela já está me guiando para a frente da casa.

— Para casa — responde ela.

Lá fora, os convidados já estão se aglomerando. Entramos na fila para esperar por nosso carro. Vemos pessoas se empilhando em sedãs, mulheres de vestido longo se espremendo umas em cima das outras nos bancos traseiros. É óbvio que ninguém quer andar pelas ruas, que agora estão tomadas pelos sons distantes de sirenes.

Meu pai acaba indo na frente com Tony. Minha mãe e eu nos espremo no banco de trás com o Sr. e a Sra. Brande, que trabalham no Departamento de Sanitização. Normalmente a Sra. Brande não consegue calar a boca (minha mãe sempre especulou se a cura não a deixou sem autocontrole verbal), mas hoje seguimos em silêncio. Tony vai mais rápido do que o habitual.

Começa a chover. Os postes de luz desenham nas janelas auréolas incompletas de luz. Agora, alerta pelo medo e pela ansiedade, não acredito em como fui burra. Tomo uma decisão repentina: não vou mais a Deering Highlands. É perigoso demais. A família de Lena não é problema meu. Já fiz tudo que posso fazer.

A culpa ainda está aqui, apertando minha garganta, mas engulo-a em seco.

Passamos por mais um poste de luz, e a chuva nas janelas forma dedos compridos, mas logo o carro é novamente envolto em escuridão. Penso ver pessoas se movendo no breu, indo até o carro seguinte, rostos surgindo das sombras. Por um segundo, quando passamos debaixo de outro poste, vejo uma pessoa encapuzada emergindo do bosque que termina ao lado da rua. Nossos olhos se encontram. Solto um breve grito.

Alex. É Alex.

— O que foi? — pergunta minha mãe, com voz tensa.

— Nada, eu… — Quando me viro, ele sumiu. Então tenho certeza de que foi só imaginação minha. Só pode ter sido imaginação minha. Alex está morto; foi preso na fronteira e nunca chegou à Selva. Engulo em seco. — Pensei ter visto alguma coisa.

— Não se preocupe, Hana — diz minha mãe. — Estamos em plena segurança aqui no carro. — Mas ela se inclina para a frente e diz com voz tensa para Tony: — Você não pode ir mais rápido?

Penso no muro novo, iluminado por uma luz que gira, manchado de vermelho, de sangue.

E se houver mais? E se eles estiverem vindo atrás de nós?

Tenho uma visão de Lena se movendo lá fora, andando sorrateiramente pelas ruas, agachada entre as sombras, segurando uma faca. Por um momento meus pulmões param de funcionar.

Mas não. Ela não sabe que fui eu que entreguei Alex e ela. Ninguém sabe.

Além do mais, ela deve estar morta.

E, mesmo se não estiver, mesmo que por algum milagre tenha sobrevivido à fuga e esteja vivendo aos trancos e barrancos na Selva, ela jamais se juntaria aos resistentes. Jamais seria vingativa dessa forma. Não Lena, que praticamente desmaiava quando furava um dedo, que não conseguia nem inventar uma mentira para o professor para justificar um atraso. Ela não teria estômago para isso.

Teria?

Lena

O planejamento segue até tarde da noite. O homem de cabelo cor de areia, que se chama Colin, permanece dentro de um dos trailers, com Fera e Pippa, Graúna e Prego, Max, Cap, minha mãe e alguns outros que escolheu no grupo dele. Ele designa um guarda para cuidar da porta; a reunião é só para convidados. Sei que tem alguma coisa grande acontecendo; tão grande, ou mesmo maior, do que os Incidentes que destruíram parte do muro externo das Criptas e explodiram uma delegacia policial. Pelas dicas que Max deixou escapar, entendo que essa nova rebelião não se limita a Portland. Assim como nos Incidentes anteriores, em todas as cidades por todo o país há simpatizantes e Inválidos reunidos, canalizando sua raiva e energia para demonstrar resistência.

A certa altura, Max e Graúna saem do trailer para urinar no bosque. Os dois têm o rosto tenso e sério, mas, quando imploro a Graúna para me deixar participar da reunião, ela me dispensa.

— Vá dormir, Lena — ordena ela. — Está tudo sob controle.

Deve ser quase meia-noite; Julian está dormindo há horas. Não consigo me imaginar deitada agora. Sinto como se meu sangue estivesse cheio de milhares de formigas; meus braços e pernas estão latejando, coçando para se mover, para *fazer* alguma coisa. Ando em círculos para tentar afastar o sentimento, furiosa: irritada com Julian, com Graúna, pensando em todas as coisas que eu gostaria de dizer a ela.

Fui eu quem tirou Julian do subterrâneo. Fui eu quem arriscou a vida para entrar em Nova York e salvá-lo. Fui eu quem entrou em Waterbury; fui eu quem descobriu que Fê era uma fraude. E agora Graúna me manda ir para cama, como se eu fosse uma menininha de cinco anos que se comportou mal.

Miro na caneca de metal que está meio enterrada nas cinzas, na beirada de uma fogueira apagada, e vejo-a voar seis metros até bater na lateral de um trailer.

— Pare com isso! — grita um homem.

Mas não ligo se o acordei. Não ligo se acordar a porcaria do acampamento inteiro.

— Não consegue dormir?

Eu me viro de súbito, sobressaltada. Coral está sentada um pouco atrás de mim, os joelhos contra o peito, ao lado dos restos de outra fogueira já quase apagada. De vez em quando ela mexe nas cinzas com uma vara, sem muito entusiasmo.

— Oi — digo com cautela. Desde que Alex foi embora, ela ficou quase completamente muda. — Não tinha visto você.

Ela olha nos meus olhos e abre um sorriso débil.

— Também não consigo dormir.

Apesar de eu ainda estar agitada, a sensação de estar de pé acima dela é estranha, então me sento em um dos troncos enegrecidos pela fumaça que envolvem a fogueira.

— Está preocupada com amanhã?

— Na verdade, não. — Ela cutuca o fogo de novo e o vê aumentar por um momento. — Para mim não importa.

— O que quer dizer?

Olho para ela com atenção pela primeira vez em uma semana; venho evitando-a sem saber por quê. Tem alguma coisa trágica e vazia nela agora. Sua pele pálida parece uma casca, vazia e seca.

Ela dá de ombros e mantém os olhos nas brasas.

— Quero dizer que não tenho mais ninguém.

Engulo em seco. Eu estava querendo conversar com ela sobre Alex, pedir desculpas de alguma forma, mas as palavras nunca vinham. Mesmo agora, crescem e grudam na minha garganta.

— Escute, Coral. — Respiro fundo. *Fale. Apenas fale.* — Sinto muito por Alex ter ido embora. Eu sei… Sei que deve ter sido difícil para você.

Aí está: a admissão falada de que ele era dela. Assim que as palavras saem da minha boca, sinto-me estranhamente murcha, como se elas tivessem estado ali, inchadas e infladas no meu peito, o tempo todo.

Pela primeira vez desde que me sentei, ela olha para mim. Não sei definir a expressão em seu rosto.

— Tudo bem — diz ela por fim, voltando a olhar para o fogo. — Ele ainda estava apaixonado por você mesmo.

É como se ela tivesse dado um soco no meu estômago. De repente, não consigo respirar.

— Do que… Do que você está falando?

Ela retorce a boca em um sorriso.

— Estava. Era óbvio. Mas não tem problema. Ele gostava de mim e eu gostava dele. — Ela balança a cabeça. — Eu não estava mesmo falando de Alex quando disse que não tenho mais ninguém. Estava falando de Vó e do resto do grupo. Meu povo. — Ela joga a vareta e abraça os joelhos com mais força contra o peito. — É estranho isso só estar me atingindo agora, não é?

Apesar de eu ainda estar perplexa pelo que ela acabou de dizer, consigo me controlar. Estico a mão e toco em seu cotovelo.

— Ei — digo. — Você tem a nós. Somos seu povo agora.

— Obrigada. — Ela dirige os olhos para os meus de novo. Força um sorriso. Inclina a cabeça e me analisa por um instante. — Entendo por que ele amava você.

— Coral, você está enganada… — começo.

Mas naquele momento ouvimos um passo às nossas costas.

— Pensei que tivessem ido dormir horas atrás — diz minha mãe.

Coral se levanta e bate a terra da calça, um gesto nervoso, já que estamos todos cobertos de terra, cheios de sujeira, que penetrou desde nossas pálpebras até nossas unhas.

— Já estava indo — diz ela. — Boa noite, Lena. E… obrigada.

Antes que eu possa responder, ela gira e sai andando para o lado sul da clareira, onde está a maior parte do nosso grupo.

— Ela parece ser uma menina meiga — observa minha mãe, sentando-se no tronco que Coral liberou. — Meiga demais para a Selva.

— Ela passou quase a vida toda aqui. — Não consigo deixar a acidez longe da minha voz. — E sabe lutar muito bem.

Minha mãe me encara.

— Tem alguma coisa errada?

— O que está *errado* é que não gosto de ficar no escuro. Quero saber qual é o plano para amanhã.

Meu coração está batendo com força. Sei que não estou sendo justa com minha mãe, não é culpa dela eu não ter permissão para participar do planejamento. Mas sinto vontade de gritar. As palavras de Coral soltaram alguma coisa dentro de mim, e sinto essa coisa chacoalhando no peito, golpeando meus pulmões. *Ele ainda estava apaixonado por você.*

Não. É impossível; ela entendeu tudo errado. Alex nunca me amou. Ele me disse isso.

Minha mãe assume um ar sério.

— Lena, você precisa me prometer que vai ficar aqui no acampamento amanhã. Você precisa me prometer que não vai lutar.

Agora é minha vez de encará-la.

— *O quê?*

Ela passa a mão pelo cabelo, e parece que uma corrente elétrica passou por ele.

— Ninguém sabe exatamente o que encontraremos do outro lado do muro. As forças de segurança são estimativas, e não temos certeza de quanto apoio nossos amigos de Portland reuniram. Eu pedi um adiamento, mas fui voto vencido. — Ela balança a cabeça. — É perigoso, Lena. Não quero que você faça parte disso.

A tal coisa solta no meu peito, a raiva, a tristeza de perder Alex, e, mais do que tudo, a tristeza por essa vida montada com restos e trapos e palavras ditas parcialmente e promessas que não são cumpridas, explode de repente.

— Você ainda não entendeu, não é? — Estou praticamente tremendo. — Não sou mais criança. Eu cresci. Cresci sem você. E você não pode me dizer o que fazer.

Espero que ela reaja, mas ela só suspira e olha para o brilho laranja enfumaçado ainda no meio das cinzas, como um pôr do sol enterrado.

— Você se lembra da História de Salomão? — pergunta ela, abruptamente.

As palavras dela são tão inesperadas que, por um momento, não consigo falar. Só consigo assentir.

— Então me conte — diz ela. — Conte aquilo de que você se lembra.

O bilhete de Alex, ainda dentro da bolsinha no meu pescoço, também parece estar pegando fogo, queimando meu peito.

— Duas mães estão brigando por uma criança — digo hesitante. — Elas decidem cortar o bebê no meio. O rei decreta o corte.

Minha mãe balança a cabeça.

— Não. Essa é a versão revisada, é a história que aparece na *Shhh*. Na história verdadeira, as mães não cortam o bebê no meio.

Fico muito parada, quase com medo de respirar. Sinto como se estivesse na beira de um precipício, quase compreendendo, mas não tenho certeza de que quero saber.

— Na história verdadeira — prossegue minha mãe —, o rei Salomão decide que o bebê deve ser cortado no meio. Mas é apenas um teste. Uma das mães concorda; a outra diz que abre mão do bebê. Ela não quer que a criança seja ferida. — Minha mãe olha para mim. Mesmo no escuro, vejo que os olhos dela brilham, que a claridade nunca sumiu. — É assim que o rei identifica a mãe verdadeira. Ela está disposta a sacrificar sua vontade, sacrificar sua felicidade, para salvar o bebê.

Fecho os olhos e vejo brasas queimando por trás das pálpebras: um amanhecer vermelho-sangue, fumaça e fogo, Alex atrás das cinzas. De repente eu sei. Entendo o significado do bilhete.

— Não estou tentando controlar você, Lena — diz minha mãe, baixinho. — Só quero que fique em segurança. É o que eu sempre quis.

Abro os olhos. A lembrança de Alex atrás da cerca enquanto um enxame preto se aproxima vai diminuindo.

— É tarde demais. — Minha voz soa oca, parece que pertence a outra pessoa. — As coisas que eu vi… as coisas que perdi… você nunca vai entender.

É o mais perto que já cheguei de falar sobre Alex. Felizmente, ela não procura saber mais. Apenas assente.

— Estou cansada.

Fico de pé. Meu corpo também não é familiar; é como se eu fosse uma marionete que começou a descosturar. Alex se sacrificou uma vez para que eu vivesse e fosse feliz. Agora, se sacrificou de novo.

Como fui burra. E ele foi embora; não tenho como procurá-lo e dizer que sei e entendo.

Não tenho como contar a ele que ainda o amo.

— Vou dormir um pouco — digo a ela, evitando seus olhos.

— Acho uma boa ideia.

Já comecei a me afastar quando ela me chama. Eu me viro. A fogueira se apagou por completo, e o rosto dela foi engolido pela escuridão.

— Vamos para o muro ao amanhecer — diz ela.

Hana

Não consigo dormir.

Amanhã deixarei de ser eu mesma. Andarei pelo tapete branco, ficarei de pé sob o toldo branco e farei juras de lealdade e futuro. Depois, pétalas brancas cairão sobre mim, jogadas pelos padres, pelos convidados, pelos meus pais.

Vou renascer: vazia, limpa, sem feições, como o mundo depois de uma tempestade de neve.

Fico acordada a noite toda. Vejo o amanhecer surgir aos poucos no horizonte e tocar o mundo com sua luz branca.

Lena

Estou no meio de uma multidão, vendo duas crianças brigarem por um bebê. Elas fazem cabo de guerra, puxam o bebê com violência para a frente e para trás, e ele é azul, e sei que o estão sacudindo até a morte. Estou tentando passar por entre as pessoas, só que cada vez surge mais gente ao meu redor, bloqueando meu caminho e me impedindo de avançar. De repente, como eu temia, o bebê cai. Ele bate no asfalto e se parte em mil pedaços, como uma boneca de porcelana.

Agora todas as pessoas sumiram. Estou sozinha em uma estrada. À minha frente, uma garota de cabelo comprido e embaraçado está debruçada sobre a boneca estilhaçada, juntando os cacos com dificuldade, cantarolando baixinho. O dia está claro e perfeitamente parado. Cada passo meu soa como um tiro, mas a menina só olha para mim quando paro bem em frente a ela.

Quando ela olha, vejo que é Grace.

— Está vendo? — diz ela, estendendo a boneca para mim. — Eu consertei.

E vejo que o rosto da boneca é o meu, coberto de milhares de pequenas rachaduras e fissuras.

Grace aninha a boneca nos braços.

— Acorde, acorde — cantarola ela.

— Acorde.

Abro os olhos. Minha mãe está de pé ao meu lado. Eu me sento. Sinto o corpo rígido, e mexo os dedos das mãos e dos pés para recuperar as sensações. O ar está tomado pela neblina e o céu apenas começa a clarear. O chão está coberto de gelo, que penetrou no meu cobertor enquanto eu dormia, e o vento tem um traço intenso e matinal. Há bastante movimentação pelo acampamento. Ao meu redor, as pessoas não param de se mexer e se levantar, andando como sombras pela semiescuridão. Fogueiras ganham vida, e de vez em quando ouço trechos de conversas, ordens gritadas.

Minha mãe estica a mão e me ajuda a me levantar. Por mais incrível que pareça, ela tem um aspecto descansado e alerta. Bato os pés no chão para tirar a rigidez das pernas.

— O café vai fazer seu sangue correr — diz ela.

Não me surpreendo ao ver Graúna, Prego, Pippa e Fera já acordados. Estão com Colin e mais umas dez pessoas perto de uma das fogueiras maiores. Conversam em voz baixa, sua respiração formando nuvens no ar. Vejo uma chaleira de café no fogo. A bebida é amarga e cheia de grãos, mas está quente. Começo a me sentir melhor e mais desperta após poucos goles. Mas não consigo comer nada.

Graúna ergue as sobrancelhas quando me vê. Minha mãe faz um sinal para ela, um gesto de resignação. Graúna se vira para Colin.

— Tudo bem — diz ele. — Como falamos ontem à noite, vamos entrar na cidade em três grupos. O primeiro grupo vai daqui a uma hora, explora e faz contato com os nossos amigos. A força principal só entra em ação depois do estouro do meio-dia. O terceiro grupo vai logo depois e segue direto para o alvo…

— Ei. — Julian se aproxima por trás de mim. Os olhos dele ainda estão inchados, típico de quem

acabou de acordar, e seu cabelo está todo embaraçado. — Senti sua falta ontem à noite.

Ontem não consegui me deitar ao lado de Julian, então encontrei um cobertor livre e fiz minha cama a céu aberto, ao lado de cem outras mulheres. Fiquei um bom tempo observando as estrelas, me lembrando da primeira vez que pisei na Selva, com Alex: ele me levou até um dos trailers e desenrolou a lona que servia de teto, para vermos o céu.

Tanta coisa ficou sem ser dita entre nós. Esse é o perigo e a beleza da vida sem a cura. Sempre há confusão e emaranhado, e o caminho nunca está limpo.

Julian estica a mão para me tocar, mas dou um passo para trás.

— Eu estava com dificuldade para dormir — digo. — Não queria acordar você.

Julian franze a testa. Não consigo encará-lo. Na última semana, aceitei que nunca vou amar Julian tanto quanto amei Alex. Mas agora essa ideia é opressiva, como um muro entre nós. Nunca vou amá-lo como amo Alex.

— O que você tem? — Julian está me observando com desconfiança.

— Nada — respondo, e repito: — Nada.

— Aconteceu alguma …? — começa ele, mas Graúna se vira e o olha com raiva.

— Ô Juba — diz ela, usando o apelido que ela inventou para ele, e que é como o chama quando está irritada. — Não é hora de bater papinho, tudo bem? Cale a boca ou dê o fora.

Julian não diz mais nada. Desvio o olhar para Colin, e Julian não tenta me tocar ou chegar perto de mim. O céu agora está riscado por longos filamentos alaranjados e vermelhos, como os tendões de uma água-viva gigantesca, flutuando em um oceano branco-leitoso. A névoa sobe; a terra começa a despertar. Portland também deve estar despertando.

Colin nos conta o plano.

Hana

Na minha derradeira manhã como Hana Tate, tomo meu café na varanda, sozinha.

Eu tinha planejado dar uma última volta de bicicleta, mas já não me resta a menor esperança de fazer isso, não depois do que aconteceu ontem à noite. As ruas vão estar lotadas de policiais e reguladores. Vou precisar mostrar meus papéis e enfrentar perguntas que não posso responder.

Então, sento-me no balanço da varanda e me consolo com os ruídos rítmicos. O ar ainda está parado, frio e cinza e com textura de sal. Percebo que será um dia perfeito, sem nuvens e claro. De vez em quando uma gaivota dá um grito agudo. Fora isso, está tudo silencioso. Aqui não há alarmes, nem sirenes, nem sinal da perturbação da noite passada.

Mas no centro será diferente. Haverá barricadas e verificações de segurança, segurança reforçada no novo muro. Lembro-me de repente do que Fred me contou uma vez sobre o muro, que seria como a palma da mão de Deus nos protegendo para sempre, mantendo os doentes, perturbados, infiéis e não merecedores lá fora.

Mas talvez não seja possível ficarmos em total segurança.

Eu me pergunto se haverá novas batidas em Highlands, se as famílias que moram lá serão despejadas de novo. Mas logo afasto a preocupação. A família de Lena está fora do meu alcance. Agora vejo isso. Devia ter visto desde o início. O que acontecer a eles, se vão passar fome ou congelar, não é da minha conta.

Somos todos punidos pelas vidas que escolhemos, de uma forma ou de outra. Vou pagar minha penitência (por Lena, por ter falhado com ela; pela família dela, por tê-la ajudado) todos os dias da minha vida.

Fecho os olhos e visualizo Old Port: as ruas texturizadas, as rampas dos barcos, o sol subindo atrás da água e as ondas batendo nos píeres.

Adeus, adeus, adeus.

Traço uma rota mental do Eastern Prom até o alto de Munjoy Hill; vejo toda Portland se estendendo lá embaixo, brilhando sob a nova luz.

— Hana?

Abro os olhos. Minha mãe saiu para a varanda. Está segurando a camisola fina contra o corpo e apertando os olhos. Sem maquiagem, sua pele parece quase cinza.

— Acho que é melhor você ir tomar banho — diz ela.

Eu me levanto e a sigo para dentro de casa.

Lena

Chegamos ao muro. Devemos ser umas quatrocentas pessoas, todas aglomeradas em meio às árvores. Ontem à noite, uma pequena força-tarefa fez a travessia para fazer preparativos de último minuto para a invasão em massa de hoje. E hoje cedo, outro pequeno grupo (um pessoal de Colin, escolhido a dedo) pulou a cerca do lado oeste de Portland, perto das Criptas, onde o muro ainda não foi construído e a segurança está permeada de amigos e aliados infiltrados.

Mas isso foi horas atrás, e agora não há nada a fazer além de esperar o sinal.

A força principal vai atravessar o muro de uma só vez. A maior parte da segurança de Portland vai estar ocupada nos laboratórios; pelo que entendi, há um grande evento lá hoje. Deve haver um número limitado de oficiais para nos deter, embora Colin esteja com medo de que a invasão da noite anterior não tenha sido tão tranquila quanto planejada. É possível que do outro lado do muro haja mais reguladores, mais armas do que pensamos.

Vamos ter que pagar para ver.

De onde estou, agachada na vegetação, vejo Pippa ocasionalmente, a cinquenta metros de distância, quando ela se mexe atrás do arbusto de zimbro atrás do qual se escondeu. Fico me perguntando se está nervosa. Pippa tem um dos papéis mais importantes de todos.

Ela é responsável por uma das bombas. A força principal — o caos no muro — tem como objetivo central permitir que as pessoas responsáveis por bombas, quatro no total, entrem despercebidas em Portland. O alvo de Pippa é a rua Essex número 88, um endereço que não reconheço. Deve ser um prédio do governo, tal como os outros alvos.

O sol sobe no céu. Dez da manhã. Dez e meia. Meio-dia.

A qualquer minuto agora.

Continuamos esperando.

Hana

— O carro chegou. — Minha mãe põe a mão no meu ombro. — Pronta?

Não confio na minha capacidade de falar, então concordo com a cabeça. A garota no espelho, com mechas louras de cabelo puxadas para trás e presas, com cílios negros de rímel, a pele impecável, os lábios pintados, também mexe a cabeça.

— Estou muito orgulhosa de você — diz minha mãe, baixinho.

As pessoas estão entrando e saindo do aposento (fotógrafos e maquiadores e Debbie, a cabeleireira), e imagino que minha mãe esteja constrangida. Ela nunca na vida admitiu sentir orgulho de mim.

— Aqui.

Ela me ajuda a vestir um robe macio de algodão, de forma que meu vestido, amplo, longo e preso no ombro com um clipe de ouro na forma de uma águia — um animal com o qual Fred costuma ser comparado —, permaneça impecável durante o curto trajeto até os laboratórios.

Um grupo de jornalistas está reunido em frente à porta. Quando saio para a varanda, levo um susto com o brilho de tantas lentes apontadas na minha direção, com o disparo rápido de *clique-clique-clique* das câmeras. O sol flutua no céu sem nuvem, um único olho branco. Deve faltar pouco para o meio-dia. Fico feliz assim que entramos no carro, pois o interior do veículo está escuro e fresco e sei que ninguém consegue me ver através das janelas escurecidas.

— É difícil acreditar. — Minha mãe brinca com as pulseiras. Nunca a vi tão empolgada. — Pensei que esse dia não chegaria. Bobagem, não é?

— Bobagem — repito.

Quando saímos da subdivisão, vejo que a presença da polícia foi redobrada. Metade das ruas que levam ao centro foi fechada e está sendo patrulhada por reguladores, policiais e até alguns homens com os distintivos prateados da guarda militar. Quando avisto os telhados brancos inclinados do complexo de laboratórios, onde Fred e eu nos casaremos em um dos maiores salões de conferência (grande o bastante para acomodar mil testemunhas), a multidão nas ruas é tanta que Tony mal consegue passar com o carro.

Parece que toda Portland saiu de casa para me ver casar. As pessoas esticam as mãos e batem com os dedos no capô do carro para dar sorte. Mãos batem no teto e nas janelas, o que me faz pular de susto. E a polícia transita pela multidão, afastando pessoas e tentando abrir espaço para o carro enquanto repete:

— Abram passagem, abram passagem.

Uma série de barricadas da polícia foi montada em frente aos portões do laboratório. Vários reguladores as afastam para podermos entrar no pequeno estacionamento asfaltado em frente à entrada principal. Reconheço o carro da família de Fred. Ele já deve ter chegado.

Meu estômago se revira. Não vou aos laboratórios desde a minha intervenção, quando entrei como uma garota infeliz e destruída e saí diferente, mais limpa e menos confusa. Foi nesse dia que cortaram Lena de mim, e Steve Hilt também, e todas aquelas noites quentes e úmidas e escuras, quando eu não

tinha certeza de nada.

Mas aquilo foi apenas o começo da cura. Isto, o pareamento, o casamento e Fred, é a conclusão.

Os portões foram trancados atrás de nós e as barricadas foram reposicionadas. Mesmo assim, quando saio do carro, sinto a multidão chegando mais perto, cada vez mais perto, doida para entrar, para assistir, para me ver entregar minha vida e meu futuro ao caminho que foi escolhido para mim. Mas a cerimônia só vai começar em quinze minutos, e os portões ficarão fechados até então.

Por trás da porta giratória de vidro, vejo Fred me esperando, sem sorrir e de braços cruzados. O rosto dele está distorcido pelo brilho e pelo vidro. De longe, parece que sua pele está cheia de buracos.

— Está na hora — anuncia minha mãe.

— Eu sei — digo, e passo por ela para entrar no prédio.

Lena

Chegou a hora. Os tiros de rifles explodem simultaneamente ao longe, pelo menos uma dezena deles, e em um piscar de olhos estamos nos movendo juntos. Estamos correndo, nos afastando das árvores, centenas de nós, pisando na lama e na terra, e o ritmo de nossos pés parece o de um batimento inchado. Duas escadas de corda aparecem no muro, depois mais duas, depois mais três. Até agora, tudo bem. O primeiro do nosso grupo chega a uma escada, pula e sobe.

Ao longe, uma banda toca uma marcha nupcial.

Hana

Fora dos laboratórios, os guardas, mais de vinte deles, arrumados em uniformes impecáveis, disparam os rifles em uma saudação para sinalizar que a cerimônia pode prosseguir. As grandes janelas do salão de conferência estão abertas, e ouvimos a banda, que começa a tocar a marcha nupcial. A maioria dos curiosos não conseguiu entrar nos laboratórios e vai ficar amontoada do lado de fora, ouvindo, tentando ver pelas janelas. O padre está com um microfone, para que sua voz seja amplificada e alcance cada integrante da multidão aqui reunida, palavras destinadas a tocá-los com sua perfeição e honra, dever e segurança.

Uma plataforma foi erigida no centro do salão, bem na frente do estrado em que o padre conduzirá a cerimônia. Dois participantes, os dois vestidos simbolicamente com o jaleco do laboratório, me ajudam a subir.

Quando Fred segura minhas mãos e as coloca sobre a *Shhh*, um pequeno suspiro se espalha pelo salão, uma expiração de alívio.

É para isso que somos feitos: promessas, compromissos e juramentos de obediência.

Lena

Estou na metade da escada quando os alarmes começam a tocar. Um segundo depois, ouço outra explosão de tiros. Não há nada de coordenado nesses tiros; eles explodem em sequência rápida, próximos e ensurdecedores demais, e de repente o ar se torna uma sinfonia de gritos e tiros. Uma mulher montada no muro cai para trás e bate no chão com um baque repulsivo, o sangue borbulhando em seu peito.

Só um décimo de nosso pessoal conseguiu pular o muro. O ar se enche da fumaça de armas. As pessoas estão gritando: *vá, pare, ande, pare onde está senão atiro!* Por um segundo fico paralisada na escada, balançando, petrificada. Minhas mãos escorregam um pouco, e mal consigo me ajeitar para não cair. Não lembro como fazer meu corpo se mexer. No alto da escada, um regulador está cortando as cordas com a faca.

— Ande. Lena, ande!

É Julian, abaixo de mim na escada. Ele me empurra adiante, o que me faz ficar ciente do meu corpo. Volto a subir, ignorando a ardência nas palmas das mãos. É melhor enfrentar os reguladores no chão, onde temos chance; qualquer coisa é melhor do que ficar pendurada aqui, exposta como um peixe em uma vara de pescar.

A escada treme. O regulador continua cortando, a faca se movendo febrilmente. Ele é jovem — por algum motivo me é familiar —, e o suor faz seu cabelo loiro grudar na testa. Fera acabou de chegar ao alto do muro. Ouço um estalo e um breve grito quando ele crava o cotovelo no nariz do regulador.

O resto acontece rápido: Fera agarra o cabo da faca do homem e o empurra; o regulador cai, e não consegue enxergar. Fera o joga sem cerimônia por cima do muro, como se ele fosse um saco de lixo. Novamente o som de um baque quando ele cai no chão. Só então o reconheço: é um garoto da Academia Joffrey, com quem Hana falou uma vez na praia. Era da minha idade; fomos avaliados no mesmo dia.

Não dá tempo para pensar nisso agora.

Mais dois puxões fortes me fazem chegar ao alto do muro. Deslizo de bruços contra a pedra e tento reduzir meu corpo ao máximo. Tornar-me compacta. A parte interior do muro está ocupada por andaimes que sobraram da construção. Só algumas partes da passarela de pedra, feita para as patrulhas, estão completas. Há corpos emaranhados em toda parte, pessoas lutando, agarradas, se esforçando para ganhar vantagem.

Pippa está subindo com dificuldade pela escada à minha direita. Prego está agachado nos andaimes; dá cobertura a ela, sua arma indo da esquerda para a direita, afastando guardas que correm até nós pelo chão. Graúna está atrás de Pippa, com o cabo de uma faca na boca e uma arma no quadril. Seu rosto tem um aspecto rígido e concentrado.

Tudo é registrado em explosões, em flashes:

Guardas correndo até o muro, se materializando de guaritas e depósitos.

Sirenes berrando: a polícia. Eles responderam rápido aos alarmes.

E, por baixo disso tudo, um aperto nas minhas entranhas. A paisagem de tetos e ruas, o fluxo cinza de asfalto, a enseada Back brilhando à minha frente, parques ao longe, a área da baía, atrás da mancha branca que é o complexo de laboratórios. Portland. Meu lar.

Por um momento, tenho medo de desmaiar. É gente demais, corpos balançando e atacando, rostos contorcidos e grotescos, e barulho demais. A fumaça faz minha garganta arder. Parte do andaime pegou fogo. E ainda não conseguimos que mais de um quarto de nossa gente passasse por cima do muro. Não vejo minha mãe. Não sei o que aconteceu com ela.

Julian conseguiu subir. Ele enlaça minha cintura e me obriga a ficar de joelhos.

— Pra baixo! Pra baixo! — grita ele, e caímos com força de joelhos quando uma série de balas se aloja no muro atrás de nos, nos salpicando de poeira e lascas de pedra.

O andaime geme e balança sob nosso corpo. Vários guardas estão no chão balançando a base para tentar derrubá-lo.

Julian grita alguma coisa. As palavras dele se perdem, mas sei que está me dizendo que precisamos seguir, precisamos chegar ao chão. Ao meu lado, Prego esticou o braço para ajudar Pippa a passar por cima do muro. Ela se desloca de forma desajeitada por causa do peso da mochila que carrega. Por um segundo imagino que a bomba vá explodir bem aqui, agora; imagino o sangue e o fogo, o cheiro doce de fumaça e as lascas de pedra ricocheteando, mas Pippa pula o muro e fica de pé.

Justo nesse momento, um guarda no chão aponta o rifle para Pippa e mira. Quero dar um grito, quero avisá-la, mas não consigo emitir som.

— Cuidado, Pippa!

Graúna se lança por cima do muro e a derruba bem na hora em que o guarda aperta o gatilho.

Pop. O menor barulho do mundo. O som de uma bombinha de brinquedo.

Graúna treme e se enrijece. Por um segundo, penso que ela só está surpresa. Sua boca fica redonda e seus olhos se arregalam.

Mas ela começa a cair para trás, e sei que morreu. Caindo, caindo, caindo…

— Não!

Prego dispara, segura a camisa dela antes que ela possa cair de cima do muro e a puxa para o colo. As pessoas estão correndo ao redor dele, se espalhando como ratos pelo andaime, mas ele fica sentado ali, se balançando um pouco e aninhando o rosto dela nas mãos. Ele limpa a testa dela, tira o cabelo do rosto. Ela olha para ele, a boca aberta e molhada, os olhos arregalados em choque, encolhida contra o corpo dele. Os lábios de Prego se movem. Ele está falando com ela.

Agora eclode um grito dentro de mim, silencioso e gigantesco, como um buraco negro que abre um túnel até o centro do meu ser. Não consigo me mexer, não consigo fazer nada além de ficar olhando. Não é assim que Graúna morre. Não aqui, não desse jeito, não em um frágil segundo, não sem lutar.

Atirei o pau no gato. A cantiga infantil volta a minha mente nesse momento, como costumávamos cantar no parque. *Miau*.

Tudo isso é brincadeira de criança. Estamos brincando com brinquedos novos que fazem muito barulho. Estamos brincando de polícia e ladrão, como fazíamos quando éramos crianças.

Uma dor quente e intensa me atravessa, passa por mim. Coloco a mão no rosto por instinto e

procuro o ferimento; meus dedos roçam a orelha e voltam molhados de sangue. Uma bala deve ter me acertado de raspão.

O choque, ainda maior do que a dor, me desperta, põe meu corpo em movimento. Não havia armas suficientes para todos, mas tenho uma faca velha e cega — melhor do que nada. Tiro-a da bolsinha de couro presa na minha cintura. Julian está descendo o andaime balançando-se pelas barras cruzadas como um macaco. Um guarda tenta segurá-lo por uma das pernas, mas ele gira e bate o pé com força bem no rosto do guarda. O guarda cambaleia para trás e o solta, e Julian cai a distância que falta até o chão em meio ao caos de corpos: Inválidos e oficiais, gente do nosso lado e do lado deles, todos misturados, um animal enorme e sangrento e trêmulo.

Chego até a beirada da passarela e me obrigo a pular. Os poucos segundos em que estou no ar e, portanto, sou um alvo, são os mais apavorantes. Estou totalmente exposta, totalmente vulnerável. São dois segundos, no máximo três, mas parecem uma eternidade.

Alcanço o chão, quase caindo em cima de um regulador e o derrubando junto comigo quando torço o tornozelo e caio no cascalho. Ficamos embolados por um momento, lutando para ganhar vantagem. Ele tenta mirar a arma em mim, mas seguro seu pulso e o giro para trás com força. Ele grita e larga a arma. Alguém a chuta, fazendo-a sair girando para longe dos meus dedos, para o caos cinza inundado de poeira.

Mas logo a vejo não muito distante de nós. O regulador também vê, na mesma hora que eu. Tentamos pegá-la ao mesmo tempo. Ele é maior do que eu, mas também mais lento. Estou com a arma na mão, fecho os dedos no gatilho um segundo antes do homem, de forma que o punho dele encontra apenas terra. Ele dá um rugido de fúria e pula para cima de mim. Eu levanto a arma, miro na lateral da cabeça dele e ouço um estalo quando ela acerta a têmpora. Ele cai inerte, e eu me ponho de pé de um salto antes que seja pisoteada.

Minha boca tem gosto de metal e poeira, e minha cabeça começou a latejar. Não vejo Julian. Não vejo minha mãe, nem Colin, nem Alistar.

Neste momento, ouço um estrondo que faz tudo tremer, uma explosão de pedra e poeira branca. A força da explosão quase me derruba. A princípio, penso que uma das bombas deve ter sido disparada acidentalmente. Procuro Pippa enquanto tento livrar a cabeça do zumbido e da poeira sufocante e penetrante. Vejo-a passar sem ser percebida entre duas guaritas, a caminho do centro.

Atrás de mim, um dos andaimes geme e começa a virar. A gritaria aumenta. Mãos empurram minhas costas quando todo mundo força passagem para sair do caminho. Muito devagar, gemendo, o andaime se inclina, depois acelera e despenca no chão, partindo-se e prendendo sob seu peso os que não tiveram sorte de fugir.

O muro agora tem um buraco na base; percebo que deve ter sido trabalho de uma bomba de cano, uma explosão improvisada pela resistência. A bomba de Pippa teria partido o muro em dois.

Ainda assim, é o bastante; nossas forças restantes estão entrando pelo buraco em uma torrente humana, pessoas que foram empurradas ou forçadas a ir embora, desprovidas e doentes, e que agora invadem Portland. Os guardas, uma linha irregular de uniformes azuis e brancos, são engolidos pela maré, empurrados para trás e forçados a fugir.

Perdi Julian. Não faz sentido tentar encontrá-lo agora. Só posso rezar para que esteja a salvo e para

que saia dessa confusão ileso. Também não sei o que aconteceu com Prego. Parte de mim espera que ele tenha recuado pelo muro com Graúna. Por um segundo imagino que, depois que ele a levar de volta para a Selva, ela vai acordar. Vai abrir os olhos e descobrir que o mundo foi reconstruído como ela queria.

Ou talvez ela não acorde. Talvez já esteja em uma peregrinação diferente e tenha saído à procura de Azul.

Forço caminho na direção do lugar onde vi Pippa desaparecer, lutando para respirar no ar tomado de fumaça. Uma das guaritas está pegando fogo. Lembro-me de repente da velha placa de carro que encontramos meio enterrada na lama durante nossa migração de Portland no inverno passado.

Viva livre ou morra.

Tropeço em um corpo. Meu estômago quase salta pela boca; por uma fração de segundo sou tomada por uma escuridão, encolhida no meu estômago como o cabelo de Graúna enroscado na perna de Prego, Graúna morreu, *ah meu Deus*. Mas engulo em seco, respiro fundo e sigo em frente, continuo lutando e empurrando. Queríamos liberdade para amar. Queríamos liberdade para escolher. Agora, temos que lutar por isso.

Por fim, consigo emergir da massa em luta. Passo pelas guaritas e saio correndo no caminho de cascalho que as separa, a caminho do esparso grupo de árvores que envolve a enseada Back. Meu tornozelo dói cada vez que apoio o peso nesse lado do corpo, mas não paro. Limpo a orelha com a manga da blusa e vejo que o sangramento já diminuiu.

A resistência pode ter uma missão em Portland, mas eu tenho uma missão só minha.

Hana

O alarme dispara pouco antes de o padre nos declarar marido e mulher. Em um momento está tudo quieto e organizado. A música parou, as pessoas estão caladas, e a voz do padre ressoa pelo salão e se espalha entre a plateia. No silêncio, ouço o obturador de cada câmera: abrindo e fechando, abrindo e fechando, como se fossem pulmões de metal.

No momento seguinte, tudo é movimento e som, caos agudo, sirenes. E neste instante sei que os Inválidos estão aqui. Vieram nos pegar.

Mãos me puxam com rudeza de todos os lados.

— Ande, ande, ande.

Guarda-costas estão me guiando para a saída. Alguém pisa na barra do meu vestido, e ouço-o rasgar. Meus olhos estão ardendo; estou sufocada pelo cheiro de loção pós-barba em excesso, corpos em excesso se amontoando e puxando.

— Ande, vamos logo. Vamos logo.

Walkie-talkies explodem em estática. Vozes urgentes gritam em uma linguagem codificada que não entendo. Tento me virar para procurar minha mãe e quase sou derrubada pela pressão de guardas me empurrando para a frente. Tenho um vislumbre de Fred cercado pela equipe de segurança. Ele está pálido e grita ao celular. Torço para que olhe para mim; neste momento, esqueço Cassie, esqueço tudo. Preciso que ele me diga que estamos bem, preciso que me explique o que está acontecendo.

Mas ele nem olha na minha direção.

Lá fora, o brilho é cegante. Aperto os olhos. Jornalistas se espremem perto das portas, bloqueando a passagem para o carro. As longas lentes das câmeras parecem armas por um segundo, e apontadas para mim.

Eles vão matar todos nós.

Os guarda-costas lutam para abrir espaço para mim e empurram o fluxo de pessoas com os ombros. Acabamos chegando ao carro. Mais uma vez, procuro Fred. Nossos olhos se encontram brevemente sobre a multidão. Ele está indo para uma radiopatrulha.

— Leve-a para a minha casa — grita ele para Tony, depois se vira e entra em um carro de polícia. E pronto. Não me dirige nem uma palavra.

Tony coloca a mão no alto da minha cabeça e me empurra para o banco de trás. Dois dos guarda-costas de Fred entram ao meu lado, com as armas apontando para fora. Quero pedir que eles guardem as armas, mas meu cérebro parece não estar funcionando direito. Não lembro o nome de nenhum dos dois.

Tony engata a marcha do carro, mas estamos encurralados pelos grupos de pessoas no estacionamento. Tony buzina. Cubro os ouvidos e lembro a mim mesma de respirar; estamos seguros, estamos no carro, vai ficar tudo bem. A polícia vai cuidar de tudo.

Por fim, começamos a nos deslocar. Seguimos em meio à multidão que se dispersa. Demoramos quase vinte minutos para percorrer o caminho que leva à saída dos laboratórios. Viramos à direita na

rua Commercial, que está tomada por mais tráfego a pé, depois fugimos do trânsito em uma rua estreita de mão única. No carro, todos estão em silêncio, observando a confusão de pessoas nas ruas: correndo, em pânico, desorientadas. Embora eu consiga ver pessoas de boca aberta e gritando, só o som dos alarmes penetra pelas grossas janelas do veículo. Estranhamente, isso é mais assustador do que qualquer outra coisa, todas essas pessoas sem voz, gritando em silêncio.

Seguimos por uma viela tão estreita que tenho certeza de que vamos entalar nas paredes de tijolos dos dois lados. Em seguida, viramos em outra rua de mão única, esta relativamente vazia. Furamos um sinal vermelho e entramos à esquerda em outra viela. Finalmente estamos em movimento.

Tenho a ideia de tentar falar com minha mãe no celular dela, mas, quando ligo para o número, ouço uma mensagem de erro. O sistema deve estar sobrecarregado. De repente me sinto muito pequena. O sistema é a segurança; o sistema é tudo. Em Portland, tem sempre alguém observando.

Mas agora, parece que o sistema foi cegado.

— Ligue o rádio — ordeno a Tony.

Ele obedece. A Rede Nacional de Notícias entra. A voz do locutor é tranquilizadora, quase preguiçosa, emitindo palavras apavorantes com uma calma total.

— *…invasão no muro… pedimos que as pessoas não entrem em pânico… até que a polícia possa restabelecer o controle… tranquem as portas e as janelas, fiquem em casa… reguladores e todos os oficiais do governo trabalhando em conjunto…*

A voz do locutor é interrompida abruptamente. Por um momento, é só estática. Tony gira o botão, mas os alto-falantes continuam zumbindo e estalando e só emitem ruído. De repente uma voz desconhecida começa a falar em tom alto e urgente:

— *Estamos tomando a cidade de volta. Estamos tomando nossos direitos e liberdade de volta. Juntem-se a nós. Derrubem os muros. Derrubem os…*

Tony desliga o rádio. O silêncio no carro ecoa, ensurdecedor. Lembro-me de repente dos primeiros ataques terroristas, quando, às dez da manhã de uma quinta-feira pacífica e comum, três explosões soaram ao mesmo tempo em Portland. Eu estava em um carro na hora, lembro bem; quando minha mãe e eu ouvimos a notícia no rádio, não acreditamos a princípio. Só acreditamos quando vimos a fumaça cobrindo o céu e as pessoas começando a correr por nós, pálidas, e as cinzas começarem a cair como neve.

Cassandra disse que Fred deixou aqueles ataques acontecerem, para provar que os Inválidos estavam lá fora, para mostrar que eram monstruosos. Mas agora os monstros estão aqui, dentro dos muros, de novo em nossas ruas. Não consigo acreditar que ele permitiria isso.

Preciso acreditar que ele vai dar um jeito, mesmo que isso signifique matar todos.

Enfim deixamos para trás o caos e as multidões. Estamos perto de Cumberland agora, onde Lena morava, na parte residencial silenciosamente decadente da cidade. Ao longe, a buzina de neblina na velha torre de vigia em Munjoy Hill começa a tocar, espalhando notas fúnebres acima e abaixo dos alarmes. Queria estar indo para a minha casa, não para a de Fred. Queria me encolher na minha cama e dormir; queria acordar e descobrir que o dia de hoje foi todo um pesadelo que irrompeu pelas rachaduras da cura.

Mas minha casa não é mais minha casa. Mesmo que o padre não tenha terminado seu

pronunciamento, agora estou oficialmente casada com Fred Hargrove. Nada mais vai ser igual.

Entramos à esquerda na Sherman, depois à direita em outra viela, que nos deixa na Park. Quando chegamos ao final da viela, alguém se lança na frente do carro, um borrão cinza.

Tony grita e enfia o pé no freio, mas é tarde demais. Tenho tempo apenas de registrar as roupas esfarrapadas e o cabelo comprido e sujo (*Inválida*) antes de o impacto jogá-la para o alto. Seu corpo sai girando em cima do capô, achata-se por um segundo contra o para-brisa e some de novo.

A raiva cresce dentro de mim, repentina e assustadora, uma pontada que rompe o medo. Eu me inclino para a frente e grito:

— Ela é um deles, é um deles! *Não* deixem que fuja!

Tony e os outros guardas não precisam ouvir duas vezes. No mesmo instante eles disparam para a rua com as armas na mão, deixando as portas do carro abertas. Minhas mãos tremem. Aperto-as e me recosto no banco enquanto respiro fundo para tentar me acalmar. Com as portas abertas, consigo ouvir os alarmes mais claramente, e também os sons distantes de gritos, como o rugido ecoado do oceano.

Esta é Portland, minha Portland. Neste momento, nada mais importa: nem as mentiras nem os erros, nem as promessas que não fomos capazes de manter. Esta é minha cidade, e minha cidade está sob ataque. A raiva aumenta.

Tony está colocando a garota de pé. Ela se debate, luta, mesmo sendo apenas uma, mesmo sendo mais fraca. Seu cabelo cai no rosto. Ela chuta e grita como um animal.

Talvez eu mesma mate esta.

Lena

Quando chego à avenida Forest, o som de luta ficou para trás, engolido pelos gritos agudos dos alarmes. De vez em quando vejo a mão de alguém mexendo em uma cortina, um olho de peixe me espiando para logo depois desaparecer. Todo mundo está dentro de casa, trancado em suas torres.

Mantenho a cabeça baixa e avanço o mais depressa que consigo, apesar do latejar no meu tornozelo torcido. Estou atenta ao som de carros de polícia e patrulhas. Não tem como não perceberem de cara que sou uma Inválida. Estou imunda, em roupas velhas e sujas de lama, minha orelha ainda coberta de sangue. Incrivelmente, não tem ninguém nas ruas. As forças de segurança devem ter sido desviadas para outro lugar. Afinal, estamos na parte mais pobre de Portland. Não há dúvida de que a cidade acha que essas pessoas não precisam de proteção.

Um caminho e uma estrada para todo mundo… e, para alguns, um caminho direto para debaixo da terra.

Chego a Cumberland sem dificuldades. Assim que piso no quarteirão em que eu morava, sinto por um momento como se estivesse presa em uma imagem do passado. Parece que foi uma eternidade atrás que eu passava por estas ruas ao voltar para casa da escola; que eu me alongava aqui depois de correr, com uma perna em cima do banco do ponto de ônibus; que eu observava Jenny e as outras crianças brincando de chutar a lata e abria os hidrantes para elas quando o calor do verão era excessivo.

Foi uma vida atrás. Sou uma Lena diferente agora.

As ruas também estão diferentes; flácidas, como se um buraco negro invisível estivesse espiralando o quarteirão inteiro ao redor de si mesmo. Antes mesmo de eu chegar ao portão do número 237, sei que a casa vai estar vazia. A certeza está alojada como um peso entre meus pulmões. Mas ainda assim fico parada na calçada, olhando para a construção agora abandonada (*meu lar, minha antiga casa, com o quartinho no andar de cima, os cheiros de sabonete e roupa lavada e tomate cozido*), observando a tinta descascando e os degraus podres da varanda, as janelas cobertas por tábuas, o xis em um vermelho desbotado pintado na porta com tinta spray, marcando a casa como condenada.

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Tia Carol sempre teve tanto orgulho de sua casa. Não deixava passar um ano sem pintar, limpar as calhas e faxinar a varanda.

A dor é substituída por pânico. Para onde eles foram?

O que aconteceu com Grace?

Ao longe, a sirene berra como uma cantiga funerária. Levo um susto e de repente lembro onde estou: em uma cidade estranha e hostil. Não é mais o meu lugar; não sou bem-vinda aqui. A sirene soa uma segunda e uma terceira vez. O sinal significa que todas as três bombas foram alocadas com sucesso. Isso nos dá uma hora até que elas explodam e a cidade vire um inferno.

Isso me dá só uma hora para encontrá-la, e não faço ideia de por onde começar.

Uma janela se fecha com força atrás de mim. Eu me viro a tempo de ver desaparecer um rosto

branco como a lua, com semblante preocupado, que parece ser da Sra. Hendrickson. Uma coisa é óbvia: preciso sair daqui.

Abaixo a cabeça e continuo a andar pela rua. Entro na primeira viela estreita que vejo entre as construções. Estou andando às cegas agora, torcendo para meus pés me levarem na direção certa. *Grace, Grace, Grace*. Rezo para que ela possa me ouvir de alguma forma.

Cegamente, atravesso a Mellen, vou na direção de outra viela, uma boca preta e aberta, um lugar de sombras inclinadas, para me esconder. *Grace, cadê você?* Em pensamento, estou gritando, gritando tão alto que o som engole tudo e bloqueia o ruído de um carro se aproximando.

E então, do nada, o veículo está aqui: o motor estalando e ofegando, a janela lançando luz nos meus olhos, me cegando, pneus cantando quando o motorista tenta parar. E então, dor e a sensação de queda. Penso que vou morrer. Vejo o céu girando acima de mim, vejo o rosto de Alex sorrindo e sinto o golpe duro do asfalto sob meu corpo. Fico sem ar e rolo de costas, os pulmões lutando para inspirar ar.

Por um momento, ao olhar o céu azul acima de mim, esticado e alto entre os telhados dos prédios, esqueço onde estou. Sinto como se estivesse flutuando, deslizando em uma superfície de água azul. Só sei que não estou morta. Meu corpo ainda é meu. Mexo as mãos e flexiono os pés só para ter certeza. Por incrível que pareça, consegui não bater a cabeça.

Portas batem. Vozes estão gritando. Lembro que preciso me mexer, preciso me levantar. *Grace*. Mas, antes que eu consiga fazer qualquer coisa, mãos me seguram com violência pelos braços, me colocam de pé. Vejo tudo acontecer em flashes. Ternos pretos. Armas. Rostos cruéis.

Isso não é nada bom.

O instinto assume o controle, e começo a me revirar e chutar. Mordo a mão do guarda que me segura, mas ele não me solta, e outro guarda dá um passo à frente e me dá um tapa na cara. O tapa arde e gera uma explosão quente na minha visão. Cuspo cegamente nele. Outro guarda (são três) aponta a arma para minha cabeça. Os olhos dele são pretos e frios como pedra, cheios não de ódio (*curados não odeiam, curados não odeiam e também não se importam*), mas de nojo, como se eu fosse uma espécie particularmente repugnante de inseto, e nesse momento sei que vou morrer.

Sinto muito, Alex. E Julian. Eu sinto muito.

Sinto muito, Grace.

Fecho os olhos.

— Esperem!

Abro os olhos. Uma garota está saindo do banco de trás do carro.

Ela está vestida de musselina branca, de noiva. Seu cabelo está preso em um penteado elaborado, cachos contornando a cabeça, e a cicatriz da intervenção foi iluminada com maquiagem, de forma que parece uma pequena estrela colorida logo abaixo da orelha esquerda. Ela é linda; parece as pinturas de anjos que víamos na igreja.

Quando os olhos dela pousam em mim, meu estômago se contrai. O chão se abre sob meu corpo. Não vou conseguir me levantar.

— Lena — diz ela calmamente.

É mais uma constatação que um cumprimento.

Não consigo falar. Não consigo dizer o nome dela, embora esteja ecoando alto na minha cabeça.

Hana.

* * *

— Para onde vamos?

Hana se vira para mim. São as primeiras palavras que consigo pronunciar. Por um segundo ela aparenta surpresa e mais algum outro sentimento. Prazer? É difícil saber. As expressões estão diferentes, não consigo mais decifrar o rosto dela.

— Para a minha casa — responde ela, depois de uma breve pausa.

Que vontade louca de rir. Ela está tão ridiculamente calma. Poderia estar me convidando para procurar músicas na BMFA ou me acomodar no sofá para assistirmos a um filme.

— Você não vai me entregar? — pergunto com sarcasmo.

Sei que ela vai me entregar; soube disso no momento em que vi a cicatriz, que vi a insipidez por trás dos olhos dela, como uma piscina que perdeu a profundidade.

Ou ela não detecta o desafio, ou prefere ignorá-lo.

— Vou — diz ela, decidida. — Mas ainda não.

Uma expressão surge em seu rosto, uma incerteza momentânea, e ela parece prestes a dizer mais alguma coisa, mas então vira a cabeça para a janela, mordendo o lábio inferior.

Isso me incomoda, o gesto de morder o lábio. É uma falha na superfície calma, um distúrbio que eu não esperava. É a velha Hana espiando por trás desta nova versão resplandecente, e faz meu estômago se contrair de novo. Sinto uma vontade momentânea de abraçá-la, de inspirar seu aroma (*duas gotas de baunilha nos cotovelos e jasmim no pescoço*), de dizer o quanto senti saudade.

Ela me flagra observando-a e aperta a boca com firmeza até seus lábios formarem uma linha. Lembro a mim mesma que a antiga Hana não existe mais. Não deve nem ter mais o mesmo cheiro. Ela não me fez uma única pergunta sobre o que aconteceu comigo, onde estive, como vim parar em Portland, manchada de sangue e com roupas sujas. Mal olhou para mim, e, quando olha, é com uma curiosidade vaga e distante, como se eu fosse uma espécie estranha no zoológico.

Achei que fôssemos virar na direção de West End, mas estamos saindo da península. Hana deve ter se mudado. As casas aqui são ainda maiores e mais grandiosas do que no bairro antigo. Não sei por que estou surpresa. Uma coisa eu aprendi durante meu tempo com a resistência: a cura é controle. É estrutura. E os ricos ficam mais ricos, enquanto os pobres são espremidos em vielas estreitas e apartamentos pequenos, engolindo a história de que serão protegidos e a promessa de que serão recompensados no céu por sua obediência. A servidão é chamada de segurança.

Pegamos uma rua ladeada de bordos aparentemente antigos cujos galhos se unem no alto, formando uma abóbada. Passamos por uma placa: rua Essex. Meu estômago se contorce com violência. O número 88 da rua Essex é onde Pippa colocou a bomba. Quanto tempo faz que a buzina soou? Dez minutos? Quinze?

O suor se acumula debaixo dos meus braços. Observo as caixas de correio conforme passamos. Uma destas casas, uma destas gloriosas casas brancas, decoradas como bolos e encimadas por cúpulas, cercadas de varandas brancas e amplas e separadas da rua por largos gramados verdes, vai explodir em

menos de uma hora.

O carro acaba parando em frente a um portão de ferro trabalhado. O motorista se inclina para fora da janela para digitar um código em um teclado numérico, e os portões se abrem lentamente. A casa me lembra a antiga residência de Julian em Nova York. Ainda fico impressionada: todo esse poder, toda essa energia fluindo para um pequeno grupo de pessoas.

Hana continua olhando impassível pela janela. Tenho uma vontade repentina de cravar um soco no reflexo do seu rosto no vidro. Ela não faz ideia de como é o resto do mundo. Nunca passou por dificuldades nem ficou sem comida, sem aquecimento e sem conforto. Não entendo como já foi minha melhor amiga um dia. Sempre vivemos em mundos separados; eu só era burra o bastante para acreditar que isso não importava.

Cercas vivas enormes ladeiam o carro por um caminho curto que leva a outra casa monstruosa. É maior do que qualquer outra que vimos. Um número de ferro está preso acima da porta.

88.

Por um instante minha visão escurece. Eu pisco. O número continua lá.

Rua Essex, número 88. A bomba está aqui. O suor escorre pelas minhas costas. Não faz sentido; as outras bombas estão no centro, em prédios municipais, como ano passado.

— Você mora aqui? — pergunto a Hana.

Ela está saindo do carro, ainda com a mesma calma irritante, como se estivéssemos cumprindo uma visita social.

Mais uma vez, ela hesita.

— É a casa de Fred — diz ela. — Acho que agora é minha também. — Apenas a encaro. Ela explica: — Fred Hargrove. O prefeito.

Eu tinha esquecido completamente que Hana tinha sido pareada com Fred Hargrove. Ouvimos boatos, pela resistência, de que o Hargrove pai tinha sido morto durante os Incidentes. Fred deve ter assumido o lugar dele. Agora começa a fazer sentido uma bomba ser plantada nesta casa. Nada é mais simbólico do que atacar diretamente o líder. Mas calculamos mal: não é Fred quem estará em casa. É Hana.

Minha boca fica seca e começa a coçar. Um dos valentões dela tenta me agarrar e me puxar para fora do carro, mas me desvencilho dele.

— Não vou fugir — digo, praticamente cuspindo, e saio do carro sozinha.

Sei que eu não conseguiria correr mais de um metro até eles abrirem fogo. Vou ter que observar com atenção, pensar e procurar uma oportunidade de fuga. Não vou estar nem a três quarteirões deste lugar quando explodir. De jeito nenhum.

Hana já subiu os degraus da varanda. Ela espera de costas para nós, até um dos guardas avançar e abrir a porta. Sinto uma onda de ódio por essa garota frágil e mimada, com seus lençóis brancos impecáveis e seus aposentos enormes.

O interior da casa está surpreendentemente turvo. O ambiente é cheio de carvalho escuro e encerado e couro. A maior parte das janelas está em parte obscurecida por tecidos elaborados e cortinas de veludo. Hana começa a me guiar até a sala de estar, depois pensa melhor. Ela segue pelo corredor sem se dar ao trabalho de acender a luz e só se vira uma vez, com uma expressão que não sei o que significa.

Ela me leva por duas portas de vaivém, para dentro da cozinha.

Em contraste com o resto da casa, este cômodo é muito iluminado. Janelas amplas dão para um enorme quintal. A madeira é pinho ou freixo, macia e quase branca, e as bancadas são de mármore branco, impecável.

Os guardas vêm atrás de nós. Hana se vira para eles.

— Deixem-nos a sós — ordena ela.

Iluminada pela oblíqua luz do sol, ela parece cintilar — e mais uma vez parece um anjo. Sou surpreendida pela sua calma e pelo silêncio que reina na casa, pela limpeza e beleza do lugar.

E, em algum lugar nas entranhas desta casa, bem fundo, há um tumor crescendo, tiquetaqueando à espera da explosão certeira.

O guarda que estava ao volante, o mesmo que me deu uma gravata, emite ruídos de protesto, mas Hana o silencia rapidamente.

— Eu mandei nos deixarem a sós. — Por um segundo a antiga Hana ressurge. Vejo o desafio nos olhos dela, o majestoso empinar do queixo. — E fechem as portas ao sair.

Os guardas deixam a cozinha com relutância. Sinto o peso dos olhares deles e sei que, se não fosse por Hana, eu já estaria morta. Mas me recuso a sentir gratidão por ela. De jeito nenhum.

Quando eles saem, Hana olha para mim por um minuto em silêncio. Sua expressão é um mistério.

— Você está magra demais — diz ela, por fim.

Tenho vontade de rir.

— Ah, sim. Os restaurantes na Selva estão quase todos fechados. Na verdade, foram todos bombardeados.

Não me dou o trabalho de esconder a irritação na voz.

Ela não reage. Só fica me observando. Outro minuto de silêncio se passa. Então, ela indica a mesa.

— Sente-se.

— Prefiro ficar de pé, obrigada.

Hana franze a testa.

— Encare como uma ordem.

Não acho que ela vá chamar os guardas se eu me recusar a me sentar, mas não faz sentido arriscar. Ocupo uma cadeira, olhando-a com raiva o tempo todo. Mas não consigo ficar à vontade. Faz pelo menos vinte minutos que a sirene tocou. Isso significa que tenho menos de quarenta para sair daqui.

Assim que me sento, Hana gira e some nos fundos da cozinha, onde uma abertura escura atrás da geladeira indica a presença de uma despensa. Antes que eu consiga pensar em fugir, ela volta carregando um pão enrolado em um pano. Ela fica de pé na bancada e corta pedaços grossos, que cobre com manteiga e empilha em um prato. Em seguida, segue até a pia e molha o pano.

Ao observá-la girando a torneira, ao observar a água fervente que aparece imediatamente, sou tomada de inveja. Tem uma eternidade que não tomo um banho decente ou posso me lavar sem ser em rios gelados.

— Aqui. — Ela me passa o pano quente. — Você está imunda.

— Não tive tempo de fazer a maquiagem — respondo com sarcasmo.

Mas pego o pano mesmo assim e o encosto de leve na orelha. Parei de sangrar, pelo menos, embora a

toalha saia manchada de sangue seco. Mantenho os olhos em Hana enquanto limpo o rosto e as mãos. Eu me pergunto o que ela deve estar pensando.

Ela empurra o prato de pão na minha direção quando termino de usar o pano e enche um copo com água, acrescentando cubos de gelo de verdade, cinco cubos que tilintam com alegria.

— Coma — ordena ela. — Beba.

— Não estou com fome — minto.

Ela revira os olhos, e mais uma vez vejo a velha Hana surgir nessa nova impostora.

— Não seja idiota. É claro que está com fome. Está morrendo de fome. Deve estar morrendo de sede também.

— Por que está fazendo isso? — pergunto.

Hana abre e fecha a boca.

— Éramos amigas — responde ela.

— Éramos — digo com firmeza. — Agora somos inimigas.

— Somos?

Hana parece assustada, como se a ideia nunca lhe tivesse ocorrido. Mais uma vez, sinto uma pontada de desconforto, uma sensação de culpa. Alguma coisa não está certa. Afasto os sentimentos à força.

— É claro — digo.

Hana me observa por mais um segundo. Então ela se levanta da mesa abruptamente e vai até a janela. Quando está de costas para mim, pego um pedaço de pão, enfio na boca e como o mais rápido que consigo sem engasgar. Ajudo a descer com um gole de água tão gelada que provoca uma dor ardente e deliciosa na minha cabeça.

Por muito tempo, Hana não diz nada. Como mais um pedaço de pão. Ela sem dúvida consegue me ouvir mastigando, mas não comenta nada e nem se vira. Ela permite que eu mantenha o fingimento de que não estou comendo. Sinto uma explosão de gratidão.

— Sinto muito por Alex — diz ela por fim, ainda sem se virar.

Meu estômago se retorce de forma desconfortável. É muita coisa acontecendo rápido demais.

— Ele não morreu.

Minha voz soa alta demais. Não sei por que sinto vontade de contar isso a ela. Mas preciso que ela saiba que o lado dela, que o povo dela, não venceu, pelo menos não desta vez. Apesar de, claro, eles terem vencido em alguns aspectos.

Ela se vira.

— O quê?

— Ele não morreu — repito. — Foi jogado nas Criptas.

Hana se encolhe como se eu tivesse lhe dado um tapa. Ela suga o lábio inferior para dentro da boca e começa a morder.

— Eu… — Ela franze a testa de leve.

— O quê? — Conheço essa expressão, reconheço-a. Ela sabe de alguma coisa. — O que foi?

— Nada, eu… — Ela balança a cabeça, como se para desalojar uma ideia que está lá dentro. — Pensei tê-lo visto.

Meu estômago sobe para a garganta.

— Onde?

— Aqui. — Ela olha para mim com mais uma das suas expressões inescrutáveis. A nova Hana é muito mais difícil de interpretar do que a antiga. — Ontem à noite. Mas se ele está nas Criptas…

— Não está mais. Ele fugiu.

Hana, a luz, a cozinha, até a bomba tiquetaqueando em silêncio abaixo de nós, levando-nos na direção do nada, de repente parecem muito distantes. Assim que Hana sugere a ideia, vejo que faz sentido. Alex estava sozinho. Ele teria voltado para território familiar.

Poderia estar aqui, em algum lugar de Portland. Perto. Talvez haja esperança, afinal.

Se ao menos eu conseguisse sair daqui.

— E então? — Empurro a cadeira para trás e me levanto. — Vai chamar os reguladores ou não?

Enquanto falo, estou planejando. Eu poderia derrubá-la se for necessário, mas a ideia de atacá-la não me é confortável. E sem dúvida ela vai lutar. Quando eu conseguir vantagem, os guardas já estarão em cima de nós.

Mas se eu conseguir tirá-la da cozinha por apenas alguns segundos, posso jogar a cadeira pela janela, atravessar o jardim e tentar sumir da vista dos guardas nas árvores. O jardim deve dar em outra rua. Se não der, vou ter que fazer a volta pela Essex. É uma tentativa incerta, mas é uma chance.

Hana me observa com firmeza. O ponteiro do relógio acima do fogão parece avançar em velocidade recorde. Imagino o cronômetro da bomba tiquetaqueando também.

— Quero lhe pedir desculpas — diz ela calmamente.

— Ah, é? Por quê?

Não tenho tempo para isto. Não temos tempo para isto. Procuro não pensar no que vai acontecer a Hana se eu fugir. Ela vai estar aqui, na casa…

Meu estômago está se contraindo e relaxando repetidas vezes. Estou com medo de o pão voltar todo. Tenho que manter o foco. O que acontecer a Hana não é problema meu e também não é minha culpa.

— Por contar aos reguladores sobre o número 37 da rua Brooks — diz ela. — Por contar a eles sobre você e Alex.

De repente meu cérebro é desativado.

— *O quê?*

— Eu contei a eles. — Ela expira de leve, como se dizer essas palavras lhe tivesse dado alívio. — Sinto muito. Fiquei com inveja.

Não consigo falar. Estou nadando em uma névoa.

— *Inveja?* — consigo dizer.

— Eu… Eu queria o que você tinha com Alex. Estava confusa. Não entendi o que estava fazendo.

Tenho uma sensação de oscilação, de insegurança. Não faz sentido. Hana, a garota de ouro, minha melhor amiga, destemida e arrojada. Eu confiava nela. Eu a amava.

— Você era minha melhor amiga.

— Eu sei.

Mais uma vez ela parece perturbada, como se tentando lembrar o significado das palavras.

— Você tinha *tudo*. — Não consigo evitar que minha voz cresça. A raiva está vibrando, me partindo

como uma corrente viva. — Uma vida perfeita. Notas perfeitas. Tudo. — Abro os braços, indicando a cozinha impecável, o sol batendo nas bancadas de mármore. — Eu não tinha nada. Ele era tudo que eu tinha. Tudo que… — A náusea sobe, e eu dou um passo à frente, apertando os punhos, cega de raiva. — Por que você não pôde me deixar ter aquilo? Por que precisou tirar de mim? Por que sempre me tira tudo?

— Já pedi desculpas — diz Hana de novo, mecanicamente.

Tenho vontade de berrar de tanto gargalhar. Tenho vontade de chorar ou arrancar os olhos dela.

Mas só estico a mão e dou um tapa em seu rosto. O choque desce pela mão, pelo braço, antes de eu perceber o que estou fazendo. O barulho é inesperadamente alto, e chego a ter certeza de que os guardas vão surgir à porta. Mas ninguém aparece.

O rosto de Hana logo começa a ficar vermelho. Mas ela não grita. Não emite som nenhum.

No silêncio, ouço minha respiração, irregular e desesperada. Sinto lágrimas surgindo no fundo dos meus olhos. Sinto vergonha e raiva e náusea, tudo ao mesmo tempo.

Hana se vira devagar para me olhar. Ela quase parece triste.

— Eu mereci isso — afirma ela.

De repente sou tomada por exaustão. Estou cansada de lutar, de bater e apanhar. Esse é o jeito estranho do mundo, em que pessoas que apenas querem amar são forçadas a virar guerreiras. É a natureza da vida de cabeça para baixo. Por pouco não desabo na cadeira de novo.

— Eu me senti péssima depois — continua Hana. Sua voz é pouco mais que um sussurro. — Quero que você saiba. Foi por isso que a ajudei a fugir. Eu senti — Hana procura a palavra certa — *remorso*.

— E agora? — pergunto.

Hana levanta um ombro.

— Agora, estou curada — diz ela. — É diferente.

— Diferente como?

Por uma fração de segundo, desejo (mais do que tudo, mais do que respirar) ter ficado aqui com ela, ter deixado o bisturi me cortar.

— Eu me sinto mais livre. — Não sei o que eu esperava que ela dissesse, mas com certeza não era isso. Ela deve notar minha surpresa, porque continua: — Tudo fica meio… abafado. Como ouvir sons debaixo d'água. Não preciso tanto sentir coisas pelas outras pessoas. — Um canto de sua boca sobe em um sorriso. — Talvez, como você falou, eu nunca tenha sentido.

Minha cabeça começou a doer. Acabou. Acabou tudo. Só quero me encolher e dormir.

— Eu não quis dizer isso. Você sentia, sim. Sentia coisas pelas outras pessoas. No passado.

Não sei se Hana me ouve. Ela diz, quase como se só então lhe ocorresse:

— Não preciso mais ouvir ninguém.

Tem algo estranho no seu tom de voz, quase um triunfo. Quando olho para ela, vejo-a sorrir. Será que está pensando em alguma pessoa específica?

Há o som de uma porta se abrindo e fechando e a voz de um homem. O rosto de Hana muda por completo. Ela fica séria no mesmo instante.

— Fred — diz ela.

Hana atravessa depressa a cozinha até as portas de vaivém atrás de mim e coloca a cabeça no

corredor com hesitação. Em seguida, se vira para me olhar, de repente ofegante.

— Vamos — diz ela. — Rápido, enquanto ele está no escritório.

— Vamos aonde? — pergunto.

Hana parece irritada.

— A porta dos fundos leva à varanda. De lá, você pode atravessar o jardim até a rua Dennett. Isso vai levar você a Brighton. Rápido — acrescenta ela. — Se ele vir você, vai matá-la.

Estou tão chocada que fico parada ali, olhando para ela, boquiaberta.

— Por quê? — pergunto. — Por que está me ajudando?

Hana sorri de novo, mas seus olhos permanecem enevoados, ocultos.

— Você mesma disse. Eu era sua melhor amiga.

Imediatamente minha energia volta. Hana vai me deixar ir embora. Antes que mude de ideia, vou até ela. Hana se recosta em uma das portas de vaivém, segurando-a aberta para mim. Ela estica a cabeça para o corredor em intervalos curtos para ter certeza de que o caminho está limpo. Assim que estou prestes a passar por ela, paro.

Jasmim e baunilha. Ela ainda usa. Está *realmente* com o mesmo cheiro.

— Hana — digo. Estou tão perto dela que vejo linhas douradas no azul dos seus olhos. Passo a língua nos lábios. — Tem uma bomba.

Ela se move uma fração de centímetro.

— O quê?

Não tenho tempo para me arrepender do que estou dizendo.

— Aqui. Em algum lugar da casa. Saia daqui, entendeu? Você. Saia daqui.

Ela vai levar Fred também, e a explosão será um fracasso, mas não me importo. Já amei Hana, e ela está me ajudando agora. Devo isso a ela.

Mais uma vez, a expressão dela é insondável.

— Quanto tempo? — pergunta ela de repente.

* * *

— Dez, quinze minutos no máximo.

Ela assente para mostrar que entendeu. Sigo para a escuridão do corredor. Ela fica onde está, apoiada nas portas de vaivém, rígida como uma estátua. Aponta para a porta dos fundos com o queixo.

Quando estou tocando a maçaneta, ela me chama com um sussurro:

— Já ia esquecendo. — Ela vem até mim, seu vestido farfalhando com o movimento. Tenho a breve impressão de que ela é um fantasma. — Grace está em Highlands. Rua Wynnewood, 31. Eles estão morando lá agora.

Eu a encaro. Em algum lugar dentro dessa estranha está enterrada minha melhor amiga.

— Hana… — começo.

— Não me agradeça — interrompe-me ela. — Apenas vá.

Por impulso, sem pensar no que estou fazendo, pego sua mão. Dois apertos longos, dois curtos. Nosso antigo sinal.

Hana parece assustada, mas seu rosto aos poucos relaxa. Por apenas um segundo ela brilha como se iluminada por uma tocha interna.

— Eu me lembro… — sussurra ela.

Uma porta bate em algum lugar. Hana se solta de mim. Parece com medo de repente. Ela me vira e me empurra pela porta.

— Vá — diz ela, e eu vou.

Não olho para trás.

Hana

Conto trinta e três segundos no relógio até ver Fred aparecer na cozinha, com o rosto vermelho.

— Cadê ela?

As axilas dele estão molhadas de suor; seu cabelo, tão bem penteado e tão perfeitamente moldado com gel para a cerimônia, está uma bagunça.

Fico tentada a perguntar do que ele está falando, mas sei que isso só iria enfurecê-lo.

— Fugiu — digo.

— Como assim? Marcus me disse…

— Ela me bateu — respondo. Espero que Lena tenha deixado uma marca com aquele tapa. — Eu… Eu bati a cabeça na parede. Ela saiu correndo.

— Merda. — Fred passa a mão pelo cabelo, sai para o corredor e grita para os guardas. Em seguida, se vira para mim. — Por que diabos você não deixou Marcus cuidar disso? Por que ficou sozinha com ela?

— Eu queria informações — alego. — Pensei que havia mais chance de conseguir dela se estivéssemos sozinhas.

— Merda — diz Fred de novo.

Quanto mais nervoso ele fica, mais calma eu me sinto. É estranho.

— O que está acontecendo, Fred?

Ele chuta uma cadeira de repente e a faz deslizar pela cozinha.

— É o maldito *caos*, é isso que está acontecendo. — Ele não para de se mexer; aperta as mãos e, por um momento, penso que ele talvez me dê um soco, só para ter alguma coisa em que bater. — Deve haver umas mil pessoas se rebelando. Algumas são Inválidos. Algumas só crianças. Burros, burros… Se soubessem…

Ele para quando os guardas vêm correndo pelo corredor.

— *Ela* deixou a garota fugir — diz Fred, sem dar a eles a chance de perguntarem o que há de errado. O desprezo na voz dele é óbvio.

— Ela bateu em mim — repito.

Sinto Marcus me olhando. Evito seus olhos. Ele não tem como saber que deixei Lena fugir. Não dei indicação de que a conhecia; tomei o cuidado de não olhar para ela no carro.

Quando os olhos de Marcus voltam para Fred, me permito soltar o ar.

— O que quer que façamos? — pergunta Marcus.

— Não sei. — Fred massageia a testa. — Preciso pensar. Droga, preciso *pensar*.

— A garota se gabou de reforços na Essex — digo. — Disse que havia um Inválido em cada casa da rua.

— Merda. — Fred fica parado por um momento, olhando para o quintal. Em seguida, empertiga os ombros. — Tudo bem. Vou ligar e pedir reforços. Enquanto isso, saiam daqui e comecem a procurar

nas ruas. Procurem movimento nas árvores. Vamos pegar o máximo desses merdinhas que pudermos. Vou estar logo atrás de vocês.

— Pode deixar.

Marcus e Bill desaparecem no corredor.

Fred pega o telefone. Coloco a mão no seu braço. Ele se vira para mim com irritação e desliga.

— O que você quer? — pergunta ele, praticamente cuspindo.

— Não saia, Fred — peço. — Por favor. A garota disse… a garota disse que os outros estavam armados. Ela disse que abririam fogo se você colocasse só a cabeça na porta…

— Eu vou ficar bem. — Ele puxa o braço para se soltar de mim.

— Por favor — repito. Fecho os olhos e faço uma breve oração para Deus. *Perdoe-me.* — Não vale a pena, Fred. Precisamos de você. Fique. Deixe a polícia fazer o trabalho deles. Prometa que não vai sair de casa.

Um músculo se flexiona no maxilar dele. Um longo momento transcorre. A cada segundo fico esperando a explosão: um tornado de estilhaços de madeira, o rugido de um túnel de fogo. Eu me pergunto se vai doer.

Que Deus me perdoe, pois pequei.

— Tudo bem — diz Fred, enfim. — Prometo. — Ele levanta o fone de novo. — Mas fique fora do meu caminho. Não quero você atrapalhando nada.

— Vou ficar lá em cima.

Ele já está de costas para mim.

Vou para o corredor e deixo que as portas de vaivém se fechem atrás de mim. Ouço o som abafado da voz dele atravessando a madeira. A qualquer minuto virá o inferno.

Penso em subir, em ir para o que seria meu quarto. Eu poderia me deitar e fechar os olhos; estou quase cansada o bastante para dormir.

Mas acabo abrindo a porta de trás, atravesso a varanda e vou para o jardim, tomando cuidado para ficar fora do ângulo de visão da janela grande da cozinha. O ar tem cheiro de primavera: terra molhada e plantas novas. Pássaros piam nas árvores. A grama molhada gruda nos meus tornozelos, suja a barra do meu vestido de noiva.

As árvores me envolvem. Não consigo mais ver a casa.

Não vou ficar para vê-la pegar fogo.

Lena

Highlands está em chamas.

Sinto o cheiro do fogo bem antes de chegar lá e, quando ainda estou a uns quatrocentos metros de distância, vejo a mancha de fumaça acima das árvores e as chamas subindo pelos telhados velhos e maltratados pelo tempo.

Na rua Harmon, vi uma garagem aberta e uma bicicleta enferrujada encostada na parede como um troféu de caçador. Apesar de a bicicleta estar um lixo e as marchas gemerem e protestarem sempre que tento ajustá-las, é melhor do que nada. Não me incomodo com o barulho; nem com o estalar das correntes, nem com o eco do vento nos meus ouvidos. Os ruídos me impedem de pensar em Hana e de tentar entender o que aconteceu, eles cobrem a voz dela na minha cabeça dizendo *Vá*.

Mas os ruídos não encobrem o estouro e nem as sirenes que soam depois. Consigo ouvi-las mesmo quando estou quase em Highlands, erguendo-se como gritos.

Espero que ela tenha saído. Rezo para que tenha conseguido, embora não saiba mais para quem estou rezando.

E então estou em Highlands e só penso em Grace.

A primeira coisa que vejo é o fogo se alastrando, pulando de casa em casa, uma após a outra, das árvores para os telhados para as paredes. Quem iniciou o incêndio fez isso de propósito, sistematicamente. O primeiro grupo de Inválidos atravessou a cerca aqui perto; isso deve ser trabalho de reguladores.

A segunda coisa em que reparo são as pessoas: gente correndo pelas árvores, com corpos indistintos na fumaça. Isso me assusta. Quando morei em Portland, Deering Highlands era deserto; ficou vazio depois que a acusação da doença transformou o bairro em uma terra de ninguém. Não tive tempo para pensar no que significa o fato de Grace e minha tia estarem morando aqui agora, nem de considerar que outros podem também ter transformado o local em seu lar.

Tento identificar rostos familiares conforme passam por mim, correndo pelas ruas e gritando. Não vejo nada além de forma e cor, pessoas levando nos braços trouxas contendo seus pertences. Crianças estão chorando, e meu coração para. Qualquer uma delas poderia ser Grace. A pequena Grace, que quase não emitia sons. Ela poderia estar gritando na escuridão parcial em algum lugar.

Uma sensação quente e elétrica está pulsando em mim, como se as chamas tivessem alcançado meu sangue. Estou tentando me lembrar da disposição de Highlands, mas minha mente está repleta de estática: repetindo a mesma imagem do número 37 da rua Brooks, do cobertor no jardim e das árvores iluminadas de dourado pelo sol poente. Quando chego a Edgewood, sei que fui longe demais.

Eu me viro, tossindo, e volto pelo mesmo caminho. Estalos altos como trovões ressoam no ar. Casas inteiras são engolidas; parecem fantasmas trêmulos, queimando de portas abertas, a pele derretendo de cima da carne. *Por favor, por favor, por favor.* As palavras se repetem na minha cabeça. *Por favor.*

De repente vejo a placa da rua Wynnewood, felizmente uma rua curta, de apenas três quarteirões.

Aqui o fogo ainda não se espalhou, permanece na copa das árvores e desliza nos telhados como uma coroa crescente de branco e laranja. A quantidade de pessoas em meio às árvores diminuiu, mas fico achando que ouço crianças chorando, ecos fantasmagóricos e agudos.

Estou suando e meus olhos ardem. Quando largo a bicicleta, é difícil recuperar o fôlego. Levo a camisa até o rosto e tento respirar pelo tecido enquanto corro pela rua. Metade das casas não tem número visível. Sei que, pela probabilidade, Grace deve ter fugido. Espero que seja uma das pessoas que vi correndo por entre as árvores, mas não consigo afastar a sensação de que ela pode estar presa em algum lugar, que tia Carol, tio William e Jenny podem tê-la deixado para trás. Ela estava sempre se encolhendo nos cantos e se escondendo em espaços secretos e obscuros para tentar se fazer o mais invisível possível.

Uma caixa de correio apagada indica o número 31, uma casa triste e bamba com fumaça saindo pelas janelas superiores e chamas lambendo o telhado velho. E então eu a vejo, ou pelo menos penso que vejo. Só por um segundo, juro ver o rosto dela, pálido como uma chama, em uma das janelas. Mas, antes que eu possa gritar, ela some.

Respiro fundo, corro pelo gramado e subo os degraus meio apodrecidos. Paro ao passar pela porta da frente, me sentindo momentaneamente tonta. Reconheço a mobília (o sofá listrado gasto, o tapete com as franjas queimadas e a mancha nas velhas almofadas onde Jenny derramou suco de uva, ainda visível) da minha velha casa, a de tia Carol em Cumberland. Sinto como se tivesse tropeçado no passado, mas um passado distorcido. Um passado com cheiro de fumaça e papel de parede molhado, com aposentos que saíram de perspectiva.

Vou de cômodo em cômodo chamando Grace, olhando atrás de móveis e dentro dos armários de vários quartos que estão totalmente vazios. Esta casa é bem maior do que nossa antiga, não tem mobília suficiente para enchê-la. Ela sumiu. Talvez nunca tenha estado aqui, talvez eu só tenha imaginado o rosto dela.

O andar de cima está negro de fumaça. Só consigo chegar ao patamar do meio e sou forçada a descer, ofegando e tossindo. Agora, os aposentos da frente também estão em chamas. Há cortinas de chuveiro baratas presas nas janelas. Elas queimam de uma vez só, exalando fedor de plástico.

Recuo até a cozinha, sentindo como se um gigante tivesse fechado a mão ao redor do meu peito. Preciso respirar. Empurro com o ombro a porta de trás, que resiste, inchada pelo calor, e saio cambaleando no quintal, tossindo e com os olhos lacrimejando. Não estou mais pensando; meus pés estão me levando automaticamente para longe do fogo, na direção do ar limpo, *para longe*, quando sinto uma dor no pé e caio. Bato no chão e olho para trás para ver o que me derrubou: um puxador de porta, um porão meio escondido pela grama que cresce de cada lado da abertura.

Não sei o que me faz abrir a porta. Instinto, talvez, ou superstição. Uma escada de madeira desce até um porão subterrâneo pequeno, cavado no meio da terra. O pequeno aposento tem prateleiras lotadas de latas de comida. Várias garrafas de vidro, de refrigerante, talvez, estão enfileiradas no chão.

Ela está espremida tão no canto que quase não a vejo. Por sorte, antes de eu fechar a porta de novo, ela se mexe, e um dos tênis aparece, iluminado pela luz vermelha e enevoada que entra por cima. Os sapatos são novos, mas reconheço os cadarços roxos que ela mesma coloriu.

— Grace. — Minha voz sai rouca. Desço para o primeiro degrau. Conforme meus olhos se ajustam

à escuridão, Grace entra em foco, mais alta do que oito meses atrás e mais magra e suja, agachada no canto, me olhando com olhos apavorados. — Grace, sou eu.

Estico a mão para ela, mas ela não se mexe. Desço mais um degrau, relutante em entrar no porão e tentar agarrá-la. Ela sempre foi rápida; tenho medo de que saia correndo. Meu coração lateja na garganta e minha boca tem gosto de fumaça. Há um aroma intenso e pungente no porão, que não consigo identificar. Concentro-me em Grace, em fazer com que ela se mova.

— Sou eu, Grace — tento de novo. Posso imaginar o que pareço aos olhos dela, como devo estar diferente. — Lena. Sua prima Lena.

Ela se enrijece, como se eu tivesse esticado a mão e lhe dado um choque.

— Lena?

Sua voz sai espantada. Ela não se move. Acima de nós, há um estrondo altíssimo. Foi um galho de árvore ou um pedaço do telhado. Tenho um medo repentino de sermos enterradas aqui se não sairmos agora. A casa vai desabar e vamos ficar presas.

— Venha, Gracie — digo, usando o antigo apelido. Minha nuca está suada. — Temos que ir, tá?

Ela finalmente se mexe. Estica um pé desajeitado e ouço o ruído de vidro quebrando. O cheiro se intensifica, queima minhas narinas, e identifico de repente.

Gasolina.

— Foi sem querer — diz Grace, com a voz aguda e tomada de pânico.

Ela está agachada agora, e vejo uma mancha escura de líquido se espalhar no piso de terra batida ao redor dela.

O pavor é enorme agora, me pressiona de todos os lados.

— Grace, venha, querida. — Tento manter o pânico longe da voz. — Me dê a mão.

— Foi sem querer! — Ela começa a chorar.

Desço os últimos degraus e a pego no colo. Ela fica em uma posição esquisita, pois está grande demais para eu carregá-la com conforto, mas é surpreendentemente leve. Ela envolve minha cintura com as pernas. Sinto as costelas e os ossos pontudos de sua bacia. O cabelo tem cheiro de graxa e óleo e, bem de leve, de detergente.

Subo a escada e saio no mundo de chamas e fogo, ar aquoso, brilhando de calor, como se tudo estivesse desmoronando em uma miragem. Seria mais rápido colocar Grace no chão e deixar que corresse ao meu lado, mas, agora que estou com ela, agora que ela está aqui, agarrada a mim, com o coração batendo frenético no peito, impondo o ritmo ao meu, não vou soltá-la.

A bicicleta está onde deixei, graças a Deus. Grace se senta desajeitada, e me espremo atrás dela. Empurro-a pela rua, as pernas pesadas como pedras, até conseguirmos pegar embalo. A partir daí, pedalo o mais rápido que consigo, para longe dos dedos de fumaça e fogo, e deixo Highlands queimar.

Hana

Ando sem prestar atenção a onde estou e para onde estou indo. Coloco um pé na frente do outro, meus sapatos brancos batendo delicadamente no asfalto. Ao longe, ouço o rugido de vozes gritadas. O sol brilha forte, provocando uma sensação gostosa nos meus ombros. Uma brisa balança suavemente as árvores, que fazem reverências e acenam, fazem reverências e acenam enquanto passo.

Pé ante pé. É tão simples. O sol está tão forte.

O que vai acontecer comigo?

Não sei. Talvez eu encontre alguém que me reconheça. Talvez seja levada de volta para os meus pais. Talvez, se o mundo não acabar, se Fred estiver morto agora, eu seja pareada com outra pessoa.

Ou talvez eu continue a andar até chegar ao fim do mundo.

Talvez. Mas por enquanto só existe o sol branco e alto e o céu e os filetes de fumaça cinza e as vozes que parecem ondas do mar ao longe.

Ouço o estalar dos meus sapatos, e as árvores que parecem assentir e me dizer: *Você está bem. Vai ficar tudo bem.*

Talvez elas estejam certas, afinal.

Lena

Quando nos aproximamos da enseada Back, o movimento pingado de pessoas aumenta e vira um fluxo alto e rápido. Mal consigo manobrar a bicicleta por entre elas. Estão correndo, gritando, brandindo martelos e facas e pedaços de canos de metal, seguindo para um local desconhecido. Fico surpresa de ver que não são mais só Inválidos se rebelando; há adolescentes também, alguns jovens de doze ou treze anos, não curados e furiosos. Vejo até alguns curados observando das janelas acima da rua, acenando uma vez ou outra em demonstração de solidariedade.

Afasto-me da multidão e entro com a bicicleta na margem enlameada da enseada, onde Alex e eu resistimos um século atrás, onde pela primeira vez ele trocou a felicidade dele pela minha. A grama cresce alta entre os detritos da antiga estrada, e as pessoas feridas ou mortas estão deitadas na grama, gemendo ou de olhos vidrados para o céu. Vejo vários corpos com o rosto para baixo na parte rasa da enseada e filetes vermelhos na superfície da água.

Depois da enseada, no muro, ainda há uma multidão, mas a maioria parece ser nossa gente. Os reguladores e a polícia devem ter recuado na direção de Old Port. Agora, milhares de rebeldes correm naquela direção, com vozes unidas em uma nota única de fúria.

Largo a bicicleta na sombra de um grande junípero, seguro Grace pelos ombros e examino-a toda em busca de cortes e machucados. Ela está tremendo e com olhos arregalados, me olhando como se acreditasse que vou desaparecer a qualquer segundo.

— O que aconteceu com o resto? — pergunto.

As unhas dela estão imundas e ela está esquelética. Mas, fora isso, parece bem. Mais do que bem: está linda. Sinto um soluço subindo pela minha garganta, mas o engulo de volta. Não estamos a salvo, ainda não.

— Não sei. Começou a pegar fogo e… eu me escondi.

Então eles a deixaram mesmo para trás. Ou não se deram ao trabalho de procurar quando ela sumiu. Sinto uma onda de náusea.

— Você está diferente — diz Grace, baixinho.

— Você está mais alta — retruco.

De repente, sinto vontade de gritar de alegria. Sinto vontade de gritar de felicidade enquanto o resto do mundo pega fogo.

— Para onde você foi? — Grace me pergunta. — O que aconteceu com você?

— Vou contar tudo depois. — Seguro o queixo dela com uma das mãos. — Escute, Grace. Quero dizer que sinto muito. Sinto muito por deixar você para trás. Nunca mais vou abandonar você, está bem?

Os olhos dela exploram meu rosto. Ela assente.

— Vou proteger você agora. — Empurro as palavras pela garganta quase fechada. — Você acredita em mim?

Ela assente de novo. Eu a puxo para um abraço. Ela parece tão magra, tão frágil. Mas sei que é forte. Sempre foi. Vai estar pronta para o que vier depois.

— Me dê a mão — peço.

Não sei bem para onde ir, e minha mente volta a Graúna. Então lembro que ela morreu, foi assassinada no muro, e a náusea ameaça tomar conta de mim de novo. Mas preciso ficar calma, por Grace.

Preciso encontrar um lugar seguro para onde levá-la até as lutas terminarem. Minha mãe vai me ajudar, vai saber o que fazer.

Grace aperta minha mão com uma força surpreendente. Seguimos pela margem, andando entre as pessoas, Inválidos e reguladores, gente ferida, morrendo, gente já morta. No alto da ladeira, Colin, mancando, se apoia pesadamente em outro garoto e segue para uma área vazia na grama. O outro garoto ergue o olhar, e meu coração para.

Alex.

Ele me vê quase na mesma hora em que o vejo. Quero gritar para ele, mas minha voz fica presa na garganta. Por um segundo, ele hesita. Em seguida, coloca Colin na grama e se inclina para dizer alguma coisa a ele. Colin assente enquanto segura o joelho e faz uma careta.

E então Alex está correndo na minha direção.

— Alex. — Parece que dizer seu nome o torna real. Ele para a alguns centímetros de mim, olha para Grace e de novo para mim. — Esta é Grace — digo, puxando a mão dela.

Ela tenta se esconder atrás de mim.

— Eu lembro — diz ele. Não há mais dureza nos olhos dele, não há mais ódio. Ele limpa a garganta. — Pensei que nunca mais a veria.

— Aqui estou eu. — O sol parece forte demais. De repente não consigo pensar em nada a dizer, nenhuma palavra para descrever tudo que pensei, desejei e imaginei. — Eu… eu recebi seu bilhete.

Ele assente. Sua boca se aperta um pouco.

— E Julian…?

— Não sei onde ele está — digo, e sinto uma culpa imediata. Penso nos seus olhos azuis, no seu calor me envolvendo durante o sono. Espero que não esteja ferido. Eu me abaixo para olhar Grace nos olhos. — Sente-se aqui por um minuto, tudo bem, Gracie?

Ela se abaixa até o chão com obediência. Não consigo me afastar dela mais do que dois passos. Alex vem atrás.

Baixo a voz para que Grace não nos escute:

— É verdade? — pergunto a ele.

— É verdade o quê?

Os olhos dele são cor de mel. São os olhos dos quais me lembro, dos meus sonhos.

— Que você ainda me ama — digo, sem fôlego. — Preciso saber.

Alex assente. Ele estica a mão, toca meu rosto bem de leve e afasta uma mecha de cabelo.

— É verdade.

— Mas… eu mudei. E você mudou.

— Isso também é verdade — diz ele, baixinho.

Olho para a cicatriz no seu rosto, indo do olho esquerdo até o maxilar. Alguma coisa se aperta no meu peito.

— E agora? — pergunto a ele.

A luz está intensa demais; o dia parece estar virando um sonho.

— Você me ama? — pergunta Alex.

Sinto vontade de chorar. Sinto vontade de apertar o rosto no peito dele e inspirar, fingir que nada mudou, que tudo vai ficar perfeito, completo e cicatrizado de novo.

Mas não consigo. Sei que não consigo.

— Nunca deixei de amar você. — Desvio o olhar. Olho para Grace, para a grama alta coberta de feridos e mortos. Penso em Julian, nos olhos azul-claros, na paciência e bondade dele. Penso no tanto que lutamos e no tanto que ainda temos que lutar. Inspiro fundo. — Mas é mais complicado do que isso.

Alex pousa as mãos em meus ombros.

— Não vou fugir de novo — diz ele.

— Eu não quero que você fuja.

Seus dedos encontram meu rosto, e descanso por um segundo na palma da mão dele, deixando a dor dos meses anteriores sair de mim, deixando que ele vire minha cabeça em sua direção. Ele se inclina e me beija: leves e perfeitos, seus lábios mal tocam os meus, um beijo que promete renovação.

— Lena!

Dou um passo para longe de Alex quando Grace grita. Ela ficou de pé e está apontando para o muro da fronteira enquanto pula com empolgação na ponta dos pés, cheia de energia. Eu me viro para olhar. Por um segundo, lágrimas cobrem minha visão, transformam o mundo em um caleidoscópio de cores: cores subindo pelo muro, fazendo um mosaico no concreto.

Não. Não cores; pessoas. As pessoas estão indo na direção do muro.

Mais do que isso. Elas o estão derrubando.

Elas gritam, selvagens e triunfantes, brandindo martelos e pedaços de andaime destruído ou arrancando partes com as mãos, destruindo o muro pedaço a pedaço, quebrando todos os limites do mundo que conhecemos. Uma alegria cresce dentro de mim. Grace começa a correr. Ela também é atraída pelo muro.

— Grace, espere!

Tento ir atrás dela, mas Alex me segura pela mão.

— Vou encontrar você — promete ele, me observando com olhos dos quais me lembro. — Não vou deixá-la partir de novo.

Acho que não sou capaz de falar. Então concordo com a cabeça, na esperança de que ele me entenda. Ele aperta minha mão.

— Vá — diz ele.

Eu vou. Grace parou para me esperar, e seguro a mãozinha magra dela. Em pouco tempo estamos correndo no sol e na fumaça, pela grama, nas margens que se tornaram um cemitério, enquanto o sol continua sua rotação indiferente e a água não reflete nada além do céu.

Quando nos aproximamos do muro, vejo Alistar e Lupi de pé um ao lado do outro, suados e sujos,

batendo no concreto com pedaços grandes de canos de metal. Vejo Pippa em um segmento do muro que permanece de pé. Ela acena uma camisa verde como se fosse uma bandeira. Vejo Coral, corajosa e linda. Ela some e reaparece conforme as pessoas se movimentam ao seu redor. A vários metros dali, minha mãe golpeia um martelo com facilidade e graça, fazendo o ato parecer uma dança. É uma mulher durona e musculosa que mal conheço, uma mulher que amei por toda a vida. Ela está viva. Estamos todas vivas. Ela vai poder conhecer Grace.

Vejo Julian também. Ele está sem camisa, suando, equilibrado em uma pilha de destroços, batendo com a coronha de um rifle no muro, partindo tijolos e espalhando uma chuva de pó branco nas pessoas abaixo. O sol faz seu cabelo arder como um anel de fogo pálido e toca seus ombros com asas brancas.

Por um segundo tenho uma sensação avassaladora de dor: pela forma como as coisas mudam, por nunca voltarmos. Não tenho mais certeza de nada. Não sei o que vai acontecer, nem comigo, nem com Alex e Julian, nem com nenhum de nós.

— Venha, Lena.

Grace está puxando minha mão.

Mas não é questão de saber. É questão de apenas seguir em frente. Os curados querem saber; nós escolhemos ter fé. Pedi a Grace para confiar em mim. Vamos ter que confiar também: que o mundo não vai acabar, que o amanhã virá e que a verdade também virá.

Uma frase antiga, um trecho proibido de um texto que Graúna me mostrou uma vez, volta à minha cabeça: *Quem pula pode cair, mas também pode voar.*

É hora de pular.

— Vamos — digo a Grace, e deixo que ela me leve para o meio das pessoas, segurando sua mão com força o tempo todo.

Nós nos embrenhamos na multidão, que grita e comemora, e seguimos até o muro. Grace sobe em uma pilha de madeira quebrada e estilhaços de concreto. Vou atrás, desajeitada, até estar equilibrada ao seu lado. Ela está gritando, mais alto do que já a ouvi gritar, uma língua confusa de alegria e liberdade, e me junto a ela. Começamos a arrancar pedaços do muro com as unhas, enquanto vemos a fronteira se dissolver, enquanto vemos um novo mundo emergir atrás.

* * *

Derrubem os muros.

Afinal, essa é a questão. Não sabemos o que vai acontecer se derrubarmos os muros; não dá para ver o outro lado, não dá para saber se teremos liberdade ou ruína, resolução ou caos. Pode ser o paraíso ou a destruição.

Derrubem os muros.

Senão, vivemos em atenção constante, com medo, construindo barricadas contra o desconhecido, fazendo orações para nos proteger da escuridão, recitando versos de pavor e tensão.

Senão, nunca poderemos conhecer o inferno, mas também não encontraremos o paraíso. Não conheceremos o ar fresco nem saberemos como é voar.

Todos vocês, sejam lá quem forem, em suas cidades grandes ou vilarejos modestos. Encontrem tudo,

aquele material duro, os anéis de metal, os fragmentos de pedra que preenchem seu estômago. E puxem, puxem, puxem.

Vou fazer um pacto com vocês: eu farei se vocês fizerem, sempre e para sempre.

Derrubem os muros.

Sobre a autora

© 2010 Jonathan Alpeyrie



LAUREN OLIVER foi assistente editorial numa grande editora nova-iorquina. Após encantar leitores com seu romance *Antes que eu vá*, Lauren escreveu *Delírio*, que deu origem à série best-seller do *The New York Times*. Formada pela Universidade de Chicago e mestre em Fine Arts pela Universidade de Nova York, hoje se dedica integralmente a seus livros e à Paper Lantern Lit, incubadora de projetos editoriais da qual é sócia e fundadora — passa boa parte do tempo em trens, ônibus e aviões e escreve sem parar, no notebook ou em guardanapos. Vive no Brooklyn, que chama de "o lugar mais feliz da Terra", tem dez tatuagens, gosta de cozinhar, bebe café demais e sempre exagera no ketchup.

www.laurenoliver.com.br

Conheça os outros livros da série



Delírio



Pandemônio

Conheça outro título da autora



Antes que eu vá